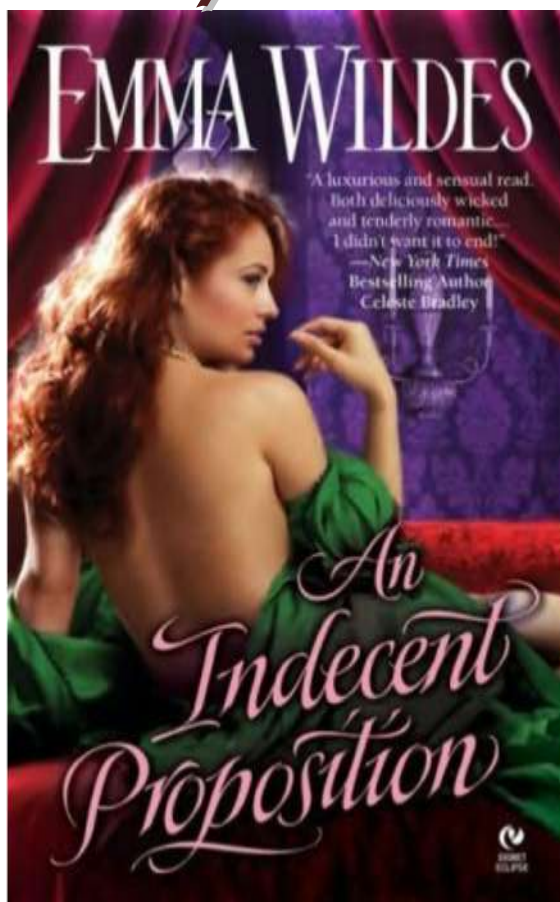


GRH

Emma Wildes

Uma Proposta Indecente



Histórico sem Série

Tradução/Pesquisas: GRH

Revisão Inicial e final: Célia Sarita

Formatação: Ana Paula G.





Resumo

Uma ousada aposta entre dois homens dará lugar a uma deliciosa história de amor bem pouco convencional...

É o boato da cidade. Em plena Regência, dois aristocratas londrinos, o Duque de Rothay Nicholas Manning e o Conde de Manderville Derek Drake, atraentes e conquistadores, se desafiam para saber qual deles é o melhor amante. Mas que mulher de beleza, inteligência e discernimento seria juíza de tal concurso?

A notícia que se alastra com rapidez chega aos ouvidos da atraente, mas fria e distante viúva Lady Caroline Wynn, a

última mulher que alguém pudesse esperar que desse um passo à além. Entretanto, movida pela curiosidade e com a promessa dos homens em manter sua identidade em segredo decide participar do desafio e se converter no secreto objeto de desejo que decidirá qual dos cavalheiros tem mais finura entre os lençóis. Para surpresa de todos, entretanto, o que começa como uma proposta imoral se converte em uma lição impressionante de amor eterno.



Comentário da Revisora Ceila

A história é uma delícia. A famosa aposta acaba por trazer à luz os traumas e os desacertos dos personagens. Depois de ser etiquetada como frígida pelo sádico marido, Em sua viuvez Caroline veste a personagem fria e distante, ciente de que nunca mais se casaria. Quando teve a coragem de intermediar a aposta, depois da aceitação do Duque diabólico e o Conde Anjo e a promessa deles em manter sigilo quanto a sua identidade, ela teve a chance única de saber se nunca seria uma verdadeira mulher, ela podia testar a libido nas mãos dos dois mais experientes libertinos de toda a Londres. Mas o que era somente para acontecer em uma noite com cada amante foi claramente afastado pelo decreto do Duque.

Ele só a aceitava em seu leito se fosse por uma semana. E nesta semana...

Prólogo

Corridas de Ascot, 1812.

Os cavalos entraram como um trovão na reta final entre os gritos e vivas da multidão e pouco depois Nicholas Manning, sexto Duque de Rothay, se elevava novamente com a vitória graças ao seu espetacular cavalo zaino. De fato, sua quadra havia arrasado nas corridas até o momento, nesse dia. O que não era uma grande surpresa. Não havia nenhuma dúvida a respeito; o homem possuía um toque mágico quando se tratava de cavalos e, conforme diziam, uma habilidade ainda maior quando se tratava de mulheres.

O que era fácil de acreditar. Caroline Wynn observou-o se dirigir para o camarote particular na tribuna mostrando o lendário sorriso cintilante, ao receber as congratulações de seus amigos. O Duque possuía uma atração especial e evidente, que unia a pura masculinidade a uma esplêndida estrutura óssea clássica, cabelos escuros e pela morena. Também era alto e atlético e se movia com graça natural enquanto subia a escada, desejoso sem dúvida, de celebrar suas vitórias. Vestia com apurada elegância, uma casaca azul marinho, calça de montaria clara e botas lustrosas; seu cabelo cor de ébano contrastava com o branco resplandecente de sua gravata muito bem atada.

— Rothay parece verdadeiramente encantado consigo mesmo. — Murmurou Melinda Cassat, enquanto se abanava com energia, para mitigar o calor vespertino. Cada vez que movia a mão, os cachos de seus cabelos castanhos escuro revoavam ao redor de seu rosto. Estavam sentadas à sombra de um pequeno toldo de listras, onde corria um pouco de ar. O céu limpo de nuvens era de um azul claro e intenso.

— Ele ganhou. Então por que não deveria estar? — Caroline sentiu um leve tremor na boca do estômago ao observar a esbelta silhueta desaparecer no interior do camarote.

O que estou fazendo?

— Não que necessite do dinheiro. Esse homem é tão rico como Crespo. — Melinda afastou uma mecha do cabelo rebelde do pescoço e franziu os lábios. — Claro que apostar em uma corrida de cavalos é muito menos escandaloso que os últimos rumores sobre suas aventuras. Chegaram aos seus ouvidos?

Agradecida porque o calor do sol justificava o rubor de suas bochechas, Caroline mentiu abertamente.

— Não. A que se refere?

Ávida fofoqueira, Melinda pareceu encantada ante a pergunta. Inclinou-se para diante e entreabriu os olhos castanhos evidenciando a expressão conspirativa. Inspirou rapidamente e seu proeminente busto se agitou.

— Bom, parece ser... Conforme dizem, enfim... Que o muito belo Duque e seu íntimo amigo Lorde Manderville, quem como você já deve saber herdou a reputação de seu pai de ser um homem de primeira classe, fizeram uma aposta escandalosa sobre qual dos dois é melhor amante.

— Sério? — Caroline acreditou que sua expressão fosse a mais anódina possível.

A face de sua amiga exalava emoção e intriga.

— Não te parece incrível?

— Está segura disso? O que quero dizer querida é que aqui é Londres quando trata da alta sociedade, nem todos os rumores são certos. Sabe tão bem como eu que a maioria dos boatos são falsos ou no mínimo exagerados.

— Sei disso. Mas pelo que sei em relação a aposta eles não negaram. A mesma aparece devidamente registrada no livro de apostas do White's. E as justapostas sobre quem ganhará estão alcançando cifras nunca antes visto. Esses dois sempre roçam o escândalo, mas parece que desta vez se superaram.

Caroline notou que os cavalos tomavam posições para a última corrida.

— Como pode alguém apostar uma coisa tão absurda? No fim o resultado sempre será subjetivo. Afinal, se a aposta for qual dos dois é melhor amante, quem vai julgá-los?

— Bem, querida. Essa é a parte mais escandalosa. Eles necessitam de um crítico imparcial. Toda a boa sociedade especula sobre quem será ela.

— É uma barbaridade, não acha? Ela teria que concordar em manter relações íntimas com... Bem, com os dois, imagino. Deus do céu!

Melinda a fitou com manifesta ironia.

— Bem, puritana como você é eu já imaginava que diria algo assim. Não sei exatamente se é uma barbaridade, mas certamente isto já está indo longe demais, embora estejamos falando desses dois malandros. Entretanto, ainda há mais aposta sobre o quão rápido encontrarão alguém que se advenha a provar o que cada um tem a oferecer. É uma maldade, eu sei, mas dois dos homens mais belos da Inglaterra farão todo o possível para agradar à escolhida. Imagine o que espera à dama que aceitar.

Bem, Caroline era bastante consciente de ter fama de fria e distante, mas

mesmo assim, ouvir e ser chamada de puritana lhe colocou à defensiva.

— Não sou nenhuma matrona velha e murcha. Posso entender muito bem que uma mulher sucumba ante um homem atraente e encantador, capaz de seduzi-la sem esforço. Qualquer dos dois cumpre de sobra os requisitos, já que como dizem, têm bastante prática.

— Certamente que a têm, e em nenhum momento eu quis dizer que seja velha e murcha; pelo contrário. — Sua amiga suspirou com exagerado ênfase. — Mas você não é muito acessível, Caroline. Sei que desde que casou e, sobretudo após o falecimento de Edward, levantou uma parede para se proteger. Mas francamente, você deveria se permitir viver outra vez. Se quisesse, querida, teria a metade de Londres aos seus pés. É jovem e bela.

— Obrigado.

— É verdade. Os homens fariam fila com flores e sonetos. Não há razão para que se mantenha em um celibato solitário.

— Não desejo voltar a me casar. — Era absolutamente certo. Uma vez havia sido suficiente. Uma vez tinha sido mais que o bastante.

— Nem todos os homens são iguais a Edward.

Caroline observou distraída como se alinhavam os cavalos e ouviu o disparo da saída. Bem, esperava que nem todos os homens fossem como seu falecido marido, pensou enquanto os magníficos animais se lançavam à corrida, porque aquele licencioso Duque não demoraria em saber sua nota.

Capítulo 1

— Isto é interessante.

Nicholas murmurou pegando o conhaque e vertendo uma generosa medida na taça de cristal que estava perto. Afastou a garrafa a um lado com um golpe seco e examinou de novo o pergaminho que tinha na mão. Retornar a Londres depois de uma dura, porem vitoriosa jornada hípica havia lhe deixado de excelente humor, tanto pela vitória como pela celebração depois. Refugiar-se em seu escritório parecia o adequado. Era em muitos sentidos seu santuário, embora passasse um excessivo tempo trabalhando ali.

O escritório lhe recordava seu pai; talvez devido a um sentimentalismo que não admitiria a ninguém, não havia mudado absolutamente nada. O piso estava coberto com o mesmo tapete, descolorido por causa do sol que entrava em diagonal pela janela e a mesa continuava tão abarrotada como antes. Os livros nas estantes de carvalho situadas junto ao suporte da lareira emanavam um familiar aroma úmido, de papel amarelado e couro ligeiramente puído.

— O que é interessante? Algo relacionado com as corridas?

A sua frente, Derek Drake, o Conde de Manderville, arqueou a sobrancelha de cor clara e se ajeitou na poltrona. Como de costume, ele estava vestido na última moda, com uma roupa cinzelada que se adaptava perfeitamente a sua figura esbelta. Cruzou as polidas botas de cano alto enquanto se reclinava. Seu rosto atraente mal refletia uma leve curiosidade.

— Hoje seus cavalos se superaram, Nick. Acho que isso não é uma maldita surpresa. Nem me importa. Ganhei uma pequena soma na última corrida porque você me disse que Satã estava em forma. Obrigado pela dica.

— De nada. Mas não se trata disso. — A atitude displicente de Nicholas não era porque não se importassem com as corridas, seus cavalos eram sua paixão e era competitivo ao ponto de ser um de seus defeitos, mas a pulcra caligrafia da nota que diante de si o intrigava. Levantou o olhar e estendeu o pergaminho com dois dedos. — Dê uma olhada nisto, Derek.

Seu companheiro pegou o pedaço de papel dobrado e seu interesse aumentou de modo evidente à medida que lia. Como Nicholas, Derek examinou duas vezes a cuidada caligrafia e elevou os olhos.

— Hum... Soa promissor. Não te parece?

— Não é a primeira oferta que recebemos. — Nicholas bebeu um gole; o conhaque francês entrou como seda macia em sua boca. Havia pago uma pequena fortuna por ele, mas somente podia conseguir por contrabando e decisivamente o preço valia a pena. — Mas devo reconhecer que gosto do enfoque direto desta dama.

— Um desafio para um desafio. Sim, imaginativo. Eu já a admiro. Mas apesar de tudo seria agradável saber quem é. — Derek curvou os lábios e leu em voz alta: — *Se desejam um juiz imparcial para a absurda aposta e me prometerem total discrição, eu os ajudarei. Adirto-os que até esta data, minha experiência em assuntos entre homens e mulheres não me causou grande impressão. Se estão interessados em um encontro, para poder tratarmos do assunto, de minha parte estou disposta a seguir em frente.*

Era inteligente fazer referência ao desencanto sexual prévio para provocar seu interesse, pensou Nicholas. Se admitisse, a dama tinha razão: era uma aposta absurda elaborada quando ambos estavam algo mais que um pouco ébrios.

— Vejo algo ligeiramente insultante aqui. — Comentou Nicholas com humor. — Uma proposta um tanto cortante. Nossa misteriosa dama tem bastante coragem. Isso me atrai.

— Ah, sim? — Derek lhe lançou um olhar pensativo.

Eles estavam acostumados a lidar as mulheres com o mesmo interesse sexual, atenuado por uma decidida tendência à distância emocional. A conquista sexual era um jogo e ambos eram jogadores experientes.

Nicholas não entrou em detalhes. Estava submetido a uma crescente pressão para se casar, tanto por parte da sociedade como de sua família. Isso era previsto; ele sempre soube que isso era previsto, mas admitir sua reticência em encontrar uma esposa significava reconhecer algumas verdades que ele mesmo não estava disposto a confrontar.

Todos os homens cometiam enganos. O seu em particular foi uma catástrofe memorável, mas também era certo que a catástrofe causada pela juventude e a inexperiência, somente seria atribuída a ele, e que após isso havia compensado de todas as formas possíveis. E pelo visto incluía malucas apostas de natureza mais extravagante.

— É obvio. Uma mulher aventureira sempre é atraente no quarto. Não te parece? — Comentou Nicholas com estudada indiferença.

— Estou de acordo, em que se seguirmos adiante com isto, nossa reputação não se verá mais prejudicada do que já está. Então, por que não?

A palavra, envergonhado, não existia no vocabulário de Nicholas. Fazia muito tempo que sabia que os falatórios eram inevitáveis na sociedade

londrina, e que se manter inteiro à margem de escândalo implicava muito esforço em troca de poucos lucros. Não obstante, tanto Derek como ele concordavam em que seria melhor não deixar perseverança escrita da prova, nem apostar uma soma tão importante ao resultado. Agora todas as pessoas que sabiam estavam impacientes.

Presenteou Manderville com um preguiçoso sorriso.

— Não há nenhuma possibilidade de que não mordamos o anzol, certo? Até agora as ofertas para na aposta e em nossas camas vieram principalmente de damas de reputação duvidosa que desejam compartilhar nossa notoriedade. Esta parece algo distinta. Pelo visto, ela deseja o anonimato.

— Não tenho nada a objetar por uma mulher experiente, mas estou de acordo em que o anonimato que ela pede introduz um fator requintado. — Derek deu um golpezinho com um dedo no pedaço de papel e estirou suas longas pernas. — Pode ser perfeita desde que não seja pouco anistiada ou alguma Senhorita solteira à caça de título e fortuna.

— Amém a isso.

A mera idéia de envolver uma mulher jovem e ingênua na aposta era inadmissível. O desafio não havia sido mais que um mero passatempo divertido; só havia escorregado um pouco das mãos. Em perspectiva, a terceira garrafa de conhaque daquela noite não tinha sido uma boa idéia, mas Derek parecia decidido a beber até perder o sentido.

O que não era próprio dele. Agora que refletia sobre o assunto não saberia dizer o porquê, mas tinha a impressão de que algo estava errado. Ultimamente o habitual bom humor de Derek parecia forçado. Sua despreocupação e encanto natural eram uma das razões pela qual as mulheres o achassem tão atraente, mas durante os últimos meses ele andava embaciado e distraído.

— Já sabe que não temos por que fazer isto. — Recordou-lhe observando seu rosto para avaliar sua reação. Os vapores do conhaque lhe provocavam um ânimo aprazível e introspectivo. — Foi uma brincadeira impulsiva entre dois amigos e não é nenhum segredo que temos tendência a ser um pouco competitivos.

— Estamos voltando atrás, Nick? — Perguntou Derek com sardônica recriminação. Loiro, alto, de olhos de cor azul celeste e uma beleza quase angelical, ele era a antítese da constituição morena de Nicholas. — Quem poderia culpá-lo sabendo que vai perder?

Novamente aparecia um sarcasmo incomum e veemente.

Havia funcionado. Nicholas reagiu com um grunhido à expressão petulante no rosto de seu amigo.

— O que te faz pensar isso? Essa afluência de mulheres insípidas em sua cama? Deixe-me lhe recordar que a quantidade não substitui a qualidade, Manderville.

— Se está tentando fingir que é menos promíscuo, diga a outro, Rothay.

De fato, não tentava e teve que reprimir uma resposta irada. Promíscuo. Não importava o que diziam sobre sua vida particular. Nicholas gostava das mulheres. Mas apesar da reputação era seletivo e procurava ser discreto. Por esse motivo sabia que Derek tampouco era tão ruim como os falatórios o descreviam, e que suas tendências eram muito parecidas. Ultimamente sequer tivera notícias de que Derek andasse atrás de alguém. Se não era celibatário, certamente estava sendo muito discreto.

Provavelmente a aposta impulsiva havia surgido por causa disto. De um desafio de Derek e de sua própria resposta, ambas devidas a um nervosismo motivado por... Bem, não estava seguro de qual a causa. Muita análise interna não era boa para a alma.

Não para uma velada como a sua.

Em sua mútua defesa teria que dizer que pelo menos a maioria das aventuras passageiras era um acordo prazeroso entre duas partes, sem albergar sentimentos mais profundos. Embora duvidasse que a sociedade acreditasse, pensava que o matrimônio devia ser apoiado em algo mais que no berço de uma mulher e em sua capacidade de conceber um filho de linhagem apropriada. O fato de ser um sentimental era algo que guardava para si. Não porque fosse uma atitude ultrapassada, que o era, mas porque era uma questão particular. Deus sabia que já lhe havia faltado privacidade suficiente em sua vida devido a sua educação aristocrática, ao brilho de seus títulos e à relevância de sua família.

Logo havia piorado ainda mais as coisas ao aceitar a descabida aposta que o convertia ainda mais no foco da atenção pública.

Nicholas esfregou o queixo.

— Devo estar mais aborrecido do que pensei, — admitiu, — para sequer considerar me deitar com uma mulher com um cartão de pontuação na mão.

— Então nós dois sofremos da mesma doença. — Manderville lhe lançou um olhar cínico. — Mas embarcamos nisto. Vejamos desta maneira: se a nota for certa podemos fazer um favor a essa mulher mudando sua idéia sobre o prazer sexual.

— Como uma espécie de ato de caridade? Uma forma interessante de abordar a situação.

— Não se esqueça de que não entramos em contato com ela. Ela sim, nos procurou.

Bem, isso era certo.

— Então devo entender que opina que devemos lhe dar uma resposta afirmativa e organizar a entrevista que ela deseja? — Ela agitou sua taça vazia.

Derek assentiu.

— Estou impaciente para conhecer a jovem dama.

— O que te faz pensar que é jovem? E falando disto talvez devêssemos decidir o que vamos dizer a ela, se nenhum dos dois a achar atraente. Poderia ser uma situação espinhosa. Afinal o desejo é um fator necessário para um amante competente.

— Certo. Duvido que possa ser uma velha bruxa pouco. Se há algo que um homem não pode fingir é a excitação sexual.

Nicholas teve que lhe dar a razão. Embora ele não pensasse que uma mulher tivesse que ser uma beleza fascinante para captar seu interesse, a atração mútua fazia parte da química sexual.

Sob o amparo do entardecer tinha havia um tapete de estrelas brilhantes e poucas nuvens altas, e do outro lado da janela se avistava o pálido reflexo da lua. Com um gesto indolente, Nicholas voltou a encher sua taça e deixou a garrafa o bastante perto de seu convidado, para que este mesmo se servisse.

— Acredito, — disse lentamente, — que nossas preocupações sobre o resultado são infundadas. Imagino que ela deva ser preciosa, e o tom de sua carta demonstra certa segurança em si mesma, que nós gostaremos.

Derek pegou o pergaminho uma vez mais e examinou-o.

— Acho que você tem razão. — Seus olhos azuis mostravam um brilho do habitual humor zombeteiro, mas sua boca parecia algo tensa. — Estou impaciente para conhecê-la. Quem escreverá a resposta. Você ou eu? Também temos que pensar em um lugar adequado para o encontro, já que ela exige absoluto anonimato.

— Deixemos que a dama escolha. É ela quem deseja proteger sua identidade.

— Parece-me justo. — Corroborou Derek com um sorriso preguiçoso.

— Devemos estabelecer algumas normas, se por acaso ela for a pessoa adequada.

— Acredito que sim, embora espere que se dê conta que estamos contribuindo uma dimensão totalmente nova ao termo notório, Nick.

Sim. Ele havia se dado conta. Mas o que estavam fazendo? Ambos fingiam ver que a aposta era séria em todos os sentidos. No fundo de seu coração, fosse imune ao sentimento ou não como comentavam, não acreditava que nenhum deles fosse tão vaidoso e nem tão superficial para participar de uma competição tão absurda. Mas fosse qual fosse a razão,

Derek se mostrava mais despreocupado ante ela, e de sua parte ele enfocava a situação como enfocava assuntos de Estado, temas políticos e as questões sociais: em com uma análise fria e calculada.

Nos negócios, na política ou nas aventuras sexuais de um homem não havia lugar para as emoções. Certa parte dele desejava que houvesse, mas essa parte já havia sido sufocada uma vez pela crua realidade.

Encanto. Sim, era obvio. Ele era Rothay. Gostava de mulheres. Gostava da morna entrega de seus corpos fascinantes, da música do riso feminino, da troca dos fogosos sussurros durante um interlúdio apaixonado e da seqüela lânguida da culminação sexual. Em sua opinião, não havia nada como a particular respiração ofegante de uma mulher quando ele estava profundamente em seu interior e o toque de suas unhas sobre os ombros nus. Mas não amor. Satisfazer o corpo era uma coisa; ao coração, outra.

E não era um homem que cometia duas vezes o mesmo engano. Em troca, a desenvoltura sexual não era nenhum problema. Havia cortejado a notoriedade desde os dezessete anos, depois da morte de seu pai, e a conseguira.

— Tudo é efêmero... Tanto a fama como o famoso. — Murmurou sem atinar.

Derek o fitou, com cautela.

— Agora citamos Marco Aurélio? Posso perguntar o porquê do ânimo introspectivo?

— Não. — A resposta foi muito direta e seu velho amigo o conhecia muito bem. A última coisa que queria era desenterrar fantasmas do passado. Bebeu um prolongado gole de sua taça, se reclinou na poltrona e retificou:

— Seja qual for nosso motivo, gosto muito.

Capítulo 2

— Repetirei a pergunta: por que estava lá, senhora?

A pergunta feita com tanta frieza fez com que Caroline repuxasse os lábios, irritada. Para sua desgraça, o primo de seu falecido marido e atual Lorde Wynn tinha ido visitá-la e embora ela estivesse há meses evitando encontrá-lo, não tinha tido outro remédio que finalmente recebê-lo. Estar cara a cara com Franklin sempre lhe produzia um pequeno sobressalto, como se um fantasma se materializasse em frente a ela.

Um espectro dos mais inoportunos, além disso.

Estavam sentados no salão de visitas, com as grandes janelas abertas, sob a morna atmosfera do meio-dia. A mobília, numa elegante combinação de tons creme e dourado era um reflexo pessoal e da decoração que havia empreendido depois da morte de Edward. Poltronas de brocado, duas encantadoras poltronas importadas da Itália junto à lareira, uma série de atraentes aquarelas nas paredes estofadas de seda. Um vaso precioso e muito caro que havia encarregado, continha um ramalhete variado de flores do jardim de trás e o perfume era um banho de delícias florais, sobretudo em um dia tão bonito. Erradicar todas as coisas que lhe recordassem a presença de Edward havia sido um prazer. Ele teria odiado a feminilidade dos toques pessoais, leves e delicados. Mas pelo que ela sabia, ele tinha odiado um grande número de coisas se não fossem idéia especificamente dela.

Franklin havia reagido ante a nova decoração com uma careta e um brilho de frieza em seus olhos claros. *A casa da cidade deveria ter sido minha*, Seu olhar dizia e o custo da nova mobília procedia da fortuna que ele acreditava que devia herdar. Não que Caroline se importasse com a opinião dele, já que era seu dinheiro e se desejava varrer a desejo do marido pela casa, peça por peça, ela faria.

— Fui ver as corridas de cavalos, naturalmente, Milord. Por sorte fez um dia magnífico, de modo que gostei muito. — Caroline manteve em todo momento um tom frio e distante, tentando evidenciar que ele deixasse de se interessar por suas atividades sociais. — Lamento não estar em casa quando veio na semana passada. Ultimamente ando bastante ocupada.

— A semana passada, a anterior... Sim, já me dei conta. Espero que seja consciente de que não é recomendável se apresentar sozinha em um lugar

como aquele, as corridas. É notório congregar uma multidão composta em sua maioria por homens, em um lugar como aquele. Damas decentes não saem por aí sem acompanhante. Na próxima vez que desejar assistir um espetáculo público desse tipo faça-me saber e eu me organizarei para estar ao seu lado.

Deus bendito! Ele se parece tanto com Edward, com os mesmos olhos azuis frios...

O rosto dele era parecido com a cara de um falcão, completamente anguloso com o nariz algo longo e fino e o cabelo espesso e escuro. As maçãs do rosto enxuto terminavam em uma boca de lábios finos que bem poucas vezes sorriam. Franklin, que já entrado na casa dos trinta anos e agora possuía um título era considerado um bom partido. Talvez fosse até belo, mas sua semelhança com Edward, tanto no físico como na atitude era muito perturbador. Os olhos de pesadas pálpebras a observavam e a avaliavam com a frieza habitual.

Era como estar na mira um pássaro de rapina, pensou com desagrado. Não. Era como estar na mira de um abutre, preparado para lhe arrancar a carne dos ossos se não se protegesse.

Caroline ficou tensa ante o tom e a presunção dele em decidir alguma coisa sobre sua vida, e lhe dar lições de decoro. Nada menos.

— Fui com Melinda Cassat e seu marido, de maneira que não estive sozinha. Absolutamente. Em qualquer caso, não é necessário que se preocupe com meu bem-estar.

Franklin se inclinou para diante. Estava pulcramente vestido com roupas mais próprias a um cortesão do que de um cavalheiro durante uma visita matinal. Com profusão de rendas no pescoço e nos punhos das mangas.

— Ah, mas não esqueçamos que você é a viúva de meu primo. Então devo me preocupar.

— Não se inquiete, por favor.

Não havia nada que ela desejasse mais que dar por terminada toda a relação com a família Wynn, e Franklin sempre a incomodava. Em sua opinião, o interesse que ele mostrava por seu bem-estar tinha muito pouco a ver com sua pessoa, e muito com a quantidade de dinheiro que Edward havia lhe deixado. Felizmente o testamento havia bastado para neutralizar seus protestos. De todo o assunto ela tinha aprendido uma nova lição sobre o quanto difícil era pode conseguir a independência.

— Sua reincorporação à vida social preocupa de maneira infinita. — Parecia que ele a atravessava com seu olhar fixo e carente de emoção.

— Não consigo compreender por que tem que ser assim. Levo uma vida muito tranqüila em sua maior parte. Estou começando a aceitar alguns

convites de um modo gradual, mas...

— Talvez eu devesse ser consultado sobre os atos aos quais deve você assistir.

A irritação se converteu em algo mais.

— Sou uma viúva. — Ela o recordou ante a dura recriminação. Já que era ele quem a visitava e quem insistia em criar hipóteses, acrescentou de forma impulsiva: — Com fortuna própria.

Ele se irritou, pois o assunto lhe era doloroso. Demorou um momento, mas mostrou de forma evidente uma expressão de ira.

— Sou plenamente consciente do estado de suas finanças, querida. E sei também que você é jovem e casadoira ainda. Os cavalheiros carentes de escrúpulos existem e é meu dever protegê-la.

Qualquer resposta que Caroline tivesse dado a seguir seria provavelmente brusca e mal intencionada, mas por sorte ela foi capaz de morder a língua e se impedir. Voltou os olhos para às pálidas paredes e os tecidos luxuosos que a rodeavam, que sentia como indicadores de sua independência. Desejou que nesse momento a carta da resposta de Rothay não estivesse apertada em sua mão excessivamente úmida.

Teria mantido melhor a serenidade em frente a Franklin se aquele pedaço de pergaminho culposo não tivesse criado um círculo de fogo na palma de sua mão. O mordomo havia lhe entregado ao mesmo tempo em que anunciava seu indesejado visitante, e ela morta de curiosidade, ansiava desfazer-se de Franklin e ler a resposta de Rothay. A missiva parecia uma brasa ardente que ela devia jogar tão longe de sua pessoa, o máximo possível.

Se Franklin soubesse o que era insultaria seu nome, e com enorme prazer. Não se iludia a respeito do que ele era capaz de fazer se tivesse a oportunidade.

— Estive bem acompanhada por Melinda e seu marido. Ninguém me abordou. Não havia assistido às corridas anteriormente e não sabia o que esperar. Tudo me pareceu bastante emocionante.

E havia sido, desde as sofisticadas vestimentas das pessoas, os vivos exuberantes, a ensurdecadora glória dos lustrosos cavalos, até o momento no qual tinha contido o fôlego ao ver o Duque de Rothay e Lorde Manderville, um contraste da morena e satânica beleza masculina e o dourado atraente apolíneo. Parecidos e, entretanto tão distintos fisicamente, ambos habituados a notoriedade, se prescindindo com tanta naturalidade dos murmúrios e os olhares furtivos, como se eles ditassem suas próprias normas e simplesmente não notassem que as cabeças se voltavam ou os sussurros ocultos atrás das mãos enluvasadas.

O que faria Melinda se soubesse que a nota de resposta de Rothay estava nesse momento sem ler, em suas mãos? Ou ainda pior, o que pensaria se soubesse que ela, Caroline, nada mais e nada menos, quem havia entrado em contato com o infame Duque e seu igualmente célebre amigo?

Essa era uma pergunta fácil de responder. Melinda não teria acreditado. Ninguém acreditaria.

Nem ela mesma estava segura de acreditar.

— Faz-me muito feliz saber que gostou, querida. Mas agora sabe que eu estou sempre ao seu dispor. — Franklin se acomodou de novo na poltrona como se tivesse intenção de ficar mais um pouco e cruzou as pernas, refinadamente embelezadas, à altura dos tornozelos.

O tom que surgiu em sua voz fez com que ela contivesse um calafrio. Disposição. Uma palavra carente de conteúdo sexual, mas algo na forma em que foi pronunciada deixava entrever uma insinuação lasciva. Era difícil não se perguntar se ele não seria parecido com Edward em mais aspectos que o puramente físico. Não que ele fosse se incomodar jamais em cortejá-la; Caroline não se iludia a esse respeito. Franklin queria controlar a herança que considerava que deveria ser sua por direito, e ela estava entre ele e seu objetivo; daí o solícito interesse.

Caroline assentiu, mas com uma ambígua inclinação de cabeça que ocultava sua repulsão. Segundo sua amarga experiência, a família Wynn tinha uma faceta tenaz que era difícil se livrar, de maneira que uma confrontação direta não era uma boa idéia.

— Agradeço-lhe a oferta.

— Eu sigo ansioso em recebê-la por alguns dias no campo, para que possamos conversar tranqüilamente sobre questões como esta. É óbvio que minha mãe exerceria o papel de acompanhante.

Em relação ao Franklin havia dito que podia usar a casa a sua conveniência, ela tinha optado por não aceitar nada dele, sequer a hospitalidade.

— Talvez algum dia.

Era tremendamente consciente da missiva ao lado, sobre o tecido da poltrona, que tentava ocultar o melhor possível cobrindo-a com um gesto despreocupado da mão.

O que estaria escrito nela?

Era difícil estar sentada ali, com compostura e a serenidade fria e absoluta que a fazia parecer tão inalcançável à maioria dos cavalheiros impertinentes. A imagem exterior era a adequada. A verdade interior era um pouco mais difícil de confrontar.

Franklin persistiu:

— Quanto a Londres, humildemente lhe diria que posso aconselhá-la a respeito de quais convites deve aceitar ou declinar. Afinal tenho mais experiência.

Fazia muito calor no aposento ou seria ela? Caroline lutou contra o impulso de se abanar e sorriu.

— Admiro muito sua perícia em se desenvolver na sociedade com tanta naturalidade, Milord.

— Um novo matrimônio vantajoso também a ajudaria. — Ele levantou uma espessa sobrancelha com um gesto arrogante, que teve o efeito de uma espetada de agulha.

Ele queria seu dinheiro e ela teve a desagradável sensação de que cobiçava seu corpo também, mas nem sob pena de morte jamais aceitaria a idéia.

Não era necessário que ele conhecesse a insegurança que ela sentia em público ou particularmente. De fato, era algo que estava tentando superar com a ajuda de um Duque muito aprumado e de um jovem Conde igualmente atraente.

Provavelmente.

Pareceu-lhe que passava uma eternidade até que ele examinou o relógio de bronze dourado no suporte da lareira e ficou de pé.

— Desculpe-me, mas tenho um encontro. Virei visitá-la na próxima semana. Se fizer bom tempo, talvez pudéssemos planejar um pequeno passeio.

Ela preferia que uma manada de elefantes a atropelasse, mas tentou sorrir de forma banal.

— Talvez.

Caroline esperou para ouvir o som contínuo da carruagem se afastando, antes de pegar com cuidado a missiva que haviam lhe enviado.

Inclusive a caligrafia do Duque era arrogante, pensou contemplando a carta por um momento, antes de inspirar fundo e abri-la. Com os dedos tremendo de modo revelador, ela tirou o único pedaço de papel que havia dentro do envelope e leu a resposta a sua imprudente proposta.

Provavelmente ele perderia a aposta infame, mas a melhor forma de dissimular um coração quebrado era com uma maluca fanfarronice máscula... Ou pelo menos era o que ele estava fazendo.

A carruagem circulava com grande estrondo por Upper Brook Street e Derek Drake observava pela janela sem nada ver, absorto nos próprios pensamentos.

A maioria não era agradável, desgraçadamente. A maioria incluía imagens de Annabel... Não, teria que corrigir isso: da futura Lady Hyatt nos braços de seu novo marido. Nua, ele a abraçava e beijava-lhe os lábios; a cabeleira dourada cintilava entre os lençóis enquanto ambos se moviam unidos por um ritmo imemorial, e ela abria completamente suas esbeltas pernas enquanto seu amante penetrava seu macio corpo...

Ufa! Era muito produtivo imaginar o fato, ameaçou-se de mau humor, enquanto se afundava nas almofadas do banco e soltava um suspiro de frustração. Torturar-senão melhoraria a situação. Era o que havia lhe colocado no apuro atual. Não lhe surpreendia o fato de ter caído de tal forma na bebida na noite em que Rothay e ele haviam começado a discussão de adolescentes; provavelmente inclusive a aposta pública tinha sido uma forma de devolver o golpe em Annie, por causa do anúncio que tinha aparecido no jornal. *O honorável Thomas Drake sente prazer em anunciar o compromisso formal da senhorita Annabel Reid com Lorde Alfred Hyatt. O enlace será celebrado dentro de quatro meses...*

Derek não tinha sido capaz de continuar lendo o anúncio.

Sentia-se machucado. Maldição! Ver o anúncio impresso lhe doía de verdade. Inclusive mais do que esperava, apesar de seu tio Thomas já ter lhe falado do pedido de mão dela, que havia aceitado, além disso, acrescentando um comentário pessoal sobre o quanto o enlace era apropriado.

Mas quando leu a irrefutável nota do anúncio público do compromisso e assumiu suas implicações, uma pontada de dor penetrou sua alma e provocou uma ferida sangrenta.

E para melhorar as coisas, pensou com um estremecimento, embebedou a consciência e depois piorou a reputação que Annabel já havia considerado repugnante se lançando no desafio pelo qual Londres fervia em espera naquele momento. O fato que Nicholas e ele já tivessem um passado de conflitos de todo o tipo, desde acadêmicas até atléticas e obviamente, com mulheres, não ajudou muito. Em parte, aquilo não era mais que uma faceta de suas personalidades, e também resultado da origem similar. Ambos haviam herdado riquezas e títulos na juventude, e com eles tanto a liberdade como as limitações que acompanhavam os legados. A amizade nasceu de forma imediata e natural, como dois irmãos que se encontravam cara a cara pela primeira vez e se reconheciam mutuamente.

O que havia estimulado o disparatado debate da outra noite. Nicholas tinha seus próprios demônios. Derek sabia muito bem que seu amigo havia sofrido uma experiência bem pouco feliz que sempre lhe mantinha em guarda, por mais encantador que pudesse parecer exteriormente. Nick

nunca havia comentado, e ele não lhe fez perguntas sobre o toque quase desastroso com o amor, que por parte da mulher com a qual Nicholas pensava casar resultou ser avareza calculada em vez de sentimento profundo. Entre ambos os homens existia um acordo tácito de não falar sobre o assunto, que não havia sido violado nos dez anos de amizade.

Afinal, se pareciam muito.

Pelo visto agora tocava a ele arder no inferno.

Sem dúvida Annabel sentia menos afeto por ele que nunca. Se é que fosse possível. Por que não se dera conta de que a amava, até que fosse tão tarde? Porque era um maldito estúpido, certamente. Ela amava outro. E sabia que Lorde Alfred Hyatt era um tipo decente, o que piorava as coisas. Se ela fosse casar-se com um canalha seria razoável que ele manifestasse suas objeções, mas não era assim. De maneira que não podia. E em qualquer caso ela jamais ouviria seus conselhos.

Por que deveria? Ele era perito no que era passageiro, não em matrimônio.

— Milord...

A voz o arrancou de sua abstração; ele se deu conta que o veículo havia parado e o cocheiro estava lhe esperando, já com a porta aberta. O jovem tossiu discretamente.

— Perdão. — Derek desceu de um salto com um sorriso contrito na face.

— Esta tarde eu bebi um pouco.

Aquilo era desnecessário e ele se perguntou por que dava explicações a um criado. Talvez porque não fazia nem idéia do quanto tempo estava ali meditando, taciturno. Subiu a escada de sua casa da cidade, fez um gesto de agradecimento ao laçao que lhe abriu a porta e caminhou direito ao escritório.

Ao contrário da sala abarrotada da enorme mansão de Mayfair que os Duques de Rothay haviam considerado seu lar durante vários séculos, o santuário de Derek era limpo e ordenado. Tinha todos os seus documentos e a correspondência nova empilhados em um canto da mesa e seu uísque favorito em uma licoreira sobre uma bandeja colocada a um lado. O aposento cheirava a cera e um pouco de tabaco; ele se sentia bem entre as paredes revestidas de madeira e a pintura a óleo de uma paisagem de Berkshire sobre a lareira era uma de suas preferidas. Embora em seu atual estado de turbulência emocional, sequer a bucólica visão das onduladas colinas influía em seu agitado espírito.

Afundou-se na poltrona atrás da mesa e voltou os olhos para às cartas sem abrir, com expressão aborrecida. Em cima de todas havia um envelope singelo e sem selo, somente com seu nome escrito em uma caligrafia clara. Intrigado, separou-o do monte e o abriu.

Milord Manderville:

Vamos nos reunir no Flower and Swine de Holborn, esta noite às dez horas em ponto. Reservarei uma sala para nossa conversa particular.

Ah, sim... A endemoniada aposta.

Não havia assinatura, mas ele reconheceu a caligrafia da missiva que havia lido anteriormente. Bem, a dama era célere. Tinha que reconhecer. Era fácil deduzir que Nicholas teria recebido uma missiva similar.

Pegou o abridor de cartas com o emblema da família no cabo de metal e o girou distraidamente entre os dedos.

Bem, pensou com veemente resignação, por que não comparecer? Por que não se esforçar ao máximo em provar sua destreza sexual? Pelo menos, o distrairia de do presente estado de patética auto compaixão, além de lhe proporcionar a possibilidade de passar bons momentos com uma mulher carinhosa e complacente.

Se fechasse os olhos, talvez inclusive pudesse fingir que fazia amor com Annabel. Depois de tudo, talvez a estratégia o fizesse vencer.

Capítulo 3

Era um estabelecimento pequeno e perto, vizinho de East End onde Caroline nunca havia estado. O deplorável aspecto lhe fizera duvidar, mas era perfeito para seu plano, já que os escassos e aturdidos clientes da fria e úmida taberna repleta de fumaça mal se fixaram nela. O dono havia lhe acompanhado a uma sala pequena que ficava a certa altura sobre o assoalho pegajoso e as mesas cambaleantes da sala principal, e trouxe uma garrafa de vinho que provavelmente não era o que os altivos, Duque de Rothay e Lorde Manderville, estavam acostumados a beber, mas que serviria para a ocasião.

A discrição era o prato principal do dia.

Com as palmas das mãos úmidas sob as luvas, se deixou cair em uma cadeira e teve a sensação de que o véu a afogaria. Ela, que havia chegado cedo por que não tinha intenção de fazer uma entrada espetacular quando os homens já estivessem ali tentou não fazer caso de certos e evidentes tremores internos.

Que sedutora pareço, zombou de si mesma, sem estar segura absolutamente, de ter chegado tão longe, de não querer sair correndo dali. Pareceu-lhe que as vigas enegrecidas do teto baixo estavam muito perto e lhe chegou com discordante clareza às gargalhadas estridentes de algum cliente bêbado. O aroma de cerveja rançosa derramada era como uma espécie de camada pesada no ambiente.

Deveria ir embora agora mesmo.

Não. Enrijeceu as costas e levantou o véu para dar um gole rápido da taça de vinho. A vida que havia vivido até então era a existência sufocante de uma mulher que nunca tinha corrido um só risco. Não tinha tido a oportunidade de fazer algo assim... Até agora. Era uma ocasião perversa e escandalosa de fazer algo tão ousado e insólito que simplesmente não podia deixá-la escapar. Uma oportunidade de reparar o mal feito a sua vida, se as coisas saíssem como ela esperava.

Isto é, a menos que o Duque e o conde se negassem assim que soubessem quem era ela. Caroline imaginava que seria possível, mas francamente acreditava ser a pessoa indicada para dirimir a absurda disputa masculina. Havia examinado umas quantas vezes. Era viúva, de modo que eles não manchariam uma jovem inocente. Não queria nada deles, salvo a

promessa sensual implícita na própria natureza da aposta, que se propunha elucidar.

Era a última pessoa de quem a sociedade suspeitaria que os ajudasse, coisa que seguramente os intrigaria um pouquinho. Sua gélida reputação bastaria para incitar a curiosidade deles sobre ela e aumentar o desejo de demonstrar a vaidosa questão da competência sexual. Certo?

Isso. Seus argumentos seriam apoiados nos ditos pontos.

Precisaria discutir? Tratando-se de tais e reconhecidos libertinos, o mais provável era que somente exigissem sua aquiescência total. Ambos tinham uma reputação incontestável.

— Milady, a Senhora tem você um convidado. — O obsequioso taberneiro apareceu na desvencilhada entrada e logo desapareceu para ser substituído por uma figura alta e morena. Um homem que se deteve um segundo antes de avançar com seu habitual estilo depredador.

Rothay.

O legendário Duque usava um traje de noite escuro, com a intenção óbvia de ir a algum lugar bem mais refinado depois da conversa, talvez ao mesmo baile ao qual ela comparecesse mais tarde. Como de costume, o aspecto de Nicholas Manning era urbano, sofisticado e com um toque de arrogância. Seu lustroso cabelo preto ligeiramente ondulado remarcava a beleza escultórica de sua face. Sobrancelhas um tanto arqueadas, um nariz reto, o perfil da mandíbula e o queixo nítido e um pouco quadrado. A boca, infame pelo característico sorriso malicioso curvou-se de forma quase imperceptível ao avistar o rosto coberto pelo véu. Os olhos escuros avaliaram abertamente o adorno e ela captou o brilho de curiosidade neles.

Estava bonito como sempre e tão impressionante como todos murmuravam, e o sedutor gesto da boca formava parte de seu celebrado personagem. Ele inspecionou-lhe o decote com o olhar e seu sorriso se expandiu lentamente.

Deus, ele estava intrigado. Enquanto ela não perdesse os nervos e obtivesse as garantias que necessitava, o acordo seria selado em breve.

— Boa tarde, Excelência. — Caroline se manifestou com uma entonação deliberadamente fria.

Algo cintilou nos olhos de Nicholas, talvez a sensação de que reconhecesse a voz. Inclinou-se cortesmente, se movendo com fluidez e naturalidade. Quando se elevou pareceu que sua cabeça ficava apenas a alguns trinta centímetros do ruído teto.

— Boa tarde.

— Vamos esperar Lorde Manderville? Tomei a liberdade de pedir um pouco de vinho. Por favor, sirva-se. Pedi que não houvesse nenhum criado

presente. Pareceu-me... Prudente. Pequena ironia escolher essa palavra. Nada do que ela estava fazendo era prudente.

— É obvio. Como gosto. — Ele respondeu-lhe e voltando o olhar superficial à modesta sala escolheu uma cadeira e se instalou com um suave movimento estendendo as longas pernas. — Esta é uma escolha excelente para nossa pequena reunião, sem dúvida. Não acredito que alguém vá nos encontrar neste lugar. Por favor, não me diga que veio até aqui sem acompanhante.

Tinha toda a razão. A vizinhança era questionável, mas o cocheiro dela era um jovem forte, um autêntico galês agradecido por ter evitado o destino de sua família durante gerações de trabalhar nas minas, e por tanto, de uma lealdade incondicional. Huw havia se ocupado em deixá-la sã e salva no interior, e se ocuparia de levá-la de volta para casa com a mesma solicitude. Ela sacudiu a cabeça e o véu se moveu ligeiramente; o interesse por sua segurança era um tanto inesperado.

— Não sou temerária, Excelência.

— Jamais sugeriria algo parecido. Mas não me importo em admitir que você me provoque muita curiosidade. O que a impulsionou a entrar em contato conosco, se me permite perguntar?

A garrafa de vinho e as taças estavam sobre a mesa; ele pegou uma com despreocupação e se serviu, mas ela teve a impressão de que apesar da aparente indiferença de seu gesto, ele estava enormemente interessado em sua resposta.

O que ele estava pensando? Que ela era uma mulher desesperada e solitária, tão faminta da atenção masculina que se deitaria com dois homens só para obter um pouco de afeto? Bem, talvez fosse lógico para os outros, mas não era seu caso. Se ela desejasse companhia masculina poderia encontrar com bastante facilidade. Mesmo com a reputação de ser distante estava farta de rechaçar pretendentes potenciais. Quanto à solidão, certamente preferia mais de ser uma viúva que uma esposa; já que se sabe que tudo tem um preço.

E ela pagara com acréscimo. E por isso estava ali. Sentia-se insatisfeita? Sim, porque em sua vida faltava alguma coisa, como uma omissão evidente em um quebra-cabeça incompleto que arruinava a imagem geral. Encontrar a peça e encaixá-la em seu lugar correspondente era importante para ela. O fato afetava todo o seu futuro, em todas as formas imagináveis.

A paixão física era um mistério que lhe escapava. Não lhe ocorria nenhuma forma de resolver a questão e continuar sendo respeitável. Exceto esta.

Havia sido extorquida por um matrimônio, que para começar não tinha

desejado, e a insensibilidade de seu marido no quarto não era mais que um aspecto de sua malfadada relação. Agora que ele tinha morrido havia outras facetas de sua negligência sobre as quais ela não podia fazer nada, mas poderia averiguar se o fato de não ter desfrutado da relação conjugal fosse culpa sua, como o marido acusava.

Era lógico supor que se não desfrutasse estar nos braços de dois dos amantes mais celebrados de Londres, então era problema dele. Até que soubesse, era bem improvável que voltasse a se relacionar com homem algum. Ser uma amarga decepção para um marido uma vez já era mais que suficiente. Não estava segura sequer de que voltaria a desejar algum dia ter uma relação íntima com um homem, mas queria ter a oportunidade de decidir sem que o peso de seu passado interferisse em seu presente.

— Suponho que seja natural que se pergunte pelos motivos que tenho para me oferecer em opinar em sua insólita competição. — Expôs Caroline sem mostrar nenhuma emoção na voz, fitando através do véu de tule o atraente homem a sua frente. — Acredito que aparece implícito em minha mensagem inicial.

As arqueadas sobancelhas de ébano se elevaram um milímetro.

— Ah, sim. A implicação de que os amantes que teve até a presente data a decepcionaram. Que lástima que qualquer mulher se sinta dessa forma.

A carícia da cálida voz foi algo tangível, como se ele já se aproximasse e a tocasse. Também havia algo na forma em que se continha. Era impossível que não soubesse até que ponto sua aparência perturbava às mulheres, mas não era essa a arma que ele usava para conquistá-las.

Não era de estranhar que as mesmas caíssem ante ele como se jogassem por um escarpado, pensou Caroline enquanto o observava do outro lado da mesa pequena e puída. Se ele personificava o pecado, este era delicioso ao extremo. O ambiente tão inculto era como uma vitrine de seu enorme poder, se sobrepondo ao assoalho desgastado, as paredes manchadas e a uma cadeira inapropriada a sua impressionante estatura somente realçava o homem aristocrático que era em todos os sentidos.

— Amante. — Ela particularizou. Sem plural.

E como o que tinha acontecido em seu leito conjugal não parecia ter nada a ver com amor, não estava segura de que o termo fosse correto. Sua piedade não lhe interessava. A ajuda sim.

— Um só homem? Sei.

Só um. Provavelmente um conceito estranho para um homem como o ousado Duque, em cujo dissipado passado deveria haver muitas amantes.

Ele seguia com o mesmo sorriso devastador.

— Não deve julgar todos os homens com muita severidade, a partir dos

enganos de um único exemplo de nosso sexo.

— Ah, não? — Seria agradável parecer coquete, mas temia não poder conseguir.

— É obvio que não. — Seu olhar se dirigiu outra vez à carne marfim que transbordava pelo corpete. — Do mesmo modo que cada mulher é única, imagino que também nós somos todos distintos. Opino que os homens em geral sejam mais egoístas por natureza. Lamento que tenha tido essa experiência prévia, mas reitero que nem todos são iguais.

Ela sentiu o ardor do pormenorizado exame, como se ele tivesse passando um dedo sobre sua pele.

Uma vez mais o encanto do Duque estava fora de dúvida. Formava com ela um casal muito desigual, mas Caroline não permitiria que ele soubesse.

— Talvez tenha, — ela replicou com atitude indiferente — a oportunidade de demonstrar seu ponto de vista, Excelência.

— Tenho a clara sensação de que não terei nenhum inconveniente em fazê-lo, minha misteriosa dama.

Era impossível beber o vinho sem levantar o véu, de modo que Caroline tocou o pé da taça com ar de dúvida, fitando o homem do outro lado da mesa com gesto cauteloso.

— Sinto chegar um pouco tarde. — A aparição de Lorde Manderville evitou que ela tivesse que dizer alguma coisa a mais. Não queria proporcionar muitas pistas sobre sua identidade até que ambos lhe dessem a palavra de cavalheiros de que jamais a revelariam.

O conde entrou na sala e a submeteu a uma avaliação virtualmente idêntica a de seu amigo, com um olhar rápido que se deteve apenas um instante no decote do vestido da última moda, e logo acabou na cortina de tecido que lhe cobria o rosto. Um sorriso travesso mostrou a perfeita dentadura branca.

— Vejo que este é um autêntico jogo de intriga. É um prazer conhecê-la.

— Você já me conhece. — Caroline disse tão serenamente como pôde.

Descobriu que ter os dois naquele ambiente lhe era um tanto desconcertante. Por um lado os dois eram muito altos e tinham um formidável ar de segurança masculina, que parecia encher o reduzido espaço. A beleza dourada de Derek Drake havia lhe dado o apelido de anjo. Rothay, ao contrario, tinha sido batizado ironicamente como o Duque diabólico.

Ambos formavam uma dupla irresistível, embora díspar. O anjo e o diabo. E ela notou com inquieta apreensão que formava um nó em seu estômago.

Aquilo não acabaria bem. Ali estava ela fazendo-lhes uma descarada proposta sexual. As mulheres que se deslocavam até os escuros botequins

para se encontrar com libertinos do calibre dos dois homens que estavam com ela agora, não deviam sucumbir a um ataque de nervos.

Endireitou as costas e recuperou a superioridade.

— Já a conheço? — Manderville aceitou uma taça de vinho do Duque com um gesto de agradecimento, sem afastar o olhar do rosto do Caroline, e se sentou em uma cadeira instável que emitiu um gemido.

— Ambos me conhecem.

— Ah, já notei que sua voz me parecia refinada e talvez familiar. Mas não podemos ser velhos conhecidos ou a teria identificado com maior certeza. Tenho um bom ouvido para isso. — Seu sorriso era tão angelical como atraente e maliciosa era o do Duque.

Enquanto que de Nicholas Manning emanava um ar de intensidade quase perigoso, o Conde era todo indolência e refinada despreocupação masculina.

Eram bem diferentes e, entretanto ambos ofereciam o mesmo suposto paraíso em seus braços. A seguir viria a parte complicada. Caroline não podia culpá-los por querer saber quem ela era, nem por ver seu rosto antes de aceitar, mas tampouco estava disposta a tirar o véu antes de estar segura de seu silêncio. Se não estavam dispostos a isso partiria imediatamente. Inclusive os mensageiros que havia contratado para o traslado das missivas tinham sido submetidos a um complicado processo para assegurar que não as relacionassem com ela.

Eles podiam ter fama de cortejar e desaparecer depois de haver se deitado com uma série de belezas da alta sociedade, mas ela nunca soubera que houvessem colocado em dúvida seu sentido de honra e estava disposta a aceitar a palavra empenhada. Com sua imensa fortuna, Rothay provavelmente devia dirigir com eficiência enormes propriedades financeiras, e Manderville era também um homem rico e com as mesmas responsabilidades. Ambos tinham um banco na Câmara dos Lordes. Era um pouco cômico ver todas aquelas mães intrigantes tentando que eles se fixassem em suas filhas casadoiras, mas se sabia que ambos fugiam das jovens solteiras como se estas tivessem uma enfermidade contagiosa.

Em resumo, os dois eram honoráveis a sua maneira ou nisso, certamente ela confiava. Estava a ponto de arriscar sua reputação. Em qualquer caso, o véu era seu seguro no caso deles, por qualquer motivo, não aceitassem.

— Antes começar a discutir sequer esta situação incomum, — ela disse com firmeza, — necessito que me dêem sua palavra de que meu nome nunca se relacionará a essa aposta em nenhum sentido. Mesmo que nesta tarde não cheguemos a um acordo, não quero que ninguém saiba nem sequer que a considere. — E sem pensar acrescentou um provérbio em voz

baixa: — Em cada palavra, morre uma reputação.

— Alexander Pope. Acredito. — Concluiu o Duque, que parecia divertido, arqueando as sobrancelhas. — Agora estou muito intrigado para me negar. Eu não direi a ninguém.

— Eu também lhe dou minha palavra. — Derek Drake assentiu com sua cabeça loira e entreabriu os olhos um milímetro enquanto olhava atentamente o rosto oculto. — Seu segredo está a salvo aqui.

— Muito bem. — Caroline levantou o chapéu e o véu deixou-os de um lado e alisou o cabelo com dedos que apenas tremiam. E foi ela quem se divertiu ao observar a surpresa refletida nos rostos dos dois. A sala ficou em silêncio.

Era uma prova de sua reputação. Ela tinha fama de ser uma mulher gelidamente formal e inexequível, não de alguém que agendava encontros em duvidosos botequins.

Com que frequência, perguntou-se, algum deles ficava sem palavras?

Raramente, em sua opinião.

— Lady Wynn, — Rothay se recuperou primeiro, mas continuou fitando-a com a taça de vinho em seus finos dedos, — tenho que admitir que esteja surpreso.

Ela notou que em seus lábios se desenhava um risinho nervoso.

— De um modo agradável ou desagradável, Excelência?

Capítulo 4

Certamente aquele era um giro inesperado dos acontecimentos.

Entre todos os rostos que imaginou que podia haver atrás daquele véu, não estava o de Caroline Wynn. Nicholas tinha considerado longamente qual das damas que conhecia consideraria participar da pequena e escandalosa aposta, mas nunca havia lhe ocorrido que fosse a mulher que se sentava à mesa em frente a ele.

E, entretanto, ela estava ali, arqueando levemente uma de suas sobrancelhas cor de mogno ante sua atônita expressão, com apenas um brilho de ironia nos magníficos olhos prateados e tão celebrados. A escolha da sórdida taberna indicava que ela abordava o assunto com seriedade, mas para ele continuava difícil de acreditar que fosse ela quem havia enviado a provocadora nota.

A bela e jovem viúva de Lorde Wynn tinha fama de ser distante ao ponto de desanimar os pretendentes mais convencidos. Conhecia-a somente de vista, mas sim, ela tinha razão. Tanto a ele como a Derek alguém já havia apresentado-a em algum momento. Seu aspecto frio e retraído enviava a evidente mensagem a qualquer conquistador de que não lhe interessava absolutamente nenhum enredo, de forma que ele se limitou a admirar seu inegável encanto, desprezando a idéia de conhecê-la melhor. Além disso, ela era mais jovem que as sofisticadas damas que ele estava acostumado a levar para a cama e ainda estava em idade digna. Se mal recordava, ela havia se casado com o Visconde Wynn anos antes que este morresse de repente, e depois tinha guardado um luto inclusive mais prolongado que o necessário, mas mesmo assim não teria mais de vinte e três anos. Provavelmente menos.

Definitivamente ainda estava em idade de se casar. Era atraente e exuberante, estava claro, mas também perigosa para qualquer homem que valorizasse sua independência.

Coisa que ele fazia. Talvez independência não fosse a palavra adequada. O que ele valorizava era ligeiramente mais complexo.

Nicholas sentiu uma pontada de alarme. Procurou algo diplomático a dizer.

— Você é encantadora, Milady. Certamente por isso a surpresa dificilmente seja desagradável, mas isto me parece um tanto imprudente em sua situação.

Derek mostrava uma expressão de perplexidade. Nicholas acreditava que pela mente de seu amigo passavam os mesmos pensamentos e à mesma velocidade.

— Isto... — Disse Derek. — Penso a mesma coisa. Não tenho nenhuma objeção, acredite-me, mas você não deveria...

— Dilapidar minha virtude? — Ela o interrompeu baixando com recato suas pálpebras.

Seus olhos tinham uma cor verdadeiramente notável, Não eram de cor azul pálido, mas de cor autenticamente cinza. Seu cabelo de cor mogno, denso e brilhante, resplandecia em contraste com uma pele clara e perfeita. Sua impressionante beleza fazia com que a miserável estadia parecesse ainda mais vulgar, mais deplorável. Seus estilizados dedos envolviam o pé de uma taça de vinho.

— Por favor, cavalheiros. Lembrem-se que sou viúva. Minha virtude foi dilapidada há tempo.

Nicholas não pôde evitar o pensamento de que essa era uma forma interessante de descrever seu próprio matrimônio. Deu um gole de sua taça e tentou analisar como se sentia ante a mudança da situação.

— Você é muito jovem. É bem provável que volte a se casar. Duvido que seu futuro esposo aprove sua implicação nesta pequena aposta.

— Eu não tenho intenção de voltar a me casar, Excelência. Não preciso voltar a me casar, já que sou auto-suficiente no terreno econômico, e se alguma vez voltasse, o que fiz ou com quem fiz não seria assunto do escolhido. — Ela concluiu brindando os dois com um olhar desafiante.

O inferno se fosse, pensou Nicholas, mas admirou a forma em que ela levantou o queixo e os desafiou a contradizê-la. Existia um duplo padrão, e ele sabia, mas assim eram as coisas. Os homens gostavam de mulheres promíscuas, mas raramente se casavam com elas.

Ela prosseguiu em um tom razoável, como se eles não estivessem sentados em uma taberna de má reputação, debatendo o plano de uma aposta sexual elaborada por dois embriagados.

— Dado que sou viúva, me permite maior liberdade. Em qualquer caso ninguém jamais pensaria que eu fizesse algo assim.

— Eu não. — Reconheceu Nicholas com ironia, especulando sobre o quão inútil devia ter sido seu falecido marido no exercício de seus deveres conjugais. Havia conhecido vagamente o anterior Lorde Wynn e ele havia lhe parecido uma pessoa bastante agradável. Mas era certo que a forma em que os homens tratavam seus conhecidos e como consideravam suas esposas costumavam ser distintas.

— Pode ser que na realidade você não saiba nada de mim, Excelência.

Ela podia ter o aspecto de uma Vênus reencarnada, mas a ele nunca teria ocorrido imaginar que sob a aquela tentadora fachada pudesse pulsar a sensualidade. O Pólo Norte tinha fama de ser mais quente que Lady Wynn.

— Admito que não. — Sustentou-lhe o olhar.

Nos extraordinários olhos dela apareceu um brilho de dúvida quando ambos se fitaram e permaneceram assim durante um longo segundo. E logo outro.

Ah, sim. Estava intrigado.

— Agradeço-lhe que admita. — Ela então disse sem a menor inflexão na voz.

Mas os expressivos olhos diziam algo bem diferente. Ele sabia quando provocava emoção em uma mulher, e esta era uma dessas ocasiões.

A fria Lady Wynn? Que interessante...

— Se nós não devemos revelar jamais sua identidade, Milady, — interveio Derek, — explique-me como vai resolver a aposta.

Ela assentiu levemente, como se esperasse a pergunta.

— Tenho tudo elaborado. Se vocês concordarem publicarei o resultado na coluna da sociedade do jornal, sob a proteção do anonimato, é obvio. Já que meu nome ficará à margem, me sentirei cômoda para escrever minhas opiniões com franqueza.

A declaração bastou para invocar o mesmo espírito combativo que os havia metido originariamente em problemas, mas já que Derek não havia pestanejado, ele também tentou parecer conforme.

— Bem, — disseram ao mesmo tempo, e depois trocaram um olhar de franco desgosto.

Ela gargalhou com uma espontaneidade deliciosa, que iluminou um rosto extraordinariamente encantador, que acrescentou vida aos olhos fascinantes.

Maldição, ela era uma perspectiva muito tentadora. Se seguissem adiante, Lady Wynn seria uma candidata cativante. Todo mundo concordava que ela era uma autêntica beleza, com sua cabeleira, abundante e brilhante, emoldurando um rosto delicado de maçãs altas e narizinho reto, uma boca rosada, e excepcionais e enormes olhos de cílios alongados. O fato de que tivesse uma figura estilizada e elegante, um corpo curvilíneo, mas esbelto era algo que muitos homens já haviam observado e comentado. A plenitude de seus seios sob o refinado vestido atraiu o olhar de Nicholas.

E pelo que parecia, Derek tampouco estava cego.

— Parece que já tomou sua decisão, Lady Wynn. — Murmurou.

— Depende. — Caroline ajustou uma dobra de sua saia de seda de um verde esmeralda intenso; o tom de seu vestido complementava seu colorido.

— Como vamos fazer isto exatamente? Teremos que ser muito discretos.

Era seriamente sincera, pensou Nicholas, cuja reticência inicial havia desaparecido.

E ele estava condenadamente interessado.

Já estava a um momento disso. Lady Wynn era jovem e fascinante. Já que em público havia adotado sempre uma atitude distante e fria, oposta ao que ele procurava em uma amante, nunca tinha pensado nela em nenhum contexto, e muito menos no que estava se debatendo naquele momento. Falou sem pensar:

— Conceda a cada um uma semana de seu tempo.

Derek se voltou para fitá-lo e em seus olhos havia um brilho de surpresa manifestado pelo período proposto.

Uma semana?

Nicholas não sabia de onde tinha saído a proposta impulsiva, mas tinha a sensação de que uma noite com a preciosa mulher que estava sentada diante de si não bastaria. O mistério do por que ela fazer algo tão insólito o perturbava e o atraía ao mesmo tempo. Encolheu os ombros e sorriu.

— Estou seguro que concordarão que o mundo das relações íntimas é variado. Conhecer o parceiro é um benefício acrescentado. Para chegar a uma conclusão justa parece lógico passar uma semana em companhia um do outro, dentro e fora da cama.

Tudo o que esperava Lady Wynn, obviamente não era isso. Durante um segundo ela pareceu desconcertada, mas logo assentiu devagar. Um cacho solto do cabelo acobreado roçou a coluna marfim de seu pescoço e ele observou como ele deslizava pela sedosa, com uma fascinação quase involuntária.

— Acredito que se já cheguei até aqui, — ela acrescentou, — posso aceitar isto. Pensarei em alguma desculpa para me ausentar durante esse período.

Excelente.

Do salão da frente chegou o eco do alvoroço procedente de uma pequena briga entre alguns dos duvidosos frequentadores da taberna, junto a uma série de palavras inapropriadas para os ouvidos de uma dama, mas ela não pestanejou.

Sim, sua superioridade era notável.

— Possuo uma pequena propriedade rural em Essex. — Nicholas tentou se lembrar da última vez que estivera ali e não conseguiu; quando se retirava para o campo era para à residência familiar de Kent, bem mais extensa. O pequeno imóvel era parte de sua herança e permanecia vazio, exceto pelo mínimo pessoal de serviço que o cuidava. — Está no meio do

campo, afastada de toda a população, mas é bastante bonita e agradável, se mal me recordo e o bastante perto de Londres para que não tenhamos que viajar durante dias. Seria perfeita para um retiro tranquilo e discreto.

Uma semana com uma mulher que sequer conhecia não era somente impulsividade. Era irracionalidade. O normal seria que lhe bastasse uma noite aqui e outra lá; sua indiferença era legendaria porque suas relações passageiras não eram mais que um divertimento ocasional. Não tinha amante fixa pela simples razão de que não necessitava. Havia um bom número de mulheres dispostas a lhe agradar no momento que quisesse e ele se dava por satisfeito que no momento em que desejava companhia feminina, obtinha-a.

Não obstante, uma voz insidiosa sussurrava em seu cérebro. A falta de experiência prévia de Lady Wynn na arte do desfrute sexual a tornava mais cativante que a maioria. Não lhe interessava desflorar uma virgem, o que ela não era, e sua deslumbrante beleza e delicada feminilidade atropelavam seu sentido de prudência, ante o fato de que ela fosse ainda jovem e bem apetecível para o mercado matrimonial.

Ela tinha deixado bem claro que não desejava voltar a casar e ele acreditava; sua convicção era inconfundível.

Uma semana para iniciá-la nos prazeres da carne lhe parecia uma distração bastante prazerosa em relação aos seus múltiplos compromissos. O Parlamento estava fechado naquele momento e ele podia dizer ao seu assistente como localizá-lo... Sim, pensou. Estudar a sensual perfeição daquele lábio inferior, daquele fluxo de pele de marfim sobre o corpete do decote que ela evidenciava, a sutil cor de suas bochechas enquanto se ruborizava ante seu aberto olhar de admiração. Provavelmente seria fácil suportar uma semana em sua companhia.

Ela havia se ruborizado. Que extraordinário. Um olhar tinha conseguido o que palavras rudes dos taberneiros não haviam conseguido. Deixou de lado sua taça de vinho e perguntou arqueando uma sobrancelha:

— Estamos de acordo?

— Acredito que posso encontrar um lugar parecido. — Derek assentiu se acomodando em sua cadeira e lançou um olhar aos seus belos acompanhantes, em um gesto de aprovação total. — Desde que Lady Wynn compreenda as conseqüências que teria para sua reputação se nos descobrissem. Nenhum de nós dirá uma palavra, mas aspirar à discrição nem sempre significa obtê-la.

Caroline Wynn desviou os olhos durante um segundo e apertou os lábios. Depois voltou a fitá-los e ergueu os graciosos ombros.

— É evidente que não desejo um escândalo, mas se acontecer eu serei a

única responsável e espero que o risco... Bem, valha à pena.

Ali estava. Era um desafio, se é que alguma vez ouvira algum.

Nicholas sorriu com indolência.

— Valerá, Milady.

Ela não lhe devolveu o sorriso; simplesmente o fitou com os fascinantes olhos e o único sinal de emotividade foi um leve tremor nos lábios.

— Parece-me muito seguro, Excelência.

Estava? Talvez, mas atenuado pelo pouco que sabia dela. Talvez por isso tivesse proposto uma semana inteira. Ela era um enigma em um mundo que freqüentemente lhe era muito previsível.

— Estou seguro de que ambos estamos; caso contrário não teríamos feito a aposta, não lhe parece?

— Parece então que está decidido. — Ela disse Le levantando. — Não duvidem em entrar em contato comigo com os detalhes do acordo. Podemos nos comunicar da mesma forma que antes. Enviem os recados à mesma direção e eles farão chegar a mim.

Derek e ele se levantaram, por sua vez.

— Meu cocheiro está esperando na entrada. Ele me acompanhará.

Nicholas sentiu o desejo de protegê-la; preocupavam-lhe os toscos paroquianos da sala contígua.

— Eu a acompanharei até a carruagem.

— Não. Obrigado, Excelência. Prefiro que não me vejam com contigo, sequer aqui.

A declaração serena o deixou sem palavras. Durante quase toda sua vida adulta se viu assediado por mulheres mais que ansiosas em ser vistas guiadas por seu braço. O fato era novo. A pontada de dor o surpreendeu um pouco. Por que devia importar uma coisa ou outra?

Ela colocou o chapéu, depois o véu sobre o rosto e saiu com um redemoinho verde esmeralda e um toque de perfume floral.

Capítulo 5

— Que festa encantadora, não lhe parece, Milord?

Derek Drake, abstraído, baixou o olhar para a mulher que tinha nos braços. Deus bendito. Durante um segundo foi incapaz de se recordar como ela se chamava. Que inquietante.

Amélia. Sim, era a irmã de um amigo e essa era a razão principal pela qual estava dançando com ela. Horace a tinha aturado e ele aceitara tirá-la da pista, porque se uma pessoa comparecia a uma festa, no mínimo deva fingir que está se divertindo.

Derek não se divertia, mas tampouco havia esperado se divertir.

O motivo pelo qual havia comparecido não tinha nada a ver com diversão. Suas razões eram algo mais parecido à autoflagelação.

Era algo bem produtivo, pensou zombando de si mesmo enquanto percorria a pista sob o ritmo da valsa. Sua companheira de dança era pequena e ele um homem alto, imaginava que ofereciam uma imagem um tanto absurda.

— Sim, encantadora. — Respondeu em voz alta.

Com esse tipo de conversa banal não ganharia deslumbrantes qualidades de amante exímio, verdade? Por sorte sua resposta pareceu agradar Amélia, pois ela lhe dedicou um sorriso de admiração como ele se houvesse dito algo inteligente.

— Efetivamente.

O que diria? Nada lhe parecia apropriado. Seu famoso pique de ouro não estava funcionando nessa noite. Quando soaram os últimos acordes da música se sentiu imensamente agradecido e a conduziu para fora da pista. Inclinou-se sobre a mão gordinha e saiu.

O baile estava abarrotado como era de se esperar e ele se afastou pelo meio da multidão. A sala estava lotada. As janelas abertas não contribuíam muito a mitigar o calor e o murmúrio das vozes competia com a orquestra. Por sorte sua estatura lhe permitia não perder de vista seu objetivo. Finalmente alcançou Nicholas. Seu amigo estava apoiado em um pilar de estilo helênico, bebendo champanhe.

— Uma semana? — Perguntou sem mais preâmbulo. — Ficou louco, Nick?

Estavam rodeados de pessoas, mas entre a música e a reverberação de

centenas de vozes, a conversa era relativamente privada, como se estivessem em algum lugar afastado. O Duque de Rothay o presenteou com um dos olhares indecifráveis pelos quais era tão conhecido.

— Parece-me razoável.

Derek grunhiu com grosseiro desdém.

— Você nunca passou essa quantidade de tempo seguido com uma mulher em sua vida, exceto talvez sua mãe.

A Duquesa viúva era um personagem imponente, embora sua altura chegasse ao ombro de seu filho. Uma célebre beleza em sua época, que seguia tendo um influxo importante nos círculos da boa sociedade. Sua desaprovação pelo desinteresse de seu filho com o matrimônio era de domínio público.

Nicholas se pôs a rir, francamente divertido pela referência.

— E nem sequer com ela, desde que tive idade para evitar. Gosto de minha mãe, mas pensar em passar uma semana com seus conselhos constantes me provoca tremores.

— Isso faz com que sua proposta me surpreenda ainda mais. Não conhece Lady Wynn.

Para Derek era muito mais fácil se concentrar na frívola aposta que em sua desgraçada situação pessoal.

— Está me dizendo que objeta em ter a alguém tão encantador em sua cama durante esse tempo?

— Ela é realmente bela. — Derek evitou a resposta e dirigiu o olhar à um canto onde Caroline estava sentada junto a várias mulheres mais velhas, com sua habitual atitude distante e inacessível. Ela quase nunca aceitava um convite para dançar, mas os homens seguiam tentando. Mesmo a distância, o contraste entre sua pele pálida e perfeita e a cintilante cor de sua cabeleira era impressionante. Era toda beleza e opulência feminina, e ele deveria estar ansioso ante a perspectiva de se deitar com ela.

Por que não estava?

— Sou tão pouco partidário das aventuras prolongadas, como você. — Comentou Derek levemente.

Exceto uma. Teria sido partidário de uma aventura prolongada, mas tinha estilhaçado tudo. Embora fora uma prova de sua imbecilidade, examinou a sala com um olhar inquieto e escrutinador.

E a descobriu.

Era obvio que Annabel estaria ali, maldição. Com uma examinada ele captou entre a elegante multidão, certo brilho dourado de um perfil de porcelana que conhecia tão bem como o próprio rosto, e sentiu uma opressão no peito.

Bem, disse a si mesmo com tanto distanciamento pragmático quanto lhe foi possível, você confiava vê-la. A presença da pupila de seu tio não era nenhuma surpresa. Meia cidade de Londres estava abarrotando o salão de festa. Era lógico que Annabel estivesse, e não deveria surpreendê-lo muito que fosse pelo braço de seu noivo.

Ao diabo com o homem.

— Como decidiremos quem terá o privilégio de levá-la primeiro?

A pergunta de Nicholas fez com que voltasse a se centrar no assunto e se obrigou a afastar o olhar. Já que o mero feito de ver Annabel lhe era uma tortura, valia a pena se concentrar em outra coisa. Como um agradável interlúdio passional com a sedutora Lady Wynn. Havia perdido Annabel. Era necessário que se convertesse em um monge?

Não. Era obvio que não. Mesmo assim havia um desvio.

— Imagino que depende de quanto possa sair com a dama. Na semana que vem tenho vários compromissos que não posso evitar e por outro lado, tenho que encontrar um lugar igualmente afastado.

— Eu acredito que posso organizar as coisas para partir dentro de um dia ou dois. Está decidido, então?

Eram amigos há muito tempo. Uma década havia se passado desde que haviam se conhecido no primeiro curso da Universidade de Cambridge, mas agora na voz de Nicholas havia um tom desconhecido. Derek recordou uma versão mais jovem do Duque de Rothay, ainda afetado pela primeira incursão desgraçada no qual ele percebeu o amor e decidiu de uma forma que somente Nicholas era capaz, de tirar a importância dessa experiência.

Derek fez um sinal a um garçom que passava por ali, pegou uma taça da bandeja e fitou a seu amigo, com ironia.

— Ela te intriga.

— Um pouco.

Já era hora que uma mulher conseguisse, entre a quantidade que entrava e saía da vida de Nicholas. Derek riu entre dentes.

— Muito. Talvez engane a outro, mas a mim não.

— É muito atraente.

— Isso é certo, mas todos seus casos foram com mulheres espetaculares.

— Eu gostaria que não usasse o termo caso. Faz-me pensar na rede de um caçador furtivo e em um animal ferido.

Na opinião de Derek, a descrição era bastante exata. Só Deus sabia que ele se sentia dolorosamente prensado contra a parede e com muito poucos recursos. Usou um tom neutro para replicar:

— Parece-me bem. Diga-me como você chamaria. — Escapadas luxuriosas. — Nicholas acompanhou a frase com um amplo sorriso que

mitigou a impertinente correção.

— Acredito que se encaixa. Mas já que é óbvio que nossa encantadora juíza não tenta prendê-lo, pelo menos pode relaxar e satisfazer seu interesse.

— Posso. — Inexpressivo, Rothay bebeu um gole de sua taça. — Ela não o interessa?

Que o diabo os carregue! Derek pensou. Annabel e Hyatt estavam na pista dançando entre os bailarinos ao som de uma das toadas mais populares do momento. Ela mostrava a face ruborizada em um tom rosa bem favorável, a luz se refletia em seu cabelo claro e o vestido de noite de seda rosa lhe dava um aspecto... Fascinante. Cativante. Tão formoso que ele sentiu uma dor no peito. Por desgraça, Hyatt também parecia feliz, embora ele não era bom em julgar a aparência de outros homens, sabia que as mulheres o consideravam atraente.

Não era um pensamento muito estimulante, mas em qualquer caso não recordava haver se sentido mais desanimado em sua vida.

— Derek?

Oh, maldição. Havia lhe feito uma pergunta, certo? Havia lhe arrancado de suas abstrações. Derek se voltou.

— Desculpe-me.

Nicholas devia ter notado algo estranho em sua conduta, mas felizmente não o mencionou.

— Perguntei se nossa inesperada voluntária lhe intriga.

— É óbvio. — Derek respondeu apressadamente e bebeu um gole de champanhe para dissimular o engano e teve que lembrar que Nicholas não se deixava enganar facilmente. E agora o observava semicerrando os olhos escuros. O único consolo era que entre eles havia uma norma não escrita, mas inviolável. Eram proibidas as perguntas indiscretas. Um pacto de cavalheiros entre dois homens que respeitavam a intimidade um do outro.

Funcionou. Depois de um instante, Nicholas se limitou a dizer:

— Então não se importa que eu fique com ela primeiro.

Fique. Muito apropriado. A gargalhada ficou presa em sua garganta. Verdadeiramente precisava recuperar a compostura. Poderia ser que o champanhe não estivesse o bastante frio, mas lhe fez bem, pois bebeu outro gole e depois não teve problemas para conseguir, o que confiou que parecesse um amplo sorriso.

— Não. Estou seguro de que você também o fará muito bem. Mas não se esqueça que será a mim que ela recordará.

— Tem todo o direito a pensar isso, Manderville. Agora que nós três chegamos a um acordo, meu plano consiste em deixar uma impressão

indelével. Não sei se teria escolhido à dama em questão, mas já que ela se adiantou, estou... Impaciente.

Curioso. O Duque de Rothay sempre havia sido a personificação do sedutor despreocupado. Em seu caso, a impaciência era equivocada.

— O certo é que a situação tomou um rumo que não esperávamos, não acha? — Derek perguntou, mas sabia que a própria impaciência era moderada por causa de sua atual infelicidade pessoal, e era difícil saber, se era Nicholas que estava mais interessado que o previsto na atípica oferta de Lady Wynn ou se ele estava muito afetado para julgá-lo.

Talvez- alguém que tinha sido tão incapaz de discernir seus próprios sentimentos de um modo tão lamentável, não deveria acreditar que entendia os dos outros. Se Nicholas estava tão entusiasmado em se encerrar no campo acompanhado por dama deixaria que se encerrasse imediatamente, que exercesse seu notório encanto e a seduzisse. Naquele momento o coração de Derek simplesmente não estava na aposta.

— Faça-me saber quando voltarem para a cidade. — Pediu em tom indolente.

A senhora Haroldson se inclinou para diante em um gesto de conspiração e pareceu que cairia no chão por causa de seu abastado busto.

— Imagino, — ela disse com sussurro sibilante, — que isto não deve ser uma surpresa para ninguém.

Caroline se esforçou em aparentar reserva e frieza quando na realidade, naquela abarrotada sala se respirava um ambiente cansativo. Uma gota de suor abriu passo entre seus seios de forma bem pouco refinada.

— Surpresa do que?

— A forma como sua Excelência e o Conde estão ali conversando sobre isso, com total confiança.

Estariam falando sobre a aposta? Pareciam absortos na conversa. Não havia passado mais de uma hora ou duas desde que os três haviam saído da taberna, de modo que era de se supor que estariam conversando sobre o assunto.

Sobre ela.

Estava feito. Oferecera-se a dois notórios aceitando uma aliança maliciosa pacto que significaria sua ruína aos olhos de toda a sociedade, se colocado no caminho do escândalo e da vergonha. Tudo por uma boa causa recordou-lhe uma voz interior com teimoso pragmatismo.

Sua prudência.

Sua vida inclusive, se optasse se transformar em uma melodramática.

— Estou segura de que conversam freqüentemente. Eu já os vi. — Fingiu um tom desdenhoso e lançou um olhar de desinteresse aos dois homens altos que estavam do outro lado da sala. — Acaso não são amigos?

— Estou convencida, Lady Wynn, que se soube da última façanha deles.

— Refere-se a essa aborrecida aposta?

Deus do céu! Fazia calor e não ajudava muito ter uma horda de matronas a sua volta, que virtualmente havia lhe cercado. Teve que reprimir o impulso de se levantar de um salto e fugir dali como se todos os demônios do inferno pisassem em seus calcanhares.

Um demônio de cabelo negro em particular, compensado por um anjo dourado.

Quando finalmente a conversa permitiu, observou os dois homens através das sombras de seus cílios, embora quisesse observá-los desde que chegara. Nicholas Manning estava espetacularmente atraente, com o cabelo um pouco despenteado embora conseguisse fazê-lo parecer brilhante, com um traje de noite feito a mão, perfeito para sua beleza máscula; Manderville também, mas numa espécie de deus grego, tão belo que sua mera presença parecia animar o salão. E ambos, com o brilhantismo se convertiam no centro das atenções, com ajuda da última infâmia ou sem ela.

— Sim, é obvio. A aposta. É vergonhoso, não lhe parece?

Oito pares de olhos se cravaram em Caroline. O círculo de viúvas, a maioria vinte anos ou mais que ela era sua atual guarda contra qualquer homem que quisesse ou pudesse se aproximar. Era mais seguro se juntar com elas em um canto, que se arriscar a aceitar algum dos pedidos para dançar ou para algo inclusive menos atraente, como desfrutar de um flerte.

Ultimamente não tinha a menor idéia de como se fazia isso.

— Estou segura de que minha opinião não importará a nenhum dos dois.

— Murmurou. — Sua insolência é legendária. Em minha opinião, todo esse assunto é de mau gosto.

— Bem disse. — Assentiu com firmeza a honorável Condessa de Langtry.

— É inaceitável, sem dúvida. Tem você razão.

Somou-se a ela um coro de vozes; todas estavam concordavam com ela. Mas por mais que o grupo se queixasse do comportamento dos dois homens, não pareciam ter nenhum problema em comer com os olhos os objetos de sua conversa.

Ela era, naturalmente, a distante, alheia e tão indiferente Lady Wynn. Era natural que desdenhasse falar sequer de algo tão oposto a sua existência plácida e encerrada.

Se elas soubessem a verdade...

Deus, não queira. Pensou com um ligeiro estremecimento.

Por fim, não conseguiu continuar sentada e fingir que o assunto do belo Duque e o galhardo Conde a aborrecia. Desculpou-se e saiu para jardins que havia atrás da esplendorosa mansão. Aspirou o ar, como se pudesse com isso curar e emendar todas as derrocadas de sua vida.

Não, somente ela poderia conseguir.

No terraço havia uns quantos convidados mais, de modo que ela caminhou rumo aos canteiros e arbustos vagando por um atalho em sombras. As estrelas cobriam o céu da noite como uma coberta de diamantes. Tentou avaliar as emoções que a perturbavam naquele momento. Realmente poderia fazer algo assim? Um encontro romântico e secreto para elucidar uma aposta entre dois cavalheiros, que admitiam que no momento da mesma estavam sob a influência de uma considerável quantidade de vinho?

Corou e agradeceu por ninguém vê-la. Nunca tinha visto nada parecido a imperturbável avaliação masculina que o Duque havia mostrado por sua pessoa na taberna. Mas a própria reação foi de todo inesperada. Normalmente se sentia invadida por uma incômoda mistura de estupidez e inquietação.

Por alguma razão, não havia lheafetado no modo. Talvez seu papel na aposta tivesse colocado em marcha desde o começo, um mecanismo de interação entre eles. A reunião tinha decidido ela.

Decidir... Que conceito tão novo em sua vida.

Na passagem roçou com a saia as lustrosas folhas de algum arbusto e as pétalas de uma flor branca se dispersaram pelo tecido, como o estalo de uma rajada em uma tormenta de neve. A fragrância era doce, inocente e cativante. Sacudiu da saia distraída e voltou o rosto para a agradável brisa.

Pelo menos seus futuros amantes pareciam capazes de respeitar o pedido de manter sua identidade em segredo. Nenhum dos dois tinha procurado-a nem com o olhar durante a festa.

Tudo sairá bem. Afirmou-se.

E rezou para que estivesse certa.

Capítulo 6

Não havia ninguém em Londres que tivesse outra coisa com que se incomodar, além dessa aposta infernal?

Annabel Reid afastou o pires; a taça vibrou e espalhou um pouco de chá. Apertou os dentes confiando que ninguém tivesse notado e tentou aparentar a maior serenidade possível.

Ela sabia que em parte, o crescente interesse se devia a presença dos dois implicados no baile dos Branscum, na noite anterior. Ambos haviam conversado por um momento, indiferentes aos murmúrios que tinham suscitado, como de costume. Formavam uma dupla muito atraente, como sempre: o Duque, com sua intensa atração morena e a energia natural que emanava dele de forma espontânea, e Derek Drake, quem ela conhecia desde que havia aprendido a andar, com sua devastadora beleza e encanto e charme, inatos.

Só ela não estava encantada.

Que o homem pudesse ter uma atração máscula em todos os sentidos, a ela aborrecia. O sorriso fácil e a cordialidade só mascaravam os defeitos que havia sob a superfície.

Sim, o desprezava.

Profundamente.

Completamente.

— Perdoe-me, querida. Mas você não é parente de Manderville, Senhorita Reid?

Annabel levantou o olhar e só nesse momento se deu conta com irritação de que se dirigiam a ela. Um grupo de oito damas a observavam espectadoras e sua futura sogra estava entre elas. As demais eram várias tias e primas de Alfred. Inexplicavelmente horrorizada pela pergunta, pigarreou limpando a garganta.

— Não... Não. Absolutamente. Seu tio é meu tutor. Somente isso.

Era verdade. Não havia parentesco sangüíneo entre eles. Thomas Drake e seu pai haviam sido amigos íntimos por toda a vida e o vínculo tivera força suficiente para que seu pai, prevendo que se acontecesse o pior, como havia acontecido, seu velho amigo se ocupasse dela. À morte de seus progenitores em um acidente de navegação deixara órfã uma menina de oito anos, desamparada e desconcertada. Pensasse o que pensasse nesse momento sobre seu infame sobrinho Derek, Sir Thomas era um homem

maravilhoso. Ele e sua esposa Margaret a tinham tratado como uma filha. Como não tinham filhos, ela se perguntava se não tinha havia sido uma bênção para eles em certo sentido, tanto como eles eram para ela.

De qualquer forma, por mais que gostasse de Thomas e Margaret, Derek era um caso bem diferente.

— Mas você cresceu na propriedade da família... Estou equivocada? — Lady Henderson a fitou com evidente curiosidade.

— Eu... Bem... Sim. Em... Berkshire.

Por que havia gaguejado ao responder, sobretudo quando tantas mulheres lhe observavam? O incômodo assunto era a última coisa que desejava comentar. Odiava intrigas. Seria feliz se o escandaloso assunto fosse deixasse de lado. Estava sentada no salão da residência londrina de seu noivo, com aquela mobília tão formal e o ambiente cheio de gente demais para seu gosto; já era o bastante ruim, sem a necessidade de voltar uma vez mais ao espinhoso assunto. Annabel gostava muito mais dos livros e da solidão, que daqueles afetados encontros para o chá. Um bom exemplar de Voltaire e uma poltrona junto a uma janela ensolarada eram bem mais de seu agrado que a presente situação.

— Imagino que você o vê com bastante frequência. — Nos olhos claros de Lady Henderson havia um matiz de curiosidade.

Todas elas a fitavam com interesse. Claro. Fitavam daquela forma porque estavam falando de Derek Drake e seu nome não passava inadvertido quando mencionado em uma sala repleta de mulheres.

Maldição.

Sim, era um pouco mortificante saber que de fato ele era o proprietário da casa que ela considerava seu lar. Seu tutor era o irmão caçula do pai de Derek, o falecido Conde. Por isso tinha a desagradável sensação de que Derek havia proporcionado seu dote. Quando perguntou diretamente a Margaret sobre a questão, ela havia se mostrado evasiva e como nunca lhe mentiria, a resposta ficou clara. Thomas possuía uma boa posição econômica, mas Derek tinha a verdadeira fortuna da família.

Era irônico. O homem a quem uma vez acreditou amar contribuía com o dinheiro como incentivo para que outro se casasse com ela.

— Não tão freqüentemente. — Assinalou. — Ele é dez anos mais velho que eu. Quando eu tinha oito anos ele estava em Cambridge e, de qualquer modo parece que ele prefere Londres a Berkshire. Mal vejo. Nem quando estamos na cidade, já que ele tem casa própria aqui.

Outra dama. Estava segura de que seu noivo a chamava tia Ida, murmurou:

— Imagino a razão. Londres é bem mais... Populosa.

O qual significava mais mulheres disponíveis. A implicação era clara e embora a última coisa que desejava era defender a um irremediável libertino como o Conde de Manderville, inexplicavelmente o fez.

— De fato, ele tem muitos negócios e quando está na cidade lhe é mais fácil entrar em contato com seus advogados administradores. É um homem muito ocupado e Manderville Hall não é prático.

— Imagino. — Outra dama, magra e com um cabelo escuro que não correspondia a sua idade, soltou uma gargalhada sonora e cortante. — Mas duvido que os negócios sejam sua principal preocupação. Não obstante é um jovem tão bonito que suas indiscrições são fáceis de perdoar.

— Mais que Rothay? — Perguntou outra.

— Impossível. — Interveio uma terceira.

Sim. Replicou seu traiçoeiro coração. *Mais que qualquer homem do mundo.*

Adorava-o quando era menina... O malicioso sorriso e o humor espontâneo o converteram de forma natural em um herói para uma menina que havia ficado órfã. Quando recordava o passado reconhecia que ele havia lhe suportado com amabilidade, sempre pisando em seus calcanhares. Que jovem de dezoito anos teria encontrado tempo para dar um pônei a uma menina e lhe ensinar a montar era um ponto ao seu favor, mas mesmo assim... Era um infame desprezível. A aparência angelical que a natureza havia lhe outorgado era uma fraude da pior espécie. Os olhos fascinantes e os traços delicadamente cinzelados deveriam ser acompanhados por dois chifres e uma cauda bífida.

— Como pode alguém decidir quem é mais bonito? — Gorjeou uma das jovens primas de Alfred, com um tênue rubor na face. — Os dois são divinos.

— Cale-se, Eugenia. — Repreendeu-a sua mãe.

— É como se ambos nadassem sempre em vários escândalos. — A enxuta tia interveio novamente, com severidade, mas em seus olhos havia um brilho de malicioso gosto. — Não faz apenas alguns meses que Lorde Tanner ameaçou citar Manderville em seu processo de divórcio, argumentando que sua esposa havia cometido adultério com ele?

Quatro meses exatamente, desde que o desagradável rumor se alastrou. Mas ela, que ficava doente cada vez que pensava nisso, não fez o menor comentário. Era melhor que guardasse para si mesma os sentimentos sobre o imoral conde, a ter que explicar a razão de seu intenso despeito. A acusação pública de que Derek havia feito parte da ruptura de um matrimônio fez com que sua opinião sobre ele caísse ainda mais, algo que ela havia acreditado impossível.

— E agora esta competição indecente. Embora seja bem pouco apropriado pensar nisso, não pode se deixar de perguntar como pensam elucidar sua pequena disputa. — Ida, uma das matronas que acabava de qualificar o assunto de extravagante, parecia muito disposta a comentá-lo. — Ouvi dizer que essa atriz russa, a que interpretou tão bem o papel de Ofélia apesar de seu espantoso sotaque, será quem ditará o vencedor. — Lady Henderson, que não convinha aumentar o tamanho de sua já ampla cintura, escolheu outro doce da bandeja.

— Seriamente? Bem, eu me inteirei...

Annabel se concentrou com desespero em abstrair-se da conversa. Seus esforços foram inúteis e provavelmente acabou passando a impressão de muito apagada e silenciosa, mas conseguiu decidir que vestido usaria para a festa dessa noite. De modo que a tarde não foi um absoluto desperdício.

Agradecia a Deus que o chá interminável havia acabado e elas a acompanharem até a carruagem que a esperava. Logo estaria casada e deixariam de relacioná-la com Derek Drake de uma vez por todas. Bem, não de tudo porque seu tio e sua tia tinham boa opinião dele, e Thomas e Margaret eram como pais para ela; mas pelo menos já não teria que suportar sua companhia freqüentemente. Além disso, quando acontecesse, Alfred estaria ao seu lado e isso a ajudaria.

Ajudaria a que? A pergunta muda a obrigou a se voltar para a janela, enquanto a carruagem empreendia a marcha. Melhor não pensar nisso. Nele.

Tenterden Manor não correspondia precisamente à idéia que fazia de uma pequena propriedade rural, pensou Caroline com irônico nervosismo, mas o Duque tinha razão em uma coisa. Era isolada.

Estava centrada em meio ao um denso arvoredo e o sol da meia tarde refletia em sua antiga estrutura de pedra. A elegante fachada mostrava uma evidente influencia Isabelina em suas extensas alas, partes das quais obviamente haviam sido acrescentadas ao longo dos anos. Embora o Duque quase não residisse ali a área em volta era de um verdor intenso, bem cuidada e havia um limpo e serpenteante atalho de cascalho que chegava até a porta principal. Fileiras de janelas com emolduradas pela hera davam a casa o aspecto encantador de um conto de fadas; árvores frondosas estendiam seus galhos cobertos de folhas sobre a maioria do terreno, de forma que a cuidada grama estava salpicada de flashes de

bolinhas da luz do sol.

Era preciosa e bem particular. Justo o que eles necessitavam para o breve interlúdio.

Oh, Deus! A apreensão apertava sua garganta lhe deixando difícil engolir a saliva.

Ainda não era muito tarde, recordou-se, para pedir a Huw que desse a volta. Que a levasse de volta a Londres e então esquecer a louca escapada. Além do risco que estava assumindo, como se sentiria quando as duas próximas semanas tivessem terminado?

Como uma prostituta por haver se dado aos dois canalhas mais famosos da sociedade?

Provavelmente. Mas também era certo que talvez, ao contrário, pudesse por fim se sentir realmente como uma mulher, se seu inapropriado comportamento lhe trouxesse alguma recompensa. O passo que daria para mudar sua vida era drástico, e talvez medidas drásticas fossem necessárias. Entretanto, que humilhante seria se ela se transformasse em uma decepção para o notório Duque de Rothay.

Ao contrário, afirmou-se com firmeza, quando o veículo se deteve e seu estômago se contraiu; a aposta entre ela e o Conde consistia em que eles provassem suas habilidades na cama. Dela se esperava tão somente que emitisse o voto sobre qual era o mais capaz.

Parecia bastante fácil.

O forte Huw estava junto à portinhola da carruagem, com a mão estendida para ajudá-la a descer. Seu largo rosto não deixava entrever curiosidade ou censura. Estava tão inexpressivo como quando a levou a mísera taberna. Caroline não pôde evitar se perguntar o que ele pensaria quando entendesse que o objetivo de sua viagem era um encontro romântico. Ele trabalhava para ela há vários anos e maninham uma relação de criado e senhoria muito cômoda. Sabia que muitas coisas poderiam mudar a partir desta temerária aventura, além de sua percepção sobre si mesma como mulher, e se perguntava até que ponto devia lhe preocupar a opinião de um criado. A maioria das pessoas da alta sociedade a tranquilizaria dizendo que não devia lhe preocupar em nada a opinião de um criado, mas ela não estava segura de ser tão indiferente.

— Obrigado. — Murmurou ao descer confiando em que seu conflito não fosse evidente.

— É um prazer, Milady. — Huw inclinou a cabeça com expressão neutra.

A porta principal se abriu e, enquanto ela subia os degraus com incrustações de tijolo, o Duque apareceu em pessoa. Na breve nota com as indicações que ele havia lhe enviado mencionou que na casa havia bem

pouco serviço porque ele apenas a usava, mas a última coisa que ela imaginava era de alguém de sua linhagem fazendo as funções de um laçao. Era incomum. Além disso, ele usava uma vestimenta muito informal: uma camisa branca de manga longa, calça justa e preta e botas reluzentes. Parecia mais jovem, mas não menos formidável, em certo sentido.

A vestimenta singela acentuava sua estatura e a impressionante largura de suas costas, e sublinhava a força musculosa de suas longas pernas. O característico cabelo negro e brilhante lhe acariciava os ombros, e resplandecia ao sol do crepúsculo, emoldurando a bela e irresistível fisionomia masculina. Ela teve a impressão de que avistava realmente o homem e não só o endinheirado e belo aristocrata de sorriso extraordinário e segurança irresistível. A roupa indicava também a relação íntima que deixava clara a situação atual. Afinal ela ia passar a próxima semana em sua cama.

Quando ele se adiantou cortesmente para pegar sua mão, inclinou-se diante dela e roçou apenas sua pele com os lábios. Ela sentiu um ligeiro arrepio.

Ele se ergueu e murmurou:

— Bem vinda, Milady.

— Boa tarde, Excelência. — Caroline conseguiu que sua voz não vacilasse, embora seu pulso houvesse intensificado o ritmo. O Duque era muito mais alto que ela e parecia ter as costas enormes.

Seus olhos negros a fitavam atentamente, com um leve toque de ironia.

— Espero que esteja preparada para passar uma semana em um ambiente rústico. Como já lhe adverti, a criadagem é pouca por aqui. A governanta ficou um pouco nervosa com minha chegada. Venha comigo. Vamos entrar. Pedirei um pouco de chá e então poderemos... Conhecer-nos.

Tão logo? Caroline não estava segura do que ele queria dizer com o comentário e se sentiu presa de sua habitual incerteza. Buscando toda sua audácia, murmurou com frieza:

— Acredito que seja aceitável.

Agora ele parecia divertido e em seus lábios se desenhava um ricto.

— Você se expressou como a autêntica e gélida Lady Wynn. Por favor, não esqueça que somente mencionei um chá.

Caroline era bem consciente de sua fama de distante e desafeta. Era a razão pela qual havia embarcado na presente loucura.

— Ambos sabemos por que estou aqui, Rothay.

— Sim, sabemos. — Ele seguia lhe retendo a mão mantendo-a levemente presa com seus dedos largos. Era uma licença que se permitia, mas dadas

as circunstâncias, o que podia objetar?

Rothay se inclinou o bastante para que sua respiração lhe acariciasse o ouvido.

— Não pensa em se derreter facilmente, não é?

As palavras ditas em voz baixa a obrigaram a se afastar e observá-lo por um segundo, sem saber como lhe responder, com um peculiar formigamento na boca de seu estômago. Possivelmente o melhor era a usar a sinceridade.

— Não. — Admitiu finalmente.

Para sua tranqüilidade, ele não disse nada mais e lhe soltou a mão.

— Vamos entrar?

Ela passou ao seu lado e se dirigiu ao vestibulo, bastante desconcertada pela leve intimidade do intercâmbio. No momento se deu conta, e agradeceu a distração, de que por mais rural que ele considerasse o ambiente, o lugar com seus painéis de madeira envernizada, seus belos e polidos assoalhos e o teto alto era confortável e refinado ao mesmo tempo, com um aspecto de beleza antiga. Um bom interior sob um exterior aprazível e a sensação de pertencer ao bucólico cenário, o aroma da cera e o pão assado enchia o ambiente...

— Isto é muito agradável. — Ela conseguiu dizer com aprumo, embora a alusão houvesse devolvido à superfície, velhas e persistentes inseguranças. E se ela fosse realmente desapaixonada e incapaz de reagir com um homem?

Nicholas Manning olhou em redor. O vestibulo antecedia a um ambiente aberto e com uma enorme lareira, onde uma série de poltronas e agrupadas que favoreciam um diálogo. Ao fundo subia uma graciosa escada curva de madeira esculpida.

— Mais do que eu me lembrava. — Admitiu. — Deixei passar muito tempo sem vir por aqui. Graças aos meus ilustres antepassados possuo oito casas mais por diversas regiões da Inglaterra. Diria que os Rothay acumulam propriedades cada vez que se casa um herdeiro, que as crianças juntam doces. É impossível viver em todas elas e, por outro lado, minha presença em Londres é requerida freqüentemente, para que possa passar muito tempo no campo.

O tom seco de sua voz indicou a Caroline que na referência ao seu patrimônio havia certa comiseração por si mesmo, e agraciada pela falta de presunção que ele demonstrava lançou uma ligeira gargalhada.

— Não acredito que muita gente se compadeça por ser muito rico, Excelência.

— Pode ser que não. — Ela pegou-a pelo cotovelo e a guiou pelo corredor.

— Mas tem seus riscos, como tudo. A senhora Sims lhe mostrará seus aposentos e quando estiver preparada, por favor, reúna-se comigo para tomar alguma coisa.

A governanta era uma senhora com voz suave e um sotaque escocês, que a acompanhou ao andar de acima, até um quanto encantador com uma vista esplendorosa sobre os jardins, cujas janelas abertas deixavam entrar o doce aroma das rosas em flor. Para ser uma residência campestre, os móveis eram realmente elegantes, embora antiquados. Havia uma cama enorme com um dossel de seda azul pálido, e um tapete com um exuberante desenho em cores marfim, rosa e azul. O efeito geral a fez se sentir como uma convidada de honra, mas não pôde evitar se perguntar se o elegante aposento não havia sido elaborado para a senhora da casa. Sobretudo quando notou a porta que obviamente conduzia a outro aposento.

Convidada de honra? Bem, imaginava que era isso. Nicholas Manning queria que pensasse que era um amante soberbo.

Não obstante, para chegar a essa conclusão precisaria de algo mais que um quarto bonito. Observou a porta contígua e sentiu outro arrepio de inquietação.

Capítulo 7

Suaves sombras se estendiam pela grama e uma brisa aromática circulava por entre as árvores balançando as folhas brilhantes, e dava para pensar que todos os pássaros da Inglaterra haviam se reunido para trilar e cantar. Um coelho atravessou saltitante um dos atalhos de cascalho, mordiscou uma fibra de grama e deixou cair uma orelha de lado, indiferente ante a presença dos dois no terraço de ladrilhos que havia a poucos metros dali. Era como um daqueles cenários que ele recordava dos livros infantis, onde o mundo era um lugar perpetuamente ensolarado de céus incólumes.

Ou talvez sua enfasiada alma passasse muito tempo na cidade.

Um conto de fadas clássico não era completo sem uma preciosa donzela.

Nicholas, reclinado em uma confortável poltrona bebia conhaque, não chá, e observava sua bela convidada com o que esperava parecer uma atenção despreocupada e não o voraz interesse que sentia, na realidade.

A noite em que Derek e ele se excederam tanto na bebida era confusa, e quando na manhã seguinte se deu conta de que haviam tornado pública a aposta ao anotá-la no livro de apostas do White's, emitiu um grunhido íntimo. Acreditava que a melhor forma de suportar o subsequente furor de interesse e rumores era tratar aquilo com o máximo senso de humor possível. Não obstante, com a fascinante Lady Wynn sentada a sua frente, não estava tão seguro de que, depois de tudo, aquilo tivesse sido um garrafal engano de bêbados.

Até mesmo a maneira que ela bebia os goles de seu chá, levantando as mãos e roçando apenas a beirada da xícara com os lábios, era reservado e comedido. Seu olhar parecia fixo em algum objeto distante não identificado, como se diretamente não olhasse a ele.

Havia encontrado Caroline de passagem uma ou duas vezes, mas devido a sua condição de solteira, primeiro por sua posição de jovem recém casada que ainda não tinha um herdeiro, e mais adiante por seu retiro da sociedade após a morte de seu marido. Na verdade, não lhe prestado muita atenção. Sim, havia pensado que era deliciosa em um sentido exuberante e opulento. O abundante cabelo e a pele imaculada ressaltavam os incríveis olhos prateados, mas simplesmente, ele jamais perseguiria alguém como ela. Era como admirar um quadro em um museu; atraía seu olhar e o agradava em um sentido estético, mas sabia que nunca o possuiria. Então não perdia tempo pensando muito nisso.

Salvo que tudo havia mudado.

Ele a possuiria em um sentido muito sexual e a desejava de tal modo que estava atônito. Talvez fosse o incomum da situação. Talvez fosse a estúpida e arrogante aposta, mas não conseguia recordar a última vez que havia sentido um interesse tão intenso por uma mulher em um período tão curto.

— Fale-me de você. — Pediu, com a taça de conhaque na mão e observando-a tomar outro gole da deliciosa xícara de porcelana. A luz do sol realçava os gloriosos reflexos avermelhados de seu cabelo da cor do mogno. Usava um elegante vestido cinza prateado que combinava com seus olhos e embora em qualquer outra mulher essa cor pudesse carecer de estilo, a ela assentava perfeitamente, porque realçava tanto sua vibrante cor como a finura voluptuosa de sua silhueta.

Não podia esperar que chegasse o momento de tirá-lo, decidiu com uma impaciência pouco habitual nele. A protuberância de seu busto sob o discreto decote atraía seu olhar e lhe provocava idéias pouco cavalheirescas sobre o que sentiria ao tocar e provar os tentadores seios.

Caroline parecia um pouco surpresa.

— O que quer saber, Excelência?

— Chame-me Nicholas.

— Se for o que deseja... — Ela replicou, mas parecia vacilante e se apressou a tomar outro gole de chá. A taça tremeu um pouco ao lhe roçar os lábios, mas bastou para que ele fixasse.

Sua boca também era atraente. Lábios no tom de um rosa claro, e o inferior ligeiramente mais carnudo, com uma curva perfeita e sensual. Belíssimo.

— De onde você é? — Insistiu.

— De York. — Ela respondeu de boa vontade, mas sua expressão conservava o olhar solene que a fazia parecer tão distante. — Minha mãe morreu quando eu era uma menina e meu pai era um homem ocupado, por isso passei muito tempo em Londres com minha tia. Foi ela quem organizou minha apresentação a sociedade e meu matrimônio.

Duas frases que não resumiam exatamente a vida de alguém.

— Tem irmãos ou irmãs?

— Não.

Não estava acostumado a ser tão difícil conseguir cercar uma mulher com o diálogo. Arqueou a sobancelha, surpreso e voltou a tentar.

— Quais são suas afeições? Teatro, a ópera ou a moda?

Ela pensou.

— Eu adoro ler. — Ela respondeu, simplesmente. — Qualquer coisa. Novelas, o jornal desde a primeira à última página, inclusive textos

científicos se encontrar. Essa foi sempre minha paixão. Minha preceptora era uma mulher de idéias avançadas. Ela esporeou minha curiosidade e me emprestou livros cuja leitura estou segura de que minha tia não teria aprovado. O pai da senhorita Dunsworth era um famoso antiquário e possuía uma coleção de obras de todas as partes do mundo. Ao morrer, ele a deixou pobre em certo sentido, mas rica em outro, se o conhecimento for valorizado. Teve que vendê-lo tudo, mas conservou sua biblioteca.

A ele não incomodavam as mulheres que usavam o cérebro, como acontecia a vários de seus conhecidos. Também gostou da palavra paixão quando saiu dos lábios dela.

— Qual é seu autor favorito?

— Voltaire, se me obrigar a escolher um. — Tinha uma expressão corajosa que iluminava seu encantador rosto.

— Quem mais?

Ela gostava dos gregos clássicos, Shakespeare, Alexander Pope, as obras mais recentes de certos autores populares do momento, alguns dos quais ele ainda não tinha lido.

O sol lhe dava calor, o conhaque era antigo e delicioso, e ele estava... Encantado.

Pelas inclinações literárias? Era uma revelação. Normalmente as mulheres só tinham uma utilidade superficial em sua vida, mas ali, nos olhos de Caroline havia uma centelha que lhe atraía. Desde que descobriu sua identidade na taberna estava fascinado.

Mas assim que reconduziu de novo a conversa ao assunto da família dela, o entusiasmo se apagou da expressão de Caroline, que centrou deliberadamente a atenção em sua xícara de chá.

— Como já lhe disse vivi com minha tia. Morreu apenas um mês depois que Edward.

Nicholas esperou. Ao parecia não receberia mais informação, mas sentia bastante curiosidade sobre seu matrimônio, como resultado da nota que ela tinha escrito.

— Conheci seu marido, embora muito vagamente.

— Teve sorte.

Ele não pôde evitar arquear as sobrancelhas ante o tom direto.

— Entendo.

Caroline o fitou por cima da beirada da xícara e logo a deixou de lado com um cuidado que lhe pareceu deliberado. Os luminosos olhos acinzentados e emoldurados de forma tão encantada por cílios densos e nítidos eram bem diretos.

— Me perdoe, mas não. Não entende. Nunca casaram você com um

homem a quem não importa o mínimo. Você nunca serviu aos caprichos de ninguém, e por favor, admita que é consciente das diferenças entre os sexos em nossa sociedade, que permite que cavalheiros aristocratas façam apostas extravagantes sobre a falta de virtude, enquanto às mulheres as julgam com muita severidade em função de que a conservem.

Durante um momento, Nicholas não soube o que dizer. Lady Wynn não flertava, isso já o tinha notado, e pelo parecer tinha a habilidade ser direta e gratamente sincera.

— Tem razão. A partir de agora me absterei de tirar conclusões presunçosas.

A fácil aquiescência pareceu desconcertá-la, pois torceu a boca e conseguiu novamente atrair a caprichosa atenção dele para seus doces lábios.

— Sinto muito. — Ela disse com um leve suspiro depois de um momento. — Sou um pouco suscetível ao assunto do matrimônio. E por isso não tenho intenção de formar parte nunca mais desse acordo.

— Não tem por que se desculpar em expressar sua opinião. Asseguro-lhe. No rosto dela revoou um olhar irônico.

— Acredito que acabo de brigar com o Duque de Rothay.

— Que sem dúvida merece de vez em quando. — Ele sorriu. — Pode ser que aconteça com mais frequência.

— E você é muito... — Caroline pareceu procurar a palavra, que finalmente encontrou. — Gentil. A maioria dos homens quer que a mulher concorde com tudo o que dizem. Eu considero isso tedioso.

— Por isso a atitude dissuasiva para todos os entusiastas cavalheiros que se congregam ao seu redor, em qualquer ato? — Nicholas se acomodou em sua poltrona, desfrutando não só da cálida e agradável brisa do entardecer, mas também da singular falta de flerte dela. Estava acostumado com as mulheres que o adulassem, não que o repreendessem por sua escassa compreensão de sua posição no mundo.

— Digamos simplesmente que valorizo minha independência.

Podiam não conhecer muito bem um ao outro, mas tinham isso em comum.

— Como eu.

— Assim dizem. — Nos lábios dela se desenhou um sorriso pleno e fascinante, que obrigou o corpo de Nicholas, que já estava absolutamente alerta, a tomar ciência.

A mudança era notável. O sorriso transformou a distante figura de mármore em uma mulher doce e atraente.

Nicholas se revolveu na poltrona, ligeiramente excitado, sentindo o aperto

na calça. Que estranho. A dama não usava dissimulações, e sequer fingiu desconhecer o que lhe falava. E ele descobriu que gostava de sua franqueza.

— Não deve acreditar em todos os rumores que circulam sobre mim, mas este é correto. — Concordou devagar.

— Certamente há muitos. Você tem uma das piores reputações de toda a Inglaterra.

— Não posso compreender por que.

— Ah, não? As histórias abundam.

— Acredito. Mas a verdade e os falatórios raramente andam juntos, Milady. Ela fitou-o muito séria.

— Pretende me dizer que você, e quero lhe recordar que recentemente fez uma aposta muito arrogante sobre suas supostas habilidades nessa mesma área que estamos debatendo, é mais virtuoso do que implicam esses rumores?

Era virtuoso? Nicholas estava seguro de que nunca lhe tinham aplicado essa alcunha, mas em sentido abstrato possivelmente fosse. Para ele era uma questão de honra não se misturar nunca com alguém que pudesse levar a sério o jogo da sedução. Sorriu com uma despreocupação indolente e deliberada.

— Pode ser. Admito que deixei de me defender há anos.

— Mas você quer companhia, sem liames?

— Absolutamente. — Desde Helena havia descoberto que as aventuras amorosas eram melhores se fossem reduzidas ao puro e simples prazer físico.

Houve um tempo, antes que compreendesse que os sonhos de amor não eram mais que isso, em que havia cometido um engano de proporções colossais. Um que certamente não cometeria jamais. Tinha sido uma dura lição, mas então ele era jovem, estúpido e cheio de sonhos idealistas. A experiência podia ser uma pílula amarga e o sabor que ficara era difícil de esquecer.

Pelo visto, Caroline tinha interpretado corretamente sua expressão.

— Bem, ninguém sabe que estou aqui, Excelência. Estamos sozinhos, de forma anônima e somos livres de fazer o que nos agrada.

— Nicholas. — Ele lhe recordou com um leve sorriso, contemplando o modo como a luz brincava entre os frágeis traços de seu rosto e ao longo das curvas esbeltas de seus ombros, projetando uma deliciosa sombra sobre aquela tentadora fenda entre seus terminantes seios, que insinuava apenas o decote de seu vestido. — Gostaria de entrar?

Ela não passou por alto ao ouvir a proposta e suas bochechas adquiriram

um tom rosado.

— Agora? É meia tarde.

Ele reprimiu o riso ante a ingênua hipótese de que as pessoas só faziam amor depois do pôr-do-sol. Para ser uma viúva era bastante inocente.

— Por que esperar? — Murmurou. — Poderíamos conversar mais comodamente.

— Conversar?

— Entre outras coisas.

O rubor das bochechas de Caroline adquiriu um tom rosado mais intenso.

Na cama, ele queria dizer. Embora nesse contexto ele não era acostumado a gostar de conversar, especialmente, mas estava disposto a aceitar se ela se sentisse mais cômoda. Ele não lidava com virgens. Jamais. Havia recebido a educação de herdeiro de um ducado, e lhe tinham explicado sobre os riscos da perda da inocência assim que foi o bastante crescido para entender o conceito; mas começava a ter a sensação de que ela era o mais parecido a uma virgem com quem poderia estar, até que se casasse. Era evidente que apesar de sua compostura estava muito nervosa, e que era bem consciente dele como homem. O fato aumentava seu interesse a um nível surpreendente.

Nicholas se levantou, se aproximou para lhe pegar a mão, e puxou com suavidade para colocá-la em pé. Baixou os olhos para a face que estava voltada para cima, para ele, e se concentrou na boca.

— Em minha opinião, você é preciosa, Lady Wynn.

Os olhos prateados cintilaram.

— Não vai dizer outra coisa, naturalmente. — Ela replicou em voz baixa.

— Só digo o que penso. — E era sincero. Seduzir às mulheres até seu leito não incluía falsos galanteios. Não necessitava da coação e se ela pensava o contrário era mais inocente do que acreditava. Claro que alguém de sua deliciosa beleza havia recebido adulações poéticas suficientes para toda uma vida. — Se esta não é a primeira vez que ouve, por que não confia em minha sinceridade?

Acariciou-lhe o cabelo bem levemente, tão somente passando a parte de atrás dos dedos pelo cabelo vibrante e sedoso. A cor, castanho intenso com brilhos avermelhados, lhe recordava o outono. Alguns cachos soltos emolduravam o rosto ovalado e realçavam a curva de seu pescoço. A cor quente a favorecia, apesar da reputação de ser fria e distante.

Nicholas faria com gosto outra aposta temerária sobre que, de fato, ela não era fria. Absolutamente. Obviamente seu marido havia sido um camponês no quarto, mas ele teria o prazer de lhe ensinar os benefícios do mútuo desfruto físico entre uma mulher e um homem.

Caroline lhe dedicou um sorriso sonhador.

— Mal o conheço, Nicholas.

Ele gostou de ouvir seu nome nos lábios dela.

— Acho que era consciente disso antes de me enviar a resposta a aposta. Que melhor forma de nos conhecer?

Qualquer resposta que ela pudesse ter dado foi silenciada quando ele inclinou a cabeça e lhe tomou os lábios. Pôs as mãos em sua cintura com firmeza, mas sem insistência, enquanto amoldava com muita doçura os lábios dos dois.

Seus instintos eram muito centrados quando se tratava das mulheres. Já se tinha dado conta de que a persuasão se tornaria muito bem eficaz que a paixão impetuosa. Havia muitas mulheres que gostavam que as capturassem; que desejavam que seu amante não só as possuísse, mas que também as dominasse, mas já havia compreendido que Caroline não era uma delas, mesmo antes de tocá-la.

Ela tinha um sabor doce e tê-la nos braços lhe produziu uma sensação incrível. Seus seios lhe roçavam levemente o peito, mas quando ele acariciou com a língua o interior de sua boca, ela fez um movimento brusco que só podia indicar surpresa.

Demônios!

Deteve-se por um segundo se freando ante a assombrosa evidência.

Era impossível que uma mulher que estivera casada nunca tivesse beijado de forma íntima, mas Nicholas notou que ela respondia indecisa à exploração de sua língua, como se não tivesse nem idéia do que fazer.

Essa era uma faceta interessante do colóquio amoroso campestre. Nicholas continuou. Seguiu beijando-a sem exigir, mas provocando sutilmente que se aproximasse mais, de modo que seus corpos se tocassem de forma mais completa. No geral teria considerado desmoralizador o particular grau de inexperiência, mas... Provavelmente era uma situação única, talvez fosse sua irresistível beleza, ou podia ser que fosse somente à perfeição com a que ela se encaixava em seus braços... Não estava seguro, mas descobriu que estava mais intrigado que nunca.

— Posso voltar a convidá-la a entrar? — Murmurou junto a seus lábios.

A essas alturas ela estava colada a sua crescente ereção, de maneira que não era possível interpretar errado o que a proposta implicava. Mas afinal, não era para isso que estava ali?

Caroline assentiu. Nicholas se afastou, pegou a mão e sorriu.

Ela não lhe devolveu o sorriso, mas o fitou atentamente por um momento, com os incríveis olhos totalmente abertos e o rosto ruborizado. Não era mal sinal, pensou, enquanto ela se deixava conduzir para interior e pela escada,

para seus aposentos. A casa estava silenciosa ao entardecer; sem dúvida a senhora Sims continuava ocupada com as obrigações causadas pela inesperada visita. Não havia tido tempo de conseguir mais criados e já posto que ele soubesse que Caroline desejava o anonimato, não havia trazido consigo nenhum, salvo o cocheiro . Até mesmo seu ajudante de câmara havia ficado em Londres, de maneira que o quarto estava vazio e, quando ele fechou a porta as suas costas, soube que estariam sozinhos até que desejassem. A governanta tinha instruções estritas de não incomodá-los, a menos que a chamassem.

— Nossos aposentos se comunicam. — Caroline deu uma examinada na parede que separava os dois quartos.

— Prático. Não lhe parece? — Nicholas sorriu. Com um olhar ardoroso admirou o aspecto gracioso e feminino, na atmosfera masculina de seu quarto. A mobília era de um tamanho excessivo, como a cama de proporções enormes sobre o soalho, com sua madeira esculpida e escura. Possuía vários séculos de antigüidade. Em uma tela sobre a lareira, uma de suas augustas antepassadas posava com rendas, meias e espartilho.

Por outro lado, ela era curvas e sombras. Sedutora e... Oh, tão acessível ali.

A vibrante ereção, produto do beijo pressionou novamente o tecido de sua calça.

— Façamos da forma apropriada.

Ela não resistiu quando lhe soltou os cabelos que caíram livremente sobre suas costas. Tinha o tato da seda macia que se espalhou sobre suas mãos, em uma fragrância doce e feminina. Enquanto lhe desabotoava o vestido a beijou suavemente para tranquilizá-la, preocupando-se em não se apressar e nem alarmá-la. Pegou-a em braços, levou-a para a cama e lhe tirou os sapatos e as meias com a mesma habilidade de um perito, admirando sua beleza com um critério meramente masculino, enquanto se sentava para tirar as botas. Acabou em um tempo recorde e se levantou para terminar de se despir.

Estava surpreso, porque tinha autêntica pressa.

Vestida unicamente com sua camisa íntima e sob a luz enviesada do sol do crepúsculo que entrava pelas janelas, Caroline era uma Vênus perfeita de cabelos escuros, quase avermelhados. Extremidades flexíveis e pele pálida sem mácula, emoldurada por uma cascata de mechas cintilantes. Seus seios terminantes tremiam a cada vez que respirava e seus olhos pareciam mais escuros, dilatados, com a extraordinária cor da prata, matizados pela paixão... .. Ou pelo medo.

Nicholas se deu conta do fato, com consternação, enquanto seus dedos

interrompiam o ato de desabotoar a camisa.

Sim, pensou enquanto se esforçava para acreditar. Medo. O tremor da mulher que estava em sua cama não tinha nada a ver com o desejo.

Em vez de estar ruborizada pela excitação, naquele momento ela mostrava um rosto algo pálido. Com a camisa aberta até a cintura, ele deixou cair às mãos sem saber como reagir ante o inesperado giro dos acontecimentos.

— Não é necessário que aconteça, sabe? Não tem mais que dizer. Em vez disso podemos beber vinho sob o sol da tarde e amanhã você pode partir, se deseja.

Ela pensou um segundo e logo sussurrou:

— É tão evidente?

Na cama, Nicholas não estava acostumado a nada que não fosse uma impaciência total, de maneira que a resposta era um clamoroso sim. Não obstante, pareceu-lhe melhor usar a diplomacia.

— É óbvio que você não está se sentindo cômoda, Milady. — Respondeu-lhe com doçura. — Nossa aposta foi produto de um instante estúpido entre dois cavalheiros que haviam bebido além da conta, e que pela manhã compartilharam uma forte ressaca. Embora sua elegante presença em minha cama me seja atraente, não é necessário que siga adiante com sua oferta.

Com a deliciosa semi nudez aos elegantes lençóis da cama, Caroline lhe sorriu levemente.

— Não me surpreende que seu encanto seja legendário, Rothay. Mas você acredita que me ofereci sem pensar? De todas as damas que conhece, provavelmente eu seja a última que esperava ter em sua cama, mas aqui estou e corresponde a você me seduzir. Certo?

E ela tinha razão. Estava seguro de que o que Derek ou ele haviam pensado não era em uma mulher assustada e nervosa, mas ela se ofereceu, eles tinham aceitado. E ele quem estava ansioso por tê-la a sós.

— Só se você desejar.

— Se não fosse assim, não estaria aqui.

Por que demônios ela estava ali, se a idéia de compartilhar seu leito a fazia empalidecer e estremecer de temor? Caroline declarou com um leve matiz de angústia:

— Quero fazer isto.

Seria certo? O corpo incontrolável o urgia a continuar, mas mesmo assim não se moveu. Toda aventura tinha seus requisitos e cada mulher era diferente, mas aquela situação lhe dava o que pensar. Tinha a sensação de que custava a ela um esforço tremendo estar ali, obediente e disposta.

Era desalentador.

Que diabos havia feito, ou não feito, Wynn a ela?

— Você é virgem? — Fez a pergunta em voz baixa, sem saber exatamente como proceder se ela confirmasse. Não pensava fingir não ter notado sua reação quando a beijou. Aquilo já não tinha nada a ver com a ridícula aposta. Começava a entender que para ela, nunca tinha tido nada a ver.

Ela afastou o olhar e engoliu a saliva visivelmente, movendo os músculos de seu fino pescoço.

— Não.

A pequena palavra continha um universo de significados.

Nicholas ficou bastante perplexo. Ele sabia tudo sobre jogos sexuais que homens e mulheres praticavam, mas sobre este não. Este não tinha a menor relação com a sedução despreocupada. Sentou-se e a acariciou; uma leve pressão sobre o queixo para que ela voltasse à face para ele. E com um ligeiro sobressalto de angústia notou que lágrimas cintilavam em seus cílios.

— Seduza-me. — Ela pediu em meio ao doloroso silêncio. — Por favor.

Capítulo 8

Se as coisas seguissem como estavam, ela seria a única mulher do mundo que havia estado seminua na cama do belo e sensual Duque de Rothay, que ele se negou a lhe fazer amor.

Por mais mortificante que fosse Caroline se surpreendeu que um libertino tão reconhecido tivesse a sensibilidade de saber que ela estava assustada. Parecia se sentir tão incômodo como ela e isso queria dizer alguma coisa. Em outras circunstâncias, inclusive lhe teria parecido divertido.

— Eu a desejo. É óbvio. — Ele murmurou finalmente, com um meio sorriso na face enquanto baixava os olhos para o impressionante vulto na frente de sua calça.

Deus santo! Pensou Caroline, Parece... Enorme.

Mas as viúvas chorosas, inexperientes e glaciais não eram o território habitual do conde de Rothay. Ele não precisava explicar nada. Quem poderia culpá-lo? Não importava a aparência que ela tivesse a sensualidade não era seu forte.

Mas ali estava ela, seminua, com o cabelo solto e em sua cama. Se nesse momento se acovardasse, a oportunidade desapareceria.

— Me beije outra vez. — urgiu Caroline fitando o interior daqueles olhos escuros da cor da meia-noite. Através da camisa desabotoada, ela avistava a firmeza de seu peito nu, que lhe provocou uma estranha sensação que se alojou na boca de seu estômago. O cabelo preto e brilhante, um pouco despenteado, roçou seu potente pescoço quando ele acabou de desabotoar a camisa. Sua morena beleza masculina era irresistível, mas também seu marido tinha sido um homem bonito. Talvez não um espécime tão magnífico como o infame Rothay, mas mesmo assim...

Não. Não pensaria em Edward. Não agora.

Nicholas se inclinou, ante sua surpresa, em vez de buscar sua boca para outro beijo devastador e perverso, passou os lábios sobre a reveladora umidade de seus cílios. Com delicados beijos, ele enxugou suas lágrimas e com elas parte de seus medos. Quando se deitou ao seu lado e a abraçou, ela se esforçou por seguir relaxada, até estar presa entre os braços fortes.

Nicholas cheirava maravilhosamente bem, de uma maneira estranha e cativante. Todos os homens despediam esse aroma picante e misterioso, ou era somente este?

— Você é muito bonita. — Ele sussurrou acariciando-a e lhe levantando a

camisa íntima com tanta sutileza que ela mal notou, até que seus dedos deslizaram sobre a curva da coxa nua.

Caroline se sobressaltou e ele retirou imediatamente a mão.

— Relaxe. — Ele murmurou em seu ouvido, com o hálito quente, enfeitiçador.

— Faço tudo o que posso. — *E o resultado é lamentável.* Recriminou-se com amargura. Talvez Edward estivesse certo. Porque deitar com um dos homens mais belos e encantadores da Inglaterra não lhe produzia efeito algum, talvez faltasse algo nela.

Bom, talvez nenhum efeito, não.

A respiração tranqüila e compassada e o firme batimento do coração de Nicholas mitigava de certo modo a consciência de Caroline, de quão pequena parecia comparada com aquele homem. Ante sua surpresa notou que lhe enrijeciam os seios, e quando ele roçou sua face com os lábios, suspirou e se voltou para lhe oferecer a boca.

— Talvez devêssemos começar devagar.

Ela desejou ter alguma idéia do que ele se referia exatamente, mas sequer pôde aventurar uma resposta.

— Como você queira.

Com que desespero ansiava estar à altura daquela proposta.

Nos lábios de Nicholas apareceu um sorriso cativante.

— Beijar é uma arte. Deseja algumas indicações?

— Por que outro motivo estaria aqui?

Em sua retirada propriedade, em sua cama e em seus braços. Por que outro, certamente, que não fora a inspiração que ela esperou obter?

— Nesse caso será um prazer, Milady.

Ele voltou a inclinar a cabeça, vagarosamente. Seus lábios acariciaram e grudaram nela.

Foi um beijo prolongado, luxurioso, tentador... Proibido. Foi um beijo autêntico.

A língua de Nicholas acariciou; explorou-lhe a boca e a obrigou a responder. Caroline começou a se sentir cômoda com o beijo, sobretudo porque ele se limitou a abraçá-la sem fazer nada mais. Além disso, estava completamente vestido, embora ela notasse o calor que emanava de sua pele nua, pela camisa desabotoada. Nicholas afastou os lábios e os aproximou novamente, dessa vez desceu pelo pescoço, se entretendo na curva da garganta.

De repente, o capricho de enviar aquela proposta, não, não foi um capricho realmente, pois havia lhe angustiado muito, parecia uma boa idéia.

Era assim que esperava se sentir.

Era prazeroso. Não, essa palavra não bastava. Mais que prazeroso. Sentia arrepios ante a provocadora pressão da boca de Nicholas.

— O que vou fazer agora é prová-la. — Ele sussurrou com os lábios colados a sua pele e com um tom rouco na voz. — Nada mais. Permite-me?

Ela notou então que ele sustentava entre os dedos o laço que fechava o decote de sua camisola íntima e que lhe pedia permissão para desfazê-lo.

Ela pedia. Era uma experiência insólita para ela. A idéia de que suas apetências pudessem ser objeto de consideração era tranquilizadora.

Mas a idéia de que ele desejasse vê-la nua era muito perturbadora. Era um dilema. Embora a última coisa que desejasse era que ele se limitasse a lhe levantar as saias e seguisse adiante; a idéia de estar nua diante dele, ou diante de qualquer homem, de fato a intimidava. E a plena luz do dia, nada menos. Já sabia que nada lhe seria fácil, mas enquanto ele esperava cortesmente naquele prolongado silêncio, ela sentiu um incomum brilho de confiança.

Um bom começo, pelo menos.

Caroline assentiu e sentiu o puxão do laço, com uma rajada de calor no rosto, quando sua veste se abriu mostrando seus seios. Nicholas contemplou a carne exposta e colocou a mão devagar entre o tecido aberto, para lhe roçar um mamilo com a ponta do dedo. Ela conteve um ofego.

— Da cor de uma rosa do verão, delicada e perfeita.

Caroline conseguiu de algum modo falar.

— Um elogio verdadeiramente... Florido, Excelência.

Divertido, Nicholas arqueou uma sobrancelha escura.

— Mas neste caso é pura verdade. Tampouco deve esquecer Caroline, que quando está em minha cama, eu sou um homem e você a mulher que desejo. Use meu nome de batismo.

Ela fechou os olhos sem poder evitar ante a carícia dos dedos que percorriam sua pele, para depois envolver completamente um seio com a mão morna e, para sua própria surpresa, o ardoroso olhar apaziguou alguns de seus receios.

Os olhos dele. Negros como a noite, sedutores como o pecado, emoldurados por cílios densos que contrastavam com a pureza da face esculpida. Caroline se permitiu elevar as pálpebras ao encontrar de seu olhar e sentiu um leve sobressalto, pois notou que sem mais, ele estava apoiado em um cotovelo contemplando sua face enquanto lhe acariciava o seio com a mão.

Esperando o que? Não fazia nem idéia. Aquilo era humilhante, e sua ignorância fez com que desprezasse ainda mais Edward.

— Supõe-se que devo fazer alguma coisa?

A boca dele se transformou em um sorriso surpreso.

— Fazer alguma coisa?

Era óbvio que desde o momento em que a beijou no terraço, ele tinha sido capaz de sentir através de sua aparência de viúva desenvolvida, dissimular parecia bobagem.

— Por favor, não ria de mim. Estou segura de que já notou...

— Não estou rindo de você. — Foi uma interrupção suave e tranqüila. — Estou admirando uma visão deliciosa e também planejando minha estratégia. Afinal, supõe-se que tenho que superar a mim mesmo de forma notável, e o certo é que a primeira vez é a mais crucial, não lhe parece?

— Não está você acostumado a mulheres como eu, claro. — Ela respondeu com toda a dignidade que lhe foi possível, dadas as circunstâncias. — Claro que deve estar esteja desconcertado.

Porque ela era um autêntico fracasso na cama. Ele estava acostumado às elegantes damas do mundo que estava habituado a conquistar. A distância entre essas experientes senhoras e sua inépcia era imensa.

— Desconcertado?

Então sorriu como um jovem, mas a conotação da embriagadora curva de seus lábios era própria de um homem feito. Mesmo em sua ignorância, ela percebeu, com um ligeiro tremor de espera, uma promessa.

— Claro que não. — Respondeu Nicholas enquanto apertava ligeiramente o montículo de carne que a mão abrangia. — Somente estou tentando decidir por onde começar. Você é como uma tela em branco, querida. A primeira pincelada é essencial.

A referência poética não era mais que um toque de seu experiente encanto, recordou a si mesma.

— Estou convencida que você é um artista soberano, Rothay.

— Soberano? Já ganhei? Com tanta facilidade?

— Está sendo sarcástico, além de arrogante. — Era um pouco difícil aparentar frieza e distância enquanto os hábeis dedos lhe massageavam o mamilo excitado.

— Percebo certo escárnio?

Ela gostava do tom ligeiramente irônico e ele começava a vencer sua apreensão. Não era admirar que as mulheres sucumbissem às dezenas, pensou ao sentir um estranho calor entre as coxas. Em sua impressionante altura e evidente força, Nicholas transmitia a impressão de poder sem ameaças, de carisma masculino sem dominação. Inclusive seu sorriso continha uma promessa sensual manifesta.

Talvez a impulsiva e escandalosa resposta sua a aposta não tinha sido tão mal, depois de tudo. Certamente significaria sua ruína definitiva se alguém

averiguasse, mas pelo menos valeria à pena.

Quando ele inclinou a cabeça e prendeu o mamilo entre os lábios, ela estremeceu e reprimiu com esforço um suspiro, embora tivesse a impressão de que ele havia notado. Para ela, a idéia de que um homem adulto sugar seus mamilos era surpreendente, mas ele satisfez primeiro um mamilo e logo o outro, e ela se deu conta que era uma sensação maravilhosa. Uma luxuriosa sensação de prazer começou a se apropriar de seu corpo enquanto ele provava e acariciava sem pressa, um seio ereto e depois o outro. Os apaixonados lábios traçaram os contornos do vale que havia entre eles, as partes inferiores e de novo os mamilos, agora tensos e brilhantes.

Mas ela não fazia nada mais que continuar ali deitada e convencida de que havia algo mais.

Edward havia lhe dito, da forma mais cáustica possível.

O Duque deslizou uma de suas mãos por um lado de sua perna e acariciou a parte interior do joelho. Tinha algo de delicioso. Caroline jamais imaginaria que aquele ponto fosse tão sensível. Lentamente, ele levantou-lhe a perna para que ficasse um pouco dobrada e logo lhe colocou outra vez o pé sobre a cama. Fez o mesmo com a outra, enquanto dedicava a seus lábios um daqueles beijos íntimos e prolongados, atrasando-se em sua boca; de forma que agora ela estava deitada com as pernas ligeiramente afastadas, e embora a camisa íntima cobrisse seu sexo deslizou até o princípio de suas coxas devido à sugestiva postura.

Dar-se conta de sua situação foi como sentir que um relâmpago a atravessasse. Estava na cama com o infame Duque de Rothay, virtualmente nua, com as pernas o bastante abertas para lhe dar acesso, se ele desejasse.

Desejava. Descobriu depois de um momento quando, com a delicadeza de uma carícia tão suave que mal a notou, ele deslizou a mão sob o tecido que a cobria e acariciou o triângulo de pêlo entre suas coxas. Ela tremeu e foi a única coisa que pôde fazer para não juntar as pernas com força, pois com o gesto conseguiria que a mão de Nicholas ficasse presa, justo onde desejava estar. Caroline respirou profunda e tranqüilamente e conseguiu ficar quieta.

Muito quieta. Bem quieta, porque ele disse:

— Isto deveria derretê-la, Caroline. Não convertê-la em uma estátua. Já notei que terei de ser muito, mas muito persuasivo. Não recolher a luva que você jogou ante mim e Manderville não seria nada galante de minha parte.

Já haviam lhe chamado de glacial e isto estava a um passo de frígida. Essa tinha sido a depreciativa opinião de Edward. Ela abriu a boca para se defender, mas as palavras não saíram. Em seu lugar emitiu algo entre um gemido e um grito inarticulado de protesto, quando seu belo sedutor mudou

a postura e postou as insistentes mãos sobre a parte interior de suas coxas tremulas, para afastá-los mais, e depois baixou a cabeça.

Ficou rígida... Totalmente horrorizada e tão atônita, que sequer se opôs à forma como lhe subiu de um puxão a camisa íntima deixando-a exposta da cintura para baixo. Roçou com a boca suas partes mais íntimas e depois se ficou ali, e a sensação que lhe provocou quando sua língua procurou suas dobras femininas foi... Foi... Uma revelação.

O Duque diabólico estava com a boca entre suas pernas e seu cabelo de seda escura lhe acariciava o interior das coxas, quando sua língua começou a fazer coisas inesperadas.

Pequenos espasmos de prazer assaltaram seu corpo e ela retorceu a roupa da cama com as mãos, como se precisasse se segurar para evitar sair voando. A sensibilidade ofendida prevaleceu em sua mente só um momento e logo se rendeu com enlevado deleite.

— Oh, Deus!

Nicholas riu entre dentes; foi um som breve que palpitou contra seu vibrante sexo, e ela soube então que havia proferido as palavras em voz alta. Em circunstâncias normais isso teria bastado para ruborizá-la, mas estas circunstâncias não eram normais, absolutamente. Ele mantinha seu corpo subjugado a uma posse erótica e ela afastou ainda mais as pernas, elevando um pouco os quadris, enquanto uma estranha sensação de espera a embargava.

Era isso. Essa era a razão pela qual as mulheres cobriam a boca para murmurar, agitavam os leques e falavam com reverência do formoso Duque moreno, com tímidas insinuações e emotivos suspiros. Ao sentir-se dominada por um deleite sensual, ela reagiu involuntariamente com um estremecimento.

Não houve forma de afogar o gemido impróprio de uma dama e, que por sua vez escapou, descobriu que já não lhe importava nenhum outro som, somente a misteriosa necessidade progressiva que crescia em seu interior. Era algo mágico, elusivo e cativante. Ardia-lhe o sangue e seu pulso acelerava. Com um movimento instintivo se arqueou para incrementar a pressão da boca embriagadora.

Era uma sensação maravilhosa, entre a agonia e o prazer, como se seu caprichoso corpo ansiasse alguma coisa.

Encontrou-o, ou a encontrou; um estalo de sorte, como se caísse vertiginosamente de uma grande altura, expulsando todo o ar dos pulmões, obrigando-a a emitir um pequeno grito quando o gozo físico a percorreu. Estremeceu e depois ficou tremula.

Em uma palavra... Glorioso.

Voltaram a aparecer vagos fragmentos da realidade. A elegância clássica dos aposentos do Duque banhado pelo sol, a semi nudez sob a camisa íntima desabotoada e o delicado tecido enrugado sobre seus quadris. E ele. O homem que acabava de lhe fazer a coisa mais escandalosa que jamais podia imaginar, de fato nunca poderia tê-la imaginado, a ela.

Nicholas Manning estava ao seu lado, esbelto e impressionante, com um proeminente vulto na frente da calça, embora não fizesse o menor movimento para tocá-la enquanto esperava que ela se recuperasse. Salvo pelas botas e a camisa desabotoada, ele seguia totalmente vestido.

Uma parte dela desejava lhe apagar o sorriso satisfeito do rosto, mas outra parte, a que a havia embarcado no assunto por essa precisa razão, desejava lhe agradecer do fundo do coração.

— Bem? — Ele se expressou, ajudado por um impudico elevar de uma de suas sobrancelhas escuras.

A mulher que estava deitada sobre sua cama de forma tão deliciosa era um enigma. Exuberante mas recatada, inexperiente, mas consciente da sensualidade interior que queria descobrir. Reprimida, mas sem vontade de continuar sendo. Sua beleza também era algo glorioso. O contraste entre os imaculados lençóis brancos e a resplandecente cabeleira era irresistível, os seios firmes e com uma forma perfeita e as pernas esbeltas e brancas. Os lábios carnudos e suaves que ele havia beijado eram do mesmo tom que seus mamilos, e ambos adotavam um profundo matiz rosado quando ele os mimava. Tudo, desde o delicado arco das sobrancelhas, a linha reta do pequeno nariz e a forma do queixo eram de uma feminilidade quase frágil. Nicholas tinha que admitir que sua aparência física havia lhe cativado.

E havia também a fascinante constatação de que acabava de lhe proporcionar o primeiro clímax sexual de sua vida. Apostava que o que havia acontecido entre ela e o falecido marido não deveria ter sido agradável, porque estava claro que ela não tinha uma natureza tímida. A ira que Nicholas sentiu pelo homem que já havia morrido era fútil, mas sentiu. O que Wynn havia feito para a mulher? Para ele tinha sido surpreendente saber que Caroline o temia em um sentido físico, mas aquilo explicava muitas coisas.

Se Lorde Wynn não estivesse já morto, não demoraria em provocá-lo, porque a violência contra as mulheres e crianças era algo que revolia seu estômago e sua destreza em um duelo com pistolas era indiscutível. Levantara-se ao amanhecer por causas bem menos valiosas.

A oferta de Caroline em arbitrar a disputa de não era somente o desejo de

uma viúva aborrecida, mas uma lição de valentia. Ela havia dado um grande passo para se liberar do medo inato que a obrigava a se mostrar tão fria e distante.

Ela voltou os extraordinários olhos para ele.

— Bem? — Repetiu ainda um pouco aturdida.

Ainda conservava seu sabor, o doce resíduo de sua rendição, nos lábios. Apesar da rígida e incômoda ereção, sorriu.

— Acredito que seja injusto lhe pergunte como está, de modo que expor de outra maneira. Gostaria de se vestir e sair para dar um passeio pelos jardins? Estão muitos bonitos nesta época do ano. Faz tanto tempo que não venho aqui, que já o tinha esquecido, mas dei uma volta enquanto esperava sua chegada e ele me pareceu encantador.

— Mas você não... Enfim, você não... — Um vivido rubor tomou o rosto de Caroline que levou a mão as rugas da camisa íntima, mas não a baixou para se cobrir, embora fosse evidente que desejasse. Seu olhar viajou pela patente ereção, claramente visível através da calça dele.

— Posso esperar.

— Não parece que deseje esperar, exce... Nicholas.

Seu membro ereto estava concordava absolutamente com ela, mas se desejasse ganhar sua confiança, o melhor era recorrer à contenção. Nicholas se sentou, cobriu-lhe as coxas com a camisa íntima e fechou o laço contra a vontade, sobre o que sem dúvida era o par de seios mais bonitos que jamais havia acariciado e provado.

— Temos toda a semana por diante.

Ela franziu o cenho.

— Fiz algo errado?

A pergunta o divertiu e o deixou perplexo ao mesmo tempo.

— O que lhe faz pensar isso, se me permitir perguntar?

Assim que proferiu as palavras, ele se deu conta de que havia uma coisa que ela ainda não tinha feito. Embora tivesse lhe beijado, provado os deliciosos seios e a levado ao clímax com os lábios, ela não lhe havia tocado nenhuma só vez. Nem o cabelo com os dedos, ou o puxão nos ombros tão revelador, sequer havia apoiado a mão em suas costas.

Fez-se uma promessa silenciosa: antes que terminasse a semana, ele mudaria tudo. Tinha a impressão de que ganhar sua confiança em um sentido intelectual era tão importante como conquistar seu esplendoroso corpo.

Era um desafio inesperado.

Ela respondeu sua pergunta de um modo indireto.

— Não quero... Decepcionar-lhe.

Era uma idéia tão absurda, que a fitou.

— Prometo-lhe que não é assim. E não, você não fez nada errado. Você me intriga em muitos sentidos, Milady. Então, vamos dar uma volta pelos jardins e começamos talvez nos conhecer um pouquinho melhor? Os amantes devem ter algo mais em comum que as relações sexuais, não acha? Digam o que digam, não valorizo uma mulher só pelo prazer físico que ela me proporciona.

E era certo, mas com uma volta filosófica. A cercania emocional tampouco era seu objetivo. Aquele era um atalho desastroso que preferia não transitar. Gostava de ser amigo de suas amantes, nada mais. E por último, aplainava o caminho para uma despedida mais cordial.

Com uma rajada de sua brilhante cabeleira mogno e um pequeno sorriso que embelezou a boca tão apetecível, Caroline se sentou.

— Vejo que tem o propósito de ganhar esta aposta. Quem diria que o Duque diabólico tem sensibilidade romântica?

— Qualquer pessoa que me conheça bem jamais. — Ele replicou com suavidade. — Quando estou com uma mulher formosa quero conhecê-lo tudo dela, não só seu corpo.

— Quanto à última parte, — Ela apontou com ironia, — acredito que em meu caso já nos ocupamos mais que isso. Diria que sou a única que está nua.

Nicholas, que mal havia começado a iniciá-la nos prazeres da carne, sorriu.

— Devo admitir que este seja um bom ponto de partida. Não tenha medo, mais tarde me despirei.

Capítulo 9

Se desse um murro na parede alguém poderia notar, então talvez fosse melhor que não o fizesse. Mas, ao inferno com todos. Desejava esmurrar. Derek tomou meia taça de vinho de um só gole. E pensar que tinha que suportar o resto da noite lhe veio a vontade de sair disparado pela porta. De toda maneira, se saísse, seu humilhante segredo ficaria exposto ante o mundo, e isso era algo que devia evitar a qualquer preço. Se não podia ter o que queria, pelo menos conservaria algum vestígio de orgulho masculino.

Diabos! Era necessário que Annabel estivesse tão bela? Claro que estava. Recordou-se com sardônica franqueza. Mesmo que ela usasse panos rotos seria a mulher mais encantadora da sala, e com um vestido decotado de seda azul que realçava seus olhos e seu belo tom dourado, bem... Estava impressionante. Embora fizesse o possível para aparentar indiferença, apoiando um ombro contra a parede com um gesto despreocupado, Derek a seguia por todo o aposento com o olhar melancólico, enquanto ela se misturava aos convidados, aceitava felicitações e, o pior de tudo, brindava de forma premeditada um de seus deslumbrantes e favorecedores sorrisos...

— Acredito que tudo saiu bem, não te parece?

Thomas Drake, o irmão caçula de seu pai, deu um gole de sua taça de vinho e se reuniu com Derek no canto do elegante salão.

Derek assentiu com cortesia.

— Uma festa esplêndida, tio.

— Annabel parece muito feliz, não?

Derek apertou os dentes.

— Sim.

— É evidente que Lorde Hyatt está apaixonado.

Era um fato. O maldito tipo estava babando. Derek preferiu não fazer comentários. Hyatt não era o único homem apaixonado naquela sala.

— Sua tia Margaret pensou que o melhor seria uma tranqüila festa familiar antes do grande baile de noivado. Eu também opino que é muito agradável estarmos todos juntos. Na celebração formal haverá muita gente. Alegro-me que tenha vindo.

Já que ele teria preferido que um cavalo o arrastasse nu por um campo formado por sarças e pedras, Derek mal conseguiu esboçar um sorriso forçado.

— Não deixaria de comparecer.

— A comida estava deliciosa, não acha? — Alto e esbelto, com aspecto de erudito, Thomas elevou as sobrancelhas durante uma fração de segundo.

Para Derek poderia ter sido um grude. Passou todo o jantar bebendo, sem provar um bocado. Emitiu um grunhido que podia significar assentimento e olhou ao redor. O tio estava certo. Uma reunião familiar de umas trinta pessoas era melhor que um salão de festa cheio de convidados, mas somente em sentido marginal. Ele continuava tendo que adotar uma verossímil atitude de indiferença, ou pior, de alegria pelo feliz casal, além de se ver obrigado a cercar uma conversa apropriada com tias avós e primos distantes.

Por isso se acomodou em um extremo da sala, tão afastado como pôde. Se pudesse se esconder atrás de um dos senhoriais poltronas ou subir pela chaminé de um dos diversos lares de mármore italiano, teria feito.

Mas ele era o Conde; sua tia havia solicitado sua presença e ele a apreciava sinceramente e o menos que podia fazer era suportar tudo com toda a equanimidade da que fosse capaz, dadas as circunstâncias.

— Claro que eu, de minha parte, não estava seguro de que Hyatt era para Annabel. Ela pode ser muito obstinada às vezes e esse homem é um pouco submisso. — Thomas soltou uma risadinha. — Por que estou te dizendo isto? Você conhece-a de toda a vida, virtualmente e sabe que de menina travessa, ela se converteu em uma mulher que sabe muito bem o que quer. Estará de acordo comigo em que ela necessita de uma mão firme.

O que necessitava, pensou Derek de um modo insalubre, eram das mãos dele sobre ela, acariciando cada delicioso milímetro, lhe dando um prazer delicioso e inesquecível... Ele pigarreou.

— Estou seguro de que Hyatt saberá o que fazer. — Segundo minha predição, ela poderá com ele. Ter que assistir o jantar já era bastante ruim, mas discutir sobre a mulher que amava e seu matrimônio com outro era imensamente pior. Derek olhou para o outro lado da sala, onde a luz dos candelabros criava intensos reflexos dourados no cabelo claro de Annabel, e ficou tenso. Ela era obstinada. E também brilhante e preciosa, e estava muito perto, mesmo em uma sala abarrotada.

— Necessito de mais vinho. — Disse. — Me desculpe, por favor.

— Sim. Não pude evitar notar que não me parece muito bem. Parece-me desgraçado. Mas o vinho é a solução?

A serena pergunta de Thomas deteve Derek no momento. Ficou imóvel e se voltou.

Desgraçado era pouco, mas acreditava que tinha conseguido ocultar bastante bem seus sentimentos. Thomas continuou:

— Tentei me manter à margem, mas decidi que não lhes fez nenhum bem. Pensou alguma vez em dizer a ela o que sente?

Derek passou um momento terrível no qual quis agir como se não tivesse entendido, mas Thomas o conhecia muito bem. Sempre estava ao seu lado quando assumiu suas responsabilidades como Conde; em muitos sentidos, tinha sido como um pai desde que Derek perdeu ao seu, ainda muito jovem. Exalou uma baforada de ar entrecortado, passou os dedos pelo cabelo e não respondeu com dissimulação.

— Ela me despreza.

— Pensa mesmo isso? — Thomas perguntou, com olhar inexpressivo.

— Ela deixou bastante claro. — Derek captou o tom defensivo de sua voz e fez o possível para moderá-lo. — É culpa minha e estou pagando, mas é assim.

— Você se importaria de me contar o que aconteceu? Perguntei a ela sobre as evidentes diferenças e ela se negou a me explicar.

Importar? Maldição! Sim, importava-lhe. Trazia-lhe novamente à memória o rosto de Annabel durante a desafortunada noite. Derek se esforçou ao máximo para parecer indiferente, mas sentia um nó no estômago.

— Temo que tenha me pegado em uma indiscrição bastante flagrante com Lady Bellvue. Acho que se lembra que ela foi nossa convidada em Manderville Hall no ano passado.

A favor de Thomas era que não o olhou com recriminação. Nem tampouco parecia surpreso.

— Imaginei que seria algo parecido. Lembro-me que a dama em questão andou te perseguindo com ardor durante toda a estadia. Acredito que não me surpreende descobrir que finalmente sucumbiu.

— Não, não deveria ter sucumbido. O fato podia ter sido a debilidade mais fatal de toda sua vida. Derek explodiu. — Maldição, tio. Não me desculpe. Não deveria ter tocado em Isabella e não o teria feito se...

— Se?

Se não tivesse ido à biblioteca naquela fatídica tarde. Ainda recordava como a luz do sol caía sobre o tapete oriental, como o ar estava carregado do aroma de couro e de papel amarelado, e como ele não se surpreendeu o mínimo ao descobrir que a sala já estava ocupada, porque Annabel freqüentemente vivia com seu preciso narizinho metido em um livro. Ela já estava ali, com um vestido de dia de musselina branca e uma espécie de bordado de pequenas flores amarelas, que lhe dava um aspecto excepcionalmente encantador, e seu cintilante cabelo recolhido na nuca com um singelo laço de cetim. Quando ele entrou, ela levantou o olhar e sorriu lhe pegando bastante despreparado para a intensidade de sua

própria reação.

Por causa de um sorriso.

Sim, sabia que Annabel sentia um amor infantil por ele. A princípio, quando descobriu sentiu-se divertido, porque embora estivesse muito acostumado que as mulheres o perseguissem e gostava muito desse jogo, não estava habituado a ser o objeto de adoração de uma juvenzinha. Depois passaram vários anos, e ela deixou de ser a menina simpática que estava acostumada a estar ao seu redor, para se converter em uma jovem muito formosa. Além da mera transformação física de menina a mulher, ela também era inteligente, eloquente e como seu tio acabava de assinalar, capaz de expressar sua opinião na maioria dos assuntos. Mesmo quando mais jovem se mostrou aventureira, entusiasta da vida e decidida a superar a horrenda tragédia da perda de seus pais naquele terrível acidente. Talvez, pelo fato de ficar órfã em tão tenra idade possuía a natureza forte e segura, ou provavelmente não fosse mais que um aspecto inato de sua personalidade, mas fosse o que fosse gostava de seu aspecto de independência; sempre havia gostado. Na juvenzinha era simpático, na mulher era intrigante.

Para sua surpresa, Derek passou a pensar nela com frequência, mesmo quando estava em Londres e ela em Berkshire. Ao recordar agora o passado, dava-se conta de que ia a Manderville Hall com mais frequência do que o necessário e que Annabel era o motivo. Seu riso, a tendência que tinha de se inclinar para frente quando discutia um assunto, a inteligência tão pouco convencional que não esforçava em ocultar... Tudo o atraía.

Como era possível? Ele, nada menos, interessado em uma juvenzinha que acabava de sair do colégio? Não.

Ou estava?

Aquela tarde fatal na biblioteca, depois de fingir que procurava um livro e soltar uma série de comentários graciosos para poder ouvir a música de seu riso fez uma coisa imperdoável: Havia lhe beijado. Oh, foi um beijo habilmente executado, porque possuía muita experiência na arte do flerte e ela não estava a sua altura. Conseguiu levá-la junto à janela para admirar a vista das roseiras, rosa-lede, colocou um, mais perto do correto, postou a mão na parte baixa de suas costas e arqueou um pouco o corpo baixando o olhar para ela. Ainda lembrava vividamente que ela abriu enormemente os olhos por um segundo ao notar de suas intenções. Ainda lembrava-se de sua agradável entrega.

Sua boca tinha o sabor dos morangos amadurecidos, quente e inocente, e quando ela lhe acariciou o pescoço com dedos vacilantes, seu corpo enrijeceu de desejo. Com um infalível instinto feminino, Annabel se deixou encostar contra ele, entregando tudo, e ele aceitou a preciosa oferta que o

condenou diretamente ao inferno.

O primeiro beijo de Annabel havia lhe convertido em escolhido.

E mais, ele havia desejado ser o escolhido.

Entretanto, a realidade tinha o feio costume de irromper de repente, e isso fez com que ele levantasse a cabeça e fitasse seus olhos. Eram azuis, de um tom nítido que só podia ser comparado ao céu espaçoso de verão, e guardavam um toque sonhador de felicidade, enquanto o brilho de um sorriso acariciava seus lábios suaves e ainda úmidos.

Então ela o disse. *Não pare.* Com um sussurro entrecortado e singular que trouxe para ele um jorro da gélida realidade.

Não pare. Ela estava louca? É obvio que devia parar.

Que maldição, ele acabava de fazer?

Estava com vinte e sete e ela ainda não havia completo dezoito anos. Ele era um cavalheiro com uma formidável reputação de libertino, até certo ponto merecida embora não de todo, e ela era a inocente pupila de seu tio. A menos que quisesse se casar com ela, não devia encostar um dedo nela e muito menos fomentar seu amor.

Naquele momento a palavra matrimônio lhe dava mais medo que o diabo. Não estava seguro de que agora lhe produzira o mesmo efeito, mas então a perspectiva tinha sido distinta.

Então, em um ato de covardia ainda maior que tê-la beijado, balbuciou uma desculpa banal, saiu do aposento bruscamente e a evitou durante o resto do dia, porque não tinha nem idéia do que fazer com os tumultuosos sentimentos de culpa, de conflito e de alguma coisa mais... Algo difícil de definir. Quando tinha acontecido aquilo? Quando a menina se converteu em uma mulher e se deu conta dele?

E mais, quando havia se sentido miserável com isso? Não pela recém descoberta maturidade de Annabel, não pela delicada forma em que o olhava ou se movia, mas sim por ela. A centelha de seu riso, a astúcia rápida e brilhante, o extraordinário brilho de seus olhos quando se fixavam nele.

Havia seduzido, fascinado e conquistado dezenas de mulheres, sem perder a liberdade. E esta jovenzinha, apenas uma moça, não devia afetar sua vida e nem a suas emoções.

Mas afetara.

Naquela noite, mais tarde, quando Isabella Bellvue havia lhe abordado na estufa, ele não se resistiu as suas propostas. Somente para tirar da cabeça a imagem de Annabel. Que, talvez por sua má sorte ou provavelmente pelo destino, veio chamá-lo.

O olhar de desilusão no rosto dela antes de se voltar e fugir ficaria gravada

em sua memória para sempre. No dia seguinte foi ainda mais estúpido e agravou seu pecado partindo para Londres sem lhe dizer uma palavra. No ano que havia transcorrido após, Annabel mal havia lhe dirigido a palavra. Não a culpava. Por duas vezes tinha tentado lhe oferecer algum tipo de desculpa banal, mas em ambas as ocasiões ela se limitara a se afastar dele, sem lhe deixar balbuciar mais que poucas sílabas. Depois da segunda tentativa, ela lhe disse que esqueceria o incidente, por que ela também o esqueceria e que o mundo estava cheio de mulheres bonitas que não o desprezavam.

Palavras, mas o fantasma do beijo o perseguia.

Derek tinha chegado à conclusão de que não lhe seria fácil afastá-la de sua vida, mas isso mal importava agora. Já havia se afastado dele se comprometendo com outro homem.

— Se eu não fosse um maldito idiota. — Disse pesaroso.

— Em ocasiões como esta, concordo. — Thomas sorriu com benevolência. — Mas também é verdade que a maioria, poderia dizer o mesmo. A verdadeira questão é se você quer remediar o dano ocasionado. Em minha opinião, o persistente desdém de Annabel é um indício da força de seus sentimentos. Ela o adorava quando era uma menina e pelo visto, agora que se converteu em uma mulher, o sentimento se intensificou. Descobri-lo em uma situação comprometedora com outra mulher provavelmente lhe fez mal. Talvez devesse tentar reparar essa dor.

— Ela mal fala comigo e, além disso, se por acaso não tenha notado, ela está prometida a outro.

Thomas dirigiu um olhar pensativo para onde Annabel estava com o noivo.

— O que sei Derek, é que não está feliz, seja qual for à fachada que mostre em público. Opino que Hyatt seja um homem afável e que gosta o bastante dela, mas este não é um casamento por amor. Por parte dela não.

— A maioria dos matrimônios atuais não é. — Derek falou com a autoridade de um homem que sabia que dizia a verdade. O fato formava parte do estilo de vida da alta sociedade. Não era necessário o amor para que um matrimônio fosse vantajoso.

Thomas não pensava em se dar por vencido.

— Ambos sabemos que Annabel merece a felicidade, não a simples tranquilidade.

Uma conversa dessa e uma taça vazia? Nenhuma das duas o atraía. Derek fez um gesto de indefeso com a mão. — Me parece que ela escolheu seu caminho.

— Pode ser que uma opção diferente a leve em outra direção. Responda-me a isto. Se fosse livre e pudesse persuadi-la para que te desse uma

segunda oportunidade, você se casaria com ela?

— Sim.

Deus bendito, sequer havia duvidado em responder. Necessitava de algo mais forte que o ponche que bebia. Acabava de confirmar que consideraria um casamento?

Thomas, seu tio, lhe dedicou um sorriso radiante.

— Sim? — Provocou com ironia. — você nem sempre se comporta como um idiota, além de sua recente e escandalosa aposta com Rothay.

— Não foi uma de minhas melhores idéias. — Reconheceu Derek com uma pontada de dor em seu íntimo. — Mas o anúncio do compromisso de Annabel havia saído no jornal naquela manhã. Embebedar-me pareceu o certo a fazer.

— Como agora?

— Às vezes a insensibilidade tem suas vantagens.

— O que tem que fazer, — explicou-lhe Thomas, — é mudar sua forma de pensar. Se ela não quer falar contigo, e estou quase seguro de que é algo que segue em sua mente, use esse legendário talento em algo bom, para variar. Deus sabe que levou anos aperfeiçoando-o em uma infinidade de leitões. Não deixe que toda essa prática se desperdice quando há algo importante em perigo.

Derek ficou sem palavras, desconcertado, enquanto seu tio se misturava aos convidados.

Thomas havia lhe sugerido realmente, que seduzisse Annabel?

O jantar foi simples, mas delicioso como somente uma comida do campo poderia ser. A manteiga estava recém batida; as verduras recém colhidas da horta estavam tenras e a vitela era aromática e coberta por um abundante molho. Para sobremesa a senhora Sims fez um bolo de frutas com peras do pomar. Caroline saboreou cada bocado.

Também gostou da conversa, para sua surpresa. Os dois se sentaram em uma encantadora sala de teto baixo e grandes janelas, que normalmente se usava para tomar o café da manhã. A mesa era pequena e o espaço não era chamativo, mas muito agradável.

A luz das velas iluminava uma mesa que possuía muitos anos de uso, mas que estava cuidada até o último detalhe, como todo o resto, do brioso assoalho de madeira escura até o mural de um jardim primaveril na parede. Era uma sala encantadora e informal, e absolutamente o que ela esperava de um honorável Duque com uma vasta fortuna ao seu dispor.

A falta de pretensão era agradável. E fato também a surpreendeu.

Ele a surpreendeu.

Continuava apreensiva ante a noite iminente, mas Nicholas Manning tinha uma habilidade singular para canalizar grande parte da conversa sem monopolizá-la, e ela já havia notado que ele pertencia a uma estranha classe de homem que não desejava falar mais de si mesmo do que de qualquer outro assunto.

Seus cavalos eram outro assunto. Estava claro que seu passatempo era também uma obsessão, e ela tinha visto pessoalmente em Ascot, o êxito que lhe reportava.

— Naquele dia, Norfolk ganhou, — disse ele depois do jantar, enquanto acariciava uma taça de vinho do porto e lhe contava o final de uma anedota, com um leve e peculiar sorriso na face, — com uma fratura na pata traseira. Nem pôde sair da zona dos ganhadores. Nunca tinha visto tanta coragem e um animal. Meu treinador chorou. Admito que também derramei algumas lágrimas.

O Duque diabólico chorando por um cavalo ferido, quando com seu dinheiro poderia comprar outro, ou quantos quisesse mais?

Caroline o fitou do outro lado da mesa.

— Sempre foi tão aficionado por cavalos?

A risada de Nicholas foi um brilho de dentes brancos.

— Acredito que sim. Desde menino fazia de tudo para escapar de meu tutor, mas ele sabia que se desaparecia misteriosamente na hora das aulas, ele me encontraria nos estábulos. Ainda hoje o cavalo puro sangue me parecem mais interessantes que o latim e o grego.

Imaginá-lo um menino a intrigava. Não estava segura do por que, talvez pelo o quão deprimente tivesse sido a própria infância.

— Tem irmãos e irmãs? — Graças à brisa que entrava pelas janelas abertas, Caroline sentia o aroma fresco da grama e das flores recém cortadas; a serenidade da tarde a relaxava.

— Uma irmã mais velha. — Ele respondeu de boa vontade. — Está casada com um barão e têm três filhas. Charles trabalha no Ministério da Guerra, com um cargo do que ninguém faz menção.

Caroline, que tinha passado a infância privada do calor familiar sentiu uma pontada de inveja ao notar o afeto em sua voz.

— E sua mãe?

— Normalmente reside em Rothay Hall, em Kent, mas às vezes vem a Londres. — Ele arqueou uma sobrancelha. — É uma força da natureza e reconheço que faço todo o possível para evitar um contato excessivo com ela. Eu a respeito e a adoro, mas ela não deixa de tentar organizar minha

vida ao seu gosto.

O pai e a tia de Caroline haviam lhe criado e definitivamente não tinha sido a sua vontade, de forma que ela compreendeu a reserva de Nicholas.

— Pelo menos você é um Duque e ninguém pode lhe obrigar a nada. — Murmurou.

Nicholas a observou com um olhar equânime.

— Compreendo seus sentimentos, mas não se equivoque. Todos nós temos obrigações que não gostamos. Os títulos não dão carta branca para fazer o que nos agrada, acredite-me. — Ele mudou de posição, com um leve movimento para acomodar seu corpo, como uma pantera que se desperta depois de uma sesta sob o calor de um tórrido meio-dia. — Você me disse antes que sua tia faleceu. E seu pai?

Era justo. Havia perguntado por sua família.

Caroline moveu a cabeça.

— Segue em York e sem afirmar chegamos a um comum acordo de esquecer um do outro. Eu não era um varão.

— Ah. — Como herdeiro de um ducado essa única palavra provavelmente significava que o entendia muito bem.

A lembrança da recente visita de Franklin lhe veio à cabeça, e Caroline reprimiu um arrepio de inquietação.

— O primo de meu marido... O atual Lorde Wynn... É a única pessoa a quem posso considerar minha família, e neste caso gostaria que não fosse assim.

A expressão em sua face devia ser eloqüente, porque Nicholas franziu o cenho. Sentado em sua poltrona como um macho indolente, ele evidenciava uma atitude de arrogância não intencional, mas era evidente; como se ele fosse capaz de mudar as coisas.

— Ele lhe cria dificuldades?

— Gostaria de criar. — Ela admitiu.

— Posso ajudá-la?

Ela era a dona de sua vida e a um custo muito alto.

— Por que se ofereceria? — Desafiou-o. — E por que eu aceitaria?

Passado um momento no qual eles se limitaram a se fitar, ele sorriu.

— Não estou seguro de nenhum dos motivos, — acrescentou em voz baixa, — salvo que eu gosto de estar aqui com você. Isto... — Ele assinalou a acolhedora sala, a mesa onde ainda havia pratos dispersados — É agradável.

A mais simples afirmação. Entretanto, convincente. Tampouco era um flerte, não do tipo lisonjeador que ela esperava, mas imensamente persuasivo, já que evocava a possibilidade de que Nicholas ser sincero e

não tão só encantador.

— Agradável? — Caroline arqueou uma sobrancelha e lhe devolveu o sorriso.

O Duque de Rothay se acomodou de novo em sua poltrona, com as longas pernas estendidas e a taça de vinho na mão.

— Pensei que fosse a palavra adequada. Devo reformulá-la?

— Não. — Ela respondeu sem pensar.

Interpôs a lembrança da gloriosa explosão de prazer que ele havia lhe proporcionado aquela tarde. Várias vezes examinara-o do outro lado da pequena mesa, tomada por uma sensação de incredulidade. Não somente por estar ali com ele, fazendo uma das coisas mais... Não, a coisa mais escandalosa de sua vida; mas também por ele não ser como o que absolutamente esperava. Parte do personagem era autêntica: ali estava certamente o carisma do aristocrata atrevido, mas era uma fachada refinada e o homem que havia sob ela não parecia calculista e nem alguém que procurasse o prazer egoístico. Antes, Nicholas tinha se dado conta de que ela teria lhe permitido que fazer amor, mas havia optado por não fazer, embora tivesse visto claramente que ele estava mais que disposto. Podia ter sido humilhante saber que ele havia percebido com tanta facilidade que estava nervosa e assustada, mas tinha demonstrado uma sensibilidade inesperada.

Um libertino perspicaz. Hum... Essa era uma faceta interessante que não esperava encontrar.

Mas também era certo que não sabia absolutamente o que esperar.

Entre um pai indiferente e um marido dominante e cruel, não tinha boa opinião dos homens em geral. Talvez a revelação sexual não fosse a única coisa que aprenderia nesta semana perversa.

— Amanhã de manhã poderíamos cavalgar até o rio, se quiser.

Caroline recuperou a atenção de repente e notou que a reflexão havia lhe provocado um leve rubor nas faces.

— Estou ao seu dispor.

Nicholas sorriu e maliciosas ruguinhas apareceram nas extremidades de seus olhos.

— Eu gosto de como isso soa, Milady.

O timbre rouco de sua voz a inquietou.

— O que quero dizer... — Replicou cortante, mas logo se calou. De fato, queria dizer exatamente o que disse.

Nicholas arqueou as sobrancelhas. Continuava sentado, confortável e relaxado.

— Para você tudo tem que ter uma conotação sexual, Rothay?

Caroline recuperou a atitude fria, como um manto protetor. Era mais fácil do que imaginava perguntar algo assim, depois do romântico passeio pelos jardins, durante o qual ele tinha recolhido rosas para ela e havia inclusive colocado uma na orelha depois do jantar íntimo.

— Quando estou com alguém tão belo como você é provável. — Ele encolheu os largos ombros com impertinência.

— E alguém resiste? — Tinha que admitir que sentisse curiosidade. Ele gozava de uma reputação formidável, mas não podia confiar em boatos.

Nicholas brincou indolente com o suporte de sua taça de vinho. A cintilante luz das velas dançou sobre sua face estilizada destacando a perfeição a elegante estrutura óssea e fazendo reluzir o cabelo azeviche.

— Sou exigente na hora de selecionar minhas opções.

— Em outras palavras, uma vez que escolheu uma mulher entre uma multidão de admiradoras entusiastas, é dela? — Caroline ouvira os comentários e tinha sido testemunha do efeito que ele provocava ao entrar em um salão de festa ou cavalgando pelo Hyde Park.

A risada de Nicholas foi baixa e doce.

— Você faz com que soe de mau gosto. Como separar uma égua da manada.

As brincadeiras engenhosas não eram a especialidade de Caroline. Tivera bem pouca prática ao longo da vida.

— Às vezes sou muito franca. — Admitiu. — Minha tia passou quase toda a vida me dizendo o quanto isso é inapropriado em uma dama, embora minha preceptora me animasse a pensar com liberdade, e acredito que em parte essa medida é a razão pela qual sou tão calada quando estou em público. Deus sabe que é bem provável que fale alguma coisa diretamente. Deve ser por ter passado muito tempo sozinha, quando menina. Não é preciso mentir a si mesmo.

Nicholas se reclinou novamente na poltrona com um ar de total relaxamento másculo. Era difícil interpretar sua expressão.

— E a inveja, acredite-me ou não.

— O que inveja?

— A idéia de que você desfrutou de certa privacidade em sua infância, assim como a capacidade de opinar com franqueza. Eu, como herdeiro do ducado estive rodeado de pessoas desde que nasci que me ensinaram a me expressar com diplomacia, a partir do momento em que pronunciei a primeira palavra, me acredite. O título vem acompanhado de certo grau de responsabilidade e inevitável submissão à crítica social.

— Nunca tinha visto por este lado. — Caroline inclinou a cabeça de um lado, estudando-o. — É difícil se compadecer de alguém que é bonito, rico e

nobre, mas suponho que tudo tem suas inconvenientes.

— É difícil se compadecer de uma mulher que é herdeira de uma beleza aprazível, alguém que poderia escolher entre todos os homens de Londres, mas é possível que mesmo assim tenha seus próprios demônios.

A perspicácia se aproximava muito à verdade.

Sim, Edward era um demônio espreitando suas tentativas de viver uma vida plena.

— Touché. — Replicou com frieza. — Espero exorcizar um deles esta semana.

— Depois de saborear uma amostra de sua paixão, posso dizer com toda sinceridade que para mim será um prazer ajudá-la a exorcizá-lo.

Nicholas replicou com uma segurança em si mesmo tão espontânea, que ela precisou se forçar a dissimular o intenso rubor que lhe produziu a intensidade que ele havia colocado na palavra saborear, e tentou conseguir pelo menos uma aparência de sofisticação parecida.

— E na semana próxima você me terá esquecido. Não é assim que funciona? Não se cansa de aventuras passageiras?

A crítica implícita não alterou sua segurança em si mesmo.

— Acreditei que você não estava interessada em continuidade.

— E não estou. — Ela se apressou a corroborar.

— Então estamos de acordo e podemos desfrutar um do outro sem reservas. Parece-me que serão sete dias muito prazerosos. — Nicholas olhou para a janela, onde se viam as estrelas em um céu de veludo azul. Os cortinados seguiam abertos, e os vidros das janelas entreabertos, para que entrasse a fragrante brisa noturna. — Com suas noites.

Caroline, que começava a pensar que ele tinha razão embora não tivesse respondido a sua pergunta, juntou as mãos no colo.

— Não esperava que você eu gostasse.

Nicholas se pôs a rir.

— Sim... Você é direta, minha querida. Por favor, não me diga que tenho fama de ser um tipo desagradável.

— Não, dizem que é dos mais encantadores. Só que eu tinha minhas dúvidas de que o encanto fosse real.

— Ah, um artifício para atrair às donzelas ao meu leito, é isso? — Algo cintilou em seus olhos escuros.

Aborrecimento, provavelmente? Não, não o conhecia o bastante bem para lhe julgar.

— Bem... Sim.

— E, entretanto aceitou passar uma semana inteira em minha companhia.

— Ambos sabemos que tenho meus motivos.

Nicholas, com seu corpo alto e imóvel e uma enigmática expressão fitou-a atentamente.

— Noto que estamos sendo muito francos um com o outro. Parece-me muito bom, se quer que lhe diga a verdade. As aventuras amorosas são bem freqüentemente infestadas de intrigas e fingimentos. No alto da sinceridade vou lhe dizer que normalmente não estou acostumado a ficar com mulheres de pouca experiência na cama, nem me deito com viúvas jovens e casadoiras que foram tratadas com evidente brutalidade no passado.

Provavelmente tinha sido muito direta. Caroline sentiu com um toque de alarme que o que ele diria a seguir era que desejava cancelar o trato.

Para sua tranquilidade, Nicholas continuou:

— Mas você é muito tentadora, Milady. E agora que compreendo melhor seus motivos para estar aqui me sinto mais que honrado, e se seu indigno marido ainda estivesse vivo, — acrescentou como sem dar importância, — eu o surraria tanto que quase acabaria com sua desprezível existência.

Ela captou sua sinceridade com sobressalto, porque a severidade em seu olhar desmentia o tom indiferente de sua voz.

Caroline nunca havia tido um protetor. Quando criança estivera sob o amparo de sua tia solteirona e autoritária, e se casou quando mal tinha dezoito anos. O compromisso foi negociado totalmente à margem de seu consentimento, mas ela não havia se dado conta da devastadora realidade do mesmo, até sua noite de casamento. Quando descobriu o quão implacável e insensível era o homem com quem haviam lhe obrigado a casar, o abandonara e retornara para a casa dos York. Seu pai a enviara de volta imediatamente e Deus sabe o quanto havia pagado por aquele deslize. Os hematomas haviam demorado semanas para desaparecer.

— Eu o odiava. — Era difícil manter um tom de voz natural, mas Caroline tentou. — A lógica me diz que nem todos os homens são como ele, mas às vezes a experiência pesa mais que o sentido comum.

— De forma que o que precisa são de algumas experiências boas, para rebater as más.

O matiz rouco da voz do belo Duque provocou um estremecimento que lhe subiu pelas costas.

— Certo. Por isso estou aqui. — Caroline ergueu os ombros.

— Então talvez seja hora de nos retirarmos. — Nicholas se levantou com um movimento ágil e suave, e lhe estendeu a mão.

Seu corpo insatisfeito desejava se apressar, mas se havia uma coisa que

Nicholas tinha aprendido ao longo dos últimos anos, quando provou algumas das damas mais belas da alta sociedade era a contenção sexual. As mulheres demoravam mais em se excitar; algumas eram aventureiras na cama; outras, recatadas; algumas poucas, insaciáveis. Mostrar-se solícito com qualquer das necessidades que pudessem ter suas amantes nunca tinha sido um problema, mas Caroline era completamente diferente. Sob a formosura deliciosa havia uma mulher machucada e apesar que antes, ele já tinha criado um frágil vínculo de confiança, ela continuava um autêntico desafio.

Desejava levá-la nos braços escada acima num gesto romântico e teatral, mas desprezou a idéia porque o gesto a recordaria que ele era superior em força e tamanho. Escoltou-a com cortesia, com a mão de Caroline apoiada em seu braço, como se a conduzisse a um jantar de etiqueta ou a uma apresentação na ópera.

A verdade era que ele continuava completamente fora de seu elemento.

Ela tampouco estava no dela.

Por que isso o lhe intrigava?

Talvez fosse aborrecimento, mas realmente não acreditava. Caroline era forte a sua maneira, franca, distante... E, entretanto vulnerável, absolutamente feminina e em sua opinião, valente em um sentido único.

Muito diferente a certa lembrança de seu passado. Aquela mulher em particular tinha sido tudo, menos indefesa e foi ele quem se viu superado pela situação. Após, havia decidido a sua maneira.

Sempre.

Quando chegaram ao corredor do andar de cima optou pelos aposentos dela pensando que se usassem novamente o seu, Caroline voltaria a se sentir dominada e em um terreno incerto.

— Aqui. — Murmurou abrindo a porta. — Desculpe que não haja uma criada, mas acreditei que você iria preferir privacidade, mais que comodidade.

— O quarto é belo. — Ela disse e vacilou um segundo antes de entrar. — E tem você razão. Posso viver sem uma criada.

O deu uma superficial examinada nos móveis, sem saber se feito isso alguma vez. Solteiro, nunca havia se preocupado em nenhum sentido com o quarto contíguo.

— Me alegre que goste do quarto e posso ser seu criado. Permita-me despi-la.

— Sua reputação de homem que presta este tipo de serviço é legendaria.

Ao inferno com sua reputação, pensou Nicholas, irritado. Era consciente dos rumores sobre ele e aos vinte e oito anos seguia lhe surpreendendo

que sua vida pudesse interessar tanto às pessoas.

— O que queria dizer era que se necessitar de alguma ajuda durante sua estadia, peça-me. — Replicou em um tom quase brusco.

— Ofendi-o?

Segurou-a pelos ombros e com uma ligeira pressão das mãos urgiu-a a se voltar.

— Ofende-me, o fato de ter uma reputação. Gostaria que minha vida pessoal não avivasse o fogo dos rumores.

— Então provavelmente não devesse fazer escandalosas apostas públicas sobre sua destreza sexual. — Ela disse as palavras em um tom seco, mas com a voz ligeiramente entrecortada, enquanto ele lhe afastava o cabelo e começava a desabotoar seu vestido de noite, de um resplandecente verde claro.

Desabotoou os botões com a facilidade de um perito, afastou o tecido dos ombros esbeltos e retirou as presilhas do coque recolhido. Uma massa sedosa caiu em cascata sobre suas mãos e pelas graciosas costas de Caroline e ele aspirou o perfume de um cativante toque de lírios do vale. Levantou o morno peso de sua cabeleira e beijou-lhe a nuca com uma pressão lenta e tentadora e ao sentir que ela respondia com um arrepio deixou que sua boca se entretencesse ali.

— Eu faria caso de seu conselho formosa Caroline, mas se não tivesse aceitado a provocação de Manderville, você não estaria aqui, certo? Talvez devesse aceitar apostas de bêbados com ele mais freqüentemente.

Deslizou a mão ao redor de sua cintura e começou a fazer amor com seu pescoço. Cheirou, beijou, saboreou a pele suave e fragrante, até que ela apoiou as costas nele, que pôde ver a rapidez com que se elevavam os seios firmes sob rendas de sua camisa íntima de linho, e como os mamilos se enrijeciam sob o tecido fino.

— Pode sentir como a desejo? — Ele sabia que podia, pois seu braço a retinha com suavidade, mas com firmeza contra sua ereção. — Tem idéia do domínio que uma mulher tem sobre um homem, quando ele a deseja?

— Não. — Foi um sussurro fraco e doloroso.

Desgraçadamente, ele estava seguro de que ela dizia a verdade. A resposta não fez nada para apagar seu ardor, mas moderou seu comportamento.

— Concentre-se toda minha atenção, acredite-me. — Prometeu. — Deixe que eu demonstre.

Então a levantou com cuidado, como se ela fosse uma filigrana de vidro e a levou a cama de dossel. Desta vez tirou toda a sua roupa, até a camisa íntima, de forma que Caroline ficou estendida, nua e exuberante sob o

resplendor das velas que alguém já havia acendido.

Nicholas se despiu com calma enquanto ela o observava. Tirou a jaqueta, a gravata, a camisa e as botas dando-lhe a oportunidade dela pedir que parasse, ou que cobrisse o corpo nu.

Caroline não fez nenhuma das coisas.

Graças a Deus, porque ele estava ardendo.

Quando desabotoou a calça e a desceu pelas coxas ela abriu os encantadores olhos cinza enquanto estudava seu membro sem dissimulação, com seus suaves lábios entreabertos, de evidente surpresa.

Era inquietante que nunca tivesse visto nunca um homem excitado.

Maldição. Outro obstáculo a transpor.

Agora era fácil imaginar que seu marido devia ter ido a ela na escuridão da noite, para exercer seus direitos maritais, no que Nicholas calculou que ele era mais brutalmente egoísta que qualquer outra coisa. No geral se considerava impossível um homem violar sua esposa, já que esta era em essência, de sua propriedade, mas ele não concordava. Quando uma mulher se mostrava arredia ou não estava preparada era um crime se apropriar de algo que não era entregue voluntariamente.

Subiu à cama junto a ela e se limitou a lhe acariciar o lábio inferior, explorando com um dedo a fascinante curva.

— Já mencionei que você é assombrosamente formosa?

— Você mais que generoso com seus elogios, Nicholas. — Caroline baixou as pálpebras um pouco, mas não se afastou, e parecia bem menos tensa que em seu encontro da tarde.

— Todos os homens da Inglaterra me invejariam se soubessem onde estou agora.

— E não duvido que todas as mulheres sentiriam o mesmo a meu respeito. Especialmente as legiões que me precederam e sabem o que estão perdendo.

Falar de antigas amantes nunca era prudente, em nenhuma circunstância, e ele não ia começar agora, quando a necessidade sexual controlava tão descaradamente seus sentidos. O que Nicholas cobiçava estava a poucos centímetros de distância: a boca de Caroline morna e tentadora, seu corpo voluptuoso ao alcance da mão; mas precisava estar seguro de que ela estava igualmente implicada.

— Beije-me. — Animou-a com a voz rouca.

Deixe que ela tome a iniciativa. Parecia o melhor, pois não queria assustá-la ou apressá-la.

Ela pensou por um instante, mas logo se aproximou e roçou seus lábios com a boca. Ele teve que fazer usar de toda sua força de vontade para não

esmagá-la e devorá-la, mas ficou quieto e não se moveu quando Caroline apertou timidamente a boca contra a sua, e depois se afastou.

Era um pequeno e prometedor começo.

— Isto é um beijo? — O arqueou uma sobrancelha com ironia. — Beijei-a esta tarde, lembra-se? Eu gostaria de ver como se esforça um pouco mais, Lady Wynn.

Durante um momento, ela se limitou a fitá-lo atentamente, com seu cintilante cabelo sobre os ombros graciosos e uma sombra desafiante nos olhos. Depois se aproximou novamente e desta vez ergueu as pequenas mãos sobre seus ombros e abriu os lábios. Ele inclinou um pouco a cabeça para intensificar o beijo, e quando ela deslizou a língua de forma indecisa dentro de sua boca, um leve sorriso surgiu em seu íntimo.

Tinha a sensação de que Caroline ia ser uma aluna competente, apesar de seu passado.

Seios firmes e nus lhe acariciaram o peito, e ele reprimiu um gemido quando a longa cabeleira se espalhou sobre os dois. Sem fazer outra coisa mais que lhe tocar apenas as costas, desenhou a curva de sua coluna vertebral e deixou que ela controlasse o beijo. Enredou os dedos em seu longo cabelo e quando ela seguiu beijando-o com progressiva confiança, um leve som de aprovação escapou de sua garganta.

Ambos estavam sem fôlego quando finalmente ela voltou a se recostar.

— Melhor?

— Bem melhor.

A ereção palpitava a cada pulsar de seu coração e Nicholas, que não podia esperar para estar dentro dela, sorriu sem vontade quando ela dirigiu o olhar ao corpo volumoso e rígido junto ao seu estômago. Parecia cautelosa, mas ele se animou ao ver um toque intrigante em seus olhos.

Com um movimento deliberadamente lento pegou-lhe a mão e a postou sobre sua ereção.

— Não desejo ser um mistério para você, em nenhum sentido.

Ela rodeou o perímetro com seus dedos longos e vacilantes e se mordeu o lábio inferior.

— Minha ignorância é mortificante.

Ele conteve a respiração quando ela apertou um pouco.

— Fique tranqüila. Pode perguntar o que quiser que a responderei, se puder. Nunca compreendi por que acreditam que às mulheres deve ocultar tudo sobre o referente assunto sexual. Os homens falam disso quando querem. Está acostumado a ser um assunto bem popular.

— Vocês têm direitos que nos negam, se por acaso não tenha notado.

Ela tinha bastante razão, mas era difícil falar quando seus dedos lhe

exploravam o membro, duro como uma pedra.

— Sei disso. — Conseguiu admitir, reprimindo um gemido quando ela limpou uma gota lubrificante da ponta de seu membro e examinou o dedo. — Mas não esqueça que o motivo é a posse, em parte. Já que nosso desejo é que nossas filhas se mantenham castas e que nossas esposas sejam somente para nós, e acredito que a idéia básica é que quanto menos vocês saibam sobre o prazer que os homens e as mulheres podem se dar mutuamente, melhor.

— Vamos começar um debate intelectual sobre este assunto? Não acredito que goste de minha postura neste assunto. — Ela o acariciou voltando a olhar atentamente entre suas pernas, enquanto lhe segurava os testículos na palma da mão. — São pesados.

Para ser alguém que carecia de experiência, Caroline estava fazendo bastante bem o trabalho de conseguir que ele se excitasse a um extremo febril. Pesados? Nicholas estava a ponto de explodir somente com as carícias inocentes e isso o surpreendeu. Queria que tudo fosse prolongado, pelo menos até que ela entendesse esse jogo, que ele sabia jogar tão bem.

— Estou adorando sua curiosidade. — Replicou com um esforço monumental para parecer relaxado, quando de fato ela lhe retinha os testículos na mão, — mas talvez fosse melhor trocar o turno.

Caroline, com sua cabeleira deliciosa e brilhante e sua pele pálida, pareceu-lhe um pouco confusa.

— Para acariciá-la. — Ele se moveu para segurá-la nos braços e mudou de posição, para que ela ficasse deitada de costas e ele sobre ela, apoiando-se nos cotovelos. Deviam começar de forma singela, decidiu Nicholas enquanto lhe roçava primeiramente o quadril e logo a parte interna da coxa e descobria depois o calor de seu sexo. Afastou com os dedos as delicadas dobras femininas e imediatamente ela afastou o olhar, tencionando-se.

Maldição.

— Não lhe farei mal, Caroline. — Sussurrou enquanto beijava o contorno de seu queixo. — Quero fazê-la se sentir bem e bela. Se for convenientemente estimulada, você gostará de mim. Dou-lhe minha palavra. Já está um pouco úmida, o que significa que seu corpo compreende o que sua mente quer rechaçar. Relaxe e lhe demonstrarei.

E seguido a tocou. Por toda parte. Cada toque e cada carícia salpicados com beijos doces como o mel e palavras sussurradas. Acariciou a pulsação sobre a clavícula. No macio interior do cotovelo. Moveu a língua através de sua mão. Colocou seu dedo na boca com provocante delicadeza, enquanto lhe acariciava o ombro nu e a mantinha abraçada a ele. Era uma

exploração, uma viagem de iniciação e de persuasão. Ambos nus, pele contra ardente pele, enquanto fazia amor sem penetrá-la ainda.

O primeiro suspiro lhe permitiu saber que sua paciência havia sido recompensada, o gemido seguinte o animou ainda mais, e quando deslizou a mão entre suas coxas e a estimulou com leve e perita pressão, ela se pegou a ele com uma urgência prometedora.

Umedeceram-lhe mais os dedos; a reação do corpo de Caroline as suas carícias era indubitável.

E descobriu que aquilo era mais poderoso em certo sentido, porque sabia que implicava risco, confiança e uma dezena de aspectos referentes à paixão, que ele havia abandonado dez anos atrás, no mínimo.

E teve um impacto extraordinário. Ela não confiava com facilidade. Bem, ele tampouco, de forma que tinham algo em comum, embora suas reservas fossem diferentes. Não obstante, Caroline estava superando as dela se o fato de elevar os quadris em um gesto de súplica indicasse alguma reação. De sua parte pensou que tinha fechado firmemente a porta aos seus fantasmas.

Embora provavelmente estivesse equivocado. O passado irrompeu de repente e colidiu com o presente, e embora não entendesse as motivações que a tinham levado até ali, sentiu uma conexão com sua encantadora companheira de cama, maior que o habitual.

Era como a situação dos dois, tão original como o pecado em si mesmo.

Seus cuidados se viram recompensados quando por fim a conduziu a um estremecido clímax. E depois a outro. Quando ela começava a relaxar, ele voltou a estimulá-la; deslizou profundamente os dedos no calor úmido e tentador, e sentiu as reveladoras contrações, enquanto ela ofegava e fechava os olhos.

Deteve-se por um momento diante daquela passagem surpreendentemente fechada, sentindo uma necessidade vertiginosa e urgente. Os músculos internos se fecharam ao redor de seus dedos invasores quando iniciou a tentativa de explorar o paraíso prometido.

A expressão do rosto Caroline dizia tudo o que precisava saber, e o invadiu uma sensação de alívio, mesmo quando sentiu o suor que lhe queimava a pele pelo esforço de não se mover e entrar em meio às preciosas coxas... E tomá-la. Caroline parecia cheia, aturdida até; com os olhos abertos e um leve rubor em suas bochechas, como consequência da entrega sexual.

— Nicholas. — Ela sussurrou maravilhada, e deixou cair às pálpebras.

Esse foi à permissão que ele necessitava para se mover. Para se postar no lugar, para usar seu novo poder sobre ela, lhe afastar as pernas ainda

mais e obter então o próprio prazer.

Não o fez. Uma voz em seu interior, que vez desejou enviar ao inferno, disse-lhe que não era o momento adequado. Ainda não.

No lânguido corolário, ele a acomodou em seus braços tentando sossegar a traiçoeira urgência de possuí-la. Ela estava quieta, mas ele podia sentir os rápidos batimentos de seu coração, a suavidade de sua pele de seda e a leve exalação quando Caroline se deslocou um pouco e finalmente levantou a cabeça.

— Eu... Eu — Ela titubeou, e logo engoliu saliva de forma audível.

Ele, que estava deitado ao seu lado e preso de uma resignada tensão sexual, sorriu. Quando chegasse o momento, tentaria se assegurar de que ambos chegassem clímax juntos.

— Você o que?

— Eu gostei.

— Pensei que talvez gostasse. — Reprimiu um sorriso, porque teve a sensação de que lhe incomodaria e acrescentou em voz baixa: — E me alegro.

Ela jogou para trás a cintilante cabeleira. A imagem de sua voluptuosa nudez sob o brilho da tênue luz das velas desafiou sua decisão de esperar.

— Você não compreende a profundidade disso, Nicholas.

— Ao contrário, querida. Tenho a sensação de que a compreendo.

— Antes disse que não teceria hipóteses.

A têmpera de sua voz provocou o riso Nicholas.

— Não pode ter razão sempre. Ou eu entendo às mulheres e essa foi a razão primitiva pela qual você decidiu estar aqui ou eu não sei nada de nada. Onde ficamos?

— Você não sabe nada de mim. — Os magníficos olhos de Caroline lançavam brilhos prateados, mas lhe era difícil ser a altiva e distante Lady Wynn quando estava deliciosamente nua junto a ele.

Nicholas tinha uma ereção vibrante, quase dolorosa. Maldição. A contenção tinha um custo. Quando finalmente acontecesse deveria valer realmente a pena.

E talvez tivesse sido um pouco petulante.

Segurou-a pelos ombros e a atraiu para si, para beijá-la sem pressa. Quando ela se abandonou entre seus braços sentiu o fulgor da vitória. Aproximou a boca de seu ouvido.

— Muito bem, — sussurrou com voz rouca, — admito que não a conheço tanto como gostaria. Temos toda a semana e acabamos de começar a nos conhecer. Não a intriga?

E ela respondeu com um suspiro que bateu asas contra o peito de

Nicholas:

— Sim.

Capítulo 10

O som da voz grave teve o efeito de um jato de água, que a deixou aturdida. Saturou todos seus poros e todas as terminações nervosas, desde o couro cabeludo até as pontas dos pés. Annabel ficou imóvel em frente à porta da sala e conteve a respiração.

Ninguém a informara que Derek ficaria para o chá. Ele nunca estava na hora do chá. Jamais.

Deus do céu, já não tinha sido bastante terrível ter lhe visto na noite anterior? Ainda lhe doíam os músculos da face, por causa do esforço para rir durante a pequena recepção que Margaret havia organizado. A festa tinha sido um gesto de estima e sabia que Thomas e Margaret unicamente desejavam apoiar sua decisão de se casar com Alfred. Toda a família Drake sempre a tinha tratado como se fosse uma a mais e haviam mostrado um maravilhoso entusiasmo ante o iminente casamento. Mas por desgraça era previsível que Derek fosse convidado a tudo. Sempre era embora estivesse acostumado a declinar das celebrações domésticas. Salvo na noite anterior, quando apareceu de repente com um aspecto pecaminosamente atraente até dizer chega. Também tinha partido logo. Foi embora pouco depois do jantar. Ela havia conseguido ser educada durante as quatro palavras amáveis que trocaram, mas devia voltar a passar por aquilo tão cedo?

— Esqueceu alguma coisa, filha?

Ao ouvir a voz de seu tutor ela se voltou imediatamente. Thomas a contemplava com o habitual sorriso bondoso no rosto.

— Parece-me que nos dois chegamos um pouco tarde, não é? Eu estou bastante faminto e agora mesmo me viria muito bem um pão-doce. Vamos entrar? — Ele lhe perguntou.

E que outra escolha havia? Deveria ter subido correndo para seus aposentos, com a desculpa de uma enxaqueca assim que teve a oportunidade, em vez de vacilar junto à porta. Deveria ter enviado a sua criada, para lhes dizer que não os acompanharia porque estava indisposta. Mas não tinha pensado com suficiente rapidez.

— Sim, seria delicioso. — Murmurou mentindo descaradamente, pois sentiu um repentino nó no estômago.

Entraram os juntos e embora desejasse não ter que se inteirar sobre a presença do Conde de Manderville, quando ele ficou em pé cortesmente, apertou os dentes e conseguiu assentir com rigidez. Tudo era familiar: as poltronas azuis de brocado dispostas com certa desordem, o velho piano a um canto, o tapete com um desenho oriental em tons anil e nata, e inclusive o carrinho do chá junto a uma antiga mesa envernizada. Mas quando ele estava ali tudo parecia diferente.

Sempre era assim. Se ele estava no mesmo local que ela, não via mais nada. Sentiu um intenso rancor, somado à aflição.

Margaret, bonita e muito feminina sorria serenamente com uma xícara na mão.

— Derek apareceu no momento adequado e eu insisti para que ficasse para o chá.

Annabel não disse nada e afastou o olhar. Sabia que não havia possibilidade alguma de que Margaret e Thomas não tivessem notado a animosidade entre seu sobrinho e ela. Thomas havia tentado lhe perguntar uma vez, mas era impensável que falasse com alguém sobre o fatídico beijo, nem com o que se troçou depois.

Ainda estava muito vivo em sua memória, marcado a fogo com dolorosa clareza. Derek inclinado sobre Lady Bellvue, que por certo tinha a coragem de ser sofisticada e muito bela. Ela estava com o corpete aberto e ele estava com a boca sobre...

Naquele momento as lágrimas haviam toldado seus olhos, e para não de delatar pelos soluços descontrolados diante dos dois saíra correndo da estufa, tão depressa como pôde. Não, havia deixado-os para depois; quando chegou ao seu quarto chorou até que já não restaram mais lágrimas. Era irônico que aquele beijo terno na biblioteca fosse à culminação de todas as suas fantasias românticas, e que depois no mesmo dia, ele tivesse destruído seus sonhos. Ela havia amadurecido naquele exato segundo, no qual se deu conta que a aparência do jovem de sorriso fácil e natureza generosa era uma fachada para ocultar sua vacuidade e sua indiferença diante dos sentimentos dos outros. Sempre havia considerado a inteligência inata e cordial de Derek como uma prova de sua humanidade, mas então compreendeu que seus defeitos excediam em muito as suas virtudes. Todos os rumores eram certos. A única coisa que ele queria era uma boa queda. A insensibilidade de tudo revolvía-lhe o estômago. Quantos corações ele havia quebrado, além do dela? O que ela acreditou ter amado havia sido uma ilusão, nada mais.

—... Bombom?

Annabel levantou o olhar e piscou.

— Como?

O protagonista de seus pensamentos fez um gesto em direção a doceira que havia no carrinho do chá. Seus vividos olhos azuis estavam sombrios, mas em sua boca brilhava a tênue linha de um sorriso.

— Posso comer um?

— Estou segura de que já comeu o suficiente... Bombons. — As palavras saíram sem que atinasse e para piorar as coisas, adocicada malícia em sua voz foi uma prova reveladora de sua antipatia.

Deus do céu, realmente havia dito isso em voz alta?

— Oh, querida. — Murmurou Margaret.

Derek de repente elevou as sobrelanceiras castanhas. Sentado com uma postura preguiçosa em sua poltrona, as longas pernas estendidas e uma xícara na mão, ele parecia cordialmente ofendido. Estava como de costume, muito atraente com uma casaca azul escuro, calça cor de canela, botas polidas e a gravata bem atada, como sempre. A luz que entrava por uma das janelas conferia um brilho torrado às mechas do cabelo dourado, e acentuava deste modo a nítida silhueta de seu rosto.

— Admito que goste de... Bombons de todos os tipos, mas com chá prefiro os de chocolate. — Ele disse arrastando as palavras.

Desgostosa, porque havia assegurado a si mesma a cada dia que já não importava absolutamente com o que acontecesse a ele. Annabel pegou a doceira de cristal e a estendeu com truculência. O conteúdo deslizou perigosamente para a beira da mesa, mas por sorte nenhum caiu sobre o estampado floral do caro tapete. Já havia se colocado em ridículo; não havia a menor necessidade de piorar tudo. .

Maldição. Derek demorou um momento em escolher um obrigando-a a sustentar a doceira, como se fosse uma criada. Sem dúvida havia se deitado com aqueles bombons também, pensou indignada, sem saber se estava mais zangada consigo mesma por perder o controle com tanta facilidade ou com ele por considerar a situação cômica.

Sempre tinha a sensação de que a segurança e confiança de Derek acrescentavam a falta de sofisticação dela, mas estava aprendendo. Desde a horrível tarde havia convertido evitá-lo em uma arte e também mais de uma vez se perguntou se ele não estava forçando muito em declinar todos os convites nos quais ela também estaria presente. Como era natural, nas festas da família tinham que se relacionar um pouco, mas nenhum dos dois fazia nada mais que constatar a presença um do outro.

Derek nunca, nunca aparecia para o chá. Sobretudo se soubesse que ela estaria presente.

— Obrigado. — Ele pegou um bombom do recipiente de cristal e o colocou

no prato. Foi um movimento gracioso e elegante, absolutamente masculino, como tudo o que fazia, inclusive o fastidioso sorriso em réu rosto.

— De nada. — Replicou entre dentes odiando a rudeza de seu tom.

— Acredito que ainda não tive a oportunidade de felicitá-la por seu compromisso, Annie. Na outra noite estava muito ocupada e eu tive que partir cedo.

Por Deus santo, não me chame Annie! Ele era a única pessoa que usava o diminutivo de seu nome. Sempre a chamara assim, desde que era uma menina. Mas agora não era uma menina. Agora era uma mulher, e o som vagamente familiar que ele usou trouxe-lhe lembranças que era melhor esquecer. Ficou tensa, mas conseguiu assentir.

— Comunicarei a Alfred seus bons augúrios.

— É um homem bastante agradável.

Ela sentiu um toque de irritação ao ouvir aquele tom de voz. Apenas um muito ligeiro matiz de crítica, como se agradável estivesse acompanhado de aborrecido e enfadonho. Não. Alfred não era um galhardo, mas era estável.

— Ele é um autêntico cavalheiro. — Respondeu à defensiva. Com isso deixava claro que Derek não pertencia à mesma categoria. Ou Pelo menos esperava ter deixado claro, pois era a intenção.

— Concordo com Derek; Lorde Hyatt é bastante amável. — Interveio Thomas com um olhar inexpressivo, antes de beber um gole de chá. — Um bom tipo. Confiável e tudo o mais.

— Não será ruim para um marido. — Corroborou Margaret.

— Nem para um cavalo. — Derek afundou um pouco mais na poltrona. A elasticidade de seu corpo, alto e musculoso, contrastava com a atmosfera do salão. Se havia se sentido insultado pelo sarcasmo de Annabel, não demonstrou, como sempre.

— Um cavalo? — Ela o fitou claramente ofendida por causa da comparação de seu noivo, a um eqüino.

Ele parecia tão inocente como podia ser um relaxado cavalheiro.

— Sim, certamente. Não concorda? O que preferiria montar, um animal calmo e digno de confiança que a leve aonde quiser e por um atalho tranqüilo ou uma besta mais fogosa?

Talvez fosse imensamente menos experiente que ele, mas não lhe escapou a conotação sexual, e para sua total e absoluta desgraça enrubesceu.

Somente Derek podia dizer algo assim e sair ileso. Estava acostumado a usar seu aparência e suas elegantes maneiras para se desculpar do monte de pecados. Isso também funcionava para todo o resto. Maldito. Mas não com ela. Nunca mais.

O problema era que o conhecia. Conhecia aquele engenho peralta, a centelha de zombaria em seus olhos, e no passado podia ser que inclusive começasse a rir. Mas estavam falando de seu casamento com outro homem, e ele poder brincar sobre o fato era... Bem, era doloroso.

Não, não era. Ela se contradisse e levantou os ombros. Derek já não tinha esse poder sobre ela. Havia perdido no dia que a beijara e depois lhe destroçou o coração com uma traição ocasional com a qual zombou de seus sentimentos.

Fitou seus olhos.

— Diz muito em seu favor que seja digno de confiança. O sorriso de Derek desapareceu quando replicou em voz baixa: — Até a criatura mais selvagem pode ser domesticada com o procedimento adequado.

— Nem tudo justifica o esforço. — Contradiu.

— É difícil saber, se não se tenta.

Margaret interveio, numa pobre tentativa de mudar de assunto.

— Eu acredito que a festa foi boa, não lhes parece?

Annabel assentiu, mas foi um gesto ausente, indiferente.

— Encantadora.

— Estava ótima. — Murmurou Derek como se falasse do tempo.

Não, ele não havia dito unicamente isso. Foi tão espontânea e tão sincera a inflexão de seu tom, que ela se surpreendeu por um momento. Derek a fitou como somente ele podia fitá-la e durante um segundo ela esqueceu que Margaret e Thomas estavam ali.

Como uma tola.

Mesmo que ele pensasse realmente, que importância tinha? Por que lhe importava o que um homem tão imoral e com tão má fama opinasse sobre ela? Por que havia escolhido o vestido com tanto cuidado na noite anterior, somente porque sabia que ele estaria ali?

Era impossível ficar tão perto de Derek um minuto mais. Ser consciente do fato a afligiu e provocou um acesso de pânico que lhe fechou a garganta. Sem dúvida era melhor quando se evitavam, embora não estivesse segura de que tivesse lhe afetado a esse ponto. Para um libertino de tal calibre, um beijo fútil não tinha importância. Ela que havia esperando tanto do beijo. Mesmo assim... Que beijo. A carícia leve, mas firme dos lábios de Derek possuía sua boca, com sua língua deslizante e a tentadora sensação de seus braços segurando-a. O aroma, seu sabor, O suspiro preso no interior da boca fora mais embriagador que qualquer bebida...

Não. Não importava recordar. Era mais irritante que permanecesse ainda em sua mente.

— Por favor, desculpem-me. — Annabel se levantou se voltou para o

relógio do canto da sala e notou que a inclinação das agulhas formava um ângulo determinado, sem apreciar realmente que hora era. — Sinto muito, mas tenho que escrever um monte de cartas e tenho uma leve dor de cabeça. Acredito que me retirarei até a hora do jantar.

Fazia uma tarde tão calorosa que Caroline tirou a casaca do traje de montaria, que agora estava pendurada no arco da sela enquanto os cavalos troteavam tranqüilamente pelo um atalho mal esboçado à margem de um córrego preguiçoso. No alto, o céu era limpo e de um azul antigo livre de nuvens. A leve brisa que continha a fragrância dos prados lhe acariciava o rosto.

O dia formoso se ajustava perfeitamente ao estado de ânimo dos dois.

Caroline era bem consciente que seria vítima do encanto do infame Rothay, por uma razão premeditada, a escandalosa aposta, mas estava mais que disposta a aceitar aquela fantasia.

Depois de uma noite de descobrimentos e de rendido prazer nos braços dele haviam dormido até tarde. Depois do ligeiro café da manhã juntos passaram o resto do dia em uma camaradagem similar, despreocupada e relaxada, que incluía o presente passeio a cavalo, as últimas horas da tarde.

Constituía uma prazerosa mudança de sua rotineira existência, e nem todo o prazer que sentia era devido ao seu despertar sexual. Era-lhe fácil se acostumar que um homem atraente estivesse dependente dela, sobretudo porque se sentia surpreendentemente cômoda em sua companhia. Talvez fosse somente por causa da intimidade sexual. Talvez não.

Embora ainda não tivesse culminado o ato sexual sentia cada vez menos apreensão e mais, mais curiosidade. Até o momento ele havia lhe dedicado toda sua atenção e o opulento prazer de suas instrutivas carícias, mas não tinha obtido nada para si mesmo.

Obvio. A única coisa que ele queria era ganhar a aposta.

E como se Caroline fosse capaz de ler seus pensamentos, Nicholas disse: — Deveria fazer isso mais freqüentemente.

Fitou-lhe. Ele também havia tirado a casaca de montaria. O delicado linho de sua camisa acentuava a largura de seus ombros. Aberta à altura do pescoço, deixava entrever sua pele bronzeada. Ele estava sentado na sela, com naturalidade e estilo. Nicholas cavalgava todos os dias e havia ordenado que lhe enviassem previamente os cavalos até ali, já que em Essex não tinha estábulos. Ele montava um cavalo baio magnífico, lustroso e poderoso, apropriado para o cavaleiro e o dela era uma égua com

manchas cinza. Era a melhor montaria que já havia cavalgado.

— Fazer o que mais freqüentemente? — Caroline arqueou uma sobrancelha. — Levar uma estranha ao campo, para uma aprendizagem sexual?

Ressoou a risada espontânea de Nicholas.

— Bem, não. Não era precisamente nisso que estava pensando. Mas agora que mencionou, acho que tudo correu bastante bem até o momento.

Ela dificilmente podia não concordar, se pensasse na reveladora noite anterior. Vivenciara um prazer pecaminoso em todas as carícias, os sabores e os movimentos. Fora uma experiência única para ela. Era bem merecida a reputação dele, se sempre era tão generoso. O excesso de sensações havia lhe deixado tão exausta que adormeceu em seus braços. Se alguém tivesse predito tal coisa dias antes, ela teria zombado da possibilidade.

Um prazer desenfreado e uma crescente sensação de liberdade, embora esta não fosse mais que o fruto de uma rivalidade masculina provocada pelo abuso do álcool era exatamente o que estivera procurando quando respondeu a escandalosa proposta. Quando tudo terminasse ficaria eternamente em dívida com ele, porque Nicholas Manning por fim havia ensinado o que ela poderia ser.

— No que estava pensando, então? — Caroline afastou uma mecha de cabelo que cobria a face e o observou com curiosidade.

Nunca em sua vida havia perguntado a um homem o que ele pensava. Com Edward jamais havia se atrevido. Nem tampouco teria quisera saber, provavelmente. Com Nicholas já tinha a sensação de poder perguntar com toda liberdade, com total impunidade.

— Em que esbanjo muito tempo na cidade. Muito tempo até altas horas em festas e veladas, muito tempo em meu clube, muito tempo em meu escritório e com meus advogados. — Ele encolheu os ombros. Seu cabelo brilhava com um matiz azul muito escuro, como a asa de um corvo sob os enviesados raios do sol. — Não deixo de me perguntar que quando chegar o momento de me estabilizar em um estilo de vida menos frenético, saberei.

Ele se referia, indevidamente, a ter uma esposa e providenciar um herdeiro. Ela se deu conta do fato e sentiu uma pontada inesperada.

A aposta era uma competição passageira e uma aprendizagem para ela. O que acontecesse depois do tempo que passariam juntos não tinha importância.

Fez o possível para aparentar indiferença.

— Você ainda é jovem, mas imagino que sua família espera que cumpra seu dever.

Nicholas adotou um ar aristocrático e um tanto severo. Durante um

segundo não pareceu sofisticado e libertino, mas sombrio. Até sua voz soou fria.

— É o que esperam. É óbvio.

Não era assunto dela, mas por alguma razão Caroline se ouviu perguntar:

— Mas você é resistente?

— Sinto um patente desinteresse em me casar, para procriar sem mais. —
Em seu tom havia um ponto de impaciência.

Uma postura curiosa para um nobre, já que ele sabia provavelmente desde que vivia de calça curtas, que teria que fazer justamente isso.

— Você possui uma sensibilidade romântica.

— Não.

— Se interpretou bem o que acaba de dizer, você deseja se apaixonar.

A boca de Nicholas se curvou em um sorriso cínico.

— Temo que tenha interpretado mal tudo o que eu disse, querida. Apaixonar é algo que espero que não me aconteça nunca. Tampouco desejo que aconteça. Sequer acredito ser possível.

Se alguma vez tinha sentido convicção nas palavras de alguém era agora. Dita afirmação era um tanto incongruente nos lábios do mesmo homem que ela sabia de primeira mão, ser capaz de uma ternura infinita e desinteressada.

— Todos nós queremos que nos amem. — Aventurou, embora provavelmente fosse à última pessoa do mundo com autoridade no assunto.

— Ser amado não é o mesmo que amar alguém.

A égua começou a trotar em torno de um pequeno arbusto e ela a conduziu de novo ao atalho, com ar ausente.

— Suponho que isso seja verdade.

Não sabia muito sobre os homens, mas no tom de Nicholas havia certa tensão que sequer ela podia ignorar. A conversa tinha uma conotação pessoal desconhecida para ela.

Então ele voltou a sorrir desprezando tudo aquilo, e em seu lugar surgiu a chama de encanto, peralta e irresistível que cativava todas as mulheres.

— Se disser a alguém que estive conversando sobre vínculos sentimentais com o Duque diabólico, negarei minha querida. De maneira, que por favor, guarde-o para si mesma.

Se ela contasse a alguém, ele sofreria um perseguição ainda maior por parte de jovens ansiosas, desejosas de conquistar não só sua fortuna, mas também seu coração.

— Acredito que não o conheço mais que de vista e de um modo ocasional, lembra-se? Difícilmente posso afirmar que sei algo sobre seus sentimentos, sobre o assunto, e muito menos sobre o casamento.

Ele a fitou; os cavalos troteavam lentamente perto dos frondosos salgueiros, cujos longos ralhos desciam sobre as águas mansas e claras. Ela sentiu o calor do sol em suas costas.

— Tenho a sensação de que quando terminar esta semana vai ser um pouco difícil fingir que não nos conhecemos. Conforme me disseram, uma mulher jamais esquece seu primeiro amante.

O que ele havia dito era certo sem dúvida, porque que Edward havia lhe desqualificava como tal.

Nicholas era absolutamente distinto e embora seu corpo não fosse virgem, ele tinha razão; sempre seria seu primeiro amante.

Era assombroso ser consciente do fato, mas estava perdendo seus apreensivos temores e esperava com vontade. Até podia dizer inclusive, que era com muita vontade. Pigarreou.

— Estou segura de que seja certo, porque tem você razão... Não esquecerei sua... Amabilidade.

Divertidos, os lábios dele se curvaram.

— Amabilidade? Uma palavra estranha para descrever o desejo sexual, minha querida. Já que admite estar aqui para uma aprendizagem sexual, me permita continuar com meu papel de instrutor informando-a que o prazer que sente quando estamos juntos é primitivo para o meu próprio. Saber que proporciona prazer a uma mulher é um poderoso afrodisíaco para qualquer homem.

Desgraçadamente, ela sabia de primeira mão que ele estava errado. Foi como um balde de água fria sobre ela.

— Nem para todos, Nicholas. — Lhe informou com serenidade. — Desejaria poder dizer isto sem tanta segurança.

No incômodo silêncio que se produziu entre os dois, somente se ouvia o ruído surdo dos cascos dos cavalos ou o gorjeio de um pássaro.

— Fui presunçoso novamente. — Ele disse finalmente. — Minhas desculpas.

Ela não queria pensar em seu lóbrego casamento e muito menos em um dia tão radiante, quando estava com um dos homens mais atraentes da Inglaterra e ambos dispunham do resto de uma semana que prometia ser memorável.

Obsequiou-lhe com um picante sorriso.

— Acredito, Excelência, que tenha nascido presunçoso. Para sua sorte acredito que seja parte de seu charme.

— Considera-me atraente? Provavelmente ontem à noite eu tenha lhe impressionado, depois de tudo. — Ele parecia desejoso em evitar que a conversa tomasse um rumo sério e voltar para suas despreocupadas

brincadeiras de sempre. — Importa-se em me dizer que parte lhe pareceu mais instrutiva?

Bem, não era difícil de responder e ela responderia.

— Tudo.

Era certo. Os beijos devastadoramente suaves e persuasivos, a delicadeza de suas carícias íntimas, o presente de um prazer que ela não havia imaginado que existisse.

A face de Nicholas mudou, quase que imediatamente.

— Acredito que posso aprender muito com você esta semana, minha gélida Lady Wynn. — Ele retrucou disse em voz baixa. — Tanto como você comigo.

Capítulo 11

A luz do sol caía obliquamente sobre a vegetação da pequena clareira e o tênue som do rio era relaxante. Nicholas desmontou e deu a volta para elevar Caroline da sela e quando a baixou no chão suas mãos se detiveram em sua delicada cintura. Sorriu com indolência perto do rosto que ela havia elevado para fitá-lo.

— É um lugar agradável, não lhe parece? E particular também. As delicadas sobrancelhas de Caroline se arquearam.

— E é importante?

Era endiabradamente importante, porque desde o momento que haviam saído da cama de manhã, ele pensava no forte desejo de tê-la outra vez. Não obstante, uma cama não seria necessária se havia um lugar romântico e discreto disponível, e não queria esperar até volta a se deitar na cama, para fazer amor com ela.

Estava conseguindo se conter muito bem, mas durante quanto tempo conseguiria?

Por infelicidade a resposta era simples. Até que ela estivesse preparada. Havia uma enorme diferença entre o que ela lhe permitiria fazer e o que desejava que fizesse. Caroline teria permitido em qualquer momento, desde que havia chegado. O mais provável era que na tarde do dia anterior ou a noite não teria sentido desejo, tão somente teria resumido.

Se fizesse as coisas a sua maneira, como pensava fazer, ela aprenderia.

Não estava seguro do por que estar tão fascinado com a encantadora, mas inexperiente Lady Wynn, mas estava. Em parte era por sua candura, em outra por sua beleza e para sua surpresa, se perguntava se não era em parte também pela vulnerabilidade com o que o fitava com aqueles gloriosos olhos prateados.

Em circunstâncias normais bastaria isso, para sair correndo o mais rápido possível. As jovens vulneráveis imediatamente ativavam suas defesas.

— Acho que podíamos sentar um momento à sombra. — Nicholas deixou cair às pálpebras um milímetro e dirigiu o olhar para a boca dela. — E admirar a vista. Podemos falar sobre literatura, já que é uma de suas paixões.

— Por alguma razão nunca imaginei o Duque diabólico como alguém que se sentasse a margem de um riacho e contemplasse a beleza da natureza ou a estrutura de um poema. Na sociedade ainda se consideraria mais

incrível que tenha uma opinião sobre o amor.

— Você poderá comprovar que como estão errados.

— Será que comprovarei? — Ela arqueou uma sobrancelha e começou a rir. — Estou tentando imaginar qual deve ser sua opinião sobre Homero ou Rousseau.

Não era habitual vê-la sorrir e ele estava fascinado. Era uma mistura de reserva e sensualidade subjacente, como a mulher, pensou observando-a atentamente. E acrescentou com acento indolente:

— Você insinua que sou um ignorante, Lady Wynn?

— Parece-me que sua especialidade é mais para os prazeres terrenos, Excelência.

— Permita-me mudar sua opinião sobre minha personalidade.

A resposta dela foi quase coquete.

— Pode tentar.

Como se retirar ante tamanho desafio? Nicholas escolheu um lugar cômodo com vistas para o riacho, onde a vegetação e a terra eram macias e fragrantas. Sentaram-se e conversaram enquanto seus cavalos pastavam... Novamente ele se surpreendeu fascinado com a forma dos olhos de Caroline se iluminar quando ela se concentrava em um ponto importante para rebater com ele. Enquanto conversavam sobre tudo, desde arquitetura até religião, notou que a independência dos pontos de vista de sua velha preceptora tinha sido em efeito muito variado. Caroline lhe disse que a senhorita Dunsworth, a quem recordou com um toque emotivo dos magníficos olhos, havia fomentado sua educação em todos os sentidos possíveis, não só em função dos interesses habituais das jovens e recatadas.

— Morreu de uma infecção pulmonar, — ela disse com a voz um pouco emocionada, — ao terminar o ano em que eu completei dezesseis anos. Ainda sinto a falta dela.

O assunto permitiu que ele conduzisse novamente o dialogo de forma deliberada, ao assunto da família dela. Fez girar distraidamente entre os dedos uma longa haste de grama e observou a face de Caroline com os olhos semicerrados.

— Notei que não tem desejo de voltar para York.

Ela negou com um gesto de cabeça. Estava muito feminina com uma blusa simples, a saia de montaria e as botas de meio cano, embora estivesse sentada com as pernas dobradas para um lado, com uma postura de decoro e formalidade própria de uma dama conseguia mostrar um aspecto adorável e encantador.

— Não voltarei nunca.

— Isso me soa definitivo.

— E é. — Um breve toque de melancolia apareceu em sua face. — E tampouco meu pai me quer por lá.

— Então ele é um idiota. — Nicholas se aproximou e lhe acariciou a mão.

Descobriu que sua restrição anterior estava desaparecendo. A crescente naturalidade que Caroline mostrava com ele aumentava seu interesse. No geral não estava acostumado a sentar e conversar assuntos intelectos com uma mulher, e certamente nunca esperou que isso o excitasse sexualmente, mas com ela era diferente. Curioso.

Caroline lhe olhou atentamente.

— Deve ser agradável ter uma irmã.

Nicholas quase nunca pensava nisso, mas o olhar melancólico no rosto dela o tornou consciente da boa sorte que tinha com sua família. Desejava consolá-la, prometer que encontraria a tranquilidade e a paz, mas como faria? Maldição!

O único consolo real que sabia oferecer era físico e naquele momento seu corpo o animou a agir.

A sedução lhe era bem mais familiar que a indecisão emocional.

Inclinou-se para e lhe acariciou a boca com os lábios, sem fazer caso de seu gesto de surpresa. Além de ajudá-la a descer do cavalo, não tinha feito nenhum movimento para tocá-la.

— Fazer amor ao ar livre tem algo de excitante. — Sussurrou. — É primitivo.

— Aqui?

Como resposta a aflita pergunta, ele a beijou, divertido com a reação atônita ante suas mãos que já estavam ocupadas. Primeiro soltou-lhe o cabelo, porque queria sentir o calor dos acetinados fios expostos ao sol, e ao intensificar seus beijos sentiu sua sedutora fragrância. Para sua satisfação, ela envolveu seu pescoço com os braços e mesmo que não houvesse se colado a ele descansou tranquilamente em seu abraço.

A conformidade. Novamente ele pensou com um sorriso interno de resignação. Custaria um pouco de esforço por sua parte. O estranho era que estava gostando do desafio, face a um compreensível grau de frustração.

Seu membro cresceu imediatamente e seu coração pulsou com uma velocidade maior ainda, enquanto admirava o esplendor irresistível da beleza dela. Seu deleite aumentou com o som suave murmúrio da água, que mal se deixava ouvir acima da respiração cada vez mais agitada dos dois.

— Dispa-se para mim. — Pediu Nicholas. — Desejo olhar você. Não há

nada mais excitante que ver o corpo de uma mulher se despindo pouco a pouco.

Bem, não era totalmente certo. Ver como uma mulher beijava seu corpo até chegar ao membro pulsante e colocar na boca, provavelmente eclipsasse que ela se despisse, mas Caroline não estava ainda preparada para isso. Essa semana devia se dedicar a agradá-la e não só por causa daquela maluca aposta. Nenhuma mulher tão formosa e com a sensualidade inata como a dela devia temer a intimidade sexual.

Nicholas esperou, com o braço apoiado sobre um joelho dobrado, em uma postura deliberadamente despreocupada, exceto pelo vulto da crescente ereção que enchia sua calça justa.

Houve um único momento de vacilação antes que ela se levantasse e comesse a desabotoar a blusa. Com os olhos semicerrados, ele observou como ela soltava cada laço, até que puxou o tecido de dentro da saia de montar e a deixou cair. As botas, meias e a saia vieram depois, enquanto sua face tingia mais e mais de um rosado delicioso, à medida que se despia. Finalmente, ela desfez o laço da camisa íntima e levantou o queixo, mas sem deixar que o tecido de renda deslizesse por seus ombros.

— Não se detenha agora. — Pediu de forma persuasiva. — O melhor está por vir.

— Você está vestido. — Ela estava ali a sua frente, como uma sedutora estatua nua, sustentando com a mão o tecido do corpete.

— Quer que me dispa? — Perguntou sustentando seu olhar. Queria se certificar que ela soubesse que com ele sempre haveria escolha. Normalmente preferia tomar a iniciativa, mas estava disposto a fazer concessões para se assegurar que ela nunca se sentisse aflita.

— Estou segura de que você é consciente que o consideram muito bonito. Há alguma razão pela qual eu não possa admirá-lo, pela mesma forma?

Ela era bastante direta. Sem truques, uma vez mais.

— O que Milady desejar. — Sorriu e começou tirar as botas, sem afastar os olhos dela.

Com um sorriso tremulo e sem artifícios, ela soltou a camisa íntima, que caiu aos seus pés.

Ele se deteve um segundo com uma bota na mão e bebeu da glória imaculada do corpo nu, com uma admiração acentuada pela consciência de que ela estava ali para ele.

Despojou-se da roupa com uma velocidade que lhe pareceu insuficiente.

Havia alguma coisa mágica no cenário de árvores, na forma como a peneirada luz do sol acariciava com um brilho dourado sua acetinada pele, no som musical dos pássaros nas árvores... Aquilo elevava sua excitação a

um nível desconhecido. Era primitivo, elementar e quando conseguiu tirar a calça descobriu surpreso que suas mãos tremiam.

Isso nunca havia lhe acontecido.

Teria que analisar o fato. Mais tarde. Depois analisaria.

— Deseja se deitar ao meu lado? — Nicholas se reclinou na mistura de grama e vegetação. A sensação tateante sob seu corpo contrastava de um modo interessante com seu ardoroso desejo. Sobre o indolente dossel dos galhos das árvores, o céu era de um azul intenso.

— Desejo. — Caroline pronunciou as palavras em voz baixa e com uma surpresa subjacente, enquanto dava um passo para ele.

Ele tinha a endiabrada esperança de que fosse assim, porque estava mais que preparado. Quando ela se ajoelhou ao seu lado, ele lhe pegou pela cintura e a postou sobre seu corpo faminto, para lhe dar um ardente beijo com de boca aberta. Não se refreou tanto como na noite anterior, mas a ela não pareceu se importar, pois desta vez sua resposta não foi tão vacilante. Quando seus dedos se enredaram em seus cabelos sentiu a chama de triunfo que atravessou seu ardor, e o endurecimento dos mamilos contra seu peito deixou claro o quão longe Caroline havia chegado em tão pouco tempo.

Se correspondesse a ele julgar e se sentisse qualificado para tanto diria que assim que a semana terminasse, ela seria a companheira de cama muito apaixonada para algum homem afortunado.

Claro que então passaria o tempo correspondente com Derek. Um tremor de insatisfação se revolveu em seu interior ao imaginar seu amigo abraçando aquele corpo delicioso que o envolvia agora.

Sufocar a emoção foi um ato refletivo. Não era um homem ciumento. Ou não tinha sido antes, em nenhum sentido. Considerando o ilícito pacto que havia entre eles, este não parecia o momento adequado para adquirir tal hábito.

Nicholas se voltou, de modo que a cabeleira de Caroline se espalhou sobre a vegetação como uma massa exuberante e reluzente. Roçou-lhe o queixo com os lábios, desenhou um atalho com a língua na elegante curva de seu pescoço. Caroline arqueou sob ele com a respiração acelerada. Nicholas lhe acariciou o quadril nu.

— Converse comigo.

Ela elevou as pálpebras e abriu a boca enquanto franzia ligeiramente a testa.

— Não estivemos conversando?

— Sim, mas vamos mudar de assunto.

— Eu juraria que você desejava fazer outra coisa além de conversar,

Rothay. Ou está assim sempre? — Ela se apertou contra seu membro rígido. — Parece.

Se Nicholas não conseguiu um sorriso malicioso, certamente tentou.

— Oh, eu terminarei lhe fazendo amor no fim, isso está fora de questão, mas há uma imensa variedade de maneiras e só me pergunto se você é consciente do quão excitante pode ser os amantes dizer um ao outro como se sentem e, ainda mais importante, o que desejam.

Caroline negou com um gesto de cabeça, seus cabelos se moveram e seus olhos se iluminaram quando elevou os olhos para ele.

— Não tenho nem idéia do que quer dizer, mas suspeito que você já sabe disso.

Sabia. Para ela os prazeres da cama eram tão estranhos como um beijo romântico.

Ele teria o prazer de mudar isso.

— Vou começar. — Se postou sobre ela, apoiou seu peso em um cotovelo e aproximou os lábios de sua orelha, enquanto lhe acariciava um seio duro e maravilhoso. — Eu adoro sentir seu tato, sua pele de seda sob meus dedos. Você tem os seios mais bonitos que vi em minha vida, cheios e firmes, mas também suaves e perfeitos para minhas mãos.

Ela sentiu um pequeno estremecimento em todo o corpo quando ele apertou com delicadeza o sensível mamilo e esperou, enquanto ele desenhava prazerosamente com o polegar um círculo ao redor do mamilo rosado, gratificado pela resposta física dela.

Já tinha aprendido que Caroline era inteligente, embora algo tímida. Com certa aprendizagem na arte do flerte poderia escolher qualquer homem da alta sociedade.

Havia uns quantos canalhas por aí e ela não só era preciosa, além rica. Nicholas confiava que ela escolhesse com prudência.

A idéia de que lhe importasse o que pudesse acontecer a Caroline quando terminasse a semana o sobressaltou. Talvez simplesmente tratasse de redimir seu próprio sexo ante os olhos dela, já que durante a conversa anterior havia notado que seu pai não parecia muito melhor que o morto Lorde Wynn. Não que ela espraiasse o assunto, mas havia captado a dor incrustada em sua voz.

Sim, era isso. Conservava certo cavalheirismo, apesar do que havia acontecido com Helena.

Não. Não era o momento de pensar naquele espantoso engano.

— Toque-me você. — Insistiu mordiscando o lóbulo de sua orelha. — Fale comigo.

— Eu... Eu... — Ela titubeou e depois sussurrou: — Eu estou começando a

pensar que você não é somente um amante competente, Nicholas. Também é um homem muito bom.

Desconcertado deixou de lhe acariciar o mamilo.

O que ela disse dificilmente era uma insinuação sexual, nem mesmo com a piscada dos cílios ou o sorriso sedutor, mas se sentiu inesperadamente comovido. Não só pela mera frase, mas também pela emoção implícita. Nicholas sabia que tinha fama de ser muitas coisas, mas duvidava que entre elas tivesse algo de bom. Às pessoas, não importava que ele fosse um ser humano decente. Geralmente a riqueza, o fascínio e o encanto superficial em abundância eram mais que suficientes. O verdadeiro nome que havia por trás disso não era o objetivo da maioria das mulheres que conhecia.

Nicholas descobriu que não estava seguro do que dizer e o fato o incomodou. Ela havia lhe imposto este estado de espírito mais de uma vez.

— Obrigado. — Murmurou finalmente.

O suspiro de Caroline lhe roçou a face.

— Não é o tipo de coisas às quais você se referia, certo? Não sou boa nisto.

Ela era mágica. De outro mundo. Pensou, lhe afastando com muita suavidade uma mecha de cabelo em seu ombro e se acomodou sobre ela apoiando o membro tenso contra sua coxa.

— Foi perfeito.

— Você alguma vez é descortês? — Em seus lábios rosados se desenhava um gesto quase melancólico.

Ele sorriu.

— Sou detestável quando meus cavalos perdem.

— O que conforme ouvi é bastante estranho.

— Tenho um treinador excelente e os melhores cavaleiros da Inglaterra... Mas querida Caroline, embora adore falar sobre corridas, podemos deixar para quando você não estiver nua em meus braços?

A doce risada de Caroline lhe roçou a face.

— O perito, que se supõe, que saberá o que fazer neste tipo de situação é você. Não eu.

Damas nuas em seus braços... Sim, podia atribuir modestamente certa experiência. Damas inexperientes e temerosas... Nessa categoria não era tão versado, mas estava aprendendo. Nicholas lhe beijou o pescoço.

— Faremos o que quiser que. Nada mais.

— Beije-me.

Bem, não lhe era nada difícil. Apropriou-se de seus lábios, desta vez imitando escandalosamente com pequenas investidas da língua o que gostaria de fazer ao seu corpo. Ela reagiu de forma maravilhosa; enredou os

dedos em seu cabelo, e se grudou a ele com flexível e sedutor calor.

— Agora me toque. — A ordem ofegante atravessou o peito de Nicholas como uma doce exalação, enquanto braços esbeltos se enroscavam em seu pescoço. — Como ontem à noite.

Uma indolente tarde de verão, um extenso arvoredor e o encontro de dois amantes sobre a vegetação macia. Aquilo era um sonho sibarítico e ele era o sátiro, um papel que provavelmente desempenhava muito bem. Somente com um leve toque de depravação, a experiência reproduzia unicamente benefícios a sua companheira. Nicholas se deu meia volta ao corpo e a atraiu para si.

— Às suas ordens de Milady.

Seus dedos perambularam e descobriram o que procurava ela sentiu um leve e revelador arrepio.

Quando Caroline se arqueou o bastante como para que seus seios tensos lhe pressionassem com suavidade o peito, ele pensou divertido em todos os pretendentes desprezados que murmuravam sobre a permanente indiferença e o desinteresse frio e distante dela.

Fria não era a mulher.

Pequenas rajadas percorreram seu corpo e Caroline não pôde reprimir um som surdo de prazer, que seguia lutando contra uma sombra de incredulidade ante o licencioso comportamento.

Bem, estava nua nos braços do delicioso Nicholas Manning. Que mulher não seria licenciosa? Acabara de pedir que a tocasse, não? Sim, havia pedido.

Era estimulante e embora a razão principal pela que estavam juntos fosse tão frívola como fonte de possíveis infortúnios, com seus braços ao redor de seu corpo e com os habilidosos dedos ocupados em um cativante feitiço, decidiu que tudo valia à pena.

Sentia a ardente pressão de sua ereção, o membro longo e rígido entre os dois, enquanto ele a abraçava e a acariciava. Ele havia se privado do próprio prazer em duas ocasiões antes e tinha a sensação de que voltaria a se privar, se ela não iniciasse o ato de consumação.

Para sua surpresa, desejava. Não como prova por causa das acusações de Edward, que ela havia suportado trincando os dentes e com medo de fracassar fossem certas. Não, não desse modo. Absolutamente. Desejava-o porquê estava dolorida, se sentia incompleta e de um modo intuitivo sabia que o homem que a abraçava com tal força tinha o poder de curá-la.

Suas carícias eram mágicas. Como seria a parte mais potente dele?

Caroline se moveu. Não consciente, somente com o sutil sinal dessa ânsia nova.

Ele entendeu, à perfeição. Os dedos exploratórios deslizaram entre suas pernas enquanto ele murmurava em seu ouvido: — Está segura?

Já que sua atual natureza temerária estava fora de dúvida, ela assentiu. Ali estava, em plena luz do dia, nua em meio a clareira de um bosque, nos braços de um notório libertino depois de ter aceitado entregar seu corpo a dois homens que quase não conhecia... Então... Bem, sim. Por que não dar o passo seguinte sem mais, mas desfrutando todo o possível?

— Desejo que...

Mordiscou-lhe o pescoço, provocando um estremecimento no corpo rijo. .

— Sim. Diga.

— Desejo-o.

— Então temos algo em comum, além do que descobrimos com antecedência, Lady Wynn. Eu também a desejo.

Seria então quando o pesadelo ressurgiria. Quando ele se movimentou para se recostar sobre ela lhe separando as pernas com os joelhos, Caroline esperou o acesso de pavor. O impacto de seu membro rígido deveria ter lhe provocado uma arcada, uma sensação de submissão, mas em vez disso descobriu uma expectativa crescente e surpreendente.

— Sim. — Murmurou fitando atentamente aqueles olhos escuros. — Sim, por favor.

— Como se pudesse me negar... — Nicholas não sorriu. Sustentou seu olhar enquanto se movimentava somente o bastante para que a ponta de seu membro entrasse nela.

E logo, mais.

Muito mais. Profundamente. Incrível e profundamente. Todo ele.

Ela estava deitada, possuída, tomada. Nicholas descansava o quadril contra a parte interna de suas coxas e estava com os braços ao redor de seus ombros quando lhe roçou levemente a boca com os lábios em um gesto tranquilizador. A posse não era absolutamente como ela havia imaginado, e certamente não se parecia com o que tinha experimentado antes.

Ele lhe acariciou seu rosto com dedos afetuosos e não se movimentou; em sua pele perdurava o arrebatamento da excitação, que escurecia seus olhos intensamente.

— Caroline?

Sabia o que ele lhe perguntava.

— Estou bem. — Respondeu incapaz de reprimir o tom da alegria exultante de sua voz. — Mais que bem.

— Irei devagar.

— Não acredito que seja necessário. — Caroline tocou com o pé a parte

de atrás da musculosa panturrilha, em uma carícia. — Não sou frágil.

— Se você...

— Nicholas — Ela o interrompeu sem fôlego, cravando ligeiramente as unhas na parte superior dos braços firmes.

Era uma mensagem clara, porque ele deslizou o membro para trás em um movimento fascinante, para investir novamente de tal forma, que ela se sentiu atravessada por uma sensação intensa, que acreditou chegar a todas as terminações nervosas de seu corpo.

Como o mesmo ato podia ser doloroso e degradante com um homem, e algo parecido ao êxtase com outro foi uma revelação. Ele a tocava com uma persuasão muito doce, animando-a a corresponder sua paixão, em vez de usá-la como um receptáculo para saciar rapidamente a luxúria.

Caroline apertou os dedos sobre os poderosos ombros de Nicholas, cuja força não mais a intimidava e sim a cativava tanto como a fricção de seu membro no interior de seu sexo.

Era uma sensação extraordinariamente agradável e ela proferiu outro pequeno gemido.

O risco valia à pena... Cada minuto...

O cabelo negro e sedoso roçava seu pescoço, enquanto ele se movimentava dentro dela em um ritmo erótico que acrescentava o prazer sensual. Sua pele ardia no calor da expectativa, acariciada pela uma agradável brisa vespertina.

— Nicholas. — Gemeu ofegante e levantou a pélvis, desejando que ele alcançasse uma profundidade que sabia impossível.

Todo era impossível. Era impossível desejar tanto, como ela desejava a explosão do êxtase; era impossível acreditar que estava ali, na margem de um riacho em uma tarde ensolarada, nua e entregue ao seu amor; era impossível experimentar uma sorte tão apoteótica.

Ele se elevou entre ambos acariciou-a e de repente o mundo de Caroline estalou em chamas. Gritou, em um som desenfreado e ele respondeu com a rigidez de seu corpo entre as coxas dela; a força de sua ejaculação a preencheu. Permaneceram trêmulos presos momento, até que se acalmaram, e então ele se deixou cair ao seu lado e a manteve abraçada a ele.

Saciada e naquela seqüela confortável e tranqüila reclinou a cabeça no peito úmido meditando improvisadamente sobre quantas mulheres ele havia transportado ao paraíso, com sua exímia habilidade.

A muitas. Não era sozinho um rumor, já que de fato ele não havia negado.

A forma fluídica de fazer amor não era real, se recordou, enquanto ouvia os fortes batimentos do coração de Nicholas. Ele conseguia fazer com que

se sentisse desejada e atraente em seus braços, porque era quem era: um dos amantes mais consumados de Londres, com bastante confiança em si mesmo para se arriscar a uma aposta pública sobre seus talentos na cama.

Tudo era algo premeditado e não pessoal, e ela devia se lembrar sempre, para não interpretar erroneamente as intenções dele.

Ela não só era outra presa fácil; mas tinha pedido para ser, de forma descarada.

— Esta foi uma de minhas idéias mais inspiradas. — Nicholas interrompeu seus pensamentos, com os olhos escuros escurecidos por causa das pálpebras semicerradas e um de seus cativantes sorrisos nos lábios. A luz do sol filtrava e dourava os contornos de seu corpo musculoso. As maçãs proeminentes de seu rosto projetavam leves sombras sobre sua face. — Deveríamos sair para cavalgar todas as tardes enquanto estivermos aqui.

— Faz este tipo de coisa freqüentemente? — Caroline forçou-se a elevar a cabeça e observar a expressão de Nicholas. O doce aroma da vegetação esmagada emergiu entre eles, misturado a fragrância ainda mais terrena do ato sexual.

Os olhos negros evidenciaram um tom de cautela.

— Você pode precisar sua pergunta?

— Não acredito que fui pouco clara. — Ela ensaiou um sorriso. — Não é nada complicado. Refiro-me de maneira espontânea e... Ao ar livre...

— Ah, fazer amor? Não, estas manchas verdes em meus joelhos são somente para você. — Ele acariciou-lhe ligeiramente o lábio inferior com a ponta de um dedo brincalhão. — Não tinha intenção de esperar até mais tarde para tocá-la, então por que desperdiçar esta preciosa tarde e este lugar afastado?

Ele estava sendo sincero? Não estava segura.

— É encantador. — Admitiu. Seus corpos seguiam entrelaçados, os braços de Nicholas fortes e seguros. — Sempre gostei bem mais do campo que da cidade, mas os direitos hereditários de nossa residência de campo eram restringidos aos homens da família, de modo que quando Edward morreu tudo foi para o primo dele, junto com o título. Felizmente possuo a casa da cidade livre de encargos.

A única coisa decente que Edward fez por ela foi lhe deixar o bastante para ser auto-suficiente, e ela suspeitava que ele houvesse feito de propósito, para chatear Franklin, já que nenhum dos dois nunca haviam se gostado muito.

Ficou atônita quando se inteirou do montante de sua herança, mas nem a metade surpreendida como o novo Lorde Wynn. Felizmente Edward havia sido tão desumano em seus negócios, como foi em qualquer outro sentido,

e deixou tudo muito bem ajustado, de modo que o primo impugnar o legado foi inútil. Depois da disputa, Franklin a tratava como havia feito no dia em que se viram depois das corridas, com uma condescendência irritante, e a fitava de uma forma que ela não gostava. Acreditava que o melhor era evitá-lo e evitava, na medida do possível.

— Soube que seu marido foi vitimado pela febre.

Caroline olhou distraída para um longo galho de árvore que descia sobre a água e cujas folhas verdes se agitavam com força. A brisa acariciava sua pele ardente.

— Não estão seguros do que foi ao certo. Ele começou a sentir dores de estômago e piorou muito. Não se recuperou. Morreu dois dias depois.

— Poderia dizer que sinto muito, mas por alguma razão não acredito que você anseie receber condolências pela perda.

— Seria hipócrita de minha parte aceitá-las. Não desejava que morresse, mas tampouco me causa pena que tenha acontecido.

— Imagino que agora se dê conta, de que se decidir voltar a se casar, desta vez a escolha será inteiramente sua.

O tom anódino de sua voz fez com que ela inclinasse a cabeça para trás e observasse seu rosto.

— Não lhe negarei que tenho receio. Quem pode assegurar no que o homem se converta, uma vez que tenha pronunciado os votos? Edward parecia bastante encantador quando nos vimos pela primeira vez. Mas você tem razão, não o escolhi. Minha tia e meu pai agendaram o casamento, se me consultaram.

O homem que a abraçava não fez nenhum comentário. Acertar uma união sem intervenção da noiva era uma prática bastante comum.

— Além disso... Não tive filhos. — Caroline murmurou.

Por mais que tentasse que sua voz soasse distante e pragmática, ela continuava se lembrando do desdém de Edward ante o fato de não poder lhe dar um herdeiro. Ela sempre tivera esperanças de ter alguém a quem amar e que possivelmente a amasse também. Já que ele também desejava tanto um filho, ela confiava que o marido não a tratasse com tanto sadismo quando estivesse grávida, ou que a deixasse completamente só durante o período de reclusão.

Nicholas a estreitou um pouco mais entre os braços.

— A possível infertilidade pode ser levada em consideração, — ele reconheceu finalmente em voz baixa, — em função de qual seja o dever de cada um. Mas há muitos homens que não se importariam, em função de sua deliciosa beleza, Caroline.

Bem, era uma forma diplomática de dizer que um homem como ele não

podia se arriscar a ter uma esposa estéril. Não quando sua responsabilidade era perpetuar a linhagem e o sobrenome de sua família. Caroline o compreendia. Em seu matrimônio havia adquirido uma compreensão bem maior sobre como funcionava o mundo. Mesmo assim, doeu-lhe um pouco.

Esqueceu depois de um segundo, quando Nicholas ajustou sua postura com destreza, beijou-a e murmurou junto em seus lábios: — Dispomos de várias horas antes de ter que retornar e nos trocar para o jantar.

Caroline lhe rodeou o pescoço com os braços.

— Isso me soa maravilhoso.

Ele sorriu-lhe de um modo que fez com que algo se derretesse em seu interior.

— Adoro seu entusiasmo, querida.

Fazer elogios para ele era muito fácil. Usava-os com a espontânea segurança de um homem que sabia o que as mulheres queriam ouvir de seus lábios.

Lábios extraordinariamente habilidosos. Movida por um impulso, Caroline se postou de modo que pudesse lambe a parte inferior da curva que formava a carnosa boca. De lado a lado, com um toque lento e provocante. Nos olhos de Nicholas apareceu um brilho de surpresa satisfação e ele pôs a rir, com a morna respiração pega aos lábios dela.

— Noto que é uma aluna rápida, Milady.

Seria? Talvez fosse aquela tarde morna e o cenário que tornava tão audaz. Talvez fosse a liberdade de saber que todos os comentários horríveis e os cruéis sarcasmos que Edward lhe lançava nas noites em que aparecia em seu quarto quando tinha terminado fossem falsos. Inclusive talvez fosse por que o muito belo e indubitavelmente viril Duque era irresistível, não só para seu usual elenco de experientes companheiras de cama, mas também para alguém tão ignorante sobre sexualidade como ela.

Fora o que fosse sabia que desejava Nicholas novamente; desejava sentir sua paixão, suas atentas carícias e saber o que lhe dava prazer como mulher.

Embora tudo fosse uma ilusão.

Capítulo 12

— Então... Como vai a campanha? Atrevo-me a dizer que nos vimos mais frequentemente nos últimos dias que em vários anos.

Derek lançou um enfatiado olhar de recriminação ao seu tio.

— Já sabe que não vai bem, já que tem presenciado em grande parte. O jantar de hoje é um exemplo perfeito. Acredito que ela não me dirigiu mais que uma dúzia de palavras e depois argüiu dor de cabeça outra vez, e abandonou a mesa. — Acomodado em uma poltrona do escritório, perto de uma taça de ovinho do porto colocada sobre uma mesa de estilo árabe com incrustações de pedras polidas que formava um brilhante mosaico, Derek perguntou de um modo que confiava soar com vaga curiosidade: — Ela disse alguma coisa?

— A sua tia Margaret, quer dizer? — Thomas apoiou as costas e meneou a cabeça. — Não, que eu saiba. Mas entendo que existe uma singular conspiração feminina em silenciar as confissões românticas mútuas; algo extraordinário em algumas criaturas, que em princípio não são muito dadas ao silêncio.

Derek quis rir ante o comentário mordaz, mas estava muito frustrado e desanimado.

— Não posso acreditar que Annabel não tenha notado minha reiterada e repentina presença aqui.

Deus bendito! Ele parecia um patético adolescente apaixonado. Moveu-se com impaciência, irritado consigo mesmo e com tudo em geral. A situação com Annabel já era bastante ruim por si só, mas a aposta fazia com que sua presença em festas fosse uma espécie de sentença, sobretudo por causa da visível ausência de Nicholas. A sociedade londrina havia se dado conta da ausência dele. As perguntas maliciosas sobre seu paradeiro eram um problema desnecessário para Derek.

— Sigo dizendo que deveria tentar falar com ela a sós.

— Tentei em várias ocasiões. Está claro que ela não interessa. — Derek fez um gesto de desesperança com a mão, recordando as tentativas com uma aflição imprópria e indesejada. — Sabe por quê? O escândalo em torno de Phoebe Tanner coincidiu exatamente com o momento no qual me dei conta de que precisava mudar a opinião de Annabel sobre meu caráter. Embora a drástica decisão do marido de Phoebe em pedir o divórcio não

tenha nada a ver comigo, os boatos não ajudaram. Estou seguro de que o fato bastou para confirmar a pobre opinião que ela tem de mim, como um descarado. Não há nada pior que se ver envolvido em uma demanda de divórcio. Por sorte, não só sou absolutamente inocente de jamais ter tocado na tal dama, além de Lorde Tanner ter retirado as acusações. Mas temo que seja muito tarde.

Thomas se limitou fitá-lo com ironia e solidariedade masculina.

— O nível de opinião que Annabel tem sobre mim faz com que o fundo do mar pareça o topo de uma montanha. — Derek afundou ainda mais em sua poltrona, com um suspiro de frustração.

— Ah.

Bem, o que significava isso? Maldição. Embora não tivesse, se viu misturado aos problemas de Lady Tanner e o que aconteceu foi mais que inoportuno. O escândalo do divórcio dos Tanner havia acontecido justo quando finalmente havia admitido a incapacidade de esquecer o incidente com Annabel e seguir sua vida adiante. Não seria capaz de esquecer Annabel. E embora o rumor fosse falso, que seu nome estivesse na boca de todos como a possível causa da ira de Lorde Tanner, não tinha ajudado sua causa. Phoebe Tanner havia protegido o verdadeiro amante. Daí o engano. Pois quando o enfurecido marido os descobriu, o desventurado cavalheiro, que devia se parecer com Derek havia fugido pela janela. Dispor de um álibi sólido na noite em questão ajudou-o a provar que suas afirmações de inocência eram certas. Mas o que ficou gravado na mente das pessoas não foi às provas de que ele não era culpado, mas a intensidade do escândalo.

Havia escrito a Annabel há vários meses. Escreveu a carta como se fosse um colegial; passara horas diante de sua mesa tentando pensar em como explicar seus atos da fatídica tarde na biblioteca e para seu pesar, não tinha recebido nenhuma resposta. Estava quase seguro que Annabel sequer se incomodou em lê-la.

— Isto... É bastante diferente de uma tranquila sedução. — Replicou Derek.

Seu tio torceu a boca com ironia.

— Poderia tentar pronunciar a palavra.

— Que palavra? — Derek optou por não servir outra taça de vinho. Beber muito não resolveria seus problemas, embora ele tivesse provado o método até perder a consciência.

— Amor. — Disse Thomas com suavidade. — Acredito que deveria se acostumar a dizer.

Sobre a lareira havia um quadro de um cão com uma raposa sem vida aos seus pés, e Derek centrou sua atenção nele para se distrair. Por que um

artista escolhia representar animais mortos sobre uma tela com propósitos estéticos lhe parecia um mistério...

Amor. Não, não estava seguro de poder falar com eloquência sobre esse assunto. Na carta tinha incluído um pedido de desculpa e solicitava uma oportunidade para falar com ela, mas sem declarações floridas. Ele sabia como agradar uma mulher com um elogio elegante ou como sussurrar palavras apropriadas ao ouvido quando estavam na cama, até como fazê-la suspirar tão somente com a carícia certa, mas não tinha nem idéia de como pronunciar as singelas duas palavras.

Amo você.

— Deve dizer. — Continuou Thomas. — As mulheres precisam ouvir. Gostam de ouvir e é importante criar um vínculo forte. Admitir contra a vontade que se casaria com ela é muito distinto que lhe explicar simplesmente como se sente.

— Não foi contra a vontade. — Derek protestou.

— Teve que passar um ano.

Bem, esse era um argumento sólido. Havia apresentado, só que doze cruciais meses mais tarde.

— Como me sinto? — Murmurou. — isso é fácil dizer. Desventurado.

Um sorriso benigno iluminou a face de seu tio.

— Seu atual estado de desassossego me diz que é sincero Derek. Mas simplesmente aparecer e franzir o cenho a cada vez que ela menciona o nome de Lorde Hyatt, não vai lhe trazer muitos progressos.

— Não franzo o cenho. — Derek tentou não franzir o cenho naquele momento.

— Não. — Estalou em uma gargalhada. — Absolutamente.

— Seu regozijo as custas de minha presente aflição é bem pouco esportivo, não lhe parece? Eu acreditava que os homens tinham uma norma escrita, segundo a qual a compaixão é apropriada ante um camarada que caiu em desgraça. — Derek se impulsionou para se levantar e se aproximou apressadamente da janela. Fora, a escuridão era total e o vidro lhe devolveu o reflexo de sua imagem e o ricto de sua boca, infeliz e tenso.

— Confie em mim. Não que não me compadeça de seu dilema, Derek. Eu quero Annabel como se fosse minha própria filha. Fui seu pai desde que fez oito anos e sua felicidade é muito importante para mim. Também gostaria de vê-lo estável e feliz com a mulher apropriada, mais que repartindo seu tempo entre as aborrecidas obrigações de negócios e frívolas aventuras amorosas. Duvido que nenhuma das duas coisas te preencha.

Era um comentário bastante certo e Derek fez uma pequena careta e se voltou.

— Durante o ano passado fiz o possível para me convencer de que tão somente sentia um leve amor, que aconteceria a qualquer outro.

— Eu acredito que Annabel esteve muito ocupada fazendo o mesmo.

— E se estiver equivocada? E se o que sente por Hyatt é autêntico? Afinal aceitou ser sua esposa.

Essa última palavra lhe saiu um pouco entrecortada. De repente teve a sensação de que a gravata o apertava demais. Livrou-se dela sem prestar atenção.

Thomas juntou as mãos e meneou a cabeça.

— Onde está agora o jovem seguro de si, que não precisava olhar às damas aristocratas para que desmaiassem em seus braços? Acredito que você sabe muito mais sobre as mulheres que eu. Tive uma existência bastante aborrecida em minha juventude, de forma que minha experiência se limita em sua maioria aos meus anos de vida matrimonial. Mas posso dizer com bastante certeza que a forma intencional com a que Annabel atua em sua presença é bastante diferente da pessoa mais abatida que eu noto quando você não está presente para ser testemunha de sua suposta felicidade.

— Acredita que ela tenta me provocar ciúme? — Sentia-se ridículo só em perguntar, mas também tinha autêntico desejo de saber.

— Na noite da festa ela esteve mais coquete e dependente de Lorde Hyatt que de costume. Quando você foi embora, ela se apagou. Para te ser sincero, eu acredito que Hyatt notou e até ele mesmo relacionou sua saída com a mudança de atitude. Não acredito que fosse algo consciente por parte de Annabel, porque ela não é uma pessoa vingativa. Mas penso que pretende te fazer acreditar que já não quer saber nada mais de você, em nenhum sentido.

— E está conseguindo. — Derek suspirou entrecortadamente. — Estou com ciúme e confuso ao mesmo tempo, e detesto ambos os estados.

— Isso me causar pena, mas com franqueza começo a me perguntar se você havia sentido alguma vez algo mais que um interesse passageiro por alguma mulher. — Thomas se serviu com tranqüilidade mais vinho do porto. — Parecia tão empenhado em evitar qualquer relação que pudesse ser remotamente estável... Acredito que por isso não me preocupei quando me notei pela primeira vez os infantis sentimentos românticos de Annabel por você. Apesar dos boatos, eu o conheço bem e é muito honrado para comprometê-la. Dei-me conta que algo estava acontecendo, mas não quis perguntar o que era. Eu confio em você.

Se Thomas chegasse a conhecer algumas das fantasias bem pouco honoráveis que ele havia tido com sua preciosa pupila, podia ser que não

conservasse o sangue-frio, mas em resumo tinha razão: ele nunca teria se aproveitado do amor de Annabel.

Até então. Agora o jogo era algo distinto.

— Um só beijo. — Admitiu.

— Ah.

— Assustei-me demais.. — Ainda recordava com intensa claridade não só o doce e sedutor sabor de dos lábios dela, como também o raio de esperança em seus preciosos olhos, que lhe fizeram se dar conta que havia caído em algum precipício, em direção ao abismo.

Talvez não foi somente por recear se prender a uma mulher; foi um temor interior de não merecer uma confiança e um sentimento tão patentes.

Thomas arqueou as sobrancelhas e começou a rir.

— Duvido que nos círculos sociais haja muita gente que acredite que o escandaloso Conde de Manderville tenha se assustado com um simples beijo de uma inocente donzela.

— Se enganariam. — Era difícil formular tudo aquilo de forma que tivesse sentido. Derek explicou devagar: — Foi mais o olhar dela depois do beijo. De repente me dei conta que era um ponto decisivo em minha vida. Podia sair correndo tão depressa como pudesse e fingir que nada havia acontecido ou podia considerar uma opção em que não tinha pensado nunca. O casamento. Escolhi a primeira, mas não funcionou. Agora parece que minha única opção possível era a segunda.

Como se declarar a uma mulher comprometida, que mostrava de maneira bem convincente o profundo desagrado que sentia por ele?

Nicholas sorriu ante o olhar de deleite da mulher que estava a sua frente.

— Penso que será mais agradável que jantar lá dentro. Faz uma noite gostosa, não é?

Caroline se aproximou da cadeira que ele lhe ofereceu e se acomodou com elegante naturalidade. Quando se sentou, suas saias de seda revoaram e ela as ajeitou com um gesto gracioso. Observou com certa expressão de desconcerto os gigantescos ramalhetes em vasos espalhados pelo terraço. O perfume das flores enchia o ar. A mesa também estava muito bem disposta, com uma imaculada toalha branca, baixela de porcelana e um reluzente faqueiro de prata; haviam-na colocado perto da escada, para que eles pudessem desfrutar da vista dos jardins. Como se a natureza tivesse colaborado com o capricho de Nicholas, a lua pousou

sobre a copa das árvores, o ar era morno e a brisa pouco mais que um prazeroso sussurro. As dúzias de velas dos candelabros estrategicamente colocados mal piscavam.

A senhora Sims, responsável por tudo exceto a lua e a perfeita luz das estrelas, merecia um bom aumento de sua renda, decidiu enquanto se aproximava de uma cadeira e pegava a garrafa de vinho para servir uma taça a ambos. Nicholas não visitava Essex freqüentemente, mas possivelmente usaria mais o imóvel depois do interlúdio. Para sua surpresa, gostava da tranquilidade. Quando era jovem se irritava em ficar tão isolado. Agora que era um homem de quase trinta anos, sua perspectiva estava mudando.

— É encantador. Que idéia maravilhosa. — Caroline se voltou para o outro extremo da mesa pequena e íntima. — Estou bastante impressionada com suas idéias.

Era ele quem estava impressionado. Ela estava acostumada usar a cor verde e cinza, mas nessa noite usava um vestido de cor azul anil, cujo tom escuro realçava a pureza de sua pele e a espessa cabeleira de cor mogno que trazia solta em um estilo singelo que harmonizava sua beleza clássica. No tentador vale que se formava entre os deliciosos seios aninhava uma safira solitária; uma gema cujo tamanho não era ostentoso, esculpida em forma ovalada perfeita e sustentada por uma fina corrente de ouro ao redor do fino pescoço.

Ao se perguntar se o colar seria presente do marido sentiu a pontada de um sentimento estranho. Não estava seguro do por que lhe importava, mas sentiu um impulso sem precedentes de lhe presentear com algo ainda mais resplandecente. Provavelmente brincos de rubis, pois a cor ressaltaria os reflexos sutis de seu esplendoroso cabelo. Talvez lhe desse um presente quando retornassem a Londres. Afinal, ele também estava gostando muito do interlúdio.

— Você está maravilhosa. Gosto de como fica age cor para você. — Disse.

— Você também está bastante belo. Obrigada. — Em sua face se desenhou um sorriso de malícia. — Lorde Manderville terá que se empregar a fundo para competir com uma perfeita noite à luz da lua, com jantar e vinho no terraço.

Se o colar havia lhe incomodado, a mera alusão de que Derek pudesse estar simplesmente sentado em frente a ela lhe provocou uma sensação desagradável. Desprezou-a o melhor que pôde e sorriu.

— Se é tão amável em atribuir a mim o mérito do tempo aceito, Lady Wynn. Encarreguei-me pessoalmente desta noite esplêndida, especialmente para você.

— Se há alguém capaz de forjar que os elementos se dobrem aos seus desejos é você, Rothay. — Replicou Caroline entre risos, enquanto aceitava uma taça de vinho e rodeava a base da mesma com seus finos dedos. — Temo que esteja me acostumando mal.

— Assim é como deve ser. As damas tão encantadoras como você não deveriam fazer nada mais que decorar o mundo que as rodeia.

Caroline lançou-lhe um olhar com as pálpebras levemente entreabertas e o brilho dos candelabros se rivalizou com a luz das estrelas para iluminar sua face e os delicados ombros nus.

— Você é muito galante.

— Com você é muito fácil. — Com um gesto lânguido, Nicholas levou a taça aos lábios e bebeu um gole de vinho.

— Eu gostaria... — Ela ficou calada. Mordeu o lábio e logo afastou o olhar um segundo. De repente seus traços adotaram uma expressão distante.

Ele esperou endiabradamente intrigado ante o que ela estava para dizer, confiando que sua habitual carência de hipocrisia a fizesse terminar o que havia começado. Como não o fez, insistiu em voz baixa:

— O que gostaria?

Ela se limitou a mover a cabeça e os cachos de seu cabelo lhe acariciaram o pescoço.

— Estava para dizer algo, que estou segura de que você considerará alarmante e ingênuo, de maneira que desta vez não serei tão franca.

Ele deixou a taça sobre a pequena mesa, com deliberada tranqüilidade.

— Estou descobrindo que eu gosto de sua falta de artifícios. Diga-me.

Ela fitou-lhe do outro lado da mesa e afastou os lábios apenas um milímetro.

— Iria dizer que gostaria que isto fora real.

Tinha razão. Nicholas sentiu uma chama de alarme percorrer todo o seu corpo. O problema era que não foi o impulso de desprezar imediatamente qualquer insinuação de relação romântica, mas uma reação bem mais inquietante: uma pequena parte dele, uma que acreditava morta e enterrada depois de sua experiência com Helena, concordava com ela.

Para piorar ainda mais as coisas, ela baixou as pálpebras e se explicou:

— Refiro-me que se a ilusão é tão prazerosa, quanto melhor seria se fosse...

Nicholas agradeceu imensamente a chegada de sua governanta escocesa com o primeiro prato, que evitou que ela terminasse a frase e lhe permitiu não fazer nenhum comentário. Enquanto provava a sopa desprezou a inquietação de compreender o que ela queria dizer.

Afinal, era ele quem havia organizado o cenário romântico e a atmosfera

sedutora. Nicholas se acreditava imune, mas talvez o feitiço planejado de antemão estivesse surtindo efeito.

Jantaram, conversaram tranqüilamente e beberam vinho, enquanto o céu se enchia de estrelas e os insetos emitiam um som murmurante por entre árvores. A comida era simples como sempre, mas tão fresca e bem feita que não se importou em não haver molhos elaborados ou ingredientes exóticos. Durante a sobremesa se encontrou, sem saber como, falando de suas opiniões políticas, de sua família e outra vez de seus cavalos. Caroline era muito culta e tinha uma fascinante capacidade para lhe envolver em um dialogo em que não apareciam os boatos sem sentido ou a moda, coisa ainda mais aborrecida.

Sentado em frente a ela e observando como a luz da lua iluminava seu cabelo, Nicholas decidiu que de fato, o intelecto podia ser tão atraente como todas as demais partes deliciosas de uma mulher.

Caroline gostaria de sua mãe.

Deus bendito! De onde tinha saído essa idéia?

— Sericamente esteve você em Roma? — Ela perguntou levando-o de volta ao assunto que mantinham, sobre as viagens que ele tinha feito ao terminar a universidade. — Foi ao Coliseu, aos aquedutos e as grandes Igrejas?

— Eu gostei mais de Florência. — Respondeu gostando do interesse que iluminava o rosto de Caroline e conferia uma vivacidade ainda mais atraente a sua face quase perfeita. — Deve fazer o possível para ir lá algum dia. A Grécia também é fascinante e tem alguns lugares estranhamente primitivos, para ser um país com tanta cultura e uma história tão rica. A atmosfera de Creta é particularmente selvagem, apesar da famosa civilização antiga e complexa que foi destruída e que é possível que seja a inspirada Atlântida de Platão.

Naquele momento, Caroline apoiou os cotovelos na mesa com naturalidade e ficou ouvindo-o.

— Você acredita que essa teoria tem alguma validade? Recentemente se apresentou um documento na Royal Society, que sugere o mesmo. Dita hipótese me pareceu interessante em seu momento. Supostamente um maremoto catastrófico causado por uma erupção vulcânica a milhares de quilômetros de distância, engoliu a metrópole e a varreu para sempre.

Foi ele quem se sentiu varrido pelo cândido interesse.

— Eu não sou historiador, certamente, mas é uma hipótese interessante, não lhe parece?

— Sinto um ciúme imenso de suas experiências. — A face dela se obscureceu por um momento, mas logo sorriu e moveu a cabeça, compungida. — Acho que já notou que eu não tenho muitas oportunidades

de ter este tipo de conversa. A senhorita Dunsworth estava acostumado a se sentar durante horas a me falar das teorias e as viagens de seu pai, enquanto tomávamos chá. Sinceramente acredito que nunca se importou que ele a deixasse na indigência, em troca das histórias e os objetos que trazia. Ela me inculcou uma sede enorme pelo mundo. Acho que andei acoçando-a com perguntas, como uma menina curiosa.

Ela não parecia absolutamente a uma menina, pensou, passeando os olhos sobre as formas macias e tentadoras.

— Parece-me que já disse que responderei a todas as perguntas que tenha.

Mas isso tinha sido na cama, onde ele captou sua inexperiência e suas vacilações. Caroline recordou o mesmo, pois uma expressão de rubor apareceu em sua face.

— Sim, disse.

Ele elevou uma sobrancelha com um gesto indolente e sugestivo.

— Há algo mais que deseje saber?

A conotação sexual da pergunta era inequívoca. Caroline torceu os lábios, uma boca tão primorosa e prazenteira, e disse com aspereza:

— Estou segura de que se tivesse, a pessoa a quem perguntaria seria você.

— Alguma objeção a minha perícia? — Nicholas manteve o tom amigável e irônico.

Uma expressão indefinível, quase melancólica, atravessou o rosto dela.

— Não.

— Venha. — Ele disse se levantando e lhe estendendo a mão. — Dance comigo.

— Não temos música. — Ela objetou, mas obediente se levantou, entrelaçou os dedos com os dele e lhe roçou as pernas com a seda do vestido.

— Necessitamos? — Nicholas deslizou um braço ao redor da cintura dela e a atraiu para si, muito perto para um abarrotado salão de dança londrino, mas de um modo perfeito para uma valsa em um terraço à luz das estrelas, na morna escuridão de uma bucólica paisagem do campo.

Ela deixou; seus seios roçavam o peito dele e sentir sua flexibilidade foi tão embriagador como um licor.

— Mas não me peça que cante. — Provocou com ironia. — Ou cairemos redondos no chão. Acho que neste campo não tenho talento.

A gargalhada de Nicholas agitou a fragrante cabeleira de Caroline.

— Então reproduzirei a musica na mente.

— Será melhor, me ouvir.

— Sua falta de vaidade é notável em uma mulher tão formosa.

Ela elevou o rosto e o fitou com os olhos de uma cor extraordinária e luminosa, que expressavam uma dolorosa incerteza.

— Parece-me que em questões de vaidade não tenho muita prática.

Ele concordava. Também pensava que ela não tinha e essa era uma verdade surpreendente considerando a deslumbrante atração, mas provavelmente não era uma surpresa se tinha em conta seu passado. Nicholas se movimentou vagarosamente, com pequenos passos, enquanto volteavam juntos, e desfrutou da sensação deliciosa de tê-la nos braços.

E continuaram dançando. Foi um momento de uma característica idílica que ele não experimentava muito freqüentemente em sua vida agitada. Mas que homem, pensou com filosofia, não gozaria com uma noite tão deliciosa, com uma mulher atraente nos braços e sabendo que a valsa silenciosa e íntima que compartilhavam não seria mais que o prelúdio de outro tipo de dança, assim que a levasse para seu quarto? Notou que seu membro crescia tenso e reprimido sob a calça.

Finalmente, Nicholas diminuiu os passos e se inclinou para sussurrar ao seu ouvido:

— Eu a desejo.

— Notei. — Ela também falou com voz surda e lhe escapou um suspiro risonho. — Você me abraça tão escandalosamente perto, que seu entusiasmo é óbvio, Excelência.

— Gostaria de estar mais perto. — Com um movimento teatral, Nicholas a levantou nos braços e notou que ela tinha a face ruborizada; não podia ser pelo lento balanço nem pelos giros que havia dado pelo terraço. — Deixe-me ver o que posso fazer.

Nicholas abriu passo através das janelas abertas ao agradável entardecer. A senhora Sims estava no vestibulo principal e surpreendeu-se com a súbita presença deles. Dirigiu um olhar para Caroline.

— Excelência... Há algum problema?

Ela emitiu um som que ele interpretou como um sobressalto e então ele respondeu com total serenidade:

— Tudo está bem. O jantar foi soberbo. Diga à cozinheira, por favor.

— Sim, é obvio. — A senhora Sims conseguiu apagar do rosto a expressão de leve estranheza.

— A Milady... Está cansada. Aconselhei-a que se retirasse.

Era a pura verdade. Ela poderia dormir... Depois.

A angústia de Caroline por causa de a governanta testemunhar o

impetuoso arrebatamento de seu amante em levá-la escada acima foi mitigada pela sensação excitante que correu por suas veias como um vinho doce. Seu amante.

À margem do que tivesse ocorrido, à margem do pouco tempo que havia passado, o carismático Nicholas Manning era seu amante, embora somente durante uma semana.

O grande e eloquente gesto que havia culminado o jantar romântico era parte de algo que Caroline vivia como uma espécie de sonho utópico. Que ele a levasse nos braços até seu quarto era o recurso natural de uma valsa lenta e sedutora.

— Absolutamente, ela não acreditou que eu esteja simplesmente cansada.

— Murmurou ao mesmo tempo em que apoiava a cabeça em um ombro amplo e firme. Sabia que estava com a face vivamente rosada, mas não estava segura de até que ponto isso importava. Nicholas cheirava de um modo maravilhoso e totalmente varonil, cujos embriagadores efeitos lhe provocaram tensão nos mamilos e uma morna pulsação entre suas pernas.

— A opinião da governanta não me interessa, na verdade, embora tenha a intenção de recompensá-la e fazer uma série de observações a respeito de como agradecê-la por não comentar minha visita. — Nicholas parecia sustentá-la sem esforço, pois sua respiração não se alterou em nada, nem sequer quando começou a subir a escada com um ritmo atlético e compassado.

Ela desejava poder compartilhar sua indiferença ante a opinião de outros, mas a verdade era que ele estava acostumado a ser criticado constantemente. O esplendor de sua beleza morena, sua grande fortuna e a elevada classe de seu título lhe convertiam em objeto de interesse por parte de todos. Se a alta sociedade soubesse que ela havia participado da infame aposta, adquiriria tão má fama como ele. Devia ser prudente para não chegar a essa situação.

Não. Pensou rapidamente quando Nicholas chutou a porta do quarto com a bota, para abri-la. Ninguém averiguaria.

Ele a depositou na cama e começou a se desfazer da gravata, com dedos ágeis.

— Preciso que se dispa.

Não foram palavras pronunciadas com ternura, mas com uma urgência concludente.

— Isso é um pedido ou uma ordem?

Era extraordinário como as coisas havia mudado em tão poucos dias. Se Edward houvesse lhe dito essas mesmas palavras teria saído correndo do quarto. Com o Duque diabólico, sentou e tirou os sapatos e levantou

descaradamente as saias para tirar as meias. Ele a observou com um olhar cintilante todos seus movimentos, inclusive quando afastou dos ombros a fina blusa.

— Aprese-se. — Urgiu Nicholas em voz baixa.

E de algum modo a direta palavra teve um efeito excitante nela. Caroline sentiu a breve chama. Fechou os olhos e levantou a saia que se amontoou ao redor de sua cintura. Afastou as pernas com descaramento.

— Assim é o bastante rápido?

Nicholas lançou uma maldição em voz baixa, quase inaudível; o sentimento estava bastante claro e não carecia de palavras. Abriu a calça rapidamente.

— Perfeito.

Por que não estava assustada?

Porque ele não lhe faria mal. Sabia. O medo era a última coisa que tinha em mente quando ele deslizou a calça pelo quadril e cobriu com o corpo. Não a forçaria a fazer nada que ela não desejasse e sem dúvida, ela desejava-o em todos os sentidos. Nicholas entrou nela com ímpeto e, até naquele momento de impaciência e total necessidade, deteve-se em meio a posse e perguntou com voz áspera:

— Você está bem?

— Preciso de você. — Ela sentiu o calor que emanava daquele corpo poderoso, através do tecido da camisa de Nicholas. Apalpou os contornos dos músculos com os dedos afastados e apoiados em seu peito.

Em resposta ao seu pedido ante sua vacilação, Nicholas se deixou levar e se enterrou em seu interior, profundamente, de modo que ela sentiu toda a rigidez e o tamanho de seu desejo, o alcance da excitação que ele havia lhe provocado.

Isso significa ser uma mulher.

Oh, Deus.

Seu quadril se elevou obedecendo a uma ordem que sequer sabia que tinha dado. Ele se deslizou para trás e depois se impulsionou para possuí-la outra vez, com tanta intensidade que ela ofegou. Sensações delirantes saturaram seus sentidos, se apropriaram de seu corpo faminto como se o ostentoso, atraente e sexual Nicholas fosse uma droga. Sob o fino tecido de sua camisa, seus músculos eram rochas endurecidas pela tensão.

Apesar de seus propósitos havia sentido medo na primeira noite que haviam ficado juntos, mas ele se conteve e a tranquilizou. Na tarde que haviam passado fazendo amor na clareira ensolarada conseguira se soltar mais, menos coibida por seu passado. Curiosa, mas ainda precavida.

Agora estava... Ansiosa. Úmida. Necessitada.

Dele. De sua generosidade e de sua hábil contribuição de prazer enlevado. Cada investida trazia consigo um gemido surdo e revelador. Arqueou as costas e respondeu ao seu ímpeto, como se o decadente feito de não poder esperar para ficarem nus inflamasse seu desejo.

Sentia impudica. Era maravilhoso.

Nicholas provocava que sentisse lascívia.

E ela estava gostando de ser.

Ambos incrementaram o ritmo. O corpo de Nicholas fluiu em seu interior de um modo mais frenético, mais selvagem, e ela se pegou a ele com uma urgência crescente. Deixou cair à cabeça para trás enquanto gemia de prazer, e ele sussurrava alguma coisa que não pôde entender.

Então ele chegou ao clímax. Ela notou como o rijo se enrijeceu, como os gemidos saíam de seu peito, como ele repente semicerrou os olhos e ficou completamente imóvel, salvo por uma sucessão de intensos tremores quando se deixou levar. Seu útero recebeu uma rajada tão enérgica e precipitada, como a urgência com qual ele a tinha carregado do terraço e pela escada.

O ardor de sua respiração lhe acariciou a face quando passado alguns instantes, Nicholas sorriu.

— Minhas desculpas. De- me alguns minutos e lhe prometo que chego a sua altura. Pelo visto, danças à luz da lua com preciosas damas de cabelos castanhos avermelhados excitam minhas paixões a um nível vergonhoso. Não recorro de nunca ter me apressado tanto.

Embora Caroline duvidasse que ele houvesse notado, a idéia de ter feito com que o depravado, experiente e... Ah, tão maligno Duque de Rothay perder o controle era estimulante, embriagadora. Fechou os olhos para que ele não visse o repentino brilho de suas lágrimas. Eram de alegria; a aguda evidência sensorial de que todos os dolorosos golpes e escárnios que havia experimentado sob as mãos de seu marido estavam sendo apagados a cada carícia terna, a cada sorriso deslumbrante e com cada beijo selvagem e malicioso.

Desejou que a semana não terminasse nunca.

Nicholas se afastou e ela deixou escapar um suspiro de decepção que não lhe custou interpretar. Seu sorriso foi um lume de dentes brancos. Ele se deitou ao seu lado apoiado em um cotovelo, com a calça desabotoada e o cabelo negro ligeiramente alvoroçado. Era a imagem de uma erótica e decadente promessa. Desenhou com o dedo um atalho que descendeu pela face e percorreu o lábio inferior do Caroline.

— Não se preocupe. Estou decidido a me redimir em todos os sentidos, de meu atual estado de humilhação masculina. Deixe-me despi-la e

recomeçaremos, minha querida Caroline.

Caroline gostou da idéia de seu sua querida.

Um leve sorriso se desenhcou em seus lábios. Meio nua com a saia do vestido ainda enrolada ao redor da cintura, ela se sentia indolente e insatisfeita, embora duvidasse que a sensação durasse muito.

— Não me decepcionou ainda.

— Agradeço o voto de confiança. — Ele desabotoou-lhe o vestido com hábeis dedos e tomou nos seus braços. — Já lhe disse que a mulher possui um grande controle sobre um homem, quando ele a deseja como eu a desejo.

— Lastimo que isso se deva unicamente ao desafio entre Manderville e você.

Ele se deteve e ficou muito quieto. Por sua vez, ela ficou horrorizada.

Havia o tornado a errar; pela segunda vez em uma noite havia dito o que pensava. O que esperava? Uma declaração de afeto de um homem que mal a conhecia? Podia que ele tivesse explorado cada milímetro de seu corpo, mas poucos dias em companhia mútua dificilmente constituíam uma relação profunda, e teria que levar em conta as circunstâncias incomuns na qual se encontravam.

Sentiu o rosto em chamas ante a própria audácia e inoportuna habilidade para fazer uma afirmação errada, no momento errado. Essa era a razão pela qual estava acostumado a ficar calada, tensa e contida em suas aparições públicas. Era capaz, como acabava de demonstrar, de se ver em uma situação embaraçosa.

Por sorte, ele era bem mais perito na complexidade das relações ocasionais que podiam acontecer entre homens e mulheres e encolheu os ombros, como se não soubesse as implicações do inoportuno comentário de Caroline. Liberou com suavidade o último botão de seu vestido e sorriu de modo triste.

— Essa aposta infernal nos uniu, então não vou lamentar. Neste momento você está aqui, — ele lhe baixou o vestido com delicadeza e seus seios se evidenciaram sob a leve camisa íntima — e bem disponível a um sentido sexual.

Nicholas beijou-a enquanto seguia despojando-a sem pressa da roupa, e brindando-a com beijos suaves, pausados e tentadores, que seduziam e cativavam provando de sua bem merecida reputação. Nas horas seguintes ele fez bem mais que compensar seu pequeno tropeço. Fez com que ela experimentasse uma e outra vez o êxtase, desinteressadamente, e demonstrou que sua resistência lendária não era um mito. Era apoiada em fatos comprováveis.

Mais tarde, saciada, sonada e colada a ele, Caroline examinou seu futuro com uma sensação de fatalidade. Para ela era fácil se sentir desejada quando estava aconchegada nos braços de Nicholas, cuja estilizada presença simbolizava uma mudança monumental em sua vida.

Tinha que se perguntar. E apesar de estar provavelmente curada de sua atroz insegurança, não estaria também condenada. Devido a sua inexperiência tinha aceitado ingenuamente que podia fazer não valorizar a intimidade do ato sexual. Afinal, tanto Nicholas como Derek Drake tinham fama de ser capazes de seduzir e abandonar sem problemas, com o prazer passageiro como único objetivo.

E se ela não pudesse ser tão desapegada?

Nicholas havia adormecido ao seu lado; seu peito se elevava com o ritmo de sua respiração compassada. Caroline observou como a brisa noturna elevava ligeiramente as cortinas e soube que ele era o problema. Já que tudo isso, todo ele... Era tão novo e tão extraordinário, que se tornava difícil filtrar a realidade da fantasia.

Ele conversava com ela. Aquilo era mais irresistível que sua indubitável habilidade para excitar seu corpo. Se desde o começo se limitasse a fazer o que ela esperava retendo-a no quarto durante toda a semana, talvez não se sentisse tão inquieta. Em vez disso tinha ele era gentil e atento em todos os sentidos. Sentia o agudo temor de que agora não poderia se afastar dele com facilidade.

Nicholas se movimentou e mesmo estando profundamente adormecido a abraçou mais forte, como se tivesse feito o mesmo milhares de vezes com outras amantes.

Provavelmente tinha feito. Milhares de vezes. Não deveria se preocupar com o fato.

Mas se preocupou.

Capítulo 13

Annabel se voltou, totalmente. O tecido de seu elaborado vestido de noiva caiu ao seu redor em forma de pregas com agulhas por toda parte, enquanto a costureira se ajoelhava no chão e arrumava-as. Margaret observava com olhar crítico e de vez em quando fazia algum comentário.

Annabel se perguntou se era evidente o quanto estava distraída e indiferente ante algo que deveria ser muito importante para ela.

Confiava em que não, mas temia estampar a verdade em sua face.

O temor se viu confirmado quando uma hora depois elas abandonaram o ateliê da costureira e se dirigiram a casa. Margaret Drake ainda era uma mulher encantadora, com uma suave cabeleira castanha que começava a encanecer de um modo elegante e algumas pequenas rugas na pele, que não desmereciam sua graciosa estrutura óssea, nem seus belos e vivazes olhos. Ela se acomodou no assento da carruagem a sua frente e foi direto ao assunto.

— Alguma coisa está errada?

Há alguma coisa boa?

Annabel tentou mostrar uma expressão neutra.

— Não sei a que se refere, exatamente.

— Querida menina, você parece cansada, apática quase não se alimenta. Agora mesmo, enquanto provava seu vestido de noiva, nada menos, mal opinou sobre ele, sequer quando lhe perguntavam diretamente.

Era certo. E já que Margaret era como uma mãe para ela era difícil não confessar o que lhe preocupava, de verdade. Mas não podia. Se confessasse teria que se expor realmente e isso era impossível.

— Nunca imaginei que planejar um casamento fosse tão... Absorvente. — Explicou com uma sincera pontada de culpa. Não era totalmente falso, de fato os detalhes do planejamento era horríveis, mas tampouco era a verdade a respeito de sua desmotivação.

Margaret inclinou um pouco a cabeça e a examinou com os olhos semicerrados.

— Lorde Hyatt disse que aceitaria o tipo de celebração que você quisesse. Não é preciso uma grande cerimônia, se prefere algo mais tranquilo.

Isso também era parte do problema. Alfred era um homem muito dócil e bom. Não como outro que ela conhecia, um certo Conde que por fora

parecia extraordinariamente cortês e absolutamente encantador, mas que sob a atraente fachada era egoísta e insensível.

— Eu quero uma grande cerimônia. — Suas palavras soaram cortantes e ela retificou o tom com certo esforço. — É que o matrimônio é um passo importante e eu desejo compartilhar minha felicidade com meus amigos e é claro, com minha família.

Margaret arqueou as sobrancelhas.

— Muito bem. Pois então deveria mostrar mais entusiasmo pelos detalhes. E o vestido de noiva faz parte desses detalhes.

Ela mordeu o lábio e logo suspirou.

— Sinto muito não ter sido uma companhia agradável esta tarde.

— Minha querida menina, eu não estou discutindo. Estou somente preocupada. Se arrepender do compromisso agora é o momento de...

— Não. — Annabel a interrompeu imediatamente. — Não me arrependo de nada.

Que forma mais terrível de mentir a alguém que amava.

Houve uma prolongada pausa durante a qual somente se ouviu o som contínuo das rodas da carruagem sobre a rua e o grito de algum vendedor apregoando suas mercadorias. Logo Margaret assentiu e se endireitou no assento, com expressão séria.

— Se estiver segura de que deseja seguir adiante com isto, já sabe que eu farei todo o possível para que seja um acontecimento maravilhoso, do qual sempre recordará.

Ela faria. Annabel nunca duvidou disso e se sentiu duplamente culpada em estar sendo embusteira.

— Alfred é amável, generoso e gentil. E mais, de fato é possível que seja fiel, algo que a maioria das esposas não pode confiar. Por que não seguiria adiante com isto?

— Está me fazendo uma pergunta, certo? Se for, faça com cuidado. Eu poderia responder verdadeiramente.

Então tocou a Annabel semicerrar os olhos e fixar o olhar.

— O que quer dizer isso?

— Quero dizer que estou preocupada com você. Penso que por alguma razão, na realidade este matrimônio iminente não te faz feliz, por mais que finja o contrário. Inclusive Thomas já comentou alguma coisa, minha querida. Quando um homem se dá conta de alguma coisa e faz observações sobre o que sente uma mulher é que é algo muito óbvio. Eles não são as criaturas mais observadoras do mundo.

Não estaria tão nervosa e tão abertamente infeliz, se Derek não aparecesse de repente em todo lugar que estava. Durante no ano anterior

mal havia encontrado-o, mas nos últimos cinco dias ele vinha jantar três vezes por semana e duas para tomar chá, e inclusive compareceu a uma audição oferecida pela filha de uma das amigas da Margaret. Toda a sala se surpreendeu ante o comportamento sem precedentes, e a pobre jovem se enrubescceu tanto pela assistência do infame aristocrata, que interpretou Bach e Mozart de um modo tão confuso que teria feito os compositores estremecer. Ela havia suportado a apresentação apertando os dentes e não foram as notas discordantes que a incomodou, mas a magnética presença de Derek em uma reunião tão íntima. As mulheres lhe dedicaram inconfundíveis olhares de cobiça.

Com um elegante traje de noite e o cabelo loiro brilhando sob a luz dos candelabros, ele se sentou para apreciar a apresentação com uma expressão inescrutável na face e aparentemente alheio à incredulidade que provocou sua assistência em todos os da sala.

Ninguém havia se sentido tão surpreso e incomodado como ela, que temeu que inclusive Alfred notasse.

A ausência de Derek em sua vida tornava tudo mais fácil, mas seu súbito reaparecimento perturbava seu mundo.

Perturbava seu propósito de esquecê-lo e ela desprezava a si mesma, e ainda mais a ele, por lhe provocar a mínima dúvida.

Em parte era por causa da maldita carta que ele havia lhe escrito. Enfurnou-a em uma gaveta fechada no fundo do armário, com o conteúdo intacto, como prova de sua indiferença.

Mas todo dia se perguntava o que estava escrito e estava mais tentada que nunca a abri-la e lê-la.

— Acho que tenho direito de estar um pouco nervosa por causa do casamento. — Alisou a saia de seu vestido com uma mão, tentando não parecer indiferente. — Estou convencida de que a maioria das noivas tem certas dúvidas de vez em quando.

— É provável, reconheço. Enquanto seja somente isso. Nós desejamos tanto que seja feliz...

Feliz? Quando foi a última vez que se sentiu feliz?

A carruagem dobrou uma esquina e quando o veículo sacudiu, Annabel se segurou à correia para manter o equilíbrio. Uma imagem espontânea e indesejada chegou a sua mente. Uma preciosa e morna tarde do verão, a silenciosa biblioteca de Manderville Hall, que para ela era quase como um refúgio particular, e um beijo mágico. Derek, tão irresistivelmente atraente com seu cabelo algo revoltado. A chama nos olhos celestes que ela não nunca tinha visto, dirigida a ela... Derek baixando os olhos e inclinando a cabeça com uma intenção inconfundível...

E depois a carícia de sua boca sobre os lábios. Suave, terna, tomando e oferecendo, até lhe roubar o ar dos pulmões.

Mas então irrompeu outra lembrança e era do mesmo homem que havia lhe beijado com tanto carinho, abraçando outra mulher.

Annabel os apagou com uma vontade implacável e disse a Margaret:

— Sou feliz.

Sua mãe de criação se limitou a fitá-la um segundo, para depois murmurou: — Se você está dizendo, eu acredito.

A rua estava repleta na última hora da tarde. Derek saiu de sua loja de tabaco favorita em Bond Street e potencialmente colidiu com um dos transeuntes que passavam junto à porta.

— Perdoe-me. — Murmurou.

— Manderville. Que agradável se chocar com você. Não no sentido literal é obvio. — O homem acompanhou o comentário supostamente frívolo, com uma careta.

Santo Deus. Pensou Derek com sarcasmo ao vê-lo. Maldição. De todas as pessoas da maldita cidade, por que tinha que ser o homem a quem menos desejava encontrar, que virtualmente havia lhe jogado à calçada em um empurrão?

— Sim, certamente.

Alfred Hyatt também segurava um pacote.

— Acabo de sair da loja de luvas. Entregar recados é muito aborrecido, mas suponho que de vez em quando se é obrigado a fazê-lo.

— É inevitável. — Derek concordou com séria correção. — Bem, parece-me que eu...

— Quer tomar uma taça de vinho comigo? Há uma pequeno taberna no final da rua onde servem um uísque decente. — Cordial e cosmopolita, o noivo de Annabel o fitou com expectativa.

As pessoas caminhavam de um lado para outro, as carruagens faziam barulho a sua passagem e provavelmente foi o ruído e o atordoamento ou talvez simplesmente estivesse atordoado nesse momento, porque ante a irônica ocorrência de beber em amigável companhia com seu rival, Derek não foi capaz de pensar em uma desculpa imediata sem parecer mal educado.

Ao inferno! Provavelmente Hyatt sequer sabia que eram rivais.

— Um uísque me parece o mais apropriado. — Murmurou, e não mentiu. Talvez bebesse toda a garrafa, pensou quando começaram a caminhar.

Resultou que a taberna estava repleta, numa mistura de homens bem

vestidos, lojistas e comerciantes. Eles conseguiram encontrar um canto tranqüilo, se sentaram e uma eficiente criada com sotaque irlandês se apressou a servi-los.

Com sua amabilidade habitual, Hyatt sorriu do outro lado da mesa. Tudo relacionado a esse homem, ao inferno com ele, era agradável. Belo em um sentido discreto, com estilo, mas sem artificialidade e sua atitude não era afetada nem fátua, de forma que os homens o apreciavam e obviamente, se Annabel havia aceitado se casar com o bastardo, também atraía às mulheres.

Demônios.

— De fato, é uma sorte que tenhamos nos encontrado hoje. —Hyatt disse com as mãos entrelaçadas sobre a mesa enquanto esperavam as bebidas.

— Estive pensando em lhe pedir opinião sobre um assunto de certa importância para mim.

Isso não era o que Derek esperava ouvir. Arqueou uma sobrancelha.

— Sim?

— Em um terreno no que, de certo modo, você é mais perito que eu. — Hyatt soltou uma gargalhada desacreditada. — Eu disse, de certo modo? Deveria ter eliminado a palavra de minha primeira frase. Digamos que estou razoavelmente seguro, por várias razões, de que será capaz de me ajudar com este dilema.

— Que dilema?

— Bem... Tem a ver com as mulheres, naturalmente. Digamos que acredito que ao longo de seus... Isto... Numerosas relações passadas, tenha averiguado o que lhes agrada em questão de presentes. Somando isso ao simples fato de que você conhece bem Annabel, pergunto-me se poderia me orientar sobre o que devo comprar como presente de casamento.

Derek o fitou se perguntando, que pecado teria cometido para que o destino o castigasse com precisamente o homem que estava comprometido com a mulher que amava. E ainda lhe pedisse conselho sobre o que ela gostaria para celebrar seu enlace. Repassou sua vida até o momento e decidiu que não lhe ocorria nada, sequer de seus momentos menos angelicais, que fosse tão mau para justificar essa tortura em particular.

Ao notar que ele não respondia imediatamente, Hyatt acrescentou: — Estou muito perdido, mas quero fazer bonito, que estou seguro que compreenderá.

Demônios. Onde estava o uísque?

Derek pigarreou.

— Estou convencido de que o que alguém compra para sua amante e o

que compra para sua esposa sejam coisas diferentes. Duvido que eu possa lhe ser de muita ajuda. Annabel não é tão vaidosa para cobiçar jóias ou perfumes caros.

— Sim, você a conhece. — Hyatt assinalou com inegável exatidão. — Com isto já me ajuda. Continue.

A criada chegou com o uísque, como um presente do céu. Derek a teria beijado, embora tivesse a pele marcada pela varíola e provavelmente vinte anos mais velha que ele. Levantou o copo e deu um gole tão longo que quase se engasgou. Aceitou com gosto o abrasamento que sentiu ao engolir. Quanto mais rápido o terminasse, mais cedo poderia dar uma desculpa verossímil e partir.

— Conhecia melhor quando era menina. — Continuou, o que não era a verdade exatamente, mas se aproximava o bastante. A menina aberta e inquisitiva tinha dado lugar a mulher, com sonhos adultos e capacidade para seduzir e fascinar. Se ele tivesse compreendido a transformação um pouco melhor, provavelmente não teria estragado tudo. — Na realidade não conversamos freqüentemente.

— Sim, já me dei conta disso. — Hyatt bebeu um bom gole de seu copo. Pela primeira vez, Derek captou uma expressão vigilante nos olhos do homem.

Talvez tenha que reconsiderar a situação, pensou sobressaltado.

Tio Thomas disse que desconfiava que Lorde Hyatt houvesse notado o comportamento de Annabel na festa de noivado. Talvez o homem fosse perspicaz em outros sentidos. Thomas tinha adivinhado o que acontecia com Derek. Provavelmente Hyatt também o via como um rival.

— Não nos vemos muito. — Derek articulou com toda a tranqüilidade que foi possível.

— Ela comentou isso uma vez. — Hyatt se recostou um pouco na cadeira com o olhar penetrante e a expressão firme, embora não abertamente hostil. — Tenho que dizer que ela fica bastante tensa quando se menciona seu nome.

Maravilhoso. Eles haviam falado sobre ele. Embora Derek duvidasse que Annabel houvesse dito algo sobre o beijo estava convencido que teria sido pouco elogiosa pelo resto. Não estava seguro de como justificar o escárnio, mas fez tudo o que pôde.

— Acredito que então foi o bastante adulta para compreender todos os comentários decidindo que eu era menos heróico do que pensava quando criança. — Ele Deu outro bom gole do copo. — Tem toda a razão é obvio.

— Sim. — Hyatt afirmou com aparente indiferença. — Quem sabe qual será a reação de uma mulher diante das coisas?

Era difícil saber como responder, por isso Derek declinou em sua resposta. Em vez disso apurou a bebida e deixou o copo na mesa com um golpe seco.

— Sinto muito, mas não posso lhe oferecer uma idéia brilhante para um presente.

— Não é necessário se desculpar. — Hyatt fez um gesto de indiferença com a mão, mas sem alterar o atento escrutínio no rosto de Derek. — Em qualquer caso foi uma conversa agradável. Afinal, logo formaremos parte da mesma família e nos veremos com frequência.

Maldição. E ele não sabia como suportaria. Pior que as imagens de sua Annabel na cama era imaginá-la grávida do filho de outro homem e isso lhe provocava um rasgo que nunca acreditou possível.

— É claro, — Hyatt seguiu com o mesmo afável tom, que mal se ouvia por sobre a ruidosa clientela, — que depois do casamento estou pensando em levá-la ao estrangeiro para uma temporada. A Itália talvez. Acredita que ela gostará?

Não. De maneira nenhuma; não falaria com Hyatt sobre viagem dos noivos. Gostar... Irritava-lhe os nervos. Levantou-se e conseguiu fingir um sorriso.

— Estou convencido de que sim. Annabel sempre gostou da aventura. Agora, se me desculpar...

— Essa atração pela aventura a levou alguma vez até você, Manderville?
Derek ficou imóvel. Entreabriu os olhos.

— Como?

— Qualquer pessoa que não for cega faria essa pergunta. Eu, — Hyatt acrescentou sucintamente — não estou. Sua presença a afeta. Acho que à maioria das mulheres, de modo que provavelmente não seja algo incomum. Mas talvez signifique alguma coisa.

Esse era o momento no qual Derek devia ser capaz de declarar que ele nunca havia tocado nela. Mas sim. Havia provado Annabel e embora um único beijo dificilmente a comprometeria, ele continuava sem estar livre de culpa.

Fitou o homem nos olhos e replicou com secura:

— Fique tranquilo. Sua honra está intacta. Obrigado pela bebida.

Derek deu meia volta e saiu da taberna com uma leve camada de suor na testa, abrindo caminho a empurrões entre os clientes que pululavam aqui e ali.

Uma vez fora desceu a rua, decidido e indignado. Devia estar demonstrando seu estado, por que as pessoas se afastavam à sua passagem.

Então Lorde Hyatt tinha suas dúvidas, certo?

Isso era um bom ou mau sinal? Annabel podia lhe odiar ainda mais se fosse causa de controvérsia entre ela e o futuro marido. Mas Hyatt havia se referido ao comportamento dela, não ao dele.

Precisava falar com Annabel.

Isso estava fora de qualquer dúvida.

Capítulo 14

Surpreso, Nicholas descobriu que gostava da singeleza do amanhecer. Não que fosse preguiçoso. Absolutamente. Havia dias nos quais tinha muitas coisas a fazer, mas estava acostumado a deitar tarde e raramente se levantava antes que o sol coroasse o horizonte. Depois de passar algumas manhãs na cama contemplando como o céu se iluminava notou que gostava. Claro. Decidiu que ajudava bastante ter uma mulher cativante ao seu lado e que talvez fosse essa a razão pela qual de repente havia desenvolvido um apego sentimental pela alvorada, depois de vinte e oito anos sobre a terra ignorando-a completamente.

Caroline dormia como uma menina ao seu lado, com uma mão sob a face e a respiração tranqüila e compassada. Mas certamente ela não tinha nada de infantil em nenhum outro sentido. Parte do corpo nu e voluptuoso estava coberto pelos lençóis de seda e seus seios, coroados de rosa, eram visíveis e muito tentadores. A espessa cabeleira espalhada sobre os ombros pálidos adornava a manta com uma cintilante cascata de cachos desordenados. Adormecida, ela parecia com o que acreditava que era seu ideal de mulher, cheia de elegante sensualidade e atração natural.

A delicada vulnerabilidade feminina somada a uma admirável força interior o comovia.

Nicholas sentou e se apoiou nos travesseiros contemplando a silhueta flexível e franziu levemente o cenho. Era atração algo sexual e nada mais, afirmou com severidade. No fundo de seu coração ele era um homem prático.

Mas ela despertava cedo e ele havia descoberto que gostava de despertar com ela.

Em efeito, assim que o aposento se iluminou de modo que os móveis deixaram de serem sombras vagas e a luz sobre os cortinados afastados projetou um belo reflexo no tapete oriental, ela se moveu. Suas pálpebras tremeram, ela suspirou e mal abriu os olhos.

— Bom dia.

Caroline se voltou para lhe presentear com um sorriso sonolento. Com um recato para o qual já estava tarde e sobretudo desnecessário, ela puxou o lençol até cobrir os seios nus, enquanto despertava completamente.

— Bom dia.

— Sempre um bom dia. Quando me acordo contigo.

— É muito cedo para o seu eloqüente encanto, Rothay. — Ela sorriu enquanto se espreguiçava indolente outra vez.

— E se resultar que sou sincero?

— Não nos conhecemos bastante um ao outro para que seja sincero.

— Sempre existe a possibilidade de que o seja, de todo modo.

Despenteada e deliciosa, Caroline era a viva imagem do fascínio feminino. Próxima, morna e cativante. Ele teve que fechar as mãos para se abster de tocá-la.

Nicholas desejava se explicar. Dizer que não estava acostumado a passar a noite toda com uma mulher. Se tivesse bebido mais do que o costume ou se fizesse muito mau tempo, às vezes dormia na cama da dama questão, mas era por mero espírito prático e não porque desejasse despertar ao lado de alguém.

Mas não disse nada. Expressar os verdadeiros sentimentos era mais difícil do que imaginava. Nesse assunto tinha pouca prática. Normalmente não lhe custava nada partir.

Havia aprendido a agir assim desde seu romance com Helena. Manter o apego ao mínimo, porque tal coisa não contribuiria mais que trazer dor a sua vida. A confiança era frágil e se destroçava com muita facilidade.

Caroline se sentou, jogou o cabelo para trás e deslizou as pernas nuas por um lado da cama. Nicholas a segurou pela mão.

— Não se levante ainda, meu anjo.

Ela se começou a rir e afastou sua mão.

— Perdoe-me, mas tenho que...

Ele sorriu quando ela assinalou a cortina que separava discretamente o sanitário do resto do aposento.

— É obvio. Que falta de tato de minha parte. Apresse-se em voltar.

Caroline arqueou com delicadeza uma sobrancelha acobreada.

— Vejo que está em seu estado habitual.

O atual grau de excitação de Nicholas, que como a silhueta de um mastro ereto elevava o lençol que o cobria até a cintura era uma visível declaração do por que desejava que ela voltasse com a maior urgência possível. Fez uma careta.

— Isto é um elogio ao seu incomparável encanto. — Ele disse. — Uma causa e seu efeito direto. No momento em que você despertou, certa parte de minha anatomia fez o mesmo.

E é na verdade ela era encantadora, pensou enquanto a observava atravessar o aposento para se ocupar de uma necessidade humana básica. A pele tão branca, como regada a neblina, as curvas arredondadas e

perfeitas... Quando Caroline voltou poucos minutos depois, ele desfrutou do privilégio de contemplar o balanço de seus seios a cada passo, da deliciosa carne que atraía seus lábios e suas mãos.

Ela voltou a deitar ao seu lado com um olhar espectador em seu precioso rosto. Nicholas sentiu o aroma característico do sabonete de violetas e a fitou por sua vez com as pálpebras ligeiramente semicerradas, enquanto se recostava nos travesseiros.

À medida que o acanhamento e sua agitação desapareciam no dia a dia, Caroline estava começando a explorar sua faceta passional. Assistir a evolução era fascinante e ele tinha a sorte de participar da mesma. Quando chegara a ele, ela era virgem em todos os sentidos salvo fisicamente e cada vez que fazia amor era um pouco mais audaz.

Perguntou-se, se quando tudo estivesse terminado, Caroline teria mudado de opinião sobre o casamento. Acreditava, que no mínimo ela procuraria um amante.

Pensar nisso lhe fez entreabrir os olhos, quanto um irritante sentimento de posse mitigou seu desejo por um momento. Junto a ele, com os sedosos cabelos espalhados pelos ombros e as costas, Caroline mordeu o lábio inferior e abriu os olhos um pouco mais.

— Alguma coisa está errada?

Ele não podia retê-la. Era luxúria passageira, nada mais. Se com qualquer outra mulher era passageiro, com ela seria igual. Por outro lado, ela era muito jovem e casadoira para ser sua amante, e a possibilidade de que fosse estéril era um risco muito importante para que ele considerasse algum tipo de acordo diferente.

De fato, não podia acreditar que a opção lhe houvesse ocorrido, embora mesmo rapidamente.

O momento passou. Nicholas sorriu se perguntando se nesses poucos dias num ambiente do campo havia alterado o equilíbrio de sua condição de homem do mundo. Talvez tivesse respirado demais ar fresco ou se excedido na manteiga caseira. Ou provavelmente, com uma jovem preciosidade nua e disponível ao seu lado, e sem outra coisa a fazer durante todo o dia que desfrutar de seu corpo quente e complacente, sua impetuosa ânsia sexual havia se apropriado de seu cérebro. Na semana próxima havia sessão do Parlamento e ele teria que voltar a rotina habitual. Por ora não devia complicar as coisas e se limitaria vivenciar o momento. Tantos dias de vida tranquila eram uma exceção.

— Não está nada errado, pelo contrário. — Aproximou-se dela e lhe acariciou primeiro a face. Depois deslizou os dedos com muita suavidade pelo arco de seu pescoço. — Faz uma manhã maravilhosa e você está nua

ao meu lado. O que pode ter de errado, meu anjo?

— Não sei. Por um momento me pareceu um pouco... Feroz.

— A única ferocidade que há em mim é o quanto que te desejo.

O momento se converteu em passado quando ele se inclinou e a beijou; roçou-lhe os lábios, saboreando-os. Ela respondeu como sempre respondia, depois de uma breve vacilação que significava que estava fazendo progressos no mundo do prazer sexual, mas que acabava de se iniciar no caminho.

Estava mais que encantado em ser seu guia e então a idéia de uma manhã entre os lençóis tingiu seu mundo de um brilho rosado e apagou sua efêmera e atípica reflexão sobre o assunto da permanência.

— Então...

As palavras murmuradas junto à boca de Caroline foram acompanhadas da ansiedade de suas mãos.

Caroline obedeceu. Era aterrorizante admitir, mas provavelmente ela faria tudo o que ele pedisse. Sobretudo depois do subjugador beijo que acabavam de compartilhar. Era vagamente consciente do gorjeio dos pássaros lá fora, do aroma refrescante da brisa da alvorada que entrava pela janela aberta, do elegante dossel de seda da cama e da luz crescente no aposento à medida que nascia o dia...

Mas naquele momento, para Caroline o mundo inteiro se resumia nele.

E o que ele desejava na aparência era que ela se sentasse aberta sobre seu quadril.

Nicholas, com seu cabelo negro alvoroçado e seus atraentes traços clássicos sobre o fundo branco do travesseiro, parecia uma espécie de príncipe medieval decadente. Sua pele estava acentuada por leve rubor e seu torso musculoso se elevava em um ritmo ligeiramente agitado.

— Tome em suas mãos e guie-me.

O conflito de Caroline foi evidente.

— Dentro de você. — Ele esclareceu e a leve mudança em sua fisionomia revelou como se divertia a ausência de conhecimento dela. — O homem nem sempre tem que estar em cima.

A idéia de que pudesse haver mais de uma posição era um tanto surpreendente. Até o momento havia sido completamente diferente em todos os sentidos possíveis e Caroline sinceramente por isso; mas a mecânica do assunto era a mesma que com Edward. Deitada sobre as costas com as pernas abertas e Nicholas por cima.

— A algumas mulheres gosta muito. Vejamos se você também. — Sua voz mostrava um leve tom áspero, que ela terminava por associar ao desejo sexual.

Algumas mulheres. Era obvio que ele sabia. Pensou com um indesejado e irracional... Ressentimento. O Duque diabólico provavelmente era capaz de desenhar gráficos e escrever ensaios sobre as preferências sexuais da maioria das damas da alta sociedade do momento, inclusive suas posições ideais.

O membro ereto se levantou com firmeza sobre o abdômen plano de Nicholas; na ponta brilhava a evidência líquida de seu desejo. Caroline se deslocou um pouco para frente. Guiada pelas mãos dele colocou os dedos ao redor da carne rija e se levantou um pouco para colocá-la na entrada de seu sexo.

Ele emitiu um pequeno som inarticulado, seus dedos apertaram um instante os lados do quadril dela, quando se deixou cair e o membro deslizou vagarosamente em seu interior até que o final lhe chegou ao útero. Caroline se viu uma vez mais na habitual e frustrante situação de não saber exatamente como proceder, mas quando começou a se movimentar, Nicholas a ajudou sussurrando frases e palavras de ânimo. Enquanto se elevava e descia, Caroline sentia o peito ardente e duro dele sob as palmas das mãos, e finalmente se habituou ao ritmo e o prazer deslocou o desconforto.

Se inclinasse um pouco o corpo, a sensação era tão sublime que a fazia tremer. Era uma fricção deliciosamente perfeita e apaixonada e ambos se fitavam enquanto seus corpos buscavam o ápice. Por todos os santos... Não podia se conter, sobretudo quando ele movimentava a mão entre os dois com o malicioso polegar, no ponto adequado.

— Acredito que este seria um bom momento, carinho. — Ele pronunciou as palavras com um gemido entre dentes. Seus quadris investiam para o alto para encontrarem os dela que desciam.

O mundo de Caroline desmoronou. O mesmo fez seu corpo trêmulo, enquanto emitia um pequeno gemido e encolhia os ombros, apertando a face contra o pescoço de Nicholas, que ainda penetrava duramente, até que foi derrotada pelas seqüelas do orgasmo que a deixou trêmula e sem forças.

Ele gemeu abraçando-a com força, penetrando-a a uma profundidade impossível, e ela sentiu sua ejaculação como uma onda através da bruma.

Ofegantes, suarentos e silenciosos, se entregaram a um indolente abandono. Finalmente ele riu em voz baixa.

— Atrevo-me a dizer que você gostou de ser um pouco mais aventureira. Há mais coisas a aprender, sabia? E ainda restam três dias.

Uma caprichosa parte do cérebro de Caroline traduziu as palavras. Somente três dias.

— Estou segura de que sabe tudo o que terá que fazer, Rothay.

Conseguiu levantar a cabeça e confiou em que sua expressão fosse tão neutra como pretendia. Queria se mostrar distante, indiferente, ao estilo das mulheres às que ele estava acostumado, porque se conseguisse concorrer com eficácia a uma das sofisticadas belezas da sociedade, talvez pudesse assumir a displicente atitude destas ante as relações superficiais. Nela havia uma faceta perversa tremendamente curiosa, e fez a pergunta que estava na retaguarda de sua mente desde o momento em que o conheceu.

— Diga-me, houve alguma vez alguém especial entre todas as mulheres que conheceu?

Provavelmente era uma pergunta mal intencionada e que face à postura íntima em que se encontravam não era assunto apropriado, mas Caroline queria saber.

— Todas elas. — A voz de Nicholas mostrou o familiar encanto frívolo e irônico, mas um músculo se enrijeceu em sua mandíbula.

Novamente uma espécie de relâmpago atravessou seu rosto, algo que ela não conseguiu entender.

Fitou-o todo o cepticismo que permitia seu estado lânguido e prazeroso. Ainda sentia vibrações no corpo e o membro de Nicholas continuava dentro dela.

— Esse não é meu assunto favorito. — Ele admitiu com sombria candura, depois de um momento. Sua atraente face expressava algo que ela interpretou como um toque de recriminação e seus olhos negros eram difíceis de interpretar.

Já que ele havia confessado que o casamento não lhe interessava, ela o entendeu e tentou abafar a tristeza de estar aparentemente incluída na cifra incalculável dos casos passados. Isso não importava. Afirmou-se de repente, com lógica implacável. Ela compreendia o jogo e ele havia elogiado com acréscimo sua parte no trato.

Ele era gentil, ardente, hábil e generoso.

Esta era a semana mais formosa de sua vida, mas ele a esqueceria, e ante a verdade indisputável, se sentiu sufocada por uma intensa sensação de pesar. Ele não era um amante constante e certamente nunca tinha prometido ser, de forma que não ela tinha direito de ter esperanças de nenhuma forma.

Na testa de Nicholas havia uma pequena gota de suor e, disposta a saborear cada segundo e desprezar qualquer pensamento que interferisse nisso, Caroline a secou com a ponta do dedo em um gesto brincalhão.

— Nota-se que poderá se ver em apuros para superar seu desdobrado romantismo de ontem à noite, Excelência?

Embora saísse dali sem nada, Caroline sempre conservaria a lembrança

de um terraço à luz da lua e dos braços fortes que a envolviam enquanto dançavam sob o som de uma valsa silenciosa.

Nicholas arqueou a sobrancelha de ébano e sorriu com lassidão e infinita malícia, em um autêntico tributo ao seu apelido.

— Está me desafiando, Lady Wynn?

— Suponho que possa interpretar assim.

— Humm... — Nicholas lhe desenhrou o contorno da coluna até a curva de uma nádega nua, abrangeu o traseiro com a mão e apertou levemente. — Terei que ser criativo, certo?

— Para superar Lorde Manderville? Conhece-o melhor que eu, mas já que ele participa da aposta, imagino que também mostrará todo o empenho.

Para surpresa de Caroline, certo brilho lúgubre aquilo atravessou novamente a face de Nicholas e que só podia ser descrita como irritação. Notou que ele somente havia mencionado o Conde poucas vezes nos últimos dias. A própria aposta tampouco havia sido tema de conversa.

— Não é o empenho que me preocupa. — Ele murmurou.

A resposta provocou uma gargalhada, que Caroline não pôde reprimir, embora tivesse a sensação de que seu sorriso era algo trêmulo.

— Não que eu queira alimentar sua arrogância, mas em qualquer caso duvido que deva se preocupar.

— Impressionei-a — Ele curvou a boca com seu gesto pícaro e familiar e lhe levantou ligeiramente o queixo com o dedo. Ela sentiu com desgosto que o gesto a perseguiria em sonhos.

Teria sido melhor que soubesse mentir. Mas, replicou sem mais:

— Sim.

Nicholas deu meia volta no corpo e a impressionou outra vez.

Capítulo 15

O desespero era uma força poderosa quando se tratava de imaginar métodos, decidiu Derek zombando ironicamente de si mesmo enquanto se arrastava até a pequena cobertura e recuperava o fôlego. O que estava fazendo era indigno e imprudente, mas esperava que demonstrasse sua firmeza e a profundidade de seus sentimentos.

A única coisa que esperava era uma conversa breve e civilizada.

Bom, isso não era a única coisa que queria, mas lhe daria a oportunidade de se explicar.

A janela estava entreaberta porque a noite era calorosa, algo com o que ele contava. Postou-se no estreito posto de vigilância. Ouviu o murmúrio de vozes no interior do aposento e esperou que a criada de Annabel saísse. Quando lhe chegou o leve som da porta ao fechar-se, se preparou confiando em que o objeto de sua visita não gritasse até jogar a casa a baixo.

Por sorte, ela estava de costas quando afastou as cortinas e deslizou para o interior do quarto. Annabel estava sentada diante do penteador e não se precaveu de sua abrupta presença, até que viu refletido no espelho; então abriu os olhos enormemente.

— Não... — Ele disse imediatamente. — Se gritar, todos da casa saberão que estou em seu quarto.

A boca dela, que já estava aberta, se fechou de repente. Annabel se voltou na cadeira com tanta violência que quase caiu no chão. Recuperou o equilíbrio e o fitou, colérica. Seu rosto estava vermelho.

— Saia daqui.

Derek, que não esperava ser bem recebido, não se amedrontou.

— Não. Não até que conversemos por alguns minutos.

— Está louco? Você acaba de entrar rasteiramente pela janela. Se deseja falar comigo, peça formalmente. — Ela replicou com secura e acrescentou:

— Milord.

Ao ouvir o tratamento formal ele se conteve para não rir. Annabel o chamava pelo nome de batismo desde que era uma menina, mas na situação atual, ele se sentia muito desgraçado para que alguma coisa lhe parecesse graciosa e se limitou a fitá-la com uma expressão que esperava ser neutra.

— Eu tentei. Se por acaso não se deu conta, esta semana bebi mais

xícaras de insípido chá, que em todo o ano passado. Fui a festas que em meu estado normal nem me teria pensado em ir. Esforcei-me em suportar até o fim uns quantos jantares aqui. É impossível ficar sozinho com você um só minuto, querida. Esta é a solução que me ocorreu. A menos que deseje um escândalo, não pode alertar ninguém sobre minha presença.

Ela o observava como se realmente estivesse louco e ele tampouco estava seguro de não estar. Por todos os diabos! Esta era a casa de seu tio e podia entrar pela porta da frente sempre que quisesse, com total impunidade, e ser bem recebido. Não obstante, sequer o tolerante Thomas permitiria que entrasse no quarto dela.

Derek expôs com cinismo e amargura evidentes:

— Esqueceu minha carta? Por favor, não tente me dizer que não a recebeu, Annie.

— Não a li. Joguei-a fora.

A confirmação não favoreceu em nada a segurança de Derek, que disse em voz baixa:

— Imaginava. Alegro-me de ter perdido o tempo.

— Por que escreveu? Por que está fazendo isto? — Como se de repente que estava somente de camisola, Annabel levou a mão ao decote e a segurou ali. — Alfred não gostaria de encontrá-lo aqui.

— Não lhe pedi permissão.

Ao inferno com Lorde Hyatt. Derek a amava.

— Peço novamente que vá, por favor.

Por todos os demônios! Ela tinha um aspecto encantador, coberta unicamente de rendas e bordados brancos, o cabelo dourado solto ao redor dos ombros e a face inclinada, de forma que ele podia contemplar o perfil perfeito. Seus cílios projetavam sombras sobre sua face.

— Não até que converse contigo. — Derek, que não havia deixado seu posto junto à janela, apoiou um ombro no marco. Não estava seguro de poder prometer uma conduta cavalheiresca se aproximando dela. — Posso me expor?

— Posso impedir? — A voz de Annabel estava cheia de ressentimento. — Já entrou aqui e me ameaçou. Não vejo outra escolha.

— Subi pelo muro da casa de meu próprio tio, me arriscando a partir o pescoço. — Derek cruzou os braços sobre o peito. — Isso não diz que deve ser importante?

Annabel levantou o queixo sem deixar de prender a camisola ao pescoço, como se ele fosse um canalha capaz de atacá-la.

— Não posso imaginar o que temos a nos dizer. Eu estou noiva e você é... Você.

Derek sentiu-se magoado, sobretudo por ela ter usado um tom tão mordaz. Você é você.

— Sim, sou eu. Um homem. Um homem que comete falhas normais como qualquer outro. — Ele replicou com voz letal.

— Normais? Nem todos os homens fornicam indiscriminadamente com todas as mulheres que encontram. — Annabel se levantou, caminhou até o outro lado do quarto e se voltou para ele. — O que quer que seja que tenha vindo procurar, não vai encontrar. Perdi toda fé em você há um ano e me dou conta que para começar, essa fé estava falida. Sei que fui absolutamente ingênua e estúpida ao me apaixonar por você, mas já não sou essa mesma inocente fascinada que era.

Já não era inocente?

Derek rechaçou a idéia com uma sensação de opressão no peito. Deu um passo para diante, de forma involuntária.

— Ele te colocou em uma situação comprometedora?

Ante o tom acusatório de sua voz, a face de Annabel tingiu de carmesim.

— É claro que não. No que se refere a Alfred, ele jamais faria tal coisa. Nem todo mundo é como você.

A mesma palavra lançada contra ele, como um dardo. De toda forma, Derek sentiu uma onda de alívio. Não. Hyatt não havia tocado nela. Daí o rancor e as suspeitas do homem durante a tarde não especialmente amigável, que haviam compartilhado. Quando se tratava dela, Derek precisava de perspectiva.

O desprezo que ela mostrava lhe fez sentir vergonha, embora esperasse não demonstrar, e disse entre dentes:

— Não sou um santo. Nunca pretendi ser. Mas tampouco careço de consciência. Por isso estou aqui. Nunca tive a oportunidade de me desculpar pelo que aconteceu, salvo pela carta e pelo visto isso não basta para você.

— O que aconteceu? — Ela elevou uma das sobrelanceiras douradas.

— Na biblioteca... — Ele esclareceu brutalmente.

— Ah. — Uma resposta de uma só palavra, fria como uma pedra no inverno.

Uma brisa suave fez balançar as cortinas às costas de Derek, que disse com voz tranqüila:

— Beijei-a. Lembra-se?

Derek sabia que ela lembrava. Ela sabia que ele sabia. Os olhos de Annabel cintilaram.

— De fato. Lembro-me desse dia. De tudo.

— Fiz mal a você. — Ele observou com ternura.

— Não se iluda, Milord.

Annabel mentiria, se negasse. Ele tinha visto a felicidade em seus olhos enormes, depois do beijo. Lembrava-se perfeitamente do rosto pálido e aterrorizado quando saiu bruscamente da estufa onde havia lhe descoberto com Isabella. Derek acreditava, que na verdade não tinha importância que logo havia se desculpado com a Isabella e saído. O mal já estava feito. Aquela não tinha sido uma noite afortunada. Depois de que Annabel saiu correndo e chorando, Isabella havia mostrado sua indignada decepção diante de sua retirada. Não sabia que alguém poderia se sentir tão canalha e desprezível, como ele. Naquela noite levou uma garrafa de conhaque para a cama, mas não Lady Bellvue.

Lutando para recuperar uma calma que na realidade não sentia, disse:

— É o que temos a conversar, Annie. O beijo e o que aconteceu depois, porque uma coisa e a outra estão diretamente relacionadas.

— Não vejo como um simples beijo pode estar relacionado com seu sórdido e repugnante comportamento depois.

O cabelo de Annabel brilhava sob a luz do abajur e as mechas loiras emolduravam sua delicada fisionomia. Seus olhos de um azul escuro o observavam com evidente censura.

— Sei que a decepcionei, mas não foi intencionalmente. Além disso, foi um simples beijo e nada mais. Ambos sabemos.

Os lábios de Annabel tremeram ligeiramente.

— Para você, somente um mais entre um milhar. Estou segura disso. Por favor, não tente me dizer que aquilo teve algum significado. Eu o vi depois, Derek. E conforme dizem, você não vive como um monge precisamente. Há maridos indignados por toda parte, que podem confirmar essa hipótese. Como Lorde Tanner, por exemplo. Tenho que admitir que não me surpreendeu quando a história saiu à luz.

— Eu nunca aspirei à santidade. A única coisa eu posso afirmar é que o assunto Tanner não teve nada a ver comigo. Nunca. Não estou seguro de que outros comentários chegaram a você, mas me acredite, o que tenho feito neste último ano foi pensar em você.

— Tudo por um beijo? Perdoe meu ceticismo, mas saiba que isso é difícil de acreditar.

Confiando em que ela captasse a sinceridade de sua voz, ele disse a verdade.

— O beijo mudou minha vida.

Como ele podia fazer isto a ela? A última semana tinha sido uma tortura, porque de repente Derek parecia estar em todas as partes. Era impossível não fazer caso de sua presença... E agora isto? Ele tinha razão. Havia

evitado-o de forma deliberada, tanto como pôde, porque a última coisa que queria era lembrar sua desafortunada teimosia com o desleal e notório Conde de Manderville.

Mas certamente agora não podia evitá-lo. Não quando ele estava ali em seu quarto. Nada menos. A austera beleza masculina nas sombras e os traços de seu rosto sob a luz tênue; o denso cabelo loiro roçando o pescoço da fina camisa de linho que realçava a impressionante largura de seus ombros. E embora para a perigosa aventura de estar ali não havia colocado gravata ou mesmo uma casaca, a calça negra e a botas de cano alto destacavam as longas pernas.

Era desconcertante que ele tivesse feito tudo isso e a última declaração havia lhe deixado sem palavras.

— Aquele beijo... — Derek repetiu com a voz rouca. — Que nunca deveria ter acontecido... Mudou minha vida, Annie. Juro por minha honra, que mudou.

Derek acabava de citar a palavra honra?

Mas a lembrança ainda era muito dolorosa, como uma ferida em carne viva que se negava a cicatrizar. Por isso replicou com amarga convicção:

— Estou segura de que é capaz de afirmar todo tipo de coisa firmando sua honra como prova de sua convicção, dado que este não existe.

Derek se retorceu apenas e ela soube que havia lhe ferido profundamente.

— Acho que não me surpreende que tenha uma opinião tão pobre sobre mim, já deixou bem claro. Mas também é verdade que nos conhecemos há muito tempo. Então, não poderia fazer o favor de me ouvir? — Em seus olhos, de um azul muito vivo, havia um incomum tom de súplica. — Claro que está intrigada, já que o que tenho a dizer é o bastante importante para que tenha arriscado o pescoço para vê-la.

Ela sentia curiosidade, mas admitir pareceria uma fraqueza extrema. A capacidade de sedução de Derek estava fora de questão. Por outro lado, ela tinha mentido abertamente com respeito à carta.

O que não estava tão claro era sua capacidade de resistência. Talvez não tivesse chegado à sofisticação e experiência dele, mas pelo menos era o bastante inteligente para saber disso. E baixar a guarda sequer um segundo era uma imprudência. Em seu estado atual de escassa satisfação ante seu iminente casamento, Derek Drake era um perigo.

— Não. — Mentiu. — Não me intriga o mínimo.

Derek enrijeceu.

— Minha família... E... Ocupamos-nos que você durante todos estes anos. Isso deve valer alguma.

— Isso não é justo. — Ela ergueu o rosto e o fitou. — Não é culpa minha

ter ficado órfã.

— Não, claro que não. — A implacável expressão não mudou. — Mas acredito que falo de algo mais que justiça. Pelo menos me deve uma oportunidade de me explicar. Não acha?

Ele era o conde. Seu título o convertia em última instância, responsável pelo aspecto financeiro, pela propriedade que ela considerava seu lar. E sim, sua família tinha sido mais que generosa com ela. Se não por ele mesmo, pelo menos por Thomas e Margaret devia algo a Derek. Annabel inclinou a cabeça com certa descortesia.

— De acordo. — Respondeu.

O fantasma do usual e maravilhoso sorriso planejou sobre os lábios de Derek.

— Primeiro me vejo obrigado a suplicar e depois, a chantagear.

— Limite-se a dizer o que te parece tão endiabradamente importante e vá embora. Se alguém o encontrar em meu quarto à hora, mesmo que esteja completamente vestido, seria a ruína para mim.

Por infelicidade, ela estava certa. Annabel duvidava que Alfred entendesse, por mais pormenorizado que fosse.

Mas assim que obteve a permissão, Derek pareceu duvidar. Depois de um momento, simplesmente disse:

— Nada do que aconteceu naquele dia foi como eu pretendia. Não tinha intenção de beijá-la e tampouco tocar Isabella Bellvue depois, e aquilo não passou dali. Se recordar, eu estava evitando-a há dias.

Ela se lembrava da coquete Condessa, porque estivera observando-a devorada pelo ciúme, enquanto Lady Bellvue perseguia Derek sem piedade e com um propósito tão evidente, que não podia passar despercebido nem a uma ingênua jovem de dezessete anos.

— Aquela noite no estufa... Certamente eu não estava evitando-a. — Ele disse duramente. — Porque havia lhe beijado antes.

— Nunca em minha vida ouvi algo tão absurdo.

— Não? Bem, ouça. — Havia certo tom irônico em sua voz. — Se quiser algo absurdo eu posso lhe proporcionar. Naquela tarde, quando a tive nos meus braços me dei conta de que, em respeito você, eu tinha somente uma escolha que era me retirar ou agir com intenções honrosas. Não tento ocultar que pensar nisso me alterou profundamente. Quando mais tarde Isabella me aproximou, eu estava tentando negar que tivesse de tomar uma decisão. A consciência de que minha vida mudaria de forma tão radical, não era fácil de assumir. Não sou o primeiro homem que se assusta ante a idéia do amor, e muito menos do casamento.

D...De.. Derek Drake, cuja indiferença era infinitamente famosa... Acabava

de pronunciar as palavras, amor e matrimônio, na mesma frase?

E mais, recordava muito bem o que o rosto dele evidenciava quando apareceu na biblioteca de forma tão repentina. Talvez existisse a possibilidade de que estivesse dizendo a verdade.

— Acho que pensei, — continuou Derek, — que um breve caso com uma mulher complacente pudesse curar minha loucura momentânea.

Notar que seu coração tinha começado a pulsar mais depressa era irritante.

— E foi assim? — Annabel perguntou num tom o mais frio possível.

Mas as palmas de suas mãos estavam úmidas. Havia um trejeito na boca de Derek que era novo para ela; embora fosse tão alto e másculo, naquele homem que sempre ela havia considerado invencível havia uma centelha de vulnerabilidade.

Era a última coisa que lhe convinha. Disse em voz baixa:

— Não. Como acabo de dizer, não aconteceu nada mais que o que você presenciou. Assim que você saiu, eu também fui embora. Isabella ficou furiosa. Acredite-me.

— Desculpe por não sentir muita lástima por ela. — Espetou Annabel. — De todo modo, o que aconteceu já me parece mais que suficiente. Ela estava meio nua e você estava... — Ela deteve-se, envergonhada. Sem dúvida ele tinha acariciado os seios de tantas mulheres, que não dava a menor importância ao incidente.

Para seu pesar, Derek interpretou suas hesitações, como o que eram.

— Isso é porque você ainda é muito inocente. O que é parte de nosso problema. Confie em mim. Há muito mais.

— Confiar em você? Por favor. Além disso, nós não temos nenhum problema em comum. Nós não compartilhamos nada. — Annabel cuspiu deliberadamente cada palavra.

— Vamos, Annie. Isso não é verdade. — A expressão de Derek era dura, quase acusatória. — Você me evita. Deus sabe que eu tentei me manter afastado de você. Não funciona. A nenhum dos dois. Outras pessoas já notaram. Seu noivo notou, Por Deus santo.

— Deixe Alfred à margem desta... Ridícula discussão. Para começar, não estou segura do por que estamos tendo esta conversa. — Ela apertou as mãos e sentiu uma estranha sensação no estômago, como se tivesse engolido algo indigesto. — Em qualquer caso, como você pode saber o que ele pensa?

— Os homens têm uma forma de se comunicar, mais direta que as mulheres. — Ele respondeu com um sorriso leve e irônico. — Geralmente, quando alguma dúvida aparece em nossa mente, simplesmente

perguntamos para esclarecer o assunto. Se a resposta não for de nosso agrado, às vezes usamos os punhos ou pistolas ao amanhecer. É próprio de bárbaros, eu sei, mas nós tendemos a ser mais diretos com os assuntos do mundo que nos rodeia.

Annabel lhe cravou o olhar.

— Ele perguntou por mim? Por...

— Nós? — Derek acrescentou. — Temo que sim.

Sim. Definitivamente ela estava com o estômago revolto.

— E você o que lhe contou?

Derek elevou uma sobrancelha em um gesto de exasperação.

— Nada. Eu sou um cavalheiro, embora você opine justamente o contrário.

— E espera que eu acredite nisso?

— O que outra coisa posso lhe oferecer, além da verdade? Para isso estou aqui.

Ele estava ali em seu quarto, belo como sempre, embora não houvesse rastro de seu notável encanto. Pelo contrário, sua face mostrava uma expressão clara e franca, nada parecido a habitual e carismática atração indolente.

Não havia dúvida que seus joelhos haviam começado a tremer. Ela fez o possível para aparentar compostura, mas na verdade sua mente era um caos.

— Deixe-me ver se entendo o que veio me contar, de tão longe. Depois de me beijar naquela tarde, você se preocupou que qualquer brincadeira amorosa o colocasse na perigosa situação de fazer algo impensável como casar comigo, e em vez disso usou outra mulher de forma desumana, para acalmar sua luxúria. É isso?

Derek suspirou e passou os dedos pelos espessos cabelos.

Annabel não sabia como era possível que ele se mostrasse ainda mais atraente, quando deixava o cabelo revolto, mas de algum ele ficava ainda mais atraente.

— Dito dessa forma soa bastante mal, é certo. Não pensa deixar isso fácil, não é? E como já disse, não acalmou nada.

— Há alguma razão pela qual eu deva facilitar?

— Comportei-me de um modo abominável, então imagino que não.

Annabel, perfeitamente consciente de que não estava vestida apropriadamente, cruzou os braços sobre o peito.

— Por fim há um ponto no qual estamos de acordo.

— Amo você, Annie.

O que ele havia acabado de dizer? Ela deixou de respirar. Maldição. Pensou sem forças. Derek não deveria ser capaz de fazer isto.

Mas era. Que Deus a ajudasse, ele era capaz.

— Amo você. — Ele repetiu em voz baixa. — Não posso pensar em outra coisa e francamente, estou ficando louco. Custou-me um ano e seu maldito noivado para me dar conta do quão intenso é, mas juro que é verdade.

Ela avançou às cegas para o penteador e se sentou. Inspirou trêmula e profundamente o ar e perguntou:

— Foi por isso que apostou diante dos olhos de toda a alta sociedade, que é o amante mais hábil de toda a Inglaterra? Esse tipo de alarde não procede de um homem que algum dia vá ser fiel a uma só mulher.

— Justamente o contrário. Esse é justo o tipo de comportamento idiota provocado por esse sentimento tristemente célebre que acabo de te declarar, querida. — Derek sorria com tristeza. — Neste caso, inspirado por causa do anúncio de seu noivado no jornal. Durante muito tempo estive tentando aceitar não só meus sentimentos, mas a idéia de que havia lhe afastado para sempre. E ali estava a prova impressa de que nunca mais teria a oportunidade de fazer nada a respeito dos dois problemas. Acrescente uma boa dose de clarete à situação e um homem é capaz de fazer algo bastante estúpido.

Ele não podia estar falando sério. *Por favor, não permita que nenhuma parte de mim acredite que ele esteja falando sério.*

— Isso foi uma estupidez. — Ela murmurou.

Ele deu um passo para diante.

— Bastante parecido a subir um muro e deslizar por uma janela, como um personagem de comédia.

Embora Annabel rechaçasse a idéia de que ele pudesse tocá-la, uma traiçoeira parte de si desejava. Três passos mais... Provavelmente quatro e ele poderia voltar a tomá-la em seus braços e...

Endireitou os ombros e lembrou a si mesma da terrível traição do ano anterior e a infelicidade resultante.

— Não se aproxime mais. Por favor, somente... Vá.

Ele ficou imóvel, com os braços soltos ao lado do corpo. A tênue luz ressaltava os ângulos de sua face.

— Annie.

Ignorar o profundo tom de prece que havia em sua voz foi a coisa mais difícil que ela havia feito em sua vida.

— Por favor.

Se ele a acariciasse uma vez, somente uma, ela poderia cair.

Horrorizada notou uma lágrima, que desceu lentamente por sua face como uma gota morna e caiu em suas mãos unidas sobre o colo com tanta ferocidade, que lhe doía os dedos.

E pensar que tinha jurado não derramar nunca outra lágrima por ele. Como se atrevia Derek, depois de todas as múltiplas ofensas convertê-la em mentirosa?

Ele ficou ali por mais um tempo e logo, para sua surpresa, inclinou a cabeça e cumpriu com o que ela havia pedido, sem acrescentar uma palavra. Voltou-se e desapareceu de sua vista.

Estava sozinha.

Se tivesse caído e quebrado o pescoço, pelo menos ela não estaria em um estado de infelicidade e frustração tão grandes, pensou Derek enquanto percorria as duas quadras até sua própria casa; mas não havia caído. Além disso, seu brilhante plano havia falhado por completo, por culpa de uma lágrima. Não podia suportar fazê-la chorar.

Tinha muitos defeitos, provavelmente muitos para levar em conta, mas não era cruel. O olhar de Annabel havia dito tudo o que precisava saber sobre o que havia lhe feito e se seguisse em frente e a seduzisse, depois odiaria a si mesmo.

E pior, talvez ela o odiasse também.

A única parte agradável de tudo era que poderia tê-la seduzido, pensou ao entrar em casa e se dirigir ao escritório. Notou em seus olhos, enquanto a observava, em sua reação de pânico quando ele avançou um passo para ela e na tensão do corpo tão desejável.

De maneira que a partida não estava perdida. Só precisava replanejar a estratégia.

Serviu-se de uma dose de conhaque e sentou em frente à lareira vazia.

Abandonaria a ridícula aposta. Não ficaria uma semana com a deliciosa Lady Wynn. Devia confrontar isso. E se existisse a mínima possibilidade de Annabel mudar de idéia, e ele a estragasse comprometendo ainda mais sua reputação, que já era pouco irrepreensível? Esperava que Nicholas estivesse bem, mas tinha sérias dúvidas de ser capaz de confrontar o confronto com parecido entusiasmo. Não, quando do outro lado da balança estava toda a sua felicidade futura.

A única mulher que ele desejava era Annabel. Com ou sem ela tinha a sensação de que seus dias de libertino haviam terminado.

Capítulo 16

A carta trouxe consigo um sentimento de decepção muito real. Nicholas leu a nota pela segunda vez e depois a deixou de um lado e analisou suas opções. Na verdade havia uma.

— Más notícias? — Caroline o fitou do outro lado da mesa, com o cenho franzido. Preocupada.

Esperava com ânsia outro passeio a cavalo pela margem do rio e talvez convencê-la a nadar no meio da tarde. Ela havia lhe confessado a sempre vontade de aprender. Caroline nua na água oferecia várias possibilidades tentadoras.

— Acho que tenho que voltar para Londres.

— Ah, sim. — Por um momento ela afastou o olhar, como se estivesse deslumbrava por alguma coisa do outro lado da janela, mas depois se voltou com uma expressão de resignação na face. — Espero que não haja nenhum problema.

Embora não estivesse acostumado a dar explicações, e muito menos a suas amantes ocasionais descobriu que reagia ao repentino distanciamento do olhar dela.

— O primeiro-ministro deseja se reunir comigo. Presido um comitê e ao que parece há um assunto que ele gostaria que eu transmitisse a outros membros antes da reunião da semana próxima.

Ela sorriu com certa melancolia.

— Já imaginava que uma semana era muito para que um homem de suas responsabilidades concedesse a alguém. Perguntei-me como havia conseguido este tempo.

Realmente ela estava pensando que ele havia lhe concedido algum tempo? Observou-a e notou o quanto se sentia confortável em estar sentado desfrutando de algo tão banal como um singelo almoço frio, sobretudo porque gostava da companhia dela. Além da insólita beleza, ela era peculiar porque não usava nenhum artil feminino. Em sua opinião, depois de passar cinco prazerosos dias em sua companhia, sabia que Caroline Wynn carecia de artifícios. Tampouco a impressionavam sua fortuna ou seu título e Nicholas sentia, provavelmente pela primeira vez com uma mulher, que verdadeiramente ela não queria nada dele, à margem do que já compartilhavam.

— Volte comigo — Sugeriu, se inclinando para pegar sua mão. — Este

assunto é importante, mas não requererá mais de algumas horas. Ainda me deve dois dias.

— E como acredita que poderemos sair com certa discrição, Nicholas? — Ela apoiou tranqüilamente os dedos na palma da mão dele. — Eu adoraria afirmar, mas me parece uma imprudência.

Ela mostrava outra vez a flagrante honestidade que lhe era tão cativante.

— Teremos que encontrarmos um jeito. Nada é impossível.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Você fala com a autêntica segurança de um Duque. Lamento discordar, mas algumas coisas são impossíveis. O que vai fazer? Colocar-me em seu quarto, dentro do bolso?

Ela tinha razão, naturalmente; os criados falavam. Sua casa estava descartada.

— Poderíamos nos encontrar em algum lugar.

— Em Londres não. Não sem nenhuma medida de segurança. Você não tem nada a perder se nos envolvermos em um escândalo. Eu sim. Sinto muito, mas devo não aceitar.

A luz do sol que entrava pela janela iluminava os cintilantes cabelos castanho avermelhados convertendo-os em uma fogueira. Ela usava um vestido de dia amarelo claro de renda de musselina, que a fazia parecer bem jovem, como uma colegial ingênua. Mas depois das recentes e satisfatórias jornadas de revelação sexual, Nicholas podia testemunhar que sob a discreta aparência havia uma mulher apaixonada. Os homens notariam, pois o que antes era uma postura distante era substituído agora por segurança feminina. Já era assediada quando se imaginava fria e altiva. Agora a assediariam muito mais.

Era doloroso saber que qualquer homem poderia se aproximar, mas a própria natureza dos dias que acabavam de passar juntos e a infame aposta significavam que ele devia manter abertamente à distância.

Raios e centelhas.

Era um verdadeiro dilema. Principalmente porque se acreditava que ela passaria a mesma quantia de tempo com Derek.

Maldição. Nicholas começava a pensar que a realidade o tornava claramente muito infeliz.

Talvez esta separação fosse o melhor. Estava decepcionado que interrompessem seu interlúdio, mas talvez mitigasse pelo menos as irracionais pontadas de algo que só podia ser ciúme. Quem era ele para pedir a ela que não cumprisse a segunda parte do trato? Não podia exigir nada e ela acabava de rechaçar tranqüilamente qualquer relação posterior.

Era inegável que a linha que delimitava a opinião que uma sociedade tão

moralista tinha de uma mulher era muito estreita; mesmo se ela escolhesse a virtude ou não. Se Caroline preferisse a personagem gélida, que assim fosse. Sem dúvida ele era capaz, e tinha bem mais experiência que ela, de se distanciar das aventuras puramente sexuais.

Nicholas lhe soltou a mão e tirou o relógio do bolso.

— Irei assim que meu cocheiro tenha a carruagem preparada. Considere-se minha convidada e fique alguns dias mais se desejar, por favor.

Ela assentiu; Os olhos acinzentados e de longos cílios eram inescrutáveis.

— Passei dias encantadores aqui. Creio que devo me considerar promíscua...

— É obvio que não. — Ele a interrompeu. — Você é uma mulher preciosa e sensual. Não há nada mal nisso. Pelo contrário.

— Nós vivemos vidas bem distintas, não?

Havia sido pouco. Ele tinha a liberdade derivada de seu título e sua fortuna, e embora ela também fosse de alta linhagem, as circunstâncias eram distintas.

— Em muitos sentidos. — Ele reconheceu recordando o quão rapidamente que havia argumentado para ser o primeiro, que tinha organizado seus negócios para poder estar ali. Sentiu outro dos estranhos lumes de consciência.

Lamentaria ter que deixá-la.

A inesperada fascinação não havia terminado e era inquietante. E ficava pior o fato dela rechaçar manter uma relação secreta quando voltassem para Londres. Ele compreendia os motivos. Sua reputação era importante. Especialmente se pensasse em voltar a casar algum dia.

Levantou-se bruscamente e a saudou com uma ligeira inclinação, consciente de que precisava se afastar imediatamente.

— Perdoe-me, por favor.

Distraída, Caroline contemplava pela janela, a espaçosa grama do parque que rodeava a casa. Sua bagagem estava preparada, e assim que Huw trouxesse a carruagem partiria. Voltar havia sido uma boa decisão, porque desde o momento em que desapareceu a vibrante presença de Nicholas, a casa lhe pareceu insuportavelmente vazia. Um passeio pelo jardim lhe bastou para saber que não seria capaz de ficar. O mais provável é que fosse um pouco temerário chegar a Londres justo depois dele, porque poderia evidenciar a ausência de ambos, mas simplesmente não podia aceitar a oferta de ficar como convidada.

Restava-lhe a prudência e depois a melancolia. A segunda já tinha tido

muito em sua vida.

O Duque de Rothay havia alterado profundamente sua sensatez.

De onde estava ela avistava o terraço onde haviam se sentado para tomar chá... Bem, ele tinha bebido o costumeiro conhaque... E depois dançaram uma valsa imaginária.

Provavelmente deveria ter aceitado voltar a vê-lo. Se tivesse aceitado, se sentiria tão... Desamparada?

Sua mão segurou com força o delicado tecido da cortina. Não tinha previsto a complicação de ficar enamorada pelo Duque diabolicamente atraente e sensual. Sabia que não era a primeira e tampouco acreditava ser a última, mas era inegável que custaria esquecê-lo.

Nada relacionado a Nicholas tinha sido como esperava, salvo as legendárias habilidades sexuais. Ele estivera à altura de sua reputação, sem problemas. O que ela não imaginava era a atenta expressão em seu rosto, quando lhe descreveu a visita que havia feito às mesquitas bizantinas, que ela somente conhecia pelos livros. Nem sua indulgência ante as perguntas exaustivas que havia lhe feito ou a amabilidade ante sua ausência de conhecimento e sua cautelosa atitude em público...

Ele não se comportava como um esnobe, que sem dúvida sua linhagem e riqueza autorizavam. Inclusive havia lhe surpreendido um dia junto aos estábulos conversando com seu criado Huw, sentado sobre um fardo de palha, com a camisa meio desabotoada e feno nas botas, prova de que havia ajudado a limpar a baia de seu impaciente e enorme cavalo. O nobre e o criado riam juntos. Havia sentido afeto por aquele homem, que não tinha nada a ver com sua persuasiva perícia sexual.

Se fosse sincera consigo mesma, coisa que não era fácil deveria reconhecer que sabia muito pouco sobre o amor. Seu insensível pai certamente não inspirava tal sentimento; sua tia tampouco tinha sido carinhosa ou maternal e Edward havia sido um pesadelo. Talvez todo o problema residisse em que pelo uma vez em sua vida, alguém havia lhe tratado com afeto, com ternura e, sobretudo, como se fosse uma pessoa com idéias e sentimentos próprios. Eles conversado sobre tudo, dentro e fora da cama, desde política até história, e quando ela não concordava com sua opinião, ele perguntava a causa. O conceito de uma discussão amigável era algo novo e Nicholas, com sua formidável segurança e aguda inteligência não era absolutamente o libertino egocêntrico que ela tinha imaginado. Isso a confundia. Sabia que era terrivelmente sensível, o que não ajudava muito. O jogo no qual ele era tão hábil era novo para ela, e por ser uma principiante havia deixado acontecer o impensável. Havia se apaixonado.

Pelo menos acreditava que essa era a enfermidade de que padecia nesse momento. Poucos dias havia bastado. Mesmo sabendo que deliberadamente ele havia se proposto a fasciná-la.

O fato fazia com que se considerasse insensata, tola e bem pouco astuta. Embora ele pretendesse continuar com a aventura, não significava que ela era mais que uma ocasional exceção em sua dieta regular de amantes experientes. E ela era o bastante pragmática para saber.

— Acredito que tudo já está preparado Milady.

Ela se voltou e despertou de sua concentração.

— Ah, sim. Obrigado, senhora Sims.

A governanta assentiu. Estava impecavelmente vestida como sempre, com o avental limpo e engomado sobre um singelo vestido escuro, e o cabelo grisalho recolhido em um austero coque.

— Devo dizer que foi muito agradável ter sua Excelência aqui.

Era fácil responder a ela, com total honestidade.

— É um homem encantador.

— É sim, asseguro-lhe. Sempre educado e cordial apesar de sua posição.

— Sim.

— Espero que tenha gostado de sua estadia, Milady.

Se a Senhora Sims cuidava da casa, certamente sabia que Nicholas e ela haviam dormido junto todas as noites, pois somente uma cama foi usada. Caroline tentou evitar o rubor, embora de todo não conseguisse.

— Foi maravilhoso, obrigado.

— Eu sempre confio em que sua Excelência acabe gostando desse velho lugar. É muito agradável, embora não muito estimulante para um homem jovem. Recordo-o quando de menino e sempre foi um pouco precoce; capaz de conseguir guloseimas extras da cozinheira e enganar seu tutor para cabular as aulas. E deixar sua mãe zangada é claro. Mas se converteu em um bom homem, digam o que digam dele.

Caroline não sabia se ficava mais surpresa, se pela mulher conversar com ela ou que soubesse tantas coisas, mas não pôde evitar perguntar:

— Você o conhecia desde criança? — Imaginou a um menino moreno, arto e brincalhão e seu coração encolheu um pouco no peito.

— Ah, sim. Estou há anos em Rothay Hall. — A governanta alisou seu avental, que já estava perfeito, com um gesto ausente. — Quando quis trabalhar em um lugar que não afetasse tanto, ele me ofereceu aqui. Às vezes tenho dores terríveis nas articulações e o lugar aqui é bastante tranquilo.

E era. Tinha a pacífica beleza que Caroline gostava. Mais uma vez havia pensado em vender a casa de Londres e comprar um lugar isolado e bonito,

parecido.

— Sua Excelência me encarregou de lhe dizer que se desejar usar Tenterden Manor a qualquer momento, sempre será bem vinda.

Caroline estava mais que levemente surpresa e não soube o que dizer.

A senhora Sims continuou, breve e energicamente.

— Também disse que a Senhora gosta do campo, Milady. Que venha nos visitar sempre que puder. Espero que lembre alguma vez, quando a cidade a incomodar.

Caroline sentiu os olhos úmidos ante o considerado gesto. Se ainda não havia sentido o impulso de chorar como uma tola porque ele havia partido, o convite a provocou. Foi um comentário casual e ele havia recordado.

Além de seu virtuosismo entre os lençóis era o que realmente havia lhe desarmado. Aparte a aposta ou não, ele agia como se importasse com o que ela sentia.

Se antes não estava perdida, agora sem dúvida estava.

Pestanejou e pigarreou para limpar o nó da garganta.

— Obrigado, senhora Sims. É muito generoso por parte do Duque. Será maravilhoso vir outra vez.

Havia viajado consumido pela impaciência; a reunião que devia assistir era logo na primeira hora da manhã, e realmente o que menos lhe convinha era a notícia de que sua mãe estivesse em casa. Nicholas a adorava, mas ela não tinha nenhum receio de se meter sua vida. Cansado da viagem e um pouco contrariado, entrou na sala onde ela estava e ensaiou um sorriso.

— Boa tarde, mãe.

— Nicholas...

Ela se levantou de um elegante poltrona e atravessou a sala para lhe oferecer a face com uma postura gentil. O aposento era profusamente mobiliado com tapetes persas, poltronas Luis XIV confortáveis e algumas obras de arte dignas das paredes de um museu. Sua mãe emoldurava ao cenário, sempre regia, arrumada e perfeita com seu cabelo escuro recolhido para trás, e capaz de atrair a atenção tanto por sua beleza como por sua atitude. Seu porte distinto incluía uma mente ardilosa, cuja perspicácia freqüentemente o surpreendia e incomodava. Nicholas já tinha superado com acréscimo a idade em que necessitava da orientação de sua mãe em determinados aspectos de sua vida. Infelizmente esses eram os aspectos que mais interessavam a ela.

Desejava vê-lo casado e acomodado. E apesar de não conversarem sobre o assunto, ele surgia freqüentemente para exasperá-lo.

Beijou-a com carinho submisso.

— Que surpresa mais agradável.

— Cheguei esta tarde. Althea veio comigo. Está no andar de acima se trocando para o jantar. Os meninos ficaram em Kent com a babá e Charles se reunirá conosco. Está há três semanas em Londres e ela sentia saudades. Por isso estamos aqui.

Então seriam sua mãe, sua irmã mais velha e seu cunhado. Pelo visto jantaria com a família, ao contrário do que tinha imaginado. Examinou o relógio, confiando em não demonstrar a evidente consternação.

— Isso me soa bem.

— Sim. Dá para notar, querido. — A excelente Duquesa de Rothay inclinou um pouco a cabeça, com irônica recriminação. — Vejo que interferimos em seus planos. Não é preciso que fique e jante conosco, se não desejar. Sou consciente de que não o informamos de nossa repentina chegada.

Seu desassossego não tinha nada a ver com nenhum plano, mas com uma moça muito encantadora, que havia ocupado seus pensamentos durante as horas do trajeto até a casa. Será que Caroline havia escolhido ficar? Seus sentimentos a esse respeito eram ambivalentes. Imaginava-a perfeitamente adormecida na cama onde haviam compartilhado tantas horas de prazer e isso o inquietava.

Por quê? Não estava seguro. Normalmente se saía de uma relação, não voltava os olhos para trás.

— Não tenho planos concretos, até por que também acabo de chegar. Estive fora da cidade.

— Não me avisaram. — Sua mãe, ardilosa e sagaz, fitou-o de forma inquisitiva. — Quem é ela?

— O que te faz pensar que existe uma, ela? Tenho dezenas de motivos para sair da cidade e freqüentemente faço isso.

Ela examinou-lhe atentamente em silêncio.

Oh, céus! Não era isso o que necessitava. Todas as mulheres eram tão perspicazes assim ou somente as mães com seus filhos? Sorriu e meneou a cabeça. Era um homem adulto e pouco disposto a falar do assunto, sobretudo porque seria Caroline.

— Não farei comentários. Que como foi a viagem?

— Boa.

Ao menos ela aceitou a derrota, mas ele tinha a sensação de que a conversa não havia acabado, nem muito menos. Trocaram uns quantos comentários amáveis, até que ele se desculpou:

— Adoraria jantar com minhas duas damas favoritas e você sabe que gosto de Charles. Deixe-me mudar preparar. Estou cheio de poeira. Não

quis a carruagem esta tarde e preferi cavalgar.

Fez uma reverência cortês e subiu, em busca dos familiares limites de seus aposentos, um pouco mais tranqüilo pelo menos. Seu criado pessoal, que sabia de sua chegada e o esperava com sua eficiência habitual, disse:

— Boa tarde, Excelência. A água quente estará pronta em seguida.

Nicholas assentiu.

— Obrigado, Patrick.

Tímido e sério, com um espesso cabelo vermelho e a pele sardenta, o jovem se apressou a recolher cada peça de roupa que ele ia tirando.

— Confio em que tenha tido uma boa viagem. Mais que boa. Prazerosa, de fato. — Foi... Satisfatória.

Satisfatória. Pareceu-lhe adequado optar pela palavra. A verdadeira pergunta era: continuaria satisfeito?

Caroline se havia oposto claramente a voltar a ter contato com ele, de forma que não havia escolha.

Devia admitir. Não estava acostumado a isto e se sentia irritado. Entretanto era um homem experiente e sentia que ela havia entrado em seu corpo de uma forma estranha. Dita conclusão tinha se tornado evidente assim que se afastava de Essex. Estava impressa em sua mente a vivida imagem da doçura com a que ela havia lhe beijado antes que saísse; os dela lhe rodeando o pescoço, a boca suave, morna e receptiva.

Tinha sido um beijo de despedida endiabrado. Seria imaginação ou ela havia se apegado a ele durante um instante muito longo, antes que se separassem?

Desfez-se daquela lembrança, banhou-se e se vestiu com rapidez. Desceu ao encontro da família e descobriu que seu cunhado já tinha chegado. Charles Peyton, dez anos mais velho que ele, tinha um caráter afável e uma mente aguda. Nicholas não sabia exatamente o que ele fazia no Ministério da Guerra, mas era muito respeitado em todos os círculos, e suspeitava que o sigilo tivesse algo a ver com a espionagem militar.

— Nicholas... Alegro-me em vê-lo. — Peyton, que já bebia clarete observou-o com expressão inocente acima da taça. — Soube que estive fora da cidade.

— Alguns dias. — Admitiu Nicholas, já que pelo visto era algo de domínio público. Então, quando a sedutora imagem de Caroline surgiu de forma descarada em sua mente, murmurou: — Não o tempo suficiente.

— Tem algo a ver com sua pequena competição com Manderville?

Não estava seguro do por que se surpreendia que alguém pudesse deduzir com tanta facilidade. Especialmente Charles, que era tão certo como um espadachim.

— As pessoas continuam comentando aquele momento de estupidez?
Charles riu entre dentes; seus olhos de um azul pálido estavam cheios de amável ironia.

— Oh, é obvio. Sua precipitada e inexplicável ausência não ajudou sossegar os rumores.

— Só estive fora cinco dias e não devo explicações a ninguém. Por Deus!
Nicholas sentia em bem poucas ocasiões que seu privilegiado status o imunizava contra as mesmas normas que regiam os de menor classe e esta era uma delas. Por que devia dar contas a alguém, sobre seu paradeiro? Habitualmente, já dedicava grande parte de seu tempo a Inglaterra.

— Eu não disse o contrário. Mas todo mundo está pendente do solene anúncio dos resultados.

— Me alegro de que lhe pareça divertido.

— Até certo ponto, — reconheceu seu cunhado, esboçando apenas um sorriso — permite que nós, os que estamos casados há muito tempo, nos revivamos através de suas façanhas. Certo? Especula-se mais sobre quem julgará o extravagante concurso, que sobre o resultado. Existe uma aposta em dinheiro bastante significativa em seu pequeno confronto.

— Maldição! — Nicholas murmurou com cuidado, se assegurando de que sua mãe não ouvisse o palavrão. — Ah. Exatamente.

Vindo de Charles poderia significar alguma coisa, mas a chegada de Althea acompanhada de um redemoinho de seda violeta, pérolas cintilantes e perfume caro deteve em seco o dialogo.

Agradeceu em silêncio a interrupção e confiou em que ninguém tivesse notado que ausência de Caroline coincidissem com sua viagem não esclarecida e suspeitasse da verdade. Isso não aconteceria, afirmou-se imediatamente. Não com Lady Wynn, cuja frieza e displicência eram famosas.

Ela estava a salvo.

Capítulo 18

Através do vidro sulcado pelas gotas da chuva, Annabel contemplou a rua molhada enquanto ouvia o barulho da ocasional passagem de uma e outra carruagem, que se destacava sobre o persistente som do aguaceiro. O céu acima dos telhados parecia rugoso.

— Temo que seja uma consentida. Ultimamente tem feito um tempo tão bom, que acredito que quase tinha esquecido o quanto espantoso pode chegar a ser.

— Você parece mais silenciosa que de costume esta tarde, querida. — Alfred lhe sorriu. — Alegra-me ouvir que é o tempo e não outra coisa o que possa estar errado.

Se ele soubesse... Tudo estava errado.

Tudo.

Segundo Derek, Alfred havia notado sua tensão. Pior ainda, ter pedido explicações a Derek sobre ela.

Voltou-se para o noivo e se perguntou por que duvidava. Ele mostrava o mesmo aspecto de sempre; vestido com elegância, na última moda, com as botas abrilhantadas ao máximo, o cabelo castanho bem penteado para trás e seu rosto, embora não exatamente formoso era muito agradável. Os mesmos olhos castanhos, o nariz, a mesma boca. Mas por algum motivo insensato, em vez de se sentir confortada por sua presença sentia fraquejar sua convicção de que o casamento iminente fosse o que ela queria.

A culpa era de Derek. Culpava-o por tudo e quando pensava na outra noite, que ele subiu até a janela e entrou em seu quarto, se sentia furiosa.

Como ele se atrevia a arruinar sua felicidade?

Amo você.

Nem tinha que pensar em acreditar e mesmo que acreditasse não importava. Ele não era o tipo de homem que seria fiel e ela não era da classe das mulheres que podiam se casar com alguém que não o fosse. E não havia mais o pensar ou falar.

Em qualquer caso, ele tampouco havia mencionado o matrimônio. Derek Drake não era do tipo que oferecia um matrimônio a uma mulher. Ele queria o uso passageiro dos corpos femininos. Annabel sabia que ele se sentia atraído por ela desde o beijo devastador no ano anterior, e suspeitava que a impetuosa invasão de seu quarto e a posterior declaração provinham da consciência de que não poderia tê-la.

Porque não havia forma humana de que ela fosse tão estúpida para acreditar que era sincero.

—... Ele acabava de atravessar a rua quando tropeçou e caiu de cabeça nos pés dela. Foi por acaso? — Alfred riu entre dentes e o grosso anel de ele usava no dedo cintilou quando levou a xícara aos lábios.

Annabel piscou; notou então que não tinha prestado atenção na anedota que ele contava e um sentimento de culpa acrescentou ainda mais a turbulência de suas emoções.

— Tem graça... — Disse em uma funesta tentativa de fingir que tinha ouvido o que ele havia dito.

— Naquele momento realmente teve. — Alfred deixou de um lado o chá e a fitou com uma serenidade que lhe pareceu desconcertante. — Mas noto que não está você com humor para histórias banais. Seria melhor que a visitasse em outro momento?

— Não. — Ela protestou e depois, depois de um momento, suspirou. — Provavelmente sim, Milord. Posso oferecer minhas desculpas, por ser tão má companhia?

— Não há nenhuma necessidade disso, minha querida. Estaremos casados durante muitos, mas muitos anos e imagino que compartilharemos boa parte de nossos maus humores.

Muitos... Muitos anos. De algum modo o que a frase implicava aumentou seu dilema. Diante dele e antes sequer que estivessem casados, ela estava pensando em outro homem. Por todos os diabos! Ela não queria que as coisas fossem dessa maneira.

Alfred se levantou.

— Amanhã pela manhã estarei aqui novamente e se o tempo melhorar, talvez possamos fazer um passeio.

O tempo lúgubre correspondia perfeitamente com seu atual estado de ânimo. Annabel assentiu.

Seu noivo se aproximou, segurou sua mão e levou-a aos lábios e antes de soltá-la, roçou-lhe apenas a parte de atrás dos dedos com a boca.

— Até manhã, minha querida. E seja o que for que a perturba espero que seja solucionado. Se houver algo que eu possa fazer, já sabe que não tem mais que me pedir.

Aquele longínquo e fatídico instante na biblioteca era sem dúvida parte do problema. Annabel teve uma idéia. De repente ficou de pé.

— Beije-me.

Alfred parecia indescritivelmente assombrado.

— Annabel! Estamos na sala. Não creio que...

Ela elevou o rosto e perguntou em um tom que esperava que fosse doce e

persuasivo:

— Não deseja?

— Sim... Bem, sim... Maldição. É obvio; mas a única razão pela qual estamos relativamente a sós é porque Thomas confia em que eu seja um cavalheiro em a todo momento.

Ele tinha razão e a porta estava totalmente aberta, de forma que qualquer criado que passasse pudesse vê-los. Além de que Margaret podia entrar a qualquer momento. Mas ela não se importou. Se pudesse fazer alguma coisa para apagar a calamitosa lembrança estava disposta a se arriscar. Por outro lado acreditava que dentro de alguns meses estariam casados. Certamente ninguém se escandalizaria tanto.

— Não acredito que um beijo seja uma horrível transgressão de conduta. Não, quando a mulher vai ser sua esposa. — Desde que foi apresentada a sociedade, Annabel havia aprendido alguma coisa sobre a arte do flerte. Elevou o olhar para ele sob o véu dos cílios, incitando-o tão provocadoramente como soube.

Por sua vez, ele fitou seus lábios e logo a enlaçou pela cintura.

— Imagino que tenha razão.

Beije-me. Faça-me esquecer aquele primeiro beijo. Faça com que eu me esqueça dele.

Quando Alfred inclinou a cabeça, ela fechou os olhos e esperou, com a respiração palpitando na garganta.

Por infelicidade tudo terminou muito depressa. Ele se limitou a apertar ligeiramente os lábios contra sua boca durante dois, possivelmente três décimos de segundo e depois deu um passo para trás.

Desta vez a terra não tremeu. Desta vez... E com o homem com quem havia escolhido casar... O beijo foi uma experiência bastante frustrante. Ele sorriu habitualmente contido e um ar vagamente triunfante. Annabel fez o que pôde para dissimular a deprimente decepção. Uma coisa era pedir um beijo e outra bem diferente era pensar que ele não tinha ficado em bom lugar. Claro que Alfred era um jovem muito correto, de modo que jamais a teria incitado a abrir a boca e nem a teria seduzido com a língua e os lábios, de um modo fascinante e pecaminoso que lhe fizesse fraquejar seus joelhos. No que estava pensando?

Com toda a presença de ânimo que lhe foi capaz, disse:

— Então o verei amanhã pela manhã, Milord.

Quando ele saiu, muito abatida voltou a sentar e contemplou o vaso de cristal com rosas da estufa que descansava sobre uma mesa de madeira envernizada no outro canto da sala. Alfred havia trazido-as alguns dias antes e algumas flores amarelas começavam a murchar. Já mostravam um

ligeiro tom marrom nas extremidades e mesmas estavam caídas.

Na verdade, ele era um homem respeitado. Atento, educado e um bom partido. Seria um marido bom e responsável e a trataria com respeito e carinho.

Estaria apaixonado por ela? Nunca havia se declarado e ela duvidava que por trás daquela proposta de casamento houvesse um autêntico sentimento de paixão. Ela procedia de boa família e tinha um bom dote. Sabia que ele admirava sua beleza. Em resumo era apropriada. E ele procurava uma esposa apropriada.

Deus... Deus. Apropriada. Como odiava de repente essa palavra.

Derek ouviu o murmúrio familiar de vozes masculinas, permeado por uma ou outra gargalhada ocasional, e fez um gesto ao maitre.

— O Duque está aqui, Frederick?

O jovem, imaculadamente vestido como qualquer dos membros do clube, inclinou a cabeça.

— Boa noite, Milord. Sim, em efeito. Está na mesa de costume.

— Obrigado.

O aroma do tabaco, com um relevante toque de conhaque impregnava o ar quando ele passava junto a várias mesas de conhecidos que o saudaram o lhe atrasaram. Quando finalmente chegou ao extremo do salão avistou Nicholas sentado com seu habitual ar de despreocupação e o cenho um pouco franzido. Estava tomando licor e sustentava a taça na palma da mão.

Sem maior preâmbulo, Derek se deixou cair na poltrona em frente e pegou uma taça. O maitre já havia trazido seu uísque preferido, prova da eficácia do clube.

— Recebi sua nota. Volto cedo!

— A pedido do primeiro-ministro.

— Ah. Sempre é difícil negar o chamado. Lorde Liverpool chama e nós corremos.

— Em efeito.

De fato, o assunto na missiva de Nick havia lhe parecido um pouco severo e era compreensível que Derek sentisse uma curiosidade terrível em saber da semana que seu amigo tinha passado no campo... E nos braços de Lady Wynn.

— Diga-me... Foi um alívio voltar? Esteve lá... O que? Cinco dias? Continuo pensando que é muito tempo em companhia da mesma mulher.

— Depende da mulher.

Esse sentimento era novo para um reconhecido cavalheiro.

— Ah, sim? Agora depende?

Nicholas levantou finalmente sua taça e deu um gole antes de responder.

— De fato. Foi uma decepção ter que interromper.

— Deduzo que nossa deliciosa Caroline faz honra a sua beleza. —
Replicou Derek com crescente interesse.

— Sim. — Nicholas lhe dedicou um olhar que só podia ser descrito como uma advertência.

— Isto é uma pequena surpresa. Embora em efeito ela seja muito atraente, não teria imaginado que resultasse ser uma juvenzinha ardente entre os lençóis.

— Se espera que eu lhe conte os detalhes, esqueça.

O tom cortante e de ameaça era a última atitude que esperava de um homem que viajou de improviso com uma mulher encantadora, para uma semana de usufruto sexual. Derek se reclinou novamente na poltrona.

— Eu não pedi detalhes, Nick. Estamos um pouco suscetíveis, não?

A resposta foi um ligeiro grunhido que não lhe proporcionou mais informação, mas Derek já tinha deduzido que havia acontecido algo fora do normal. Desde o começo havia lhe surpreendido bastante a incomum paciência de seu amigo em levar a dama para o campo e agora era evidente que Nicholas parecia tentado a voltar.

Ele mesmo também estivera bastante tentado ultimamente, mas isso era devido à insustentável situação sua com Annabel.

Ambos eram muito acostumados a ser sinceros um com o outro, então Derek disse sem rodeios:

— Está com um humor do cão.

— Olhe quem fala. Se ganhasse uma moeda por todas as vezes que está de mau humor nos últimos meses, minha fortuna aumentaria de forma significativa.

Bem, era difícil negar, por isso Derek preferiu beber um bom gole de seu uísque. Ainda não estava preparado para contar ao amigo o desastre do ano anterior e dos enganos seguintes que pelo visto haviam piorado tudo. Thomas sabia e isso bastava.

Annabel sabia e isso não bastava.

De repente, Nicholas se expressou com desnecessária veemência:

— Deveriam ter açoitado seu marido.

Derek pestanejou antes de perguntar com cautela:

— A Lorde Wynn? O que ela contou?

— Não foi preciso que me contasse nada. Digamos unicamente que a resposta de Caroline a nosso infantil alarde de masculinidade implicou certo grau de coragem. Admiro-a por isso.

Alguém riu com vontade as suas costas e o estridente som se destacou acima do usual tom sussurrado da conversa. Derek estava confuso.

— A risco de parecer obtuso, o que não é a primeira vez que acontece, poderia se explicar melhor?

— Ele era um vicioso bastardo.

— Ah, entendo. — A nota de Lady Wynn adquiriu um significado completamente novo.

O que de fato teria acontecido em Essex devia ter sido algo mais que uma simples disputa sexual. Derek tentou mostrar uma expressão ambígua e enquanto assimilava o novo giro dos acontecimentos, terminou a primeira dose do excelente uísque. Fez um gesto para que lhe servisse outro.

— Imagino que agora que ela voltou para Londres, você... Bem, acredito que organizará as coisas. — Nicholas massageou a mandíbula, com uma expressão de aborrecimento no atraente rosto que tantas mulheres admiravam. Para a reunião com o primeiro-ministro vestia uma ajustada casaca de veludo verde, colete com um bordado esmeralda, calça clara e botas lustrosas. Seu cabelo de ébano contrastava com a antiga gravata branca com nós de renda, mas sua testa levemente franzida desmerecia a imagem de elegante cortesão.

Por todos os diabos! O infame Rothay estava com ciúme! Derek notou com certa surpresa.

Embora ele já não tivesse intenção de tocar à dama em questão, não podia deixar passar a oportunidade de medir o terreno e averiguar se tinha razão.

— Estou impaciente. — Mentiu e recostou-se na poltrona com um movimento lânguido e agitou sua taça enquanto o maitre se afastava apressadamente. — Ultimamente ando bastante aborrecido e me cairia bem comer um pouco de poeira.

Sem dúvida nenhuma, algo brilhou nos olhos escuros de seu amigo ante a deliberada grosseria.

— Volte a se expressar dessa forma e eu... — Nicholas grunhiu.

Derek esperou, com uma sobranceira arqueada.

Ah, sim, ele definitivamente se mostrava possessivo, com em outros tempos a fria e distante Lady Wynn.

— Enviei-te uma nota para que nos encontrássemos, — Nicholas murmurou, — porque quero lhe alertar que seja cuidadoso com ela. Isso é tudo.

— Cuidadoso?

— Sim, cuidadoso. Gentil. Não acelere as coisas.

— Você está me indicando como me deitar com ela, de verdade? — Derek

moderou a incredulidade com uma cordial ironia.

— O que lhe digo... — Nicholas vacilou pela segunda vez e enrijeceu os dedos ao redor da taça que tinha entre eles. Então acrescentou com ferocidade: — Maldição.

Nicholas se levantou e repente e saiu apressado sem nem dizer adeus.

Derek juntou os lábios e emitiu um assobio silencioso, enquanto acompanhava com o olhar a enérgica silhueta do Duque abandonar a sala.

Já que ele havia cometido uma vez o imperdoável pecado de reprimir os próprios sentimentos, compreendia perfeitamente como tudo podia afetar a vida de um homem. Mas também sabia que era difícil perder os maus costumes. Talvez Nicholas não estivesse preparado para admitir que estivesse, quando muito afetado e provavelmente algo mais.

Bem, podia ser que ele não fosse capaz de resolver seu problema com Annabel, mas talvez pudesse ajudar Nicholas. Enquanto estava ali, lhe ocorreu uma idéia, que a avaliou enquanto observava seu copo de uísque, mas sem bebê-lo.

As mulheres caíam diante de Nicholas, como caíam as folhas de outono das árvores. Se a esplêndida viúva tinha vivido um matrimônio horrível, como teria reagido aos poderes de sedução de um dos amantes mais reputados da Inglaterra? A julgar pela forma que ele acabava de agir, o Duque de Rothay devia ter passado por uma experiência memorável.

Bem, na verdade isso era interessante.

Sim, talvez ele pudesse arrumar tudo para encontrar a dama; embora não com o objetivo original que Nicholas tinha insinuado.

Era muito tarde, estava cansada e a visita não havia dado seu nome ao mordomo. Caroline contemplou os crípticos garranchos do singelo cartão com o cenho franzido, e então piscou consternada ao se dar conta de quem devia ser.

— Sim, Norman. Receberei o cavalheiro. Por favor, o acompanhe ao escritório de Edward.

O velho mordomo que já estava vestido com sua camisola de dormir inclinou a cabeça sem mostrar curiosidade pelo acontecimento tão incomum em uma residência normalmente tranqüila, mas ela podia imaginar o que estava pensando. Tampouco a recente ausência era habitual nela.

Demônio. Devia ser o Conde de Manderville. Ela havia pedido discrição e estava bastante segura de que uma visita vespertina a sua casa da cidade não era. O homem devia ter sido informado por Nicholas de que já haviam

retornado.

Bem, não havia demorado nem um minuto em procurá-la. Era difícil decidir se sentia adulada ou irritada. O azar quis que ainda estivesse vestida, pois havia adormecido na sala pequena que dava acesso ao seu quarto enquanto lia depois de jantar. Quando estava sozinha era mais cômodo levar uma bandeja aos seus aposentos, que passar por todo o cerimonioso ritual do jantar. O criado tampouco havia previsto que voltasse tão cedo, de forma que ela pôde comer com a mesma facilidade o frango frio, o queijo e o pão macio em seus aposentos. O que freqüentemente. Embora se sentar sozinha à mesa enorme era melhor que jantar com Edward; mesmo assim lhe provocava desânimo e manifestava sua solidão.

Não era isso o que devia fazer. O que devia fazer era se perguntar se o encontro amoroso com o belo Rothay havia lhe tornado a vida mais difícil, em vez de ser uma cura para sua melancolia.

Caroline se observou no espelho, arrumou o cabelo e logo desceu para comprovar que o que Derek Drake desejava conversar com ela não podia esperar uma hora mais civilizada.

A princípio, o que avistou no interior do aposento a sobressaltou, logo sentiu alívio e depois diversão. Entrou e fechou a porta apressadamente.

— Boa noite, Milord.

Ele se voltou e notou o riso que pairava sobre os lábios dela e um sorriso triste acariciou a boca bem desenhada.

— Boa noite. eu também posso ser tão engenhoso como você, Milady. Vim caminhando para me assegurar de não chamar a atenção, se viesse a cavalo ou de carruagem.

Era verdade. Derek estava vestido com a simples veste de um comerciante. Usava uma casaca cinza que descia de suas enormes costas, as longas pernas cobertas por uma calça rota e as botas velhas deviam ter sido encontradas em algum lugar. Em cima de uma poltrona havia um chapéu do mesmo estilo. Estava em pé junto à janela, alto e impressionante mesmo sob o estado de suas roupas, e embora a primeira vista o disfarce pudesse ser convincente, ela supôs que a aparência plebéia desapareceria depois de alguém ficar um só momento em sua companhia. A atitude natural de confiança, idêntica a de Nicholas, era bem mais difícil de dissimular que o aspecto físico.

— Está claro que me agrada em saber que se incomodou em se assegurar que ninguém reconhecesse, mas me intriga um pouco o porquê de estar aqui e a estas horas, nada menos. — Murmurou.

Não estava ansiosa para dizer a Derek Drake que tinha mudado de opinião sobre sua participação na aposta. Ele iria querer saber por que. Era bem

provável que a um sofisticado libertino como o Conde sua ingenuidade parecesse muito graciosa, se lhe contava a verdade. Embora estivesse segura de que ela não era a primeira mulher que se rendia tão rapidamente de amor pelo Duque de Rothay, continuava tentando compreender seus sentimentos e abordar a situação da forma mais objetiva possível. Outro desafortunado aspecto de sua decisão era que se Derek e Nicholas decidissem que a aposta seguisse adiante e ainda queriam dirimi-la, isso significava que Nicholas presentearia outra mulher com seu fastuoso encanto e glorioso talento na cama.

Doía-lhe pensar no fato, o que a convertia em uma tola, duplamente. O que esperava? Que depois dela, ele se tornasse celibatário? Nicholas tinha pedido para voltar a vê-la e ela havia negado. Esse era o final da história.

— Poderia ter esperado até amanhã, — disse Derek de repente, — mas visitá-la a noite reduz as probabilidades de que me reconhecessem e o que tenho a conversar com você é melhor pessoalmente. Esperei muito tempo para fazer alguma coisa e o que tentei até agora não funcionou.

Algo confusa, Caroline escolheu uma poltrona e se sentou com as mãos entrelaçadas sobre o colo. Apesar de seu propósito de conservar a calma, ruborizou-se.

— Sei que temos que organizar nossa... Bem, semana, mas...

— Desculpe a imperdoável interrupção, mas não se trata disso. — Derek fez um gesto de impaciência com a mão. — Bem, indiretamente imagino que sim. O que aconteceu a você e a Nick?

Caroline fitou-o ainda mais enrubescida.

— O que disse?

Qualquer que fosse o significado de sua expressão, ele compreendeu. Claro que compreendeu; era bem desenvolvido com as mulheres e estava acostumado aos seus estados de ânimo, conforme diziam. Ele soltou uma leve gargalhada.

— Não pergunto pelos detalhes, acredite-me. Já sei como são estas coisas. Não o que aconteceu a vocês no quarto, mas o que mais houve? Eu o encontrei há pouco e ele não é o Nick de sempre. Absolutamente. Está irritado e mais, acredito que queria me dissuadir. Cancelar o desafio.

Seramente?

Foi como se o aposento com seu persistente e vago aroma de couro e uísque, desaparecesse. Caroline fitou o homem alto do outro lado da sala e sentiu uma pontada de... O que? Esperança? Felicidade?

— De toda formas eu não posso seguir adiante. — Confessou com um fio de voz, enquanto tentava assimilar o que estava confessando. — Eu iria mandar avisá-lo. Lamento descumprir, mas... Tenho que fazê-lo.

Para sua surpresa, ao notar que balbuciava, a expressão de Derek pareceu se iluminar, embora não tivesse respondido diretamente a sua pergunta.

— Por que deve cancelá-lo?

Não. Se confessasse em voz alta, se envolveria emocionalmente. Admitir em palavras se converteria em algo dolorosamente certo. Derek inclusive podia contar a Nicholas que ela acreditava ter se apaixonado por ele.

Não.

— Motivos pessoais. — Respondeu confiando resolver o assunto. — Uma vez mais, desculpe-me por me retirar.

— Essas razões pessoais estão relacionadas a um Duque muito teimoso e independente? — Os olhos azuis expressavam uma sagacidade desconcertante.

Há anos ela fazia as pessoas acreditar que era fria e insensível. Pelo visto agora havia perdido a habilidade. Caroline pigarreou.

— Por favor, não me pergunte isso.

— Isso é um contundente sim, sem dúvida alguma. Excelente.

O comentário era desconcertante. Caroline estava mais perdida que nunca respeito do motivo de sua visita. Havia interpretado-o mal ou ele acabava de dar a entender que considerava um bom sinal que ela se sentisse atraída sem remédio por um homem cujo desapego emocional era bem conhecido quando se tratava de assuntos de amor?

— Não se desculpe por perdemos a oportunidade de ficarmos juntos o tempo que nos corresponde, Lady Wynn. — Derek continuou. — Não aconteceria de qualquer forma, à margem do que acontece entre Nick e você. Eu já estou farto de relações sem sentido, com mulheres que somente valorizam o prazer passageiro. Permita-me ser absolutamente sincero com você. A aposta foi o resultado direto de um momento de frustração, motivada pelo anúncio de que a mulher que amo de todo o meu coração e minha alma vai se casar com outro homem.

O relógio do canto do aposento sempre badalava tão forte? Ela tratava todos os seus negócios ali e nunca antes havia notado. Aquele foi o único som que interferiu no silêncio mortal que se fez, enquanto observava seu visitante com evidente surpresa.

Lorde Manderville acabava de confessar que estava apaixonado? Caroline começou rir, espontaneamente. Seu júbilo descontrolado quebrou o instante. Em parte foi um regozijo autêntico e em outra a liberação da tensão nervosa que vinha se acumulando nos últimos dias.

Derek arqueou as sobrancelhas castanhas.

— Parece-lhe divertido? Alegro-me de que seja assim. Mas no que a mim

concerne sou o homem mais desgraçado de Londres.

Ela conseguiu recuperar o fôlego. Pressionou o estômago com a mão e negou com um gesto de cabeça.

— Não, Milord. Não estou rindo do infortúnio ao qual se referiu. Mas deve admitir que tudo isto é muito cômico em certo sentido. Enquanto estávamos em Essex, Nicholas me disse em essência que só deseja se casar por amor. Aqui está você me dizendo que seu coração, supostamente intacto, está quebrado. Nenhum membro da alta sociedade acreditaria.

O conde parecia desconcertado, mas teve a cortesia de sorrir.

— Acredito que tenha razão.

Caroline teve que reconhecer que estava intrigada.

— Quem é ela?

— Annabel Reid, a pupila de meu tio.

Ela assimilou a informação com incredulidade. A senhorita Reid era muito jovem e o modelo da debutante ingênua. E havia conquistado o coração do malicioso anjo? Uma moça recém saída da escola e pupila de seu tio? Não que a juvenzinha não fosse bela, mas Lorde Manderville não perdia seu tempo com jovens casadoiras. Isso todo mundo sabia.

— Você está você surpresa. — Ele continuou interpretando corretamente sua expressão. — Bem, eu também. Mas é a verdade. Também me surpreende a reação de Nicholas a você. Não obstante, provavelmente seja o destino. Confio bastante em que possamos unir nossas forças. Quer dizer, se estiver você tão fascinada por Nicholas como ele parece estar por você.

Ela estava mais que fascinada, esse era o problema, mas tentou divagar.

— Não acredito que o Duque e eu nos conheçamos o bastante para ser capazes de avaliar a profundidade de nossos sentimentos.

Lorde Manderville proferiu um som nada educado.

— Quando ele falou comigo está tarde estava com ciúme. Eu sou capaz de reconhecer esse sentimento de sobra. Ele estava preocupado por você, inquieto, infeliz, zangado consigo mesmo, confuso...

— Você faz com que isso pareça uma enfermidade terrível, Milord. — Ao ver a expressão dolorida de Derek, Caroline reprimiu outra gargalhada involuntária e uma onda de otimismo irracional.

— E é. Acredite-me. — Ele apertou os lábios e pensou um momento. — Faz muito tempo que conheço Nick, Milady. Desde primeiro momento, ainda na taberna, deu para notar eletricidade entre vocês dois. Eu notei, mas pensei que talvez fosse às circunstâncias incomuns o que os intrigavam. Agora me pergunto se não era bem mais.

Derek poderia estar com a razão? Era irracional confiar nisso. Mas mesmo assim o fitou confusa e indefesa.

— Como podemos ajudar um ao outro?

— Talvez se trabalharmos juntos podemos nos ajudar mutuamente. Meu tio está convencido que Annabel sente por mim o que sinto por ela e eu acredito, rezo por isso, que ele tem razão. Mas ela está noiva de Lorde Hyatt e minha última tentativa de me explicar a ela foi um desastre. Pergunto-me se você, a partir de sua própria experiência, poderia convencê-la que um matrimônio sem amor é o caminho à infelicidade.

Ela realmente sentia compaixão por um dos homens mais bonitos, ricos e encantadores da Inglaterra?

Bem, sim. Ele parecia desesperadamente sincero e, afinal havia usado um disfarce ridículo para vê-la em plena noite. Por não dizer que tinha manifestado que não tinha intenção de seguir adiante com a aposta, ainda que ela estivesse disposta.

— Eu somente posso falar a partir de minha própria experiência. — Disse Caroline. — Conheço Lorde Hyatt e duvido que vá ser um marido cruel. Mas tem você razão, Milord. Acredito que um matrimônio sem amor deteriora uma parte muito valiosa da vida de uma pessoa, e isso é duplamente injusto se uma das pessoas implicadas está apaixonada por outra. Acho que estou disposta a tentar. .

— Excelente. — O sorriso de Derek foi autêntico pela primeira vez. Era um gesto cativante dos lábios, que sem dúvida tinha provocado com que os joelhos de mais de uma mulher tremessem. Ele elevou uma sobrancelha e a expressão sorridente se converteu em uma faceta diabólica. — De minha parte me encarregarei encantado de fazer com que Nick reconheça a si mesmo e a você, que talvez seu coração finalmente esteja comprometido. Não quero que ele cometa o mesmo engano que cometi. Se acreditasse que bastaria com uma simples conversa, eu tentaria, mas os homens são mais obtusos que as mulheres.

— Se pensa por um momento que vou discutir isso, Lorde Manderville, está muito equivocado.

— Duvido que discuta. — Ele replicou com secura. — Minha tese é de que uma boa porrada na cabeça será mais útil que a sutileza. Tenho um plano.

Caroline começava a se dar conta do por que Nicholas era tão bom amigo de seu notório camarada.

— Imagino que será algo muito ocorrente, mas há um problema muito grave. Se você não tivesse sido tão honesto a pouco, sequer comentaria, mas...

A voz Caroline falhou e ela engoliu a saliva para mitigar a tensão que sentia na garganta. Baixou o olhar um momento para os dedos entrelaçados em seu colo e depois ergueu os ombros.

— Apesar de minha oferta de arbitrar a aposta e dos dias que passei com o Duque, não estou interessada em uma aventura passageira. Já que é bem provável que eu seja estéril, qualquer outra coisa é impossível entre nós. Por outro lado, ele e eu nos conhecemos há muito pouco tempo. Apenas uma semana juntos, sem dúvida não basta para julgar a autenticidade dos sentimentos.

Manderville apoiou seu enorme ombro na parede e cruzou os braços.

— Você está muito equivocada, Lady Wynn. Conheço Annabel há mais de uma década e mesmo assim não soube discernir o que estava acontecendo entre nós. Não há um espaço de tempo estabelecido para medir o amor. Acredito que a certas pessoas acontece no instante em que se conhecem e em outros casos é preciso anos para que mature pouco a pouco; entre as situações há uma infinidade de variáveis. Quanto à possibilidade de que você conceba um filho algum dia, admito que ter um herdeiro é algo que deve ser levado muito em conta, para qualquer homem que possua um título a transmitir. Mas mesmo que Nicholas se case com alguma jovencinha virginal correria esse risco.

Isso era certo. Efetivamente, antes de se casar, ela sequer havia pensado que não pudesse conceber.

— Em meu caso, ele tem a evidência de meu anterior fracasso.

— Então sua tese é que ele faria melhor se casando com alguma cria insossa? Pensei que acabasse de me dizer que ele quer se casar por amor.

Realmente ela estava conversando sobre romantismo e casamento, com um conhecido libertino?

Nem Nicholas e nem Derek Drake eram os homens que aparentavam ser.

— Não sabemos se ele tem algum sentimento por mim, além da atração física. — Caroline assinalou.

— Ao contrário. Você não o viu está tarde. — Derek se ergueu. — Responda-me, Milady. Se dispusesse somente de uma palavra para descrever o tempo que passou com ele em Essex, qual seria?

Uma palavra? Era impossível resumir a clareira do bosque banhada pelo sol, o indescritível prazer, os extraordinários sorrisos e a valsa silenciosa com uma só palavra.

Mas podia tentar.

— Mágico. — Finalmente respondeu com uma voz quase inaudível.

Ele assentiu; seus olhos demonstravam o escasso êxito que Caroline havia conseguido ao ocultar seus sentimentos.

— Então gostaria de ouvir o que tenho em mente?

Capítulo 19

Dois dias. A frase lhe rondava a mente inclusive quando fazia algo tão simples como passar um pouco de geléia em uma torrada. Diferente da singela e ensolarada saleta de café da manhã em Essex onde tinha jantado com Caroline, o teto alto, a mesa enorme e reluzente e o grupo de criados que se moviam com discrição em um segundo plano enquanto serviam fatias de carne e ovos, recordavam-lhe que em sua casa de Londres nada se fazia em pequena escala. Nicholas estava acostumado, raramente havia pensado nisso, mas aquela pompa ducal nessa manhã se tornava muito evidente porque estava obcecado por uma viúva muito encantadora e inexequível.

Caroline preferia comer somente uma torrada. Tomava chá com leite, mas sem açúcar. Quando o sol roçava seu cabelo produzia um resplendor de uma cor extraordinária, como...

— Realmente está em outro mundo, querido. O que o tem tão distraído nesta manhã?

Nicholas levantou o olhar no momento, a xícara ficou suspensa a meio caminho de sua boca. Deus bendito! Estivera sonhando acordado como um idiota apaixonado.

O que devia fazer? Dizer a sua mãe que estava absorto com a idéia de que Lady Wynn lhe devia dois dias mais de prazeres, para decidir a aposta? Nicholas não se fazia iludido; sua mãe devia estar inteirada da aposta, mas até o momento não havia dito nada. Não que não a agradecesse por não ter comparado um desafio masculino tão sem tato, já que estava seguro de que ela o desaprovava. Certamente devia desaprová-lo, na realidade. Entretanto, o que tinha acontecido não podia ser mudado. Como tampouco a provocação, convenientemente anunciada no livro de apostas, para que toda Londres comentasse, nem os cinco reveladores dias com Caroline.

Esses não mudariam, mas o pacto era sete dias.

Sim, ela lhe devia dois mais. Ela havia se negado, mas talvez ele pudesse convencê-la do contrário. Estava começando a se obcecar com a idéia.

— Estive muito ocupado esta semana. — Nicholas depositou a xícara com exagerado cuidado junto ao prato e levou o guardanapo à boca. — Sinto não estar por aqui. Por favor, me perdoe.

— Perdoo-lhe, carinho. Mas preferiria saber o que provoca essa expressão em seu rosto. — Ela o observou com o cenho franzido, do outro extremo da mesa, enquanto removia languidamente o chocolate na xícara.

— Que expressão? — Ele emitiu um suspiro profundo e resignado. Afinal, para começar era um engano estar sentado aí e pensando em Caroline. Se comesse um interrogatório a culpa era somente dela.

Mas ao que parecia não podia tirá-la da cabeça.

Sua mãe pegou com elegância a preciosa jarra de porcelana que estava a sua frente e se serviu de uma generosa quantia de chocolate líquido, mas sem tirar os olhos dele.

— Parecia que estivesse se lembrando de alguma coisa bem prazerosa. Fez-te sorrir.

A excelente Duquesa de Rothay sempre fora perspicaz. Mas Nicholas não estava com humor para responder perguntas e esmo que estivesse duvidava de que gostasse das respostas. Talvez sequer acreditasse. Ele nunca se obcecava pelas mulheres.

Até agora.

Sua mãe seguia lhe observando pensativa, com a curiosidade refletida nos belos olhos escuros.

— Eu diria que você está com a cabeça em outro lugar. Estiveste silencioso por toda a semana e não quis nos acompanhar a lugar algum.

Ela estava com a razão. Tinha evitado assistir a habitual série de diversões de todo tipo, sobretudo porque queria evitar Caroline.

E ao mesmo tempo sentia o impulso perverso e inquietante de vê-la. Normalmente sabia como funcionava sua mente. Seu atual estado de ansiedade lhe recordava de forma preocupante o que tinha sentido por Helena, dez anos antes. Só que então tinha sido um interesse motivado por um amor juvenil. Agora já não era um jovem.

— Neste momento estou muito ocupado. — Replicou com a voz mais neutra que pôde.

Sua mãe não se deixou enganar. Elevou uma sobrancelha e em seus traços aristocráticos apareceu um cepticismo zombeteiro.

— Você sempre está terrivelmente ocupado, Nicholas. Essa não pode ser a razão. Althea também notou. Parece um tanto... Não sei... Distante.

Justo o que um homem necessitava. Pensou com resignada e sardônica ironia, que todas as mulheres da casa o analisassem.

— Se ando distraído é devido à conflitante situação política. Estamos debatendo tudo, desde a solicitação de Wellington de mais tropas, até as sanções agrícolas.

— Isso faz com que se deite em horas não razoáveis e se levante ao amanhecer? — Sua mãe o esquadrinhou com tanta atenção que lhe fez sentir como se voltasse aos cinco anos e o tivessem pegado em uma mentira flagrante. — Seu horário é acostumado a ser o contrário. No

Parlamento há debates constantemente. Parece-me que está sendo evasivo e me pergunto o porquê.

Desde que havia voltado de Essex, Nicholas não dormia muito bem. Adaptara-se a nova afeição pelo amanhecer, mas já não o satisfazia tanto como quando Caroline estava ao seu lado, carinhosa e disposta, e podia celebrar a saída do sol da forma mais prazerosa possível.

— Pensa em comparecer ao baile dos Harrison está noite, certo? Parece-me que Charles e Althea vão à ópera e eu gostaria que me acompanhasse.

Se ela pedia assim, como se negaria?

— Será uma honra agradá-la. E por favor, deixa de se preocupar por mim.

— Levantou-se da mesa, beijou-a na face com um afeto que categoricamente não era fingido, embora não estivesse interessado em ficar para continuar sendo interrogado, e saiu da sala.

Não havia mentido. Não que alguma estivesse errada; alguma coisa não estava bem. A ridícula obsessão não se limitava tampouco a pensamentos erráticos durante o café da manhã. Na noite anterior havia sonhado que estava junto à macia pele de cetim, a brilhante cabeleira de cor mogno espalhada sobre seu peito e um ardoroso prazer misturado ao elusivo aroma de lírios do vale. Para sua infelicidade despertara suado e enrolado nos lençóis, para não mencionar intensamente excitado, duro. Fato que não o provocava desde a adolescência.

Seu sonho possuía um rosto delicado, precioso e intimamente familiar, emoldurado pelo cabelo sedoso e dominado por olhos prateados, enormes e incríveis.

Pensando nela resolveu a excitação. Não era algo que fizesse freqüentemente. Na verdade não necessitava. Quando se tratava de sexo havia mulheres dispostas e encantadas em se ocupar dele.

Um fato extraordinário que possivelmente se lembraria mais adiante. No momento, entretanto, queria examinar seus cavalos. Ultimamente não tinha passado pela cavalaria e a próxima semana se apresentava cheia de reuniões e o compromisso frenético significava que não disporia de muito tempo para pensar no que podia estar fazendo a incomparável Lady Wynn.

Com Derek.

Não, felizmente não. Proporcionava-lhe uma perversa satisfação saber que Derek não poderia partir em seguida. Os assuntos políticos o mantinham tão ocupado como ele. Qualquer compromisso que pudesse agendar com Caroline teria que esperar durante uma boa temporada.

Quando ordenou que lhe trouxessem seu cavalo, Nicholas descobriu que só pensar no iminente encontro romântico entre os dois apertava os dentes, cuja consequência imediata era uma ligeira dor na mandíbula. Ante a

reação, fez um gesto negativo com a cabeça e a afastou os pensamentos da mente. A lembrança de como ela havia lhe rechaçado continuava vivo em sua mente. Não havia dúvida de que falava a sério. Tampouco podia culpá-la por não desejar um escândalo em sua vida, então... Tudo estava decidido. Não necessariamente de forma satisfatória para ele, mas decidido.

Ou não?

O passeio a cavalo até os subúrbios da cidade não lhe foi agradável, porque as ruas estavam úmidas pela chuva dos últimos dias, mas mesmo assim o ar livre lhe assentou bem. Já estava farto de salas de reuniões mal ventiladas e de estar confinado em seu escritório. O encarregado de seus estábulos lhe recebeu com um amplo sorriso e lhe aplaudiu as costas com sua forte mão, de modo informal. Sua classe não tinha nenhuma importância quando se tratava de seus cavalos puro-sangue, pois Ou'Brien governava o estábulo como um rei; suas decisões eram invioláveis e Nicholas, depois de uma série interrompida de vitórias confiava nele, incondicionalmente.

Os estábulos, cuidados com esmero, eram compartimentos construídos com pedra e madeira polida, dispostos em longas baias e dominados por um persistente aroma de feno e aveia, e um leve e inevitável toque de esterco. Era uma instalação de primeiro nível, digna de alguns dos melhores cavalos de Grã-Bretanha e Nicholas sempre experimentava certa paz entre os animais, que para ele eram como crianças.

— Como está a pata dianteira de Satã? — Perguntou. Sempre se interessava em primeiro lugar pelo cavalo favorito do momento.

— Esse valente menino está fresco como uma rosa. Vamos vê-lo, Senhor?

— Ou'Brien, ruivo e jovial, era um mago com seus caros tutelados.

— E Baikal? — Era uma de suas aquisições mais novas e ainda uma caixa de surpresa. Embora o irlandês tivesse insistido em comprar o potro por uma quantidade aparentemente exagerada, Nicholas não tinha duvidado nem um minuto.

— Honestamente tenho que dizer que vai se impressionar. Percorreu algo mais que um quilômetro e meio em um minuto e meio. E ainda é jovem.

— Verdade?

Ele passou a hora seguinte percorrendo a instalação, se situando do bem estar de cada animal, baia por baia. Foi agradável esquecer os aspectos externos de sua vida e se inundar em sua paixão pessoal.

Quase, mas quase esqueceu, durante um breve intervalo, sua outra paixão. Até que lembrou bruscamente quando algo pequeno, peludo e muito torpe apareceu trotando em frente a ele e quase o fez cair.

— Perdoe-me, Excelência. — Um criado jovem do estábulo ergueu nos

braços o culpado e reteve o inquieto. — Este é o peralta do grupo, senhor.

Nicholas observou o cachorrinho que não parava de se movimentar. Mas em vez de ver a bola de pelos e a língua rosada que tentava lamber com energia a face do criado, avistou em seu lugar a clareira no bosque e a mulher nua e muito formosa em seus braços, enquanto estavam na indolente seqüela de um delicioso gozo e ele tentava lhe proporcionar ainda mais informação sobre sua vida.

Meu pai nunca se preocupou por nada que considerasse um aporrinho. Quando criança, eu desejava desesperadamente um cachorrinho, mas ele sempre se negou e minha tia não queria nem ouvir falar disso... Agora isso já não importa. É claro.

Mas inclusive então, mesmo na bruma que acontece depois um excesso sexual, ele tinha notado no tom de voz de Caroline, que importava. Havia adivinhado também outra coisa. O pai havia incluído à única filha que tinha na categoria da aporrinhação. Viajar até York e torcer o pescoço daquele homem insensível mostrava certo encanto.

Mas também poderia agraciar um sonho infantil.

Afinal, ela havia desafiado-o a fazer algo mais romântico que organizar um jantar improvisado no terraço.

— Há uma ninhada, então? — Perguntou de maneira impulsiva.

— Seis deles. — Assentiu o jovem.

— O bastante para desmamá-los?

— Sim, Excelência.

— Eu gostaria de vê-los, se puder. — Nicholas disse, contente. — Tenho um amigo que sempre quis ter um cão.

Por fim escolheu o selvagem que havia atravessado seu caminho literalmente e embora parecesse um monte de pelos que um cão de verdade, teve de admitir que a criatura era tremendamente carinhosa e entusiasta. Deveria ter pensado melhor, pois se viu obrigado a atravessar Londres de volta segurando o frenético animalzinho, que chegou ao ponto de urinar em sua calça, imaculada até o momento, Nicholas se perguntou se estaria se comportando como um tolo sentimental.

O desejo premente de poder estar lá para ver a cara de Caroline quando o entregassem, confirmou sua suspeita. Mas era impossível e o desejo o convertia em um idiota ainda maior que o fato de atravessar meia cidade carregando um vira-lata.

Em favor do taciturno laçao que lhe abriu a porta, que conservou sua disciplinada expressão quando Nicholas, agradecido, depositou o cão em seus braços e disse:

— Ocupe-se de que o alimentem e o banhem. Logo lhe darei a direção

onde entregá-lo.

— Muito bem, Excelência.

Veio-lhe à mente o pedido de descrição de Lady Wynn e se deteve um momento. Era impensável usar sua carruagem, porque o emblema ducal era nas laterais.

— Meu nome deve ficar à margem disto. Alugue um cavalo. A dama deduzirá que vem de minha parte.

— É claro.

Sorrindo, subiu aos seus aposentos, a fim de se banhar e trocar.

Podia estar cheirando a cavalos e a urina de cão, pensou com sardônica ironia, mas tinha sido uma tarde ótima, de fato.

Não havia dúvida de que ele estava lhe esperando. Não, ela podia precisar a observação: ele estava lhe espionando.

Franklin havia surgido como uma aparição repentina, e ela não teve outra opção que deixar que segurasse pelo braço para subir a escada. Se não estivesse segura de que a idéia era ridícula, o teria acusado de rondar pelo beco ao lado de sua casa esperando sua volta.

— Que casualidade termos chegado ao mesmo tempo. — Murmurou Franklin enquanto a acompanhava até a porta. — Estive aqui em várias ocasiões, mas soube que esteve você visitando uma amiga no campo.

Imagens da amiga vieram a sua mente. Uma cabeleira negra agitada pelo vento, um pecaminoso sorriso que fascinava e cativava ao mesmo tempo, o corpo esbelto que cobria o seu enquanto ambos se moviam juntos na comunhão mais antiga que poderia haver entre um homem e uma mulher. Seria Nicholas um amigo? De fato sim. Pensava nele desse modo, deixando à parte sua destreza sexual. Se o analisasse, provavelmente havia falado mais com ele nos cinco dias, que com alguma outra pessoa em toda a sua vida. Era culpa de Nicholas, porque havia se mostrado interessado no que ela tinha a dizer.

— Sim. Estive com uma amiga.

Se o tom cortante de sua resposta incomodou o novo visconde, ele não demonstrou. A fisionomia dos Wynn, angulosas e definidas, não revelava nada a respeito de seus sentimentos. Bem recordava da mesma característica em seu falecido marido. Assim que compreendeu o que Edward era na verdade, sua aparência física perdeu toda a atração. Um monstro era um monstro, sem importar o rosto que tivesse.

— Gostaria de entrar? — Ela disse, embora se ver obrigada a fazer a educada oferta lhe provocou uma viva chama de ira.

— Se não quisesse, não teria vindo.

O falso tom de satisfação a incomodou mais que nunca, mas por vários anos ela estivera casada com seu primo, ainda mais insofrível, e havia aprendido muito sobre autocontrole. Confiou que seu sorriso fora tão frio como pretendia.

— É obvio. Por aqui, Milord.

— Conheço muito bem o caminho. Durante um tempo acreditei que esta residência seria minha.

Foram palavras pronunciadas com suposta ironia, mas Caroline se lembrava bem que parte de sua herança tinha cedido ante os testamentos, que haviam discutido sobre a legitimidade do legado.

Não se iludia. Ele não era um amigo, mas pelo menos seu rancor era muito menos patente do que Edward tinha mostrado. Quando sentou em frente a ele no salão das visitas e pediu refrescos ficou em silêncio, esperando que Franklin expusesse o motivo de sua visita. Devia ter um: disso não restava dúvida.

Ele lhe devolveu o olhar, com os olhos pálidos e inescrutáveis.

— Você está com um aspecto encantador, Caroline. Essa visita deve ter lhe feito muito bem.

— Obrigado.

— Eu sempre valorizei sua beleza, sabia?

O calculado interesse só conseguiu com que Caroline sentisse um arrepio transpassar sua pele. No tempo que vivia com Edward tinha aprendido que um homem podia desejar uma mulher em um sentido sexual e não sentir por ela o mínimo afeto ou carinho.

Ao notar que ela não respondia o comentário, a boca de Franklin se curvou com um leve sorriso. Estava sentado com relaxada naturalidade e se vestia com sua habitual elegância vizinha ao exagero. Uma casaca de um azul chamativo, a imaculada gravata com agulha de diamantes e calça clara embutidas nas botas polidas.

— Sejam os francos. Você desconfia do desacordo sobre a disposição do patrimônio de meu primo. Acredito ter deixado claro meu desejo de resolver as coisas entre nós.

— Não é necessário que voltemos a discutir isso, nunca mais. — Essa era uma afirmação neutra. A verdade era que ela suspeitava que Franklin não havia sido do agrado de Edward, porque ambos se pareciam muito.

Ele estendeu as mãos com um gesto de súplica.

— É obvio que é se for motivo de discórdia entre nós. Afinal somos parentes e eu não quero evitar minhas responsabilidades para com você. Como lhe disse com antecedência, sou seu parente varão mais próximo e

tenho direito a poder opinar sobre sua vida.

Ela não desejava falar outra vez sobre o tedioso assunto.

— Só somos primos longínquos por via matrimonial. Não se trata de um parentesco próximo, nem de direto sequer. Por outro lado, já tenho meu pai.

— Eu falei com ele.

Sobressaltada ante essa possibilidade, Caroline o fitou com atenção.

O que?

Franklin apenas lhe devolveu o olhar com o rosto impassível.

— Naturalmente. Ele sabe que me preocupo com você. E acha que a partir do dia em que você se casou com Edward e se converteu em uma Wynn, cessaram suas obrigações para com você.

Obrigações. Doía-lhe pensar que seu pai a expusesse desse modo, mas por infelicidade imaginava-o dizendo exatamente isso. Caroline notou que suas mãos apertavam firmemente o tecido de seu vestido esmagando a delicada seda. Relaxou-as de um modo consciente.

— Sou uma mulher adulta e viúva. Não preciso de ajuda financeira nem tampouco do amparo de ninguém.

Dentro de sua frieza, ele parecia um tanto divertido.

— Todas as mulheres necessitam de amparo. Desde que seu período de luto terminou, mais de um homem se dirigiu a mim com a intenção de pedir sua mão.

Pensar que não só ele assumia com arrogância que podia se entremeter, mas outros também o faziam lhe deixou furiosa.

— É muito amável de sua parte que me proteja dos pretendentes.

Ele sequer piscou ante o tom de sarcasmo que impregnou o comentário de Caroline.

— Seu futuro me preocupa. Você é muito jovem para não se casar.

— Em sua opinião somente, Milord. Na minha, minha idade me dá liberdade para esperar e decidir no caso de desejar me casar outra vez.

— Você tem você uma postura muito avançada sobre esse assunto, querida, mas...

— Milady...

A interrupção da crescente controvérsia fez com que ambos olhassem para a entrada. Norman, sempre impecável e meticuloso, estava ali com uma cômica expressão de terror. Nas mãos sustentava o que parecia ser uma descontrolada bola de pelos castanhos.

— Perdoe-me, mas acabam de entregar isto para a Senhora. O homem que o trouxe disse que não havia nota alguma, mas que você conheceria a procedência do... Bem... Presente. O que devo fazer com ele?

Caroline ficou sem palavras durante um segundo, olhando para o

cachorrinho que seu mordomo segurava nas mãos e que enchia seu colete de pelos, com os rebolados de seu corpo peludo. Assim que se perguntou, quem teria lhe enviado um presente tão insólito, a verdade surgiu como a chama de um relâmpago em uma tormenta de verão.

Nicholas. Ela recordava ter lhe confessado durante uma das tardes indolentes e divinas, com a cabeça apoiada no musculoso torso nu, rodeados pela água, a fragrância da vegetação e da terra, que quando sempre quisera ter um cachorrinho e que haviam lhe negado. Não que ela desejasse falar sobre sua infância, mas ele fez com que lhe desse mais detalhes dos quais nunca havia contado a ninguém. Talvez fosse o perverso encanto dele ou talvez a vontade de conversar com alguém por quem sentisse um interesse autêntico, mas se pegou confessando pequenas coisas, como o frustrado desejo de ter um mascote.

Desejou poder rir de alegria diante aquele gesto. Desejou poder chorar ao mesmo tempo; estava emocionada...

Caroline se levantou, se aproximou e pegou a pequena criatura de Norman, que pareceu agradecer-lhe. Dois enternecedores olhos escuros a observaram e algo que poderia ser uma cauda rechonchuda se agitou freneticamente. Uma pequena língua rosada começou a lhe lamber a mão.

Ela se apaixonou pela segunda vez em sua vida.

— Oh, Deus, não é adorável?

Norman, que gostava que a vida doméstica transcorresse de forma aprazível e ordenada parecia dubio ante a nova aquisição.

— Se a Senhora diz, Milady...

— Quem, demônios, lhe enviaria um vira-lata? — Perguntou Franklin em tom contrariado.

Já que a verdade não era conveniente, Caroline não respondeu. Inclinou-se e deixou seu recém amigo, que brincou de correr até se esconder sob uma poltrona estofada e um segundo depois voltou para ela e se deixou cair aos seus pés. Deu um pequeno latido, como se pedisse aprovação à tão maravilhosa façanha. E ela deu, se inclinando para lhe acariciar uma orelha peluda.

— Nunca tive um mascote.

— É um presente bastante presunçoso, se quer saber minha opinião.

Caroline se pôs a rir diante da apropriada escolha das palavras. Não pôde evitar. O magnífico Duque de Rothay era presunçoso ao extremo, mas neste caso seu gesto a comoveu. Sentia uma emoção intensa e inexplicável. Se ele tivesse lhe enviado diamantes teria considerado generoso e romântico, mas o cachorrinho era algo realmente esplêndido, já que significava que ele ouvira e sentira algo mais que suas meras palavras,

quando confessou sua decepção infantil. Ele havia notado o que havia por trás da explicação distante e do leve encolhimento de ombros.

Rezou para que Derek estivesse certo. E se houvesse uma forma de convencer Nicholas que considerasse sua relação como algo presente e permanente em vez de ocasional, queria pelo menos tentar.

Embora corresse o risco de destruir o coração se tudo desse errado.

— Se soubesse que precisaria disso para que um sorriso como este aparecesse em seus lábios, eu mesmo teria pegado um cão sujo da ou de algum arroio imundo, querida. Como não imagino uma mulher fazendo um algo deste tipo, pergunto a quem mais pode ocorrer a peregrina idéia de lhe fazer este tipo de presente.

O tom suave e quase ameaçador fez com que ela elevasse os olhos e se erguesse sentindo uma contração de alarme no estômago. Nicholas não podia saber de antemão, que Lorde Wynn estaria ali quando entregassem o cachorrinho, mas o momento era mais que inoportuno. Franklin a observou com os olhos semicerrados e a boca ligeiramente tensa.

— Estou segura de que seja Melinda. — Improvisou, consciente de que não mentia bem e confiando que ele não notasse o rubor que sentia florescer em sua face. — Ele comentou que uma das cadelas spaniels de seu marido estava para dar cria.

— Não acredito que isto seja uma cria de um caçador de pura raça.

Sem dúvida tinha razão.

— Quem sabe quem é o pai?

Franklin se levantou.

— Já que pelo visto você está ocupada no momento, estou indo embora. Pense no que lhe disse.

A alegria foi imediatamente substituída pelo ressentimento.

— Se você se refere ao casamento, sinto muito. Por ora não está em meus planos para o futuro.

Franklin ajustou o punho da camisa, com elaborada tranquilidade.

— Isso mudará.

Quando ele saiu, Caroline o seguiu com os olhos até a porta, se perguntando o que quisera dizer com o crítico comentário. Inquietou-se, pois embora jurasse a si mesma que Franklin não poderia obrigá-la a fazer nada que não desejasse fazer, pelo visto ele estava igualmente convencido de que podia.

Um brusco puxão na barra da saia de seu vestido fez com que desviasse a atenção. Recolheu o presente de Nicholas e abraçou o peludo fardo. Um pouco de amor incondicional em sua vida seria agradável, pensou incapaz de reprimir um sorriso enquanto apagava Lorde Wynn de sua mente.

Capítulo 20

A sala de jogos estava, como sempre, saturada de fumaça de tabaco, aroma de conhaque e clarete, pois as janelas abertas para a noite morna mal conseguiam ventilar o ambiente. As conversas eram estridentes, salpicadas de súbitas gargalhadas, mas em sua mesa havia uma atmosfera pouco animada. Derek contemplou em silêncio como o homem que estava a sua frente mostrava as cartas e recolhia os lucros de uma rodada.

Pelo que parecia, o Duque de Rothay estava tendo uma noite de sorte.

Só que ele, para ser um homem a fortuna quem sorria desse modo, não parecia muito contente. Nicholas mostrava um peculiar gesto na boca que qualquer pessoa que fora algo mais que um conhecido, identificaria como aborrecimento. Derek tinha a impressão de saber o motivo.

— E pergunto, Rothay, — resmungou Lorde Renquist, — se importaria muito em não embaralhar e lançar as cartas, para que outros tenham alguma oportunidade?

Os olhos escuros de Nicholas mostravam que ele estava levemente alterado pela bebida. Por que se sua hipótese estivesse correta, se a quantidade de vezes que havia enchido sua taça desde que havia ocupado seu lugar a mesa de jogo, lhe permitia imaginar o que ele estivera fazendo antes de chegar ao baile.

— Eu não mexo nas cartas. Você está insinuando alguma coisa? — Nicholas perguntou arrastando as palavras com relativa urbanidade.

O jovem Renquist também parecia ter bebido um pouco, mas não ao ponto de não reconhecer o tom de calculada advertência na voz de Nicholas.

— Eu não insinuei nada. Era somente uma brincadeira.

— Ah, sim?

A face de Renquist empalideceu um pouco.

— Não muito boa.

— Vamos nos limitar jogar, certo? — Nicholas pegou suas cartas e as abriu com seus dedos longos e peritos evidenciando a atípica expressão atrevida e mal-humorada.

Derek notou que os outros dois jogadores trocaram um olhar, num claro acordo de não irritar nesta noite o habitual, equânime e sereno Duque de Rothay. Se um comentário tão inócuo poderia lhe ofender, talvez o melhor fosse se calar.

Depois de mais duas rodadas desastrosas, Renquist se desculpou com extrema educação e se dirigiu a uma mesa onde se jogava dados. Derek não se importava em perder um pouco, já que aquela noite estava decidido a fazer o papel de cão de guarda. Em circunstâncias normais confiava na lisura de Nicholas, mas a situação não era usual. Absolutamente.

Caroline estava presente no salão de dança enquanto eles jogavam cartas. Por conselho de Derek inclusive estava dançando, coisa que não fazia habitualmente. Nessa noite estava mais bonita que nunca. Usava um decotado vestido claro de renda, que realçava sua cintilante cabeleira e sua pele de marfim. Algo inidentificável havia mudado nela desde que havia voltado do encontro com o Nicholas, e embora parecesse serena como sempre evidenciava uma aparência distinto.

Os homens haviam notado. Não só porque estivesse dançando, embora o fato houvesse provocado comentários, mas por uma diferença mais sutil que adoçava sua habitual couraça de gelo.

Por isso a inquietação e o mau humor do Duque. Deduziu, porque ninguém melhor que ele sabia o que era estar perto da mulher que deseja e não poder se aproximar. Caroline estava ali, Nicholas sabia e se via obrigado a manter distância, enquanto outros homens dançavam e flertavam com ela. Conter-se era uma postura desconhecida até o momento, em um homem que estava acostumado a ter o que queria, especialmente das mulheres.

Não que se encontrasse em uma situação melhor, pensou já que Annabel também estava ali, encantadora com seu vestido de tule rosa e o cabelo claro recolhido no alto para mostrar a silhueta graciosa de seu pescoço e os ombros acetinados. Podia pedir-lhe uma dança, claro, ninguém daria importância dado seu parentesco com o tutor da jovem. Mas não estava seguro de não ser rechaçado se tentasse se aproximar. Ser desprezado em público provocaria comentários e mesmo que não se importasse muito duvidava que ela ficasse feliz em ser a protagonista de ambíguos falatórios. Não se iludiria, pois ela ainda lhe implicaria a culpa.

De forma que como Nicholas tinha que manter a distância.

Um de seus amigos pegou a cadeira vazia de Renquist e solicitou se podia se sentar.

— Só uma palavra de advertência, George. — Respondeu em um tom neutro. — Nick está com uma sorte do diabo esta noite. Sempre tem boas cartas.

— Obrigado por me avisar. Não jogarei muito alto, então. — George Winston, corpulento e sociável, se sentou sorrindo. — Falando em sorte, como vai a aposta entre vocês dois? Quando conheceremos o triunfante

resultado?

Um músculo da mandíbula de Nicholas se enrijeceu de forma visível, mas o tom de sua voz foi bastante cordial.

— Ainda não está decidido.

— Será nas próximas semanas, acredito. — Replicou Derek com uma careta deliberadamente apática. — Não queremos apressar muito as coisas.

Podia ser um engano provocar Nicholas em seu presente estado de ânimo, mas obrigá-lo a reconhecer o ciúme que sentia era parte do plano.

De bom caráter, mas sempre muito enganador, Winston piscou-lhe.

— Quer dizer que não querem apressar a dama. Devem saber que todo mundo está fazendo todo o possível para tentar averiguar quem ela é. Dêem-nos uma pista, por favor.

Nicholas examinou sua mão como se fosse a coisa mais fascinante do mundo.

— Não.

— Ela é bonita? — George não estava disposto a ficar à margem. De fato, todos os homens da mesa pareciam tão divertidos, como intrigados.

— O que você acha? — Derek elevou uma sobrancelha.

— Suponho... Seios grandes?

Nicholas levantou a cabeça, como um lobo cheirando sua presa.

Se houvesse uma forma discreta de avisar George que especulações como essa poderiam lhe trazer muitos problemas, Derek teria avisado. Do outro lado da mesa, com a voz aparentemente calma, Nicholas respondeu:

— Como cavalheiros negamo-nos a comentar.

Uma advertência clara.

Os gélidos olhos negros declararam que o assunto estava resolvido, enquanto jogava as cartas à mesa e se levantava.

— Perdoem-me, cavalheiros. Vou embora.

Após a abrupta saída fez-se um breve silêncio. Nicholas saiu com passo firme, como se tivesse um destino claro em mente.

— Eu acho que esta noite ele não é o de sempre, certo? — Murmurou outro dos jogadores.

Um sinal muito promissor.

— Na semana passada ele esteve se reunindo diariamente com o primeiro-ministro e sua família está na cidade. Pode ser que esteja somente cansado. — Derek retrucou, sem mais.

— O Duque diabólico? — Grunhiu George. — Eu já o vi beber até a madrugada, trocar de roupa e ir a uma corrida de cavalos. E mais, fazer o mesmo na noite seguinte. Nick não se cansa.

Derek teria apostado o monte de fichas que tinha diante de si e algumas

mais, que George estava errado. Apostava que nesse momento, o legendário Rothay estava cansado de estar perto dos limites do território de Lady Wynn e não poder sequer lhe roçar a mão.

A porta da carruagem abriu e Nicholas ficou imóvel, confiando em não ter cometido o engano de sua vida, em um impulso, por ouvir ao seu revoltado membro. Caroline se dispôs a subir, mas ao avistá-lo se deteve e abriu a boca, surpresa. Atônita.

— Por favor, entre e explicarei. — Ele disse em voz baixa.

— O que está fazendo, Nicholas? — Ela perguntou em um sussurro colérico, enquanto se detinha no estribo, sem entrar para o interior da carruagem.

— Falei com seu cocheiro. Ele nos levará para casa fazendo uma longa volta. Então, entre antes que alguém se pergunte por que está ainda em pé no estribo. Por favor.

O alerta fez com que ela finalmente entrasse e o jovem que havia levado-a a Essex fechou a porta. Sob o delicioso barulho provocado pelas saias do vestido de seda, Caroline se acomodou no assento e depois de um momento o veículo empreendeu seu caminho. Fitou-o com os luminosos olhos prateados, mas estava escuro e ele não podia avaliar até que ponto ela era contra sua presença.

— Francamente espero que ninguém tenha lhe visto falando com Huw e ainda pior, nem subindo em minha carruagem. — Caroline comentou por fim.

— Fui prudente. — Tinha sido. E se sentia muito satisfeito por ter conversado com o jovem durante o tempo que havia passado com Caroline em Essex. O cocheiro e ele conversaram sobre cavalos, paixão natural e mútua, que colocou o aristocrata e o criado em um plano comum. Por outro lado era óbvio que Huw sabia com exatidão onde sua senhora havia passado as noites, então não havia nem pestanejado nem diante dele ou de seu pedido.

— Não estou segura de que saiba ser discreto, Rothay. — Ela replicou em tom cortante, embora em seus lábios se desenhasse um tênue sorriso.

— Por você estou disposto a me esforçar ao máximo. — Ante a familiar expressão de indulgência em um rosto feminino, ele relaxou um pouco.

Não que para ele nunca tivesse sido muito importante saber se uma mulher desejava sua companhia, mas com ela era. Por mais incrível que parecesse desejava saber ela se havia sentido saudades, como ele tinha

dela.

Caroline continuou repreendendo-o com severidade.

— Acredito que me neguei em continuar... Noto que não está familiarizado com que lhe neguem alguma coisa, mas temo que neste caso esteja sendo sincera. Não quero correr o risco de ter uma relação secreta contigo. A lista das pessoas que conhecem minha viagem e minha estadia em sua propriedade já é bastante vasta neste momento. Além de Huw estão a senhora Sims, as criadas que haviam lá, por não falar de Lorde Manderville.

— Derek não dirá nada. Ninguém em Essex sabe de seu sobrenome e só você pode responder por seu cocheiro, que me parece bastante leal. Não nos descobrirão.

Ela baixou os cílios com um estudado gesto.

— Deve ser agradável estar sempre tão seguro de que a corre como a gente quer.

Ter nascido rico e nobre seguramente lhe outorgava certa confiança, não tão inata como imposta, mas na verdade ele não queria debater o assunto; não com ela tão deliciosamente perto. A ligeira fragrância de seu perfume pôs em alerta máxima seu corpo, que distinguiu as sedutoras curvas de seus seios emoldurados pelo decote de seu vestido. Seios grandes? Não. Seios femininos, perfeitos e firmes, que cabiam em suas mãos e em seus lábios? Sim. Quando Winston havia começado a especular sobre a aparência física dela, uma imagem muito vivida do corpo nu sob o seu apareceu em sua mente, e nesse momento, incapaz de se reprimir havia tomado a decisão de revisar mais tarde, quando estivesse em um estado mental mais sereno.

Quando não estivesse de vigília, apontou uma voz mais civilizada e irônica em seu cérebro. A crescente ereção pelo mero feito de estar perto dela era a prova irrefutável de que seu corpo concordava.

— Tenho grande esperança que esta noite ficará melhor. Seriamente. — Reteve-lhe o olhar e indicou o assento que ao seu lado. — Venha sentar aqui.

— Não devo. — Ela respondeu em voz baixa. — E você não deveria estar aqui.

— Sim. Eu devo. Estamos sozinhos. Seu cocheiro atrasará nossa chegada até que eu lhe faça um sinal. Desejo introduzi-las nos prazeres de fazer amor em uma carruagem. É um tanto estreito, admito-o, mas pode se obter resultados deliciosos.

— Não sei por que tenho a sensação, de que se trata de uma arte que praticou com bastante frequência. — Mesmo ante a secura de seu tom,

Caroline fez o que Nicholas pediu e sentou ao seu lado.

Escapou-lhe um leve gemido quando ele mudou de opinião e a elevou para colocá-la sobre as pernas. As tentadoras nádegas pousaram sobre o membro duro se excitou ainda mais.

Os lábios de Nicholas lhe acariciaram o pescoço.

— Esta noite você dançou. Não devia.

Caroline jogou a cabeça para trás para lhe facilitar o acesso e fez uma ligeira pergunta, em uma manta de nuvens.

— Vigiava-me?

Admitir que não tivesse sido capaz de evitar lhe parecia tão imprudente como invadir sua carruagem. Retirar-se da sala de jogos tampouco resolvera.

— Sim. — Nicholas sussurrou.

— Eu também o vi. — Ela admitiu com voz rouca e seus olhos cintilaram como jóias sob a tênue luz.

Então haviam cuidado um ao outro. Ele não queria pensar muito nisso. Estava se convertendo em algo que o distraía de sua vida habitual e o que devia fazer era se manter afastado dela até que lhe passasse a febre. Mas ali estava, roubando alguns momentos do tempo dela, como uma espécie de vagabundo que não tinha aonde ir.

O que era ridículo. Havia dúzias mais de lugar para onde ir. Antes, enquanto dançava com Lady Whitmore, ela havia lhe feito uma proposta flagrante, mas para começar ele tinha ido até pista somente para roçar em Caroline ao passar.

Havia declinado do convite com a maior educação possível. E acabara passando quase uma hora sentado às escuras em uma carruagem.

Esperando.

Para isto.

— Você cheira a flores. — Confessou percorrendo com os lábios a delicada orelha de Caroline, enquanto tentava sufocar os inquietantes pensamentos. — Humm.

— Nicholas...

— Shhh.

Tomou-lhe os lábios em um beijo abrasador porque não desejava conversar e nem analisar o motivo e o porquê de sua presença. Procurou sua língua e acariciou-a ao encontrá-la. Os braços de Caroline subiram para seu pescoço e ao lhe abraçar apoiou o corpo flexível e esbelto, comparado ao dele. Finalmente ela tinha perdido o medo por completo, pensou enquanto explorava sua boca com lento e ardente prazer e pela forma como ela lhe devolvia os beijos, sua disposição era indubitável.

A carruagem seguiu rangendo e balançou ao dobrar uma esquina e eles se deslocaram ao mesmo tempo para se firmar no assento, com os lábios e os corpos unidos. Nicholas sentiu que estava sem fôlego quando elevou a cabeça. Sua ereção era agora como uma haste de ferro que protestava contra o confinamento da calça.

Logo.

Primeiro liberou um ombro feminino do vestido e desceu-o, mais e mais, até que o seio tenso e rosado ficou livre. Inclinou a cabeça e lambeu o mamilo endurecido, provando, provocando, até fazer Caroline estremecer em seus braços.

— Oh... — Brotou um gemido gutural de seu peito.

Era um prazer sigiloso, na penumbra. Enquanto sugava seu mamilo, ela arqueou as costas e enredou maciamente os dedos em seu cabelo, proporcionando-lhe um prazer puro e intenso. Preferia uma cama, pensou enquanto a excitava de um modo sutil deslizando a mão sob seu vestido e os dedos pela parte interior da coxa macia e quente, para encontrar um calor úmido e tentador. Mas se a única coisa que pudesse fazer era somente acariciá-la, aceitaria.

Talvez ela tivesse razão. Talvez os encontros passageiros com suas amantes houvessem lhe acostumado mal; talvez concordasse que ela havia assumido um risco ao se relacionar com ele devido a sua maldita notoriedade. E talvez não devesse ter relações sexuais com ela em uma carruagem em movimento, simplesmente porque não possuía resistência para aceitar sua negativa.

No momento em que lhe levantou as saias, com o delicado tecido nas mãos e o corpo tenso e clamando por rapidez, vacilou. Era um desafortunado momento para ter um ataque de consciência, mas pelo visto era o que lhe acontecia. Respirou funda e entrecortadamente.

— Quantas vezes durante nossa relação terei que te suplicar que perdoe minha pretensiosa arrogância? É o que deseja, Caroline?

Ela respirou com ardor junto a sua face e sorriu maciamente.

— Não pareço entregue?

— Quando subiu à carruagem, não.

— Foi uma objeção às implicações de sua presença, não a sua pessoa. — Aproximou-se mais e a beijou. Pegou ligeiramente os lábios dele e esfregou contra ele o corpo semi nu. Quando se afastou, sussurrou: — Já corremos o risco, então, por favor, não desperdice tempo. Estive pensando em você, Nicholas.

— Sou um idiota egoísta, já que somente você corre risco e não te dei nenhuma opção.

Ela desceu a mão e acariciou o vulto entre as pernas dele.

— Podemos discutir isso dentro de alguns minutos, por favor?

— Está segura disso?

— Deus, Nicholas... Si. Apresse-se.

Em outro tempo, o poder que emanava do homem que a retinha teria feito com que se sentisse intimidada e vulnerável, mas agora se deleitava enquanto ele a deslocava com facilidade. Nicholas desabotoou a calça com ágil destreza e livrou o membro ereto e lhe pegou a cintura.

— Levante as saias. — A urgência da ordem indicou o quanto ele a necessitava, e ela gostou da idéia embora fosse somente uma comunhão física. Obedeceu-lhe e levantou as saias até a cintura e afastou as pernas enquanto ele a elevava para colocá-la sobre seus quadris. Uniram-se vagarosamente, com a mão dela guiando o membro rígido até que ele a fez sentar. A sensação que sentia, dentro no interior do veículo em movimento e em meio às ruas da cidade foi espetacular, temerária e pecaminosa.

Sentia-se perversa, mas também experimentava uma estranha liberdade quando acolheu o membro com o corpo ansioso. Cavalgando-o começou a se mover sob o ritmo e impulso de Nicholas, elevando-a e baixando-a. Ele firmava seus quadris com as mãos firmes e quando ela se elevou a penetrou com evidente impaciência, mas ainda com certo controle. Sustentaram-se com os olhos enquanto avançavam para um erótico objetivo comum.

O desejo se elevou para picos novos enchendo os sentidos de Caroline e o balanço da carruagem se agrupou ao ritmo com que faziam amor. Nicholas a segurava, em uma combinação de força e gentileza; dando e aceitando com um brilho de desejo feroz nos cativantes olhos. O embriagador aroma masculino acrescentava combustível ao fogo que açoitava o interior do corpo de Caroline, familiar e cheio de lembranças indeléveis do mesmo prazer sedutor, inesquecível.

Ela afastou os lábios e começou a ofegar tentando afogar um evidente gemido, mas chegou a um ponto no qual já não importava se Huw os ouvisse, nem tampouco que toda Londres fosse testemunha de sua entrega ao êxtase. O clímax surgiu de repente, abrasadoramente brilhante, palpitante. Apegou-se a ele, como se as primeiras sacudidas do orgasmo a aprisionasse e a retivesse com grilhões e afogou um grito contra a elegante casaca de veludo de Nicholas.

Ele endureceu as mãos de um modo quase doloroso, levantou os quadris com uma turbulenta urgência e ela notou que seu corpo estremecia inteiramente. Uma vez... Duas e três sacudidas, enquanto ele ejaculava e ambos ficavam suspensos e unidos em um êxtase mútuo e irresistível.

Meio aturdida, Caroline se deixou cair sobre ele. Mal sentiu a boca de Nicholas em seu cabelo e seus braços que agora a estreitavam com ternura. Permaneceram unidos até que pouco a pouco a respiração foi moderada. Por fim o riso leve e macio surgiu do peito de Nicholas, sob o ouvido.

— Acredito que eu gostaria nada mais que dar voltas em uma carruagem durante o resto de minha vida.

— Não duvide em me convidar para acompanhá-lo. — Ela balbuciou em voz baixa; com o corpo preso ao dele e tão lasso que acreditou não possuir ossos.

— Não me tente. Como já deve ter notado, quando se trata de você o autocontrole não é minha qualidade mais ativa. Com sugestões como esta não manterá a raia.

Havia certa irritação no tom carinhoso e ele se moveu, somente um pouco, mas ela notou claramente.

Até o momento tinha a sensação de que a idéia de Derek em instigar o ciúme à habitual indiferença natural de Nicholas havia funcionado, mas seria somente luxúria? Um momento antes parecia, mas a forma como ele a abraçava agora, como a embalava contra o corpo sugeria outra coisa.

— Conhece meus motivos para querer manter em segredo, mesmo a sugestão de uma relação passageira. — Ela disse enquanto ouvia o forte batimento do coração de Nicholas através das camadas de tecido de seu elegante traje.

— Sim.

— Mas não concorda.

— Compreendo. Mas mesmo assim não me faz feliz. Obviamente.

— Ou não teria a idéia de se esconder em minha carruagem.

Embora fosse precipitada e desacertada se sentiu feliz por tal atitude da parte dele.

— Não é minha forma usual de se aproximar de uma dama, reconheço.

Ouvir a palavra usual foi um banho de gélida realidade. Recordou-se de quem era ele. Caroline teve de forçar-se o bastante para se sentar. Ainda estava com as pernas abertas sobre ele, unidos e rodeados pelos tules que formavam suas saias. Caroline sentia o tecido de sua calça no interior das coxas.

— Sinto-me muito feliz contigo, mas... Temerosa.

Sob a tênue escuridão os rasgos cinzelados de Nicholas eram um tanto misteriosos e sua expressão podia significar tudo.

— De escândalo. Porque sou Rothay.

Por que mentir?

— Sim.

— Eu também temo, minha gélida Lady Wynn.

Caroline elevou as sobrancelhas e por um instante cintilou-lhe a esperança. Repentinamente sentiu que as palmas de suas mãos se umedeceram seguras ainda a casaca de Nicholas.

— Mas como?

Houve uma vacilação evidente.

— Bem, para começar o impulso de me infiltrar em carruagens sem ter sido convidado. — Seus dentes cintilaram em um sorriso lânguido e preguiçoso. — Meu magnífico magnetismo ficará comprometido se alguém descobrir. De modo que seu segredo está a salvo comigo.

Ela notou naquele momento que ele havia eliminado qualquer matiz de seriedade da conversa. Também era muito bom nisso. Muito bom.

Apaziguou a decepção recordando a si mesmo com desafeto pragmático, que de todos os homens do mundo era ele quem tinha menos possibilidade de ficar de joelhos e proferir poéticas declarações de amor de um modo tão fácil. Pelo visto havia dado o que ele queria e isso bastava. Havia acalmado seu acesso de luxúria. Ele estava satisfeito e ela era uma distração que logo esqueceria. Se havia sentido ciúme foi algo passageiro, como quando uma criança observa outra brincando com seu brinquedo mais querido.

— Parece-me que não o agradei por seu imaginativo presente. — Murmurou. — Meu mordomo não está muito contente em ter um cachorrinho correndo pela casa, mas devo admitir que é tremendamente divertido.

— Por nada. Parecia uma criatura bastante simpática e você comentou que nunca teve um.

— Foi muita bondade. — Acariciou-lhe a face; apenas um toque com os dedos.

— Ou um suborno calculado, Talvez para conservar sua estima. — Ele curvou o canto dos lábios com ironia.

Com a mesma facilidade atlética que havia usado para colocá-la no colo, Nicholas a levantou. Ofereceu-lhe galantemente o lenço para limpar suas coxas, fechou calça e depois deu três toques no teto da carruagem.

— Disse ao seu cocheiro que me deixasse a várias quadras de sua casa. — Ele proferiu com voz neutra. — Logo encontrarei uma carruagem que me leve de volta ao baile. Ninguém saberá que estivemos juntos.

Salvo que ela saberia, pensou Caroline com pragmático desespero.

E mais lhe valia confrontar a realidade de que Lorde Manderville pudesse estar terrivelmente enganado. Nicholas havia se apresentado antes com uma mulher encantadora mais velha. Que pareciam família era tão claro que

ela soube inclusive antes que os anunciassem; eram mãe e filho. A chegada da honorável Duquesa havia debilitado o ânimo do Caroline para seguir com o plano do Derek. Melinda Cassat sempre era uma fonte de rumores e ela não teve que insistir muito para que sua amiga lhe revelasse os detalhes sobre a linhagem da família Manning. Nicholas era o único filho homem; o seguinte na linha sucessória era um primo longínquo, que nesse momento residia nas colônias. Para sua família era importante que ele tivesse um herdeiro e, segundo Melinda, quanto mais se aproximava dos trinta anos, maior era o número de mães esperanças de jovens debutantes dispostas a casar para preservar a dinastia.

Provavelmente uma viúva estéril não era absolutamente o que a distinta Duquesa tinha em mente para um filho tão alinhado e bom partido.

Caroline acabou de ajustar a roupa e assentiu, incapaz de falar.

Em primeiro lugar, se conseguisse algum dia que ele sequer considerasse o matrimônio. O jogo era arriscado e as probabilidades, escassas. Mas quando a carruagem parou e ele se despediu com um prolongado beijo antes de descer de um salto da carruagem, decidiu que se sua primeira experiência com o Duque diabólico havia dado certo, também valia a pena tentar seguir com o plano de Derek.

Capítulo 21

O nome que aparecia no cartão causou-lhe verdadeira surpresa. Annabel franziu o cenho, sem saber como interpretar a inesperada visita de uma mulher que não que conhecia, mas assentiu, porque não lhe ocorreu razão alguma para não receber Lady Wynn. Por outro lado, tampouco lhe ocorria nenhuma razão para a visita da jovem viúva.

— Por favor, acompanhe-a a saleta. Irei em seguida. — Ela disse ao criado que havia trazido o cartão.

Thomas estava fora por causa de algum assunto e Margaret tinha ido a chapelaria. Então pelo visto lhe tocava o papel de anfitriã. Deixou de um lado o livro que estava lendo e se levantou, confiando em que sua saia de musselina não estivesse muito amassada, pois a horas estava sentada imersa em um romance em que as infelicidade alheia a fazia esquecer as próprias.

Poucos minutos depois entrou na saleta de visitas e notou que sua visitante havia se sentado em uma das poltronas estofadas de seda verde pálido, cuja tonalidade contrastava com o vibrante colorido de sua pele. Delicadamente formosa com um diurno vestido bordado de cor creme estampado de pequenas flores azuis e seus cabelos recolhidos em um denso coque.

Lady Wynn a fitou com olhos cinza de enormes cílios e a típica atitude distante.

— Boa tarde, senhorita Reid.

— Boa tarde, Milady.

— Obrigado por receber-me.

— Por nada. Agrada-me muito recebê-la.

Se não lhe falhasse a memória, já haviam se apresentado em uma ocasião, mas freqüentemente se encontravam em acontecimentos sociais. Entretanto, mal se conheciam o bastante para se cumprimentarem. Ela se sentia desconcertada com visita de Lady Wynn.

— Não passei por aqui, exatamente. Vim vê-la com um propósito concreto, que espero que não considere reprovável.

Era mais intrigante ainda. Annabel se sentou em frente a sua inesperada convidada e alisou quase instintivamente as pregas da saia. Embora Caroline fosse poucos anos mais velha que ela mostrava uma atitude serena e distante que fazia com que Annabel se sentisse como uma

colegial. Não pôde evitar perguntar:

— Reprovável?

— Eu agradeceria se o que vamos conversar ficasse entre nós.

Era uma afirmação interessante.

— Se deseja compartilhar algo confidencial, me sentirei muito honrada em agradá-la. — Annabel falou devagar, sem tentar ocultar sua surpresa. — Embora deva reconhecer que estou perplexa. Mal nos conhecemos.

Na boca de sua visitante apareceu algo que só poderia ser descrito como um sorriso melancólico.

— Ninguém tem muitos amigos e eu às vezes penso que tenho bem poucos. Quem sabe? Talvez nos surpreendamos mutuamente. Eu acredito que temos bastante em comum, afinal.

— Nós? E como é isso?

— Bem, para começar temos quase a mesma idade. Também em certo sentido nós duas estamos virtualmente sozinhas no mundo. Você devido à morte de seus pais e eu por que o meu age como se eu não existisse. Não esqueçamos que me casei com um homem a quem não amava e que você, conforme dizem está a ponto de fazer o mesmo.

Dito daquela forma era espantoso. Annabel soube qual era sua reação ante uma observação tão direta, por que enrijeceu as costas e apertou os lábios.

— Como pode você saber o que sinto por Lorde Hyatt?

Não pareceu que Caroline Wynn se afetasse com o tom ácido do tom de voz.

— Não sei. Por isso vim falar com você.

Dizer que Annabel estava confusa era uma obrío.

— Desculpe-me, Milady. Mas não compreendo por que isso pode importar a Senhora.

Ela elevou levemente uma sobrancelha.

— Meu matrimônio foi algo terrível. Sinceramente não desejo a ninguém a mesma situação.

— Alfred não tem nada de terrível. — Além daquele beijo desapaixonado, claro. Sussurrou uma voz insidiosa na mente de Annabel.

— Concordo. Por isso eu sei é um bom homem. — Lady Wynn emitiu um suspiro revelador, quase imperceptível. — Mas você o ama?

Ninguém havia lhe perguntado isso. Ninguém. Nem seu tutor, nem Margaret. Sequer o próprio Alfred. Aquilo a perturbou e graças a Derek, já perturbava bastante pensar em suas futuras núpcias. Nem que colocasse a vida em sua resposta, lhe ocorria como replicar à pergunta que nunca esperou que lhe fosse feita.

Quando o silêncio se prolongou, preciosos olhos de prata cintilaram com aparente compreensão.

— Hum. — Murmurou finalmente Lady Wynn.

Annabel engoliu a saliva de forma convulsiva.

— Ele é um homem amável.

— Tem todo o jeito de ser.

Ela odiou o tom de comiseração que notou na ratificação.

— E generoso.

— Estou segura disso.

— E bom partido. — Oh, maldição. Realmente havia usado ela a horrível expressão abertamente, como se fosse algo admirável?

— É. — Lady Wynn apenas sorriu.

Por que estava passando por isto agora? Por que uma mulher a quem quase não conhecia tinha que aparecer de repente para lhe falar de suas dúvidas mais determinantes? Esse era o pior momento possível. Ou provavelmente o mais fortuito considerando seu persistente dilema.

Era-lhe impossível continuar sentada. Levantou-se e atravessou o aposento. Apoiou um braço no piano e inspirou longa e serenamente.

— Por favor, posso lhe pergunta, por que considera que isto seja em algum sentido, assunto dele?

Lady Wynn vacilou e depois ergueu os ombros.

— Lorde Manderville me pediu que falasse com você em seu nome.

Derek.

Maldito fosse.

Annabel se voltou com um movimento rígido, próprio de uma boneca, e cravou o olhar em sua convidada. Naturalmente Lady Wynn estava muito bonita com todo o brilhante cabelo castanho avermelhado e sua voluptuosa figura, esbelta, mas curvilínea, como a tentação reencarnada para um homem luxurioso e lascivo como o Conde de Manderville.

— Ele a enviou para que intercedesse em seu favor? — Perguntou com veemência.

— Intercedi?

Bem, Lady Wynn tinha razão; não tinha intercedido, mas mesmo assim se sentia ofendida.

E com ciúme. Muito ciúme, e de um modo que lhe afetava à alma, a mente e definitivamente a boca do estômago. Era como se tivesse uma bola negra e pesada como o chumbo, nele. Recuperou a compostura.

— Nunca ouvi comentários nos quais aparecesse seu nome, Madame. Mas posso imaginar o tipo de amizade que Derek Drake deve ter com a Senhora. Você é mulher e atraente. Com isso está dito tudo.

Serena e sem deixar de fitá-la com ostentosa calma, Lady Wynn negou com um gesto de cabeça.

— Ele não me roçou a mão sequer. E mais, nem tentou.

A situação se tornava mais desconcertante ainda, por momentos.

— Então, como pode ser amiga dele?

Um leve rubor atravessou a fisionomia perfeita da mulher no outro extremo da saleta.

— É uma história bastante complicada, mas opino que na verdade ele é um homem muito decente e que, sem dúvida alguma, está mais que um pouco apaixonado por você. Por isso minha presença aqui. Sim. Ele desejava que eu falasse com você, porque segundo ele mesmo reconheceu, seu encanto habitual não surtiu efeito.

— Isso é porque você está errada. Ele é um espantoso libertino com os princípios de um gato de rua.

Mas não foi um protesto proferido com aceitável convicção. Ainda tinha nas retinas a imagem dele, em pé em seu quarto e ouvia a comovente declaração. Amo você. Desejava acreditar e sentir o toque de esperança de que pudesse ser certo; era como estar no céu e no inferno ao mesmo tempo. De qualquer forma, agora possuía dúvidas autênticas sobre o casamento com Alfred, inclusive sem as observações de sua inesperada convidada.

— Compreendo que a reputação do Conde a freie. Isso me indica que não está interessada somente em seu físico, título ou fortuna. Ele não é perfeito, mas às vezes é dos mais libertinos que nos apaixonamos.

Annabel perguntou com certa vacilação na voz:

— Fala você por experiência, Lady Wynn?

Na face da preciosa jovem que estava a escassos passos de distância havia um olhar quase de censura; seus olhos azuis escuros estavam enormemente abertos e ela apertava as mãos em punhos nos lados do corpo.

Havia-lhe custado um pouco entrar na casa que Drake tinha na cidade, e ainda seria mais duro admitir a paixão que sentia naquele momento por Nicholas Manning. Não obstante havia prometido a Derek que o ajudaria e pela expressão do rosto de Annabel Reid, ele estava totalmente certo em respeito aos sentimentos dela por ele. A postura de seu corpo indicava certa vulnerabilidade em sua comovente aflição e a mera menção do nome de Lorde Manderville veementemente havia lhe colocado à defensiva.

Ele tinha razão. Absolutamente a senhorita Reid não sentia indiferença.

Era justamente o contrário, a julgar pelas intensas manchas de rubor que tingia suas bochechas.

— Sim, em efeito. — Caroline fingiu uma despreocupação que não sentia.

— Mas não é de minha insensatez que vim a falar aqui, mas sim da sua. Diga-me, você acha que pode se casar com Lorde Hyatt e não lamentar a decisão?

— Se não pensasse que fosse a escolha certa não teria aceitado sua proposta.

— Perdoe-me, mas a palavra, certa, não tem nada a ver com um ideal romântico.

Os lábios carnudos de Annabel se converteram em uma linha tensa.

— Eu tive um ideal romântico uma vez, Lady Wynn. E descobri que estava apoiado em uma fábula, em um mito que minha própria mente pueril havia inventado. Já que é óbvio que Derek falou que mim com você, talvez saiba que uma vez acreditei estar apaixonada por ele. Sua aparência e seu encanto me transtornaram quando sequer ainda havia sido apresentada à sociedade. De modo que era especialmente vulnerável. Eu sonhava que talvez um dia ele compartilhasse meus sentimentos. Como uma tola imaginei que ele mudaria, por mim.

— Acredito que a entendo perfeitamente. — Caroline murmurou sem poder evitar.

Annabel meneou a cabeça. Alguma lembrança longínqua fez com que seus olhos brilhassem. Pestanejou fugazmente várias vezes.

— Estava muito errada.

— Ele me contou sua versão da história e devo reconhecer que acredito que lamenta sinceramente ter lhe feito tanto mal, como perder sua estima.

Lorde Manderville não tinha sido indulgente consigo mesmo na breve exposição e qualificou o próprio comportamento como insensível e egoísta. Caroline imaginava o preço que pagou seu orgulho ao expor com tanta franqueza seus sentimentos a uma desconhecida. Mas intuía que o comportamento tão cândido se devia ao fato de necessitar sua ajuda, com verdadeiro desespero. O incidente da carruagem com Nicholas parecia demonstrar que o Conde estava cumprindo sua parte, então Caroline queria devolver o favor. Embora não tivesse prometido a Derek, o deprimente olhar da senhorita Reid havia lhe comovido.

Sabia muito bem como ela se sentia.

A jovem estava em pé junto ao lustroso piano e alisou a saia com uma mão trêmula, com gesto ausente e um olhar muito direto.

— Sim. Ele me fez mal e perdeu minha estima.

— E você acredita que Lorde Hyatt pode curar seu coração quebrado?

A pergunta suspensa na quietude da sala.

A resposta foi o silêncio.

Finalmente, Annabel disse com dignidade:

— Eu acredito que ele me tratará bem, me dará filhos e que nos entenderemos. Tampouco está apaixonado por mim pelo que parece, e de fato isso me tranqüiliza. Significa que queremos o mesmo de nosso matrimônio. Companhia e uma família.

— E a paixão? E se não haver filhos? Eu posso dizer com certa autoridade que não há garantia disso. Então serão vocês dois somente... Para sempre.

— Somos amigos. — A réplica foi imediata, mas algo cintilou nos olhos da outra mulher.

Dúvida? Provavelmente.

— O que é agradável, concordo, mas não suficiente.

Caroline não estava acostumada a falar de seus sentimentos e muito menos de algo tão particular como o que tinha compartilhado com Nicholas; entretanto, se dispôs a ser franca. Afinal, havia se apresentado sem que a convidassem e com a intenção de falar sobre um assunto muito pessoal.

— Embora nunca tenha contado a alguém a verdade sobre meu casamento estou disposta a contar a você. Sei que me informaram de um modo deplorável sobre o que me esperava e o resultado foi desastroso. Nossas circunstâncias não são idênticas, mas existe semelhança o bastante para que eu sinta que posso ajudá-la, à margem do que dita você sobre Lorde Manderville. Não obstante, se estiver firmemente convencida de sua decisão, vou embora.

Por um momento, Annabel pareceu sumida em um debate interior, mas então voltou e se sentou em frente a ela, em uma poltrona de brocado.

— Não estou segura, — ela confessou com um ligeiro tremor na voz, — do por que exatamente desejo ouvir o que tem a dizer, mas ouvirei.

Talvez fosse covardia, mas em parte Caroline acreditava que ela a rechaçaria para não ter que falar sobre algo que tinha feito todo o possível para esquecer. Assentiu e afastou o olhar, se concedendo um momento para recuperar a compostura. Pigarreou, voltou a fitá-la, sorriu e reconheceu com ironia: — Eu farei tudo o que estiver em minhas mãos, mas isto pode ser embaraçoso para nós duas. Permita-me que comece com a simples afirmação de que a intimidade entre um homem e uma mulher pode significar muitas coisas. O homem errado pode se converter em uma experiência perturbadora e espantosa. O adequado pode torná-la o mais prazerosa que possa imaginar jamais. Confio em que não me julgue com muita dureza se disser que eu as experimentei as duas, já que é de domínio público que só me casei uma vez.

Annabel a fitou com aqueles encantadores olhos azul escuro.

— Se seu marido era o homem equivocado, eu dificilmente a culparia por procurar consolo em outra parte, Milady.

— Com toda franqueza, meu marido era um homem terrível e uma mulher nunca é tão vulnerável que quando está submetida às necessidades sexuais de um homem. Sim, sabemos que eles são mais altos que nós e que têm uma constituição física distinta. Mas nós, mulheres jovens e protegidas não somos muito conscientes de até que ponto eles são mais fortes. Tampouco somos conscientes ou eu não era da mecânica concreta do ato sexual em si. Se você for como era eu deve ter feito alguma pergunta, mas esse é um grande mistério que nos mantém a margem, porque falar disso é considerado vulgar.

Nas bochechas de Annabel apareceu um tênue rubor.

— Margaret não me conta muita coisa. Prometeu me explicar antes do casamento.

Embora fosse somente alguns anos mais velha, Caroline se sentia bem mais preparada e havia pagado um preço muito alto pela aprendizagem.

— Assegure-se de que ela explique ou não se acanhe em me perguntar. Um pouco de informação pode ajudar muito para iniciar algo tão... Pessoal. Minha intenção agora não é explicar os detalhes anatômicos do processo, mas explicar a confiança emocional que isso implica. Supõe-se um ato de fé imenso. Você é capaz de imaginar-se nua junto a Lorde Hyatt durante o resto de sua vida? Pode imaginá-lo acariciando-a por toda parte, inclusive nas regiões mais íntimas? Quer estar entre seus braços, provar seus beijos ou mais, imagina-o lhe passando a bandeja de torradas durante o café da manhã?

— É obvio que pensei em meu dever de esposa. — Annabel se ruborizava mais a cada momento.

— Dever? — Caroline perguntou enquanto lhe veio à mente a perícia das carícias de Nicholas e o irresistível ardor que provocavam. Como tinha lhe feito estremecer ao senti-lo em seu interior, o quanto a necessitava, o violento prazer de sentir sua boca em sua pele. Arqueou as sobrancelhas.

— Ou está enganando a si mesma ou o dever não tem nada a ver com isto.

Devia tê-la tocado em algum ponto, pois Annabel respondeu à defensiva:

— A maioria dos matrimônios da alta sociedade não é apoiado em amor, mas em aspecto prático.

— Certamente. E já soube de alguns resultados. Tanto os maridos como as esposas se distanciam e tentam procurar o que não têm entre as quatro paredes de seus quartos. Como acredita que Lorde Manderville e o Duque de Rothay construíram suas formidáveis reputações de libertinos?

Seduzindo jovens casadoiras? Não. Se tivesse já haviam chegado ao altar há muito tempo. Inclusive foram capazes de fazer uma escandalosa aposta, que às pessoas acham divertida e fascinante.

A jovem mulher que estava a sua frente fitava atentamente a estampa do tapete, com os olhos semicerrados.

— Derek sustenta que fez a aposta em um momento de bebedeira, provocado por meu noivado.

— Tenho a confirmação de que ele disse a verdade.

Assim que as proferiu as palavras, Caroline logo se arrependeu. Annabel não era tola e endureceu o olhar ao levantar os olhos.

— Por parte do Duque?

Sim, definitivamente ela havia falado demais. Era provável que a Senhorita Reid fosse de confiança, mas ela acabava de relacionar seu nome com os dois homens. Reprimiu o impulso de fazer uma careta e tentou oferecer sua melhor imagem de viúva fria e irreprochável.

— A fonte não importa. Eu acredito nele. A questão é que, você acredita? Lorde Manderville afirma que a ama e com seu título e sua fortuna não pode ser considerado um mal partido, por não mencionar que você acaba de me dizer que carece de sentimentos profundos por Lorde Hyatt.

Annabel fez um gesto de impotência.

— E se supõe que devo anular meu noivado me apoiando na leve possibilidade de que Derek realmente disse a verdade? Não esqueçamos que tenho a convicção de que embora seja sincero, nunca será fiel. O que sabe sobre o amor um homem como ele?

— Eu diria... — Considerando o desassossego que lhe produzia o assunto, Caroline escolheu cuidadosamente as palavras. — Que ele notou a diferença com toda segurança. Entre sua habitual indiferença e sua ampla experiência nisto, é seguro que ele mais que ninguém se deu conta que com você é diferente.

— Ampla experiência, em efeito. — Murmurou Annabel, embora já não mostrasse a beligerante expressão de raiva e rechaço na face. Ela evidenciava uma fisionomia taciturna, próxima à desesperança. — Diga-me, Lady Wynn... Se estivesse você em meu lugar, acreditaria nele? Arriscaria todo seu futuro e desprezaria a possibilidade de um casamento sólido e estável com um homem bom, para depositar suas esperanças em um conhecido libertino? Não faz muito, toda Londres morria de curiosidade quando o nome dele apareceu junto ao de uma reconhecida adúltera em um caso de divórcio extraordinariamente escandaloso. Sua alegação de inocência por escrito pode ser certa ou não.

Nicholas também menosprezava sua má fama e havia mencionado até que

ponto era pura fantasia. Caroline negou com um gesto de cabeça.

— Os rumores não são de confiança e não há provas que a acusação seja certa.

Annabel parecia destemida, exceto pelo tremor dos lábios.

— Concordo. Admito, mas embora ele acha que é sincero a respeito de seus sentimentos para comigo, quem sabe quanto durarão?

Esse era um argumento válido. Caroline não podia negar.

Annabel continuou quase como se falasse para si mesma:

— Ele se sente culpado para comigo. Ele reconheceu. Então agora lhe ocorreu uma maneira de solucionar tudo e se desculpar pelo que aconteceu no passado. Bem, eu não estou segura de estar disposta a esquecer ou a perdoar e sua capacidade para o amor estável continua sendo para mim uma autêntica interrogação.

Pelo menos havia um tom de dúvida na voz da encantadora Senhorita Reid.

— Sei. — Caroline a compreendia muito bem. Ela também era bem consciente das conseqüências de estar apaixonada por alguém com tão má reputação como Manderville. O Duque de Rothay sequer havia declarado que sentisse algo profundo por ela, de forma que sua situação era ainda pior.

Durante um momento, elas se limitaram a observar uma à outra e pareceu surgir uma especial atmosfera de fraternidade feminina.

Annabel sorriu e lhe fez uma proposta:

— Embora não esteja segura dos sentimentos que sua visita me provoca, gostaria de uma taça de xerez, Lady Wynn?

— Eu adoraria. E, por favor, me chame Caroline.

Queridíssima Annie:

Pelo menos tenho o direito de pedir perdão por meu comportamento há alguns meses em Manderville Hall? Analisei o assunto longamente e nem eu mesmo sou capaz de me responder. A única coisa que sei é que desejaria apagar a lembrança de sua expressão quando saiu da estufa naquela tarde. Se pudesse erradicar o ato que a causou, tenha certeza que erradicaria. Eu assumo toda a responsabilidade. Afinal, sou maior, mas, pelo visto estes anos a mais não vieram acompanhados de maior sabedoria. A lembrança de nosso beijo me obceca ainda mais. Provavelmente devesse pedir perdão por ele, mas com toda franqueza, não posso. Não lamento que tenha acontecido. Só lamento minha desvairada conduta após. Por favor, aceite minhas mais profundas desculpas.

Não sou capaz de dizer-lhe como anseio que me volte a sorrir.

Teu, com total sinceridade,

Derek Drake.

Sexto conde de Manderville

No dia 21 de novembro de 1811

Annabel deixou o pergaminho deslizar por entre os dedos, com as mãos trêmulas. Observou-o plainar até o chão e ali ficar, enquanto ela engolia o nó que travava a garganta.

O que teria acontecido se tivesse lido quando o recebeu? Era uma pergunta irrelevante, porque então continuava ainda presa ao desconcerto e a decepção, mas era significativo que não tivesse jogado-o fora. Podia ser em parte, culpa sua tudo isto? Afinal, Derek não tinha pedido para ser seu cavalheiro andante, o príncipe corajoso de seus sonhos, o herói de todas as suas fantasias juvenis. Era somente um homem e, portanto imperfeito.

Ele não é perfeito, mas às vezes é dos mais libertinos por quem nos apaixonamos...

Ela tinha construído uma imagem de Derek que não era de todo real e quando ele não se ajustou a ela, seu mundo se desfez em pedaços. Não que carecesse de defeitos precisamente, afirmou-se, lembrando-se de Lady Bellvue em seus braços, mas também era certo que talvez não era do tudo culpa dela.

A diferença era que ele havia pedido perdão.

Ela não.

Capítulo 22

Aquela sala mal ventilada não era ideal. Impaciente, Derek se revolveu na cadeira. A sessão se prolongava de forma interminável e ele começava a ter dor de cabeça. Lorde Norton não parecia se dar conta do tempo que estava falando, até que os bocejos na Câmara adquiriram proporções de epidemia. Finalmente ele cedeu sem sequer ter exposto um argumento válido.

Derek não tinha sido o único a se aborrecer até a indigestão, a julgar pela prontidão com que os Lordes abandonaram o Parlamento. Foi um alívio sair ao sol da tarde.

Poucos dias antes havia recebido uma breve nota de Lady Wynn sobre sua conversa com Annabel, onde se manifestava que ela tinha feito todo o possível, e mais a esperança de que tivesse conseguido. Naquela tarde, Derek esteve andando por seu escritório como um colegial inexperiente e mais tarde suportou uma ópera terrível que não o interessava. A única parte positiva da noite tinha sido que a mulher que amava não havia aparecido sob o braço de seu noivo. Pelo menos não se viu obrigado a ficar sentado evitando escrupulosamente olhar para eles. Era uma pequena pausa em uma situação em que parecia que tudo estava contra.

Agora Derek tinha duas possibilidades. Podia colocar seu ridículo disfarce e visitar Caroline de madrugada, para suplicar que lhe desse detalhes sobre a conversa ou podia se arrastar até o quarto de Annabel e perguntar a ela.

Nenhuma o atraía muito. Ambas as idéias tinham resultado precipitadas, a princípio.

E ele era um homem que nunca se precipitava. Quer dizer, exceto tratava beijar uma juvenzinha na biblioteca ou invadir seu quarto para oferecer indesejadas e não correspondidas declarações de amor. Bem, provavelmente se precipitasse de vez em quando.

Maldição.

Estava claro que teria que acreditar que tudo dera certo. Mas por que devia pensar isso? Não havia nenhum motivo. Absolutamente. Annabel havia lhe rechaçado com toda frieza.

Bem, não. Ela não havia lhe rechaçado. Com frieza não. Havia lhe despachado com o trêmulo rastro de uma lágrima involuntária na face e um tom de voz muito diferente do que habitualmente tinha.

E isso lhe trazia esperança. Podia ser uma falsa esperança, mas não sentia vontade de desistir. Se falhasse, se o que Caroline havia dito a

Annabel não surtisse efeito porque ele havia arruinado tudo de modo irremediável, continuaria querendo ajudar Nicholas.

Não havia forma de brincar com fogo, sem se chamuscar um pouco.

Rothay House era uma impressionante mansão de Mayfair, situada em Grosvenor Square, com todas as galerias e entradas suntuosas a rigor e uma fachada de pedra digna de uma residência real. Ordenou ao seu cocheiro que esperasse e subiu a escada confiando em que Nicholas estivesse tão ansioso como ele por voltar para casa depois do debate. O Duque estava ali, conforme lhe informou o conspícuo e formal mordomo, e que sua Senhoria fosse amável em esperar no escritório, como de costume...

Sim. Derek esperou. Também se serviu de uma dose antes de se instalar na poltrona habitual junto à lareira. O aposento tinha um aroma familiar de uísque e livros antigos.

— Não que não seja sempre agradável vê-lo, mas não acabamos de passar uma tarde insuportável juntos? — Nicholas entrou e fechou a porta.

— Se veio se queixar dos argumentos de Lorde Norton terei que confessar que não me inteirei da metade de seu discurso.

Derek sorriu e meneou a cabeça.

— Não, não é por isso. Não me pergunte tampouco. Sejam francos; quando o primeiro-ministro adormece e começa a roncar é que se perdeu na metade de seu público.

— Certo. — Nicholas se sentou atrás da mesa e estendeu suas longas pernas com naturalidade e uma expressão inescrutável. — De forma que deduzo que a política não tem nada a ver com sua visita.

— Não. Caroline e eu iremos na segunda-feira. Reservei um aposento em uma estalagem retirada perto de Aylesbury. Não é longe, mas tampouco muito perto e é perfeita para um encontro discreto. Tudo está certo.

O Duque de Rothay não era uma lenda sem motivo. Permaneceu relaxado em sua cadeira, mas em seus olhos escuros havia certo brilho que Derek identificou com certeza. Houve uma pausa breve, quase infinita.

— Pois que ganhe o melhor.

— Esse foi nosso objetivo desde o começo, ou não?

Derek ouviu o choque de uma espada imaginária, a sacudida de metal contra metal, quase inaudível no silêncio do venerável aposento.

— Exatamente nosso objetivo. — Nicholas parecia frio como sempre.

— Não tem nenhuma objeção?

— Por que deveria, se não tenho nenhum direito sobre a dama?

Por que certamente? Pergunta do dia. Derek não se enganava. Ou pelo menos confiava em que não.

— Quando voltou parecia um pouco afetado.

Foi uma afirmação imprecisa. Nicholas voltou os olhos para a janela.

— Como já sabe, o fim de uma relação é ambíguo. Senti-me um pouco afetado. Já passou.

Seria certo? Não, não era. Se fosse, seu amigo não se mostraria tão cuidadosamente indiferente. A perfídia da Helena havia deixado algumas cicatrizes permanentes. Derek o entendia, mas lembrou o olhar de Caroline quando perguntou a ela, se sentia-se implicada emocionalmente. Também recordava a áspera advertência de Nick naquela tarde no White'S.

Seja cuidadoso com ela...

— Pelo menos, assim que tudo tenha terminado, já não teremos que nos ocupar dessa ridícula aposta. — Derek disse em um tom introspectivo e pensativo. — Foi uma idéia absurda desde o começo, mas suscitamos tal interesse, que nossa vida social se converteu em algo francamente incômodo.

— Tem razão.

— No fim da próxima semana tudo estará decidido.

Descobrirá que é encantadora.

Nicholas voltou a se remexer na cadeira, como se sentisse incômodo. Teimoso idiota.

— Imagino que sim. — Derek bebeu um gole de sua bebida, com aparente naturalidade.

Nicholas abriu a boca para dizer outra coisa, mas a fechou de repente e permaneceu em silêncio. Tamborilou os dedos sobre a mesa em um gesto de impaciência e logo se deteve também, como se notasse que movimento trairia seus sentimentos.

Uma objeção? Uma solicitação para cancelar tudo? Derek compreendia e lhe doía sinceramente a intensidade da batalha interior de Nicholas. A equação era muito simples. Se Nicholas cancelasse a aposta estaria confessando até que ponto eram profundos seus sentimentos para com Caroline Wynn.

Satisfeito de que tudo estivesse saído segundo o planejado, Derek ficou de pé.

— Unicamente pensei em te fazer saber que nós já arrumamos tudo. Vocês voltaram há quase duas semanas, verdade?

— Onze dias. — Nicholas captou a precisão de sua resposta e se retificou, — Mais ou menos.

Derek quase não foi capaz de reprimir a risada. Não que desfrutasse da tortura que seu amigo estava suportando. Sentia uma compassiva solidariedade, que sabia que Nicholas não apreciaria até que reconhecesse

a própria situação.

— Acredito que logo saberemos o que a dama tem a dizer quando tudo isto tiver acabado.

Essa deve ter sido uma punhalada certa.

— Acredito.

— Mas é bom que se prepare, Nick; ela se esquecerá de você na primeira noite.

Seu amigo não se alterou. Mas tampouco usou de sua rápida e usual réplica.

Derek foi embora pensando que pelo menos havia plantado a semente. A questão era: daria fruto?

A sala estava cheia de peças de tecido, de ajudantes e do cansativo aroma do perfume de gardênia da costureira. Havia uma moça de cabelo escuro ajoelhada aos seus pés, lhe ajustando a armação da saia.

Annabel se limitava a ficar imóvel, com as costas retas, as mãos entrelaçadas e um nó na garganta formado pela tristeza.

— É realmente magnífico, madame Dushane. — Margaret dedicou um sorriso à mulher que borboleteava por ali. — Ficaré parecendo um anjo, Annabel.

Margaret tinha que usar a palavra anjo? Ela lhe evocava imagens de um homem com o cabelo dourado, a quem com ironia havia batizado por esse apelido. Não precisamente pela santidade de suas afeições. Um homem com os olhos tão azuis, que olhar para ele era como observar o fundo de um mar cristalino. Possuía um sorriso tão cativante que nenhuma mulher que estivesse ao seu alcance era imune ao seu poder.

Realmente devia estar ali, com seu vestido de noiva e pensando em Derek Drake?

Mas que outra possibilidade tinha? Annabel se obrigou a se voltar e se olhar no espelho de corpo inteiro. Sim. O vestido era de um modelo encantador, com uma saia de cetim azul pálido coberta de rendas, que provocavam um efeito etéreo. Era ajustado à cintura e subia em forma de um pudico corpete que mal que insinuava a curva de seus seios. Sobre o tecido das mangas largas e do pescoço haviam costurado uma fileira de pequenas pérolas que brilhavam a luz. O vestido era sensacional.

Entretanto, em comparação ela mostrava um aspecto horrível. Estava pálida como um fantasma; as sombras que tinha sob os olhos pela falta de sono começavam a ser evidentes. Sua boca tremia enquanto lutava contra um insuperável impulso de tornara chorar.

Por que havia lido a carta?

Margaret apareceu refletida no espelho, atrás dela.

— Annabel.

— Não posso...

As palavras surgiram apenas como um leve suspiro. Margaret abriu os lábios e um tom de alarme atravessou seu rosto. — Minha querida menina, eu...

— Não posso me casar com Alfred. — Annabel se voltou. — Sinto muito... Sinto muito...

Madame Dushane, uma mulher de aspecto desalinhado, com um queixo proeminente e olhos escuros e pequenos elevou as mãos em um gesto teatral.

— É natural estar nervosa, não? Todas as noivas sentem o mesmo. Logo passará. Você está como um sonho com este vestido. Ele cairá de joelhos, rendido de amor aos seus pés.

A inconsistente lógica de que um pedaço de tecido pudesse inspirar uma emoção que, em primeiro lugar, estava quase segura de que Alfred não sentia por ela, provocou em Annabel o macabro impulso de rir, mas não o fez. Apertou as mãos ao lado do corpo e negou com um gesto de cabeça.

— Não são os nervos, Madame. O vestido é muito bonito, mas duvido que eu vá necessitar dele.

Margaret se deu conta de que estavam em um local público e disse imediatamente:

— Querida, por que não pedimos a uma das garotas que a ajude a se trocar? Podemos conversar sobre isto em casa e voltar depois, em outro momento, para a última prova.

Annabel se despiu com rapidez e eficácia. Substituiu o vestido de noiva por seu vestido amarelo matutino, O que havia escolhido porque confiava em que a cor alegre levantasse seu ânimo, e saiu da loja atrás de Margaret, para a carruagem que as esperava. Tinham previsto parar em vários lugares mais, mas Margaret deu instruções ao cocheiro para que as levasse de volta para casa.

Annabel se preparou para a bem merecida reprimenda que Margaret lhe daria, com seu característico estilo cortês e conciliador. Mas, a mulher que havia lhe criado como se fosse sua própria filha se limitou a arquear as sobrancelhas assim que a carruagem começou a se movimentar.

— Madame Dushane é uma costureira maravilhosa, mas também uma fofoqueira terrível. Acredito que assim que chegarmos em casa deveria falar com Thomas em seguida, de modo que Lorde Hyatt seja informado antes de que se inteire por outra pessoa. É um bom homem e está a ponto de que

o deixem plantado no altar. Quanto menos humilhante Thomas falar com ele, melhor.

— Não está surpresa?

— Querida Annabel, eu não sou cega. Não perguntei depois da última prova, se ainda queria seguir adiante com o casamento?

— Sim. — Annabel admitiu com um suspiro. As lágrimas seguiam ardendo por trás de suas pálpebras. Que mais Margaret teria notado? A carinhosa compreensão nos olhos de sua mãe adotiva lhe deixava ainda mais preocupada.

— Por outro lado, está claro que algo está errado quando uma futura noiva empalidece um pouco a cada vez que prova o vestido de noiva.

— Sei.

— Me alegro de que tenha chegado a essa conclusão antes da cerimônia e não no dia seguinte.

— Graças a Lady Wynn.

Annabel recordava perfeitamente a firme convicção na voz da jovem viúva, quando lhe falou da armadilha que acreditava ser um matrimônio sem amor. Podia ser que fosse um ponto de vista romântico, sobretudo entre a alta, sociedade onde os matrimônios acertados eram correntes, mas a dama parecia falar por amarga experiência própria.

— Lady Wynn? Uma mentora peculiar. Não pensei que fossem amigas.

Desde não haversentido tão perturbada pela dificuldade de adaptara firme decisão de cancelar o compromisso, ao Annabel nunca lhe teria escapado, mas disse:

— Não éramos especialmente, até o outro dia. É amiga de Derek.

A expressão da Margaret destilava cepticismo.

— Em circunstâncias normais eu não falaria deste assunto contigo, mas duvido de que seja certo. Não ouvi nenhuma palavra a respeito.

— Não é sua amante. — Annabel tinha deixado de se preocupar se considerava apropriado que ela estivesse informada do assunto em questão. Nas últimas semanas havia crescido dez anos. — Ela me disse com bastante franqueza, que ele nunca tinha lhe abordado com intenções duvidosas.

— Deus do céu! — Murmurou Margaret. — Deve ter sido uma conversa muito interessante. Seus motivos me intrigam, mas não os reprovoo. Eu e Thomas estávamos preocupados.

Annabel voltou os olhos para o piso da carruagem, com as mãos unidas sobre o colo.

— Vocês dois são muito bons comigo, como sempre.

— Não diga bobagens. Embora seja fruto de nossa carne, você é

nossa filha em todos os sentidos. — Logo Margaret se aventurou a acrescentar: — Também temos muito carinho por Derek. Sempre é difícil julgar até que ponto se deve interferir na vida dos outros. Eu estive tentando deixar que vocês dois averiguassem por vocês mesmos. Tenho que dizer que não foi fácil.

Então... Eles sabiam. Conheciam sua paixão, os supostos sentimentos de Derek... E parecia lógico deduzir que também eram cientes da desilusão que sentia.

Eles sabiam de seu coração destroçado. Como acreditou ser capaz de esconder?

— Como se confia em um homem com sua reputação? — Perguntou Annabel com um terrível tremor na voz. — E rezo para que neste momento ele não me faça o discurso de libertino reformado, porque não serei capaz de responder como corresponde a uma dama. Tratando-se mesmo homem que recentemente fez uma escandalosa aposta apoiada em seu... Bem... —

Ruborizou-se. Embora tivesse tido... Enfim, uma quantidade embaraçosa de... Fantasias sobre como seria estar em nos braços dele, falar sobre o assunto era outra coisa.

Margaret pareceu entendê-la.

— Os homens jovens... Ou todos os homens na verdade, nem sempre são as criaturas mais prudentes do mundo.

— Isso é mente curta. — Resmungou Annabel.

Sua acompanhante lhe dirigiu um olhar direto.

— Não se parecem bastante às juvenzinhas impulsivas, que aceitam se casar com alguém por quem não sentem quase nada, somente para demonstrar uma tese absurda?

— Não é o mesmo.

— Então me explique.

Como podia discutir depois de seu comportamento na costureira?

— O que faço agora? — Sussurrou Annabel.

Margaret se inclinou para diante e lhe deu leves tapinhas nas mãos, que continuavam rigidamente entrelaçadas em seu colo.

— O amor é um sentimento maravilhosa, minha querida menina. Não o subestime.

Capítulo 23

Uma unha alongada desceu por seu peito nu e lhe obrigou a abrir os olhos. Nicholas pestanejou, começou a se sentar e logo e se deixou cair de volta outra vez.

— Deus santo! Que horas são?

— Onze horas, querido.

— Maldição. É verdade?

Elaine Fields sorriu em um tom baixo e musical.

— Sim, é verdade. Diga-me, o que se lembra de ontem à noite?

Nicholas fitou a mulher que estava sentada na beira da cama. A cama dela, pelo amor de Deus. O quarto era de uma cor rosa resplandecente. Cortinas rosa, tapeçarias rosa, revestimento rosa, inclusive cheirava a rosas se é que tal coisa fosse possível. Devia ser um dia ensolarado a julgar pelos ardentes fachos de luz que havia sobre o tapete. Doía-lhe a cabeça e sentia uma desagradável sensação de secura na boca.

— Não muito.

Elaine arqueou uma sobrancelha delicada e perfeitamente perfilada. Era uma sedutora ruiva de curvas opulentas, pelo menos dez anos mais velha que ele, e apesar da breve aventura que tiveram anos atrás continuavam amigos. Quando o velho esposo morreu e a deixou imersa em uma batalha financeira com os credores, ele havia utilizado sua influência para ajudá-la a se livrar de manobras ambiciosas e arbitrárias. Ser o Duque de Rothay tinha suas compensações de vez em quando.

Também tinha inconvenientes, se levasse em conta que sequer deviam ver Caroline falando com ele.

— Não me surpreende. — Elaine murmurou. — Diria que nunca havia lhe visto tão bêbado, Nicky. Deveria ter notado quando chegou e me negado a lhe oferecer mais conhaque. Suspeito que sofrerá as consequências durante todo o dia.

Nicholas tinha a forte sensação de que ela tinha razão. Que demônios havia acontecido na noite anterior? Como tinha acabado junto a sua antiga amante? Havia comparecido a uma pequena reunião e ouvido uma juvenzinha destroçar Bach ao piano e depois... Manderville propôs irem a um de suas casas de jogo preferida? Devia ter sido ele... Simplesmente não podia se lembrar.

Não tinha aprendido ainda a não se deixar levar por Derek?

— Só me resta rezar para que esteja equivocada. — Replicou com cínica resignação. — Por favor, diga que não fui grosseiro.

— Absolutamente. Nunca tinha tido uma conversa tão interessante em toda minha vida.

— Conversa? — Ao fazer a pergunta, Nicholas se deu conta de duas coisas. A primeira, que embora tivesse o torso nu continuava de calça. Alguém apiedado havia lhe tirado as botas, graças a Deus, pois não acreditava ter sido o bastante educado para tirar ele mesmo. A segunda era que haviam lhe trazido chá e ele nunca se havia sentido tão agradecido em toda sua vida, como ao ver a bandeja e o bule fumegante.

Ela captou a direção de seu olhar e com um pequeno sorriso lhe serviu uma xícara.

— Você estava muito filosófico, querido.

Ele se sentou com esforço e aceitou o chá com gratidão. Depois de um gole maravilhoso murmurou:

— Concordo. Adiante, o que houve?

Vestida de seda de cor cobre, com elegantes rendas brancas no corpete e nos punhos. Com apenas a sombra de umas poucas sardas no nariz, Elaine voltou a se sentar e o fitou com uma ironia evidente que suscitou um brilho de alarme em Nicholas.

— Você queria ter uma conversa profunda e conscienciosa sobre um assunto que eu acreditava que você nem sequer considerava.

Amor.

Ela não teve nem que dizer.

— Estava bêbado. — A desculpa lhe pareceu o protesto de um menino petulante.

— É óbvio que estava. Devia estar porque me disse até o nome. Embora que a princípio me custasse bastante acreditar.

Por todos os diabos! Havia quebrado a promessa que havia feito a Caroline. A cabeça lhe doía mais que nunca, embora soubesse que podia confiar na discrição de Elaine.

Ela se pôs a rir e continuou com toda tranquilidade:

— Não precisa fazer essa cara de aflição. Eu não direi nada sobre sua incomum relação com Lady Wynn.

Era um imbecil. Um bêbado estúpido que fazia confidências. Saber disso não melhorou seu estado de ânimo.

— Obrigado. E acredito que também devo lhe agradecer por suportar minhas histórias induzidas pelo álcool. Minhas desculpas.

— Não são necessárias. E eram? — Elaine lhe aplaudiu o joelho.

— O que? — Nicholas bebeu mais chá; já não estava tão enjoado.

— Eram somente histórias de um homem que se deixou levar pela bebida.

Você me pareceu surpreendentemente sincero.

— Sincero em que sentido? — Foi uma pergunta precavida. Quem sabia o que havia dito? Embora fosse um mistério como tinha acabado no diabólico quarto cor de rosa dela.

— Em acreditar que se apaixonou pela preciosa e distante viúva do finado Lorde Wynn.

Verdadeiramente estava bêbado.

— Eu disse isso?

Elaine assentiu; um ligeiro sorriso marcava sobre sua boca.

— Mais que isso, é claro que sim.

— O conhaque é um catalisador da estupidez.

— Sim, certo. Mas também é um soro da verdade.

Ela se recostou um pouco e o olhou com a fisionomia abertamente especulativa.

— Você vai mesmo permitir que ela fique com Manderville durante uma semana, se a idéia lhe produz tanto rechaço? Por que não lhe diz a verdade, simplesmente?

Então a traição havia sido completa. Não só tinha revelado a verdade sobre o tempo que haviam ficado juntos em Essex, como também tinha confessado tudo relacionado à aposta e o papel de Caroline nela.

Por todos os malditos diabos.

O chá estava quente, mas ele bebeu um longuíssimo gole que lhe abrasou por dentro até chegar a seu estômago revoltado.

— Se pudesse averiguar a verdade, talvez fizesse.

— A verdade? Esse é seu problema, querido Nicky. Tem que averiguá-la.

As antigas amantes convertidas em confidentes e filósofas não eram fáceis de lidar quando se sentia a cabeça pesada como uma bala de chumbo. Bebeu outro gole de líquido fumegante da xícara e se preparou para sanar qualquer dano que tivesse feito.

— Por favor, Elaine. Estou confuso. Ela é distinta, reconheço. Atraiu meu interesse, para não dizer que parecíamos ter certa comunhão na cama. Entretanto, não deseja que sua relação comigo seja de domínio público e destrua sua reputação. Quem pode culpá-la? A menos que lhe proponha casamento, tudo acabou.

Silêncio.

Elaine se limitou fitá-lo. Realmente havia dito casamento? Sim, havia. Maldição. Apertou os lábios.

— Ela não está interessada em voltar a se casar. Deixou bem claro.

— A mulher em questão é jovem e teve uma vida protegida. As histórias sobre seu marido me indicam que ela teve uma experiência horrível, mas para começar, o fato de que aceitasse ir contigo para Essex demonstra que não está resignada a evitar os homens para sempre. Por isso mudou sua forma de pensar de um modo que somente você pode conseguir, querido. Acaso não se entenderam... Divinamente?

— Seria um horror se alguém se inteirasse. — Sua têmpora pulsava e ele a massageou. — E quem sabe... Ou melhor, e se Derek também gostar?

Era uma tortura imaginá-los juntos. Nicholas sentiu que sua face se repuxava, em uma careta involuntária que não passou despercebida a Elaine, que lhe perguntou com afeto:

— Você gostaria de ouvir o conselho que dei ontem à noite, agora que está em condições?

O sorriso de Nicholas foi sincero e compungido.

— Já que cometi a descortesia de irromper em sua casa sem que me convidasse, beber até ficar aturdido e de dormir em sua cama, acredito que seria mal educado em me negar.

— Precisa se esquecer de uma vez para sempre de Helena.

O sorriso desapareceu dos lábios de Nicholas.

Não era certamente o nomeie que desejava ouvir agora, quando sua cabeça retumbava como um tambor à frente de uma coluna de soldados franceses.

— Você, — disse de um modo que esperava que fosse tranqüilo e indiferente, — coloca muito ênfase em algo que eu já esqueci por completo.

— Não sei por que, mas duvido. Eu vi como aconteceu, lembra-se? Essa é a razão pela qual acabou em minha cama, por mais passageiro que fosse. Quando terminou se converteu de repente no Duque diabólico e a sedução superficial ocupou o lugar de uma atitude ante a vida que pelo que eu sei era muito bem mais aberta e menos cínica.

— Então eu era um estúpido e aparentemente não melhorei muito. — Tomou o chá e pensou em pegar um dos pães doces que havia na bandeja, mas desistiu. A mera menção do nome de Helena lhe produzia esse efeito. A sensação de desconforto no estômago não se devia somente aos excessos da noite anterior.

— Ela o traiu.

Sim, certamente. Essa era a verdade. Helena havia se apropriado de sua paixão juvenil e depois destroçou sua fé no amor. Ela também era viúva e muito atraente e havia lhe seduzido tanto com provocações sexuais, como com a situação supostamente premente da mulher indefesa e sozinha.

Só que ela não estava sozinha. Havia descoberto de um modo que

destroçara sua vida.

Recebera uma valiosa lição. Damas vulneráveis e formosas provavelmente só lhe causassem dor. Então... Entrava em cena outra viúva tentadora, com a autoconfiança ferida e um potencial não explorado para a paixão. E lá estava ele outra vez, agindo como um tolo, apesar de sua experiência.

Não. Caroline não se parecia em nada com Helena. Disso estava seguro disso. Bem, quase.

— Não precisamos falar disto. — Nicholas deixou cair as pernas a um lado da cama. — Onde demônios estão minhas botas?

— Talvez não precisemos, embora você devesse falar com ela.

— Não faz nem um mês que a conheço.

O fantasma de um sorriso acariciou a boca de Elaine. Ela se moveu com a habitual graça preguiçosa, para recuperar as coisas que ele procurava, e recolheu as botas jogadas no chão.

— Eu acredito ser um bom sinal que você leve tão pouco tempo para se implicar tão sentimentalmente. Ela parece perfeita para você, se quer minha opinião.

— Não quero. — Resmungou e aceitou uma bota.

Deus santo! Como sua cabeça doía.

— Pois a noite passada, você quis sim.

Nicholas levantou os olhos enquanto encaixava o pé no calçado.

— Se me casar será somente para cumprir com meu dever. Dificilmente posso escolher uma mulher que deixou claro que não está interessada em um segundo acordo deste tipo e que segundo as aparências é estéril. O que sinto uma pequena obsessão de luxúria, que logo passará. Sempre acontece o mesmo.

Elaine lhe olhou com gesto de preocupação e uma expressão solene.

— Muito me temo que está deixando que Helena te engane pela segunda vez.

Seria bom que funcionasse.

Caroline desembarcou da carruagem e observou ao redor com cuidado, sem ver nada mais que uma rua larga e silenciosa e alguns tetos de palha. Um cenário inosso que não correspondia com a natureza do encontro. Podia ser que não fosse um encontro mais notório de toda a história da Inglaterra, mas o certo que era o presente assunto dos boatos da alta sociedade.

A estalagem era pequena e despretensiosa, com uma fachada simples e descolorida pelo sol e as inclemências do tempo. Dificilmente possuía o

aspecto de um lugar onde um dos amantes mais renomados planejaria uma conquista.

Huw não disse nada, como de costume, e se limitou a escoltá-la para o interior do estabelecimento, com a atitude discreta de sempre. Entretanto, quando se voltou para sair se deteve e se voltou para ela novamente.

— Milady...

Ela estava examinando a modesta estalagem; pouco mais que assoalho de madeira e algumas mesas comuns. Embora fosse singela era atraente e mostrava certa graça pitoresca. Felizmente estava limpa. Caroline arqueou as sobrancelhas.

— Sim?

— A senhora está realmente convencida que deseja fazer isto?

Seu olhar se tornou firme ao observar o jovem, cuja pele havia adotado um tom avermelhado.

Claro. Huw devia saber da aposta e sua participação nela. Durante os cinco dias que ela tinha passado com Nicholas, Huw havia ficado na ala dos criados em Tenterden Manor e devia ter deduzido facilmente. Com o chapéu na mão e uma leve camada de poeira sobre o uniforme, devido à viagem, o cabelo escuro e encaracolado emoldurando o rosto era uma mistura de vergonha e preocupação. Era um quadro comovedor.

Mesmo assim tentou dissimular e perguntou de um modo vago:

— Fazer o que?

— Não me corresponde dizer, Milady. Mas o Duque... Bom, se quer saber minha opinião, não gostaria que estivesse aqui.

Caroline não pôde evitar o rubor, pois esse era o mesmo rapaz que havia conduzido os dois através de Londres, enquanto eles faziam amor em sua carruagem. Mas apesar disso seguia incomodando-a um pouco, a presunção de que o Duque pudesse opinar sobre o que ela fazia. Afinal, o homem não tinha declarado nenhum sentimento por ela até o momento. Ele a desejava, que era diferente. Ela ansiava por algo mais. Sim, ansiava-o. Ou não estaria esperando Lorde Manderville em uma humilde estalagem no campo.

Os criados sabiam tudo. Isso era algo que ela esquecia freqüentemente, porque no passado nunca tinha dado motivo para conversas.

Sorriu compungida.

— Poir que você acha que estou aqui, em primeiro lugar? Espero que sua Excelência não goste de forma alguma.

Na face de Huw apareceu a ameaça de um sorriso.

— Entendo.

O rapaz parecia verdadeiramente aliviado. Até esse ponto chegava o

convincente encanto de Rothay. Ela lembrava ter ouvido os dois homens conversando sobre cavalo, enquanto estavam no campo. Havia se impressionado que ele se dirigisse a Huw com a mesma cordialidade que com qualquer nobre.

Huw gostava dele. Ela também gostava. Gostava muito, para sua tranquilidade de espírito. A capacidade de gostar de Nicholas era infinita. Disso não tinha dúvida. Muitas mulheres podiam testemunhar o magnético encanto.

Algo que pudesse ter dito a seguir foi silenciado pela chegada do homem que estava esperando. Bem, não era exatamente ele. Ela estava com Lorde Manderville. Esperava... Desejava que fosse Nicholas.

O aspecto de Derek estava esplêndido como sempre, embora estivesse vestido de maneira menos formal da qual estava acostumado a vê-lo. Ele usava uma singela gravata de linho branco e a casaca pendurada no braço, em vez de vestido. O cabelo alvoroçado e os olhos azuis lhe emprestavam a fisionomia de um jovem rapaz. Ele saudou Huw com uma educada inclinação de cabeça e lhe fez uma reverência, com um sorriso que favorecia seus traços aristocráticos.

— Milady.

Caroline fez um gesto de assentimento ao jovem cocheiro para que se retirasse, manifestadamente comovida por seu desejo em protegê-la.

— Obrigado, Huw.

Ele vacilou um momento, mas logo saiu. Ela se dirigiu ao conde.

— Vejo que chegamos quase ao mesmo tempo, Milord.

O hospedeiro, a quem não havia passado despercebido o cocheiro com libré e nem a forma como se dirigiam um ao outro, apareceu em seguida. Era um homem volumoso e calvo, de rosto vermelho, o que indicava que talvez ele consumisse muita cerveja.

Derek estendeu a mão a Caroline e apertou ligeiramente seus dedos. Arqueou a sobrancelha com um gesto altivo ao se dirigir ao proprietário.

— Ficaremos alguns dias. Deve ter recebido você minha correspondência na semana passada.

— Nosso melhor quarto. É claro, Milord. — O homem secou o rosto suarento com um lenço e voltou a colocar o relógio no bolso e os conduziu por um lance curto de escada.

Eles o seguiram. Caroline notou a leve pressão do braço do Conde e se deu conta de que havia algo diferente nele. Não o conhecia bem, mas mesmo assim sentia que alguma coisa o incomodava.

Entraram em um bonito quarto com paredes e vigas de madeira, uma enorme cama com uma colcha estampada em diferentes tons azuis e

verdes, e duas janelas com vistas para um riacho margeado por um prado cheio de ovelhas que estavam pastando. Na parte de trás havia uma pequena horta transbordante de verduras que parecia prometedora, pelo menos no que se referia ao menu.

Claro que ela não esperava ficar muito tempo.

Será que Nicholas se importaria o bastante para aparecer ali e impedir o que se acreditava, que ele acreditava que aconteceria?

Na teoria de Derek, sim. Ela não gozava da mesma confiança, mas esperava não conhecer tão bem Nicholas como seu amigo, em certo sentido. Mas queria conhecer. Deus do céu! Desejava outra dança no terraço à luz da lua ou ainda melhor, despertar outra vez semi nua e sonolenta ao seu lado envolvida por seu abraço, com sua respiração junto a face, enquanto ele dormia...

— Annie anulou o noivado.

Caroline estava observando uma ovelha com seus filhotes e ao ouvi-lo se voltou e sorriu.

— Notei que você parecia diferente quando chegou. Agora sei por que.

— O que você tem que saber é que conta com minha gratidão infinita. O que disse a ela teve o efeito desejado, não importa o que foi.

Caroline se sentou em uma poltrona junto à pequena lareira.

— Simplesmente lhe disse a verdade. Que se ela se casasse com Lorde Hyatt apaixonada por você, prejudicaria os dois.

Derek escolheu se acomodar a cama, com toda naturalidade.

Claro, pensou Caroline com uma pontada de ironia. Ele não era precisamente um novato em compartilhar pequenos quartos de estalagens, com uma grande variedade de damas. Para ela o risco era bem maior. Estava colocando sua reputação em risco, tanto como em Essex. Não por paixão, mas por um estratagema.

Sentia-se insegura, mas Derek havia lhe jurado que seria um êxito.

— Ela admitiu que estava apaixonada por mim?

— Não.

Sua senhoria pareceu abatido. Sim, o libertino de primeira ordem, com uma reputação que faria enrubescer qualquer donzela, parecia um menino a quem acabavam de tirar um caramelo.

— Sei disso. Eu tinha a esperança...

— Acredita mesmo que ela diria algo tão pessoal a uma mera conhecida? Eu falei quase todo o tempo, mas para ser sincera Milord, acredito que ela já estava pensando em romper com Lorde Hyatt. — Caroline arqueou uma sobrancelha. — Embora tenha rompido o noivado, duvido que vá lhe ser fácil recuperá-la. Não o amor por você o que está em dúvida. É sua

confiança. Esse é um sentimento que uma vez destruído é difícil reconstruir.

— Sei disso. — Derek mudou ligeiramente de postura na beirada da cama e arranhou o assoalho com as botas. — Pensei muito nisso. Creia-me.

Havia pensado muito. Annabel era afortunada.

— As mulheres têm idéias românticas sobre como devem ser cortejadas e conquistadas.

Ele sorriu fracamente.

— Você vai me dar lições sobre como entender as mulheres, Milady? Advirto-a que tenho fama de ser um perito.

Seu encanto certamente era evidente. Não era de estranhar que Annabel tivesse sucumbido. Ela própria seria vulnerável a ele, se não estivesse tão presa a Nicholas. Sorriu.

— Se não fosse por sua reputação... E a de Nicholas... Nós não estaríamos sentados aqui, não lhe parece?

Ele a observou do outro lado do quarto.

— Se não fosse pela aposta, você e Nicholas continuariam como meros conhecidos, Annabel continuaria planejando seu casamento e eu seguiria considerando impotente para mudar as coisas. Acredito que agora já não posso lamentar essa aposta.

— Ele virá? — A pergunta surgiu de um modo involuntário e ela afastou o olhar imediatamente.

Derek riu entre dentes.

— Ah, sim.

A confiança do Conde era tranquilizadora, mas ela não estava segura em compartilhá-la.

— Por que está tão convencido?

— Por várias razões, mas sobretudo pelos onze dias.

Caroline franziu o cenho.

— Onze dias?

— Ele sabia exatamente quantos dias haviam passado, desde que vocês dois voltaram de Essex. Embora conheça às mulheres ou não, conheço os machos de nossa espécie, já que sou um deles. Saber algo desse naipe não costuma parte de nossa natureza. Nicholas contou os dias. Com isso disse tudo.

Caroline ainda era uma ingênua quando se tratava desse tipo de intrigas.

— Isso significa alguma coisa?

— Sim. Confie em minha palavra.

— Confio em muitas coisas. Se não confiasse em sua integridade, não estaria sentada aqui.

— Acredito que não. — Os olhos azuis celeste a fitaram com um brilho

parecido a uma resignada ironia. — Nicholas considera um problema sua atitude ante a censura da sociedade.

— Um problema para seus propósitos, você quer dizer.

— Ele gosta de casos sem compromissos, admito.

— E a maioria das mulheres se rende aos seus desejos. — Caroline se levantou na poltrona.

Derek a fitou muito sério.

— Coisa que você não costuma. Note como o colocou de joelhos.

— Eu não tive muita prova disso.

— No caso de Nick, que fique e irritável é uma prova em si mesmo. Eu sei que nunca havia lhe visto ele assim antes. Bem... — Derek vacilou. — Digamos que somente uma vez. Naquela época foi um desastre. É lógico que seja cauteloso agora.

Ela estava intrigada e recordou o quão displicente Nicholas havia se mostrado, quando lhe perguntou se já tinha tido alguém especial.

— Quem ela era?

— Se ele quiser te contará.

Homens. Pensou Caroline, irritada. Quando se fechavam em copas era impossível conseguir qualquer informação.

Lorde Manderville sorriu, arqueando a boca juvenil e perfilada. Foi algo angélico e contagioso. Caroline não pôde evitar, e lhe devolveu o sorriso.

— Então, o que faremos agora?

Ele disse sucintamente:

— Esperar a grandiosa entrada.

Capítulo 24

Havia esperado muito... Demônios. Nicholas deteve seu cavalo e amaldiçoou em voz baixa. Sim. Estivera fazendo rodeios, postergou e tentou negar o insuportável desejo de seguir seus impulsos, mas no fim tinha sucumbido. Deus, Deus! Havia seguido-os.

Em todo o caminho até Aylesbury. Uma série de inquisitivas perguntas a moradores loquazes, embora parcialmente úteis, indicaram-lhe que havia localizado a estalagem certa.

Por todos os demônios. Estava se comportando como um idiota.

A estalagem era modesta e pequena, situada a um extremo do povoado, com uma cobertura de duas águas e floreiras sob as janelas. Não era o que ele teria escolhido, mas tampouco tinha direito a escolher. Derek estava tentando ser discreto a pedido de Caroline, sem dúvida.

Derek e Caroline.

Juntos.

Nicholas desmontou, jogou as rédeas a um menino que saiu dos estábulos e se dirigiu indignado para a porta. Achou o interior do muito apropriado, em um sentido rústico, para uma aventura romântica.

Que devia ser justamente o que ela queria. Recordou-se.

E Caroline havia dado alguma indicação, de que desejasse outra coisa?

Aquela noite na carruagem, quando se viu obrigado a pedir favores aos criados e se esconder na escuridão como um ladrão só para vê-la havia decepcionado-a. Caroline não era sofisticada o bastante para dissimular sua expressão, quando havia lhe confessado que ela lhe provocava cautela. Ela havia perguntado o por que.

A resposta era clara. Reprovou-se com severidade, porque receava que ela o fizesse fazer coisas ridículas como cavalgar como louco durante horas até alguma estalagem pequena e rústica, para evitar que ela decidisse a aposta desafortunada e infantil.

Ele queria Derek como a um irmão. A intervenção era também para salvar sua amizade, à margem de qualquer outra coisa.

Não. Não era, confessou-se com tristeza. Era por egoísmo, porque não podia suportar a idéia de imaginar os dois juntos.

Na cama. Acariciando-se, beijando-se...

Tinha esperança de que não fosse muito tarde.

Ao vê-lo entrar, um homem baixo e gordo parou de limpar uma das mesas, em reação expressão de impaciência e determinação de Nicholas.

— Estou procurando dois hóspedes. — Disse este com voz tensa. — Uma formosa mulher com o cabelo da cor do mogno e um homem loiro e alto. Onde estão?

O proprietário observou as caras vestes e deduziu seu status social.

— Milord, eu não posso...

— Chame-me por Excelência. — Nicholas o corrigiu com um tom de voz letal. Se o peso de seu título lhe servia para proporcionar respostas adequadas, o usaria. — E, por favor, responda a minha pergunta ou me limitarei a esmurrar todas as portas até descobrir onde eles estão.

— O primeiro quarto à direita, no final da escada. — O homem que segurava o trapo de cozinha com desinteresse em sua mão gorda, captou perfeitamente a exasperação do tom.

Nicholas assentiu e se voltou, mas antes perguntou: — Há quanto tempo estão aqui?

— Várias horas, Excelência.

Ao final da confissão se ouviu um chiado. Nicholas balbuciou uma maldição entre dentes. Por que havia esperado durante tanto tempo, com a mente cheia de perguntas? Demônios. Lá fora já havia começado a obscurecer.

Subiu os degraus de dois em dois, como se a pressa pudessem mudar alguma coisa a essa altura. Deteve-se em frente à porta, rígido, imóvel, para ouvir uma curta e leve gargalhada.

Feminina e familiar. Em Essex a ouvira bastante frequência, normalmente em forma de suspiro junto ao ouvido, quando estavam na cama. Espontânea e livre, e tão encantadora como tudo nela, quando não o reprimia sob uma gélida fachada de desinteresse.

Nicholas levantou a mão para bater, mas se lembrou de outra cena, um fantasma do passado que vagava sob a tênue luz do corredor, ficou quieto.

Helena havia desaparecido. Ele sabia por que era dependente dela em todo momento; da graciosa leveza de seu corpo quando dançava, de seu sorriso, do balanço de seus quadris quando andava.

Onde ela estava?

Havia saído para respirar ar fresco? Na verdade fazia muito calor; sala era pequena, razão suficiente. Por que tinha ido procurá-la?

Porque sabia. Afinal, havia lhe acontecido o mesmo. O olhar fascinante, a breve pressão sobre o braço e a delicada e sutil cena de sedução.

Sim, sabia.

De forma que em vez de procurá-la no terraço ou nos jardins havia subido silenciosamente para o andar de cima. E ficou ali, no lado errado da porta fechada de um quarto, e os ouviu.

Deus santo! Ouvira-os. Acreditava que ela estava apaixonada por ele; entretanto, ela ali estava, desfrutando de um momento de paixão com outro homem... Nem sequer teve que entrar no quarto para saber que estava certo.

Reconheceu o leve gemido de prazer... Ele o conhecia. Era impresso em seu cérebro, em suas terminações nervosas... Em seu coração...

Então abriu a porta e agora, comportando-se como um idiota pela segunda vez. Abriu-a de par em par com mais força do que pretendia, fazendo-a ricochetear contra a parede com grande estrépito.

Com o coração batendo alucinado e disposto a enfrentara a pior das possibilidades descobriu à mulher por quem estava obcecado, sentada em uma poltrona junto a uma lareira de tijolo, com uma taça de xerez suspensa à altura dos lábios e os olhos enormes como pratos, ante a sua brusca chegada.

Ela estava completamente vestida, com todas as ninharias femininas em seu lugar e o cabelo ainda recolhido em um singelo coque. Derek, sentado sobre a cama, também estava totalmente vestido, desde as botas até a gravata de laço.

Não, não era absolutamente a mesma cena que havia vivido dez anos antes.

Louvado seja Deus.

O alívio o deixou sem fala. Ou talvez fosse outra coisa, algo parecido à contrição. Ante o silêncio subsequente, conseguiu se expressar com brilhantismo:

— Boa tarde.

Derek lhe respondeu. Seu velho amigo se levantou com um movimento ágil e um discreto e presunçoso sorriso nos lábios. Tirou um relógio do bolso do colete com estudada precisão, observou-o e voltou a guardá-lo.

— Demorou mais do que pensei, Nick.

O que?

Nicholas queria fulminá-lo com o olhar, mas apesar de prática no controle de suas emoções, não conseguiu e disse com frieza:

— Você se importaria em explicar esse comentário?

— E você se importaria em explicar sua presença aqui? — Derek se dirigiu lentamente para a porta. — Claro que não a mim, porque já estou saindo. Mas estou seguro de que Lady Wynn gostará de ouvir o que tem a dizer. Venha ver-me quando voltar a Londres.

O que estava acontecendo? Demônios.

Nicholas se afastou da trajetória de seu amigo, que lhe roçou o ombro à passagem. No rosto de Derek havia um leve, mas inconfundível sorriso de

ironia.

Sim. Como se ele já não zombasse o bastante de si mesmo. Era o que necessitava. Que alguém mais risse dele.

Mas era difícil ficar muito irritado, se de repente estivesse sozinho com Caroline.

Sozinho. Com ela.

Em uma estalagem remota no meio do campo.

Um sonho tornado realidade. Não, uma fantasia masculina tornada realidade. Ou talvez uma combinação das duas.

Definitivamente ela estava com um aspecto encantador, com seu singelo vestido de musselina rosa pálido amassado por causa da viagem, e os luminosos olhos prateados que o observavam do outro lado do quarto.

A cama parecia bastante confortável, constatou.

Mais tarde daria agradecer a Derek, por ter escolhido o lugar.

— Esperava-me?

Ela respondeu com voz baixa:

— Confiava nisso.

Ela confiava. Deus santo. Era demais.

— Sequer sei por que estou aqui. — Exasperado, ele passou a mão pelo cabelo, com a respiração entrecortada. — Salvo que verdadeiramente não podia aceitar a idéia de que honrasse a segunda parte do trato.

— Então veio me salvar?

Ela estava sentada ali, segurando a taça com a ponta dos dedos e o rosto impenetrável. Normalmente ele interpretava o que as mulheres estavam pensando. Não, isso soava falso... Acreditava interpretar o que elas pensavam, mas decifrar o pensamento era algo diferente. Agora, na verdade, não fazia nem idéia.

Entrou no quarto e fechou a porta.

Nesse momento desterrou o fantasma de Helena não só do corredor, mas também de seu passado. Para sempre.

— Vim por sua causa. — Desabafou com simples honradez. — Agora você é obrigada a me ajudar a entender o que significa isso, exatamente.

— Obrigada? — Caroline elevou as sobrancelhas de cor mogno, mas cada vez estava mais ruborizada. — Rothay, você deve compreender que só por ser um amante experiente, atraente em todos os sentidos e capaz de encantar uma serpente para que saia de sua cesta, não me converte necessariamente em uma de suas conquistas.

— Ah, não? — Ele sorriu.

Como podia sentido dúvidas em algum momento?

— Bem, — ela se expressou com a mesma voz pragmática e severa, típica

de Lady Wynn, que contradizia a ardente expectativa que havia em seus olhos, — não estou convencida disso.

Ninguém sabia como lançar um desafio, como ela. Ninguém. Com uma só missiva ela tinha conseguido pôr sua vida do reverso. E o que estava lhe fazendo agora? Continuava no outro lado do quarto simples, entretanto ele sentia que seu membro tomava proporções assustadoras ante a simples possibilidade de tê-la perto.

E não era simples desejo. Isso já havia sentido antes. Muitas, mas muitas vezes. Ela era a água que movia o moinho. Era o que impedia pensar em Helena. Helena era o passado.

Ela era diferente. Havia sido diferente desde momento em que a tinha beijado, naquela morna tarde no terraço em Essex e tinha provado pela primeira vez sua vacilante, mas ansiosa paixão. Ou talvez quando ela tirou o chapéu e o véu, na sórdida taberna onde se encontraram...

Oh, maldição. A quem importava quando? Havia acontecido.

Simples assim. Sem mais.

Ele tinha um aspecto magnífico.

Atrevido, um pouco despenteado e irritado... E, entretanto ela reconhecia com vivida claridade o brilho nos preciosos olhos escuros.

Desejo.

O escandalosamente delicioso Duque de Rothay a desejava.

Seria excessivo esperar que não fosse o único motivo pelo qual ele viera de tão longe? Era difícil se sentir segura, a julgar pelo vulto evidenciado na frente de sua calça quando ele se despojou da casaca. Mas, tal como Lorde Manderville havia comentado, quando o Duque diabólico desejava que uma mulher cuidasse de suas necessidades básicas, não precisava percorrer nenhuma distância a fim de encontrá-la.

Mas ele tinha vindo.

O risco havia valido a pena.

Nicholas avançou com determinação através do quarto. Caroline bebeu compulsivamente um gole de xerez, sem afastar os olhos do homem que se aproximava. Era tão alto, tão masculino e poderoso como recordava, e igualmente intimidante desde a última vez que havia sustentado seu olhar através de um salão de baile abarrotado.

Salvo que ele parou em frente a sua poltrona e estendeu a mão, em vez de fazer algo mais pomposo como levantá-la nos braços.

Uma mão estendida. Somente isso.

Era um símbolo do que esperava que ele lhe oferecesse. Não só prazer passageiro, mas uma união bem mais determinante. Nicholas tinha vindo de Londres para impedir que ela seguisse adiante em sua oferta de arbitrar a

aposta, e Lorde Manderville fez o que havia planejado, deixando-os a sós. Até o momento tudo estava saindo bem.

Caroline as batidas de seu coração vibrar no pulso e na garganta. Segurou a mão que ele estendia, entrelaçou os dedos aos dele e o deixou que levantasse com gentileza.

— Como disse, eu confiava...

Deteve-se vacilante, sem saber quanto estava disposta a oferecer.

Ele tinha um leve sorriso desenhado no rosto. Uma mecha do cabelo negro sobre a sobrançelha. A calça e nas botas estavam cheias de poeira. Ele pegou a taça de sua mão e a deixou a um lado.

— Confiava em que?

Afinal, que prejuízo havia em dizer? Bem, talvez houvesse algum risco, mas Nicholas havia percorrido uma distância importante para impedi-la, e embora Derek jurasse que ele viria, estava surpresa e feliz.

— Confiava em que viria.

Ele arqueou uma sobrançelha.

— Eu confiava em não vir. — Ele disse em um murmúrio, antes de colar os lábios nos dela.

Não foi absolutamente um beijo tenro. Foi intenso e exigente, mas ao mesmo tempo submisso em certo sentido. Caroline se apoiou nele e deixou que ele abrisse caminho com a língua e os lábios, já se elevando as mãos para seu ombro e os seios contra seu peito. Poderia lhe perdoar inclusive pelo áspero tom de sua voz, já que obviamente ele acreditava que estar ali era um engano.

O Duque diabólico não era nada encantador no momento... Mas a encantava. Adorava o anseio e a impulsividade do abraço. E gostava da falta de gentileza. Ele era capaz de fascinar de forma premeditada e tentadora, de seduzir de um modo irresistível, mas o que acontecia no momento era totalmente distinto. Suas mãos perambularam sobre seu corpo quando os lábios se fundiram em somente um.

A cabeleira de ébano lhe acariciou a face. A boca exigente e ardorosa possuiu seus lábios e ela sentiu seu membro rígido e ereto, mesmo através de suas vestes roupa. O tamanho e a simplicidade da estalagem não importavam; a escuridão do céu nada significava; todo o seu mundo se reduzia a somente um homem.

Era tudo.

Um homem.

— Nicholas. — Murmurou junto aos seus lábios.

Ele respondeu com um sussurro:

— Estou aqui. Que Deus me ajude, não suportava ficar longe.

Sim. Ele estava ali. E o fato convertia seu corpo em algo tenso e ofegante.

— Alegro-me.

— Deixe-me demonstrar até que ponto estou aqui. — Ele a conduziu até a cama.

Nicholas conjurou magia com suas mãos. E ela não teve nenhuma possibilidade, mas tampouco desejava, quando ele desabotoou-lhe o vestido e o retirou de seus ombros com tanta rapidez, que ela mal notou como deslizava e espalhava pelo assoalho. A camisa íntima, meias e sapatos foram despachados com a mesma velocidade com a qual a levantou para depositar seu corpo nu sobre o cobertor.

— Agora sim vale à pena ter viajado de Londres até aqui. — Ele disse enquanto começava a se despir com parcimônia e seus olhos passeavam pelo corpo dela.

Caroline tinha sentido saudades das atitudes dele, muito. A descarada audácia daquele olhar e o conseqüente torvelinho de excitação em seu ventre. Ele se despojou de sua roupa e durante um minuto se limitou a ficar ali, como se notasse com uma intensidade igual ao seu desejo, que aquele momento era realmente importante para os dois.

Depois subiu à cama e se refugiou no interior dos braços de Caroline; deslizou por completo sobre ela e reclamou de novo sua boca. Desta vez foi um beijo lento e perverso, com o membro duro entre os dois. Caroline se esfregou contra ele e conseguiu um grunhido de aprovação do fundo do peito de Nicholas.

Encantava-lhe a forma como ele movia as mãos sobre seu corpo; a morna sensação de sua boca sobre o pescoço enquanto ela se arqueava entre seus braços; o aroma de sua pele. Já estava úmida e disposta, ansiosa por senti-lo em seu interior. Afastou as pernas de forma natural; um convite que ele não deixou passar. Nicholas escorou seu peso com os antebraços e aceitou a oferta. Usou os joelhos para lhe abrir mais as coxas enquanto se preparava para penetrá-la.

Por um momento ele se deteve; a tensão do corpo musculoso se manifestou. A contenção que o ato conjeturava.

— Eu nunca serei possessivo.

Não foi uma surpresa saber que ainda tinha problemas para definir seus atos.

Caroline o fitou. Um prazer lânguido assaltou seus sentidos enquanto a expectativa fez vibrar todas as suas terminações nervosas.

— Eu sei.

A ponta do membro ereto descansava contra a cavidade de Caroline, mas ele não se movimentou.

— Pensar em você com Derek... Oh, demônios. Em você com qualquer homem era superior a minhas forças. Era uma tortura.

Mais que as palavras emotivas foi o olhar lúgubre no rosto tão belo o que a fez sorrir. Acariciou-lhe a face.

— Eu não teria feito, em nenhum caso.

— Por que não? Diga-me.

Ela captou o tom intenso e rouco de sua voz. O fato de que Nicholas Manning, o diabólico amante de tantas mulheres, cujo doce e perito carisma era objeto de comentários que se dissimulavam por trás mãos enluvadas aonde ia estivesse lhe suplicando uma declaração prévia que era pateticamente divertida. Ele era muito bom em todos os aspectos relacionados a fazer amor, mas na aparência esse mesmo amor era algo que desestabilizava sua habitual e imperturbável calma.

Ela tampouco era muito boa nisto. Mas tentou.

— Não posso imaginar estar com ninguém mais que contigo.

— Por que não teria se deitado com Derek? Esse era o pacto. As mulheres o acham tremendamente atraente.

Estaria Nicholas... Nicholas estaria verdadeiramente se sentindo inseguro em respeito a ela?

Ao dar conta daquilo, Caroline sentiu eufórica tomá-la.

— O pacto foi antes. — Respondeu em um tom tranqüilo e direto.

— Antes de que?

Nicholas entreabriu os olhos por um instante. Ela sentia o calor que emanava dele, a evidência de seu desejo pressionava sua pele ansiosa, o leve tremor em seus braços mostrava a quantia de controle que lhe exigia não culminar o ato que ambos desejavam com tanto desespero.

— Antes de você, Nicholas.

— Continue. — O tom impaciente exigia respostas. Seu olhar dizia que havia ido atrás dela e que na declaração que ela fizesse a seguir devia haver uma razão sólida para justificar ele ter tomado tal atitude.

Caroline nunca tinha declarado seu amor a ninguém, mas também era certo que nunca havia amado ninguém antes. Talvez sua mãe quando criança, mas na verdade não se lembrava dela. Não seu pai frio, severo e distante ou sua tia insensível e total, e muito menos Edward, a quem odiava, havia lhe inspirado sentimentos de carinho. Nicholas, com suas hábeis e gentis carícias e sorriso irresistível ganhara não só seu corpo, mas também sua alma.

Somente uma silenciosa dança em um terraço à luz da lua e ela ficou perdida.

Esforçou-se em dizer a verdade.

— Desde que me tocou... Desde Essex... Soube que não podia. Assim que voltei conversei com Derek e retirei minha oferta.

— De forma que isto era uma armadilha?

A última coisa que ela desejava era que ele sentisse isso. Elevou a mão e lhe acariciou a boca com a ponta do dedo.

— Não. Não sei como chamar, mas não. Acho que Derek imaginava que se você acreditasse que eu seguiria adiante, analisaria seus sentimentos.

— Ocorreu-lhe pensar que eu não vontade de analisar meus sentimentos? Ela não pôde evitar rir ante o tom de desgosto dele, mas com certo acanhamento respondeu:

— Estou encantada com o que aconteceu... — Caroline elevou ligeiramente os quadris, para enfatizar a frase. — E agora estamos aqui. Assim. Importa-se?

Nicholas pareceu satisfeito com a declaração incompleta, pois grunhiu com um sorriso que lhe deu a aparência de lobo.

— Não me importaria, absolutamente.

Ele a penetrou-a com ímpeto, com rapidez e força suficiente para fazê-la ofegar. Penetrou-a por completo, até o fundo, e a maravilhosa sensação a fez tremer. Caroline fechou os olhos.

— Sim.

Moveram-se uníssonos, com seus corpos expressando o que não diziam em palavras. O ritmo era desprendido e selvagem, e Caroline se colou a ele enquanto escalava a trajetória do paraíso.

Não, não podia imaginar fazer algo tão íntimo e tão maravilhoso com alguém mais que não fosse o homem que estava com ela procurando juntos... Descobrindo...

A culminação foi enlevada. Foi um prazer tão agudo que ela sentiu como se o mundo tivesse parado e o céu desabado. Estremeceram-se envoltos em sensações intensas, antes de se deixarem cair no leito em uma mistura de braços e pernas e resistindo a conversar, já que a respiração se serenava para se normalizar.

Nicholas havia chegado ao clímax depois que ela. Ainda nua em seus braços, com o corpo úmido por causa da seqüela de uma paixão tempestuosa, uma parte dela continuava atônita, sem acreditar que tudo tivesse acontecido realmente.

Um dedo desenhava um atalho ao longo de seu queixo e acariciou o lábio inferior. Os olhos escuros a observavam sob o véu de pálpebras semicerradas. Nicholas sorriu, mas não o riso habitual e despreocupado. Pelo contrário, era um sorriso quase melancólico, uma palavra que ela nunca teria aplicado ao Duque de Rothay.

— Ainda sente temor?

Caroline se moveu, ato que lhe custou certo esforço, pois se sentia maravilhosamente saciada e satisfeita.

— O que?

— Naquela noite em sua carruagem, você me disse que eu te inspirava temor.

Ela negou com um gesto de cabeça e seu cabelo se espalhou por seus ombros e suas costas nuas.

— Disse que sentia temor do escândalo.

— Já não sente?

Nicholas queria dizer que ofereceria algo diferente do que acabavam de compartilhar? Sem saber exatamente como responder, Caroline se recostou contra ele em silêncio, vacilante, sentindo que sua felicidade se esvaia um pouco.

— Caroline...

— Se está me pedindo que volte a ter uma aventura contigo, — ela admitiu devagar, — acredito que não seja o motivo pelo qual cavalgou até aqui. Os dias que passamos juntos foram uma revelação para mim. Isso você já sabe. Sexualmente, sim, mas em sua cama não descobri somente sabedoria. Lembra-se quando estávamos na clareira do bosque e fizemos amor pela primeira vez? Sei que não fiz o comentário que você esperava, mas te disse a verdade. Você é um homem muito bom, Nicholas. Além de todos os detalhes do título, linhagem, riqueza e desenvoltura sexual, você é... Você.

Ele acariciou-lhe o queixo com doçura e a obrigou a elevar a cabeça, para poder compartilhar seu olhar.

— E o que isso significa?

Como Caroline gostaria de ser indiferente. Mas não conseguiu e sussurrou: — Apaixonei-me por você. Pelo homem. Não pelo Duque diabólico, mas sim do homem real.

Capítulo 25

Três dias. Já haviam passado três dias desde que tinha voltado para Londres, da pequena estalagem onde imaginava que Nicholas e Caroline estavam usufruindo imensamente.

Ao contrário, ele não estava bem. Manter-se afastado da residência de seu tio na cidade era uma tortura, mas não sentia nenhum desejo de aparecer em sua porta, como um abutre sobre um cadáver, quando se tornou pública a anulação do noivado de Annabel. Esperava.

Três longos dias.

O crepúsculo havia chegado carregado de insidiosas intenções e depois a escuridão, enquanto ele continuava sentado, taciturno e vacilante. Seu escritório habitualmente limpo estava repleto de documentos que não havia nem tocado, porque não tinha capacidade de se concentrar. Uma lufada da brisa noturna trouxe consigo aromas da rua e do jardim, numa mistura de fumaça da lareira e rosas murchas.

Era tarde. Talvez devesse sair. Talvez devesse ir ao White's ou ao Brook's, qualquer dos dois clubes e procurar um canto e uma garrafa de uísque e...

E o que? Para pensar nela em outro lugar?

Sim, e seria proveitoso.

O som de um leve chiado o despertou de sua concentração. Ao se dar conta que não estava imaginando coisas franziu o cenho, alarmado, e ao avistar uma esbelta perna deslizando sobre o marco da janela se sentou, paralisado.

Poderia ter se assustado, mas logo pensou que intrusos não tinham panturrilhas tão bem formadas e tampouco andavam vestidos com trajes de noite, de seda de cor creme. Fascinado pela surpresa ficou imóvel em sua poltrona.

Mas seu coração começou a pulsar.

Annabel aterrissou no chão com a respiração agitada e depois se levantou e sacudiu a saia. As cortinas atrás dela se movimentaram com uma revoada que emoldurou seu corpo estilizado. Como se fosse a coisa mais natural do mundo subir pela janela de seu escritório, ela se limitou a dizer:

— Vi que a luz estava acesa.

Com certa demora, porque continuava atônito, Derek saltou e com o ato quase derrubou a poltrona.

— O que está fazendo aqui, Annie?

Com seu cabelo dourado e a pele de marfim, ela o fitou com o queixo ligeiramente elevado e um tom desafiante nos olhos azuis.

— Este não é o método que nos acostumados a usar para visitar um ao outro?

Derek lhe devolveu o olhar, se perguntando se não estaria sofrendo de algum tipo de alucinação absurda.

— Demônios, Annie. Não. Se queria me visitar, e damas não visitam cavalheiros, por que não veio com um batalhão de acompanhantes e entrou pela porta principal.

O queixo de Annabel se elevou um pouco mais.

— Entendo. Há uma série de normas para você e outras muito diferentes para mim. É perfeitamente correto que você suba pela janela de meu quarto, se tem algo a me dizer, e eu não tenho a mesma liberdade?

Derek passou a mão pelo cabelo.

— Por Deus santo, Annie! Você sabe que não. Margaret e Thomas sabem que está aqui?

— Claro que não.

Derek se sentiu empalidecer.

— Por favor, me diga que não veio andando.

— Não pediria uma carruagem, certo? Não está longe e eu não sou uma aleijada.

Uma moça sozinha pelas ruas e... Derek voltou os olhos para o relógio e confirmou que era mais de meia-noite... Àquelas horas; embora a vizinhança fosse tranqüila e respeitável era uma imprudência suficiente para que sentisse um tremor nos joelhos.

— Deus, — murmurou, — você é uma pequena tola.

— Preciso falar com você.

— Vou deixá-la a salvo em casa.

O termo, obstinada, não bastava para descrevê-la. Derek replicou com dureza, porque seguia emocionado pelo risco que ela havia corrido, não só para com sua reputação, como também para sua segurança.

— Não. — Ela inspirou bruscamente e meneou a cabeça. — Agora tenho a coragem para fazer isto. Amanhã pela manhã talvez mude de idéia. Além disso, quero seguir adiante e não dedicar nem um minuto mais a esta batalha interior que pelo visto não posso resolver. Não está interessado em saber o que me trouxe até aqui?

Era a mesma pergunta que ele havia lhe feito na noite que havia se sentido tão desesperado, a ponto de entrar pela janela de seu quarto.

Ela havia lhe respondido com uma negação.

Mas não havia dito a verdade. Notara, sentira a vulnerabilidade em seus olhos. Já tinha havido muitos maus entendidos entre eles, para piorar a situação com mais mentiras.

Simplesmente disse:

— Já deve saber que sim.

Com a resposta, Annabel duvidou. Estava tão encantadora sob o leve resplendor da luz do abajur... Seu vestido fazia com que parecesse mais jovem e inocente que nunca. Embora fosse o bastante decotado para insinuar um pouco as curvas de seus seios firmes. Já não havia nada de infantil nela. Ela era uma mulher sedutora em todos os aspectos, incluído o espírito independente.

E isso era algo cativante, o que ele não necessitava. Já era seu cativo.

— Inteiarei-me. — Replicou a fim de ajudá-la.

Ela não tentou fingir que não sabia do que ele falava.

— Sim. Imagino que a estas alturas todo mundo sabe que cancelei meu compromisso com Alfred. Senti-me terrivelmente mal ao fazê-lo, mas não tão mal como se tivesse feito o fraco favor de casar com ele. Parece-me que ele sequer se surpreendeu muito, tal como você disse.

Derek se limitou a fitá-la. Arqueou uma sobrancelha, devagar.

— Não seja presunçoso. — Ela ralhou.

Teria sido mais efetivo se ela não tivesse quebrantado a voz. Não foi muito, somente um deslize de tom, mas bastou. Para a esperança.

— Tentarei não ser. — Ele murmurou. — Sequer estou seguro de que haja algum motivo para que seja presunçoso. Há? Salvo, talvez, sua insólita presença aqui a estas horas.

— Continuo zangada com você. — Ela nem respondeu à pergunta.

— Notei. — Ele admitiu com lúgubre ironia. — Nunca havia pago tão caro um engano.

Annabel fitou-lhe com olhos luminosos e a boca um pouco trêmula.

— Nem sei por que tenho que falar contigo. Durante todo o ano passado estive tentando entender, que a imagem de um homem a quem acreditava conhecer se ajustasse a quem você realmente é e não foi uma tarefa agradável. Dê-me uma razão lógica para confiar em você.

A ele não havia ocorrido pensar em nenhum momento que seria fácil. Havia certa vantagem, e desvantagem, em conhecer tão bem a alguém. Ela amava de forma total, mas acusava a traição com a mesmo paixão. Derek se concedeu um momento e depois disse em voz baixa:

— Sei que no ano passado me comportei de forma insensível e estúpida Annie. Por favor, não duvide em me considerar assim. Mas me ouça por um momento. Eu não podia entender que o que estava acontecendo entre nós,

parecia tanto proibido como antinatural? Você era muito jovem e ali estava eu, com a reputação que não posso evitar e que provém em parte de meu pai. Mais uma desacertada inclinação para com a protegida de meu tio. Era-me bastante difícil saber como agir.

— De maneira que caiu diretamente nos complacentes braços de Lady Bellvue. — O olhar acusador era inconfundível. Ela ainda estava zangada.

Mas também estava ali. Tinha ido até ele.

— Expliquei-lhe o porquê e me desculpei. — Derek procurou as palavras adequadas, algo que mitigasse a tensão que a postura dos graciosos ombros de Annabel evidenciavam. — Antes, nunca havia me ocorrido pensar em compromisso.

— Antes?

A pergunta formulada com delicadeza expôs-lhe um desafio. Muito bem. Ela precisava ouvi-lo. Satisfizes-lhe:

— Antes de você.

— E agora sim? Disposto a pensar em compromisso?

— Sim.

Ela engoliu a saliva e os músculos de seu pescoço se contraíram visivelmente.

— Necessito de provas.

Bem, era bastante difícil cumprir essa ordem, mas ela merecia pelo menos o que Hyatt havia lhe dado e inclusive mais.

— Case-se comigo, Annie. — Derek pediu com a voz rouca.

Ela deu um passo para ele; em sua face havia uma expressão difícil de interpretar.

— Quer que me case contigo?

— Acabo de pedir. — Derek não podia acreditar que houvesse soltado tão facilmente, renunciando a sua liberdade, sem dúvidas ou desculpas. — Sim, quero que se case comigo. Que seja minha esposa.

— Se for sincero, resolveremos. — Na face de Annabel mostrava certa determinação, com as finas sobranceiras ligeiramente unidas e os doces lábios apertados. — Tome-me.

Ele ficou imóvel, com todos os músculos tensionados. Atônito e impressionado fitou-a atentamente.

— Como?

— Tem problemas em ouvir? — Ela se aproximou mais e a ele não passou despercebido o gentil balanço dos quadris, de forma consciente ou não, provocantes. — Leve-me para sua cama. Temos até o amanhecer.

Derek ficou pasmo. Embora suas emoções ressissem à sugestão sentiu que seu corpo reagia. Depois de um momento conseguiu se expressar: —

Não tenho intenção de lhe tratar de forma pouco honorável.

O sorriso dela foi inesperadamente sedutor, para uma jovem inexperiente.

— Supõe-se que você seja o amante mais hábil da Inglaterra, não é verdade? Acredito que é isso o que proclamou ante toda a sociedade. Inclusive dizem que apostou uma pequena fortuna para defender esse título.

— Eu estava...

— Sim, sei. — Ela o interrompeu levantando os olhos para ele, com a sombra de seus traços e a bela fisionomia iluminada pela luz trêmula. — Naquele momento estava bêbado, mas mesmo assim a idéia deve ter surgido de certa convicção íntima e eu quero que demonstre. A mim.

— Annabel. — A recriminação perdeu efeito quando ele dirigiu o olhar para sua boca, de forma involuntária. — Não me tente, por favor.

— Por que não?

— Thomas me cortará a cabeça, para começar.

— Não contaremos a ele. — Annabel se aproximou o bastante para colocar uma mão sobre seu tórax. Ele sentiu a leve pressão através da camisa de linho. — É algo que desejo. Sem dúvidas, sem possibilidade de que você mude de opinião e sem que haja volta, para nenhum dos dois. Se há algo que sei de você é que não seduz jovens inocentes. Sequer quando afirmava a mim mesma que o odiava, considerava que este fosse um de seus pecados.

Era verdade. Ele não fazia isso.

— Então, — Annabel continuou como se estivesse propondo algo lógico e perfeitamente coerente, — se fizer isto... Se me comprometer saberei se sua proposta é autêntica.

— É autêntica. — Derek protestou sem saber como agir, porque receber propostas de uma dama jovem e respeitável estava fora do âmbito de sua experiência. As dúvidas de Annabel eram de certo modo ofensivas, mas tampouco havia lhe dado muitos motivos para confiança.

— Então concorda?

— Podemos esperar até a noite do casamento.

Derek lutava desesperado para se comportar como um cavalheiro e evitar a repentina ereção. Ela estava tão perto e tão tentadora, e enfocava de tal modo todos os seus desejos, que...

— Eu não quero esperar. Isto é importante para mim.

A convicção em sua voz o desarmou. Maldição. O que devia fazer? Postular uma canonização? A mulher que desejava mais que tudo no mundo estava pedindo que a levasse para a cama. Por outro lado, sussurrou uma voz traiçoeira em seu interior, a anulação de seu noivado

tinha gerado muitos rumores, e ela não podia se comprometer formalmente de um modo imediato, sem que os comentários adquirissem proporções ensurdecedoras, de forma que um casamento rápido e discreto era apropriado em qualquer caso.

Derek tentou uma vez mais.

— Vou acompanhá-la até sua casa.

— Não. Você afirma que me ama. Demonstre-o. — Tremeram-lhe os lábios. Não muito, mas ele notou.

— Não só afirmo. Amo você. — Disse com a voz tomada.

— Então me beije.

Desejava tocá-la, beijar os doces lábios, abraçá-la forte e fazer com que ela se perguntasse como podia ser... Como seria. Ele sabia como dar prazer a uma mulher, como provocar ardorosos suspiros e movimentos sutis, como levá-la perto do êxtase e fazer que deslizasse pelo precipício amoroso no momento apropriado.

Annabel elevou os olhos; estava tão bela que ele conteve a respiração.

— Entende o que isto é para mim? — A voz era débil; os olhos, aquosos.

— Durante o ano passado, — ele informou bastante afetado também, — aprendi muito sobre o amor frustrado, Annie.

— Ensina-me. Acredito que eu também sei o que é.

Derek não pôde resistir. O impulso de abraçá-la era muito forte. Como o brilho de seus olhos. Atraiu-a para si e deslizou os polegares pela superfície de seu rosto, impregnado agora por uma umidade reveladora. Acariciou-lhe as sobrancelhas com os lábios.

— Permita-me que lhe defina. Podemos comparar nossas notas. É uma tortura, mas ao mesmo tempo é o maior dos prazeres. Destroça-lhe o coração, mas também é algo jubiloso. É prodigioso e desesperador ao mesmo tempo. Está bem?

Um gesto de assentimento foi quase imperceptível, entre as mãos que embalava.

— Annie. — Derek baixou a boca.

— Sim.

Seus lábios se encontraram, acariciaram-se, separaram-se e voltaram a se encontrar. Com todas as legiões de mulheres, com todos os flertes sem importância, conversas tranquilas e momentos de abandono em quartos proibidos, ele jamais havia se sentido como agora. Jamais sentira a dissipação da ternura, a necessidade agônica, jamais sentira um desejo tão intenso.

Estava acostumado a se orgulhar que sua sutileza era de domínio público, mas quando ela se mexeu em seus braços e o corpo esbelto tremeu,

perdeu a ciência do que estava fazendo. O único sentido que lhe vinha a mente era a morna e macia boca colada aos seus lábios e o tímido toque de sua língua, que enviou uma sacudida do mais puro desejo diretamente ao seu membro já teso. O sabor dela era celestial.

Mesmo que o planeta tivesse deixado de girar sobre seu eixo, e todos os pássaros da terra tivessem emudecido e os oceanos secados, o mundo não teria mudado tanto para Derek.

Prolongou o momento; provou, brincou, sussurrou seu nome ao ouvido, retendo-a com delicadeza, com uma mão na parte baixa de suas costas. Mas finalmente deixou de ter sentido; levantou a cabeça a fim de fitá-la, esperando, rezando para ver em seus olhos o mesmo brilho de luz que havia ali um ano antes que ele o escurecesse e o destruísse.

Os olhos eram de um azul intenso, cílios muito longos, nariz reto, a silhueta do queixo, perfeita. E sua boca, tão capaz de mostrar o devastador sorriso que tanto as mulheres comentavam, como os beijos ternos e persuasivos que lhe provocavam tremores nos joelhos... Bem, ela não podia nem sequer descrevê-lo.

Não obstante, naquele momento Derek não sorria. Absolutamente. Seu olhar estava nela como com uma pergunta implícita.

— Amo você.

Desta vez ele confessou sem vacilar. Sem sentir que despencava de um precipício para uma morte dolorosa. Não houve rastro de dúvidas.

Derek a amava. Quando Annabel pensou novamente em todas as fantasias infantis, e já não tão infantis à medida que crescia, que imaginava sobre este momento, não pôde evitar o sorriso que apareceu em seus lábios.

— Sempre acreditei ter uma imaginação excelente, mas agora você me convenceu do contrário.

As mãos que lhe rodeavam a cintura se enrijeceram levemente.

— Mas como?

— Aquele primeiro beijo foi muito romântico e eu não acreditava que fosse capaz de superá-lo. Quero saber mais agora.

— Desta vez não vai parecer em nada ao do ano passado, prometo-lhe. — O tom alterado de sua voz a fez estremecer diante da expectativa.

— Necessito dessa promessa. — Annabel deslizou os dedos maciamente pelo braço dele e notou os músculos em tensão através da camisa.

— Eu sei. — Ele a beijou outra vez, mas levemente agora; somente roçou seus lábios aos dela. — Diga-me diga mais o que quer. Todos os seus sonhos.

Não era pouco o que pedia aquele homem. Um ato de fé que a levasse

aos seus braços e ao seu leito, e seus sonhos, além disso? Annabel vacilou até que ele lhe disse com voz grave:

— Ajude-me. Não me interessa mais cometer enganos que leve um ano para reparar.

Podia ser que ela não fosse experiente como as mulheres que ele estava acostumado a se relacionar, mas estava bastante entranhada em seus braços, para notar a rígida protuberância que sobressaía em sua calça. O rubor invadiu suas bochechas e ela apertou o rosto ardente contra o peito largo.

Ele não pensava em livrá-la. Tocou-lhe o queixo com os dedos e o elevou até seus olhos se encontrarem.

— Annabel...

— Desejo-o. — Ela confessou.

— Oh, você me tem. — Respondeu e intensificou o abraço, com a respiração ardente contra sua têmpora.

Ela havia pago um elevado preço, mas agora ansiava ouvir as palavras. Talvez um ano de tristeza, rechaço e desilusão valessem a pena para viver este momento.

Ele sorriu. Normalmente o sorriso fazia palpar o coração de todas as mulheres, mas desta vez era somente para ela. Ela era a única mulher que o recebia.

Annabel queria. Amava-o.

— Não pare. — Pediu. As duas palavras eram as mesmas havia murmurado um ano antes, mas agora possuíam muito mais significado.

— Não parei. — Ele assegurou. Seus olhos se escureceram semicerraram. — Se tentasse não conseguiria. Se for o que deseja, siga-me.

Derek segurou-lhe a mão com gentileza e a guiou ao atravessar o aposento e depois o corredor em penumbra, até que chegaram a uma escada. A silenciosa quietude da casa lhe inspirou o proibido, mas o certo era que ela estava fazendo algo totalmente proibido e que, não obstante, queria fazer.

Podemos esperar nossa noite de casamento...

Seu marido.

Ela iria se casar com o audacioso Conde de Manderville. O escândalo que provocaria assim que a alta sociedade soubesse seria assustador, mas não tão assustador como a perspectiva de deixá-lo guiar e permitir que a levasse ao seu quarto.

Porque ela havia pedido, como se fosse uma prova de fogo.

Agora não havia volta atrás, pensou enquanto subia os degraus e sentia a

morna firmeza com que Derek mantinha seus longos dedos entrelaçados aos dela. Bem, não era exatamente certo, porque embora tivesse notado o quanto ele estava excitado quando a beijou, sabia que se a coragem a abandonasse ele a deixaria partir.

— Ainda está segura do que quer? — Ele perguntou como se lesse seus pensamentos, com a mão no vistoso marco da primeira porta do corredor do andar superior. — Ainda posso levá-la para casa e confiar que consiga entrar sem que a vejam, mas de qualquer forma...

Agora já não havia mais forma de que ela voltasse. Havia rompido seu compromisso com Alfred e arriscado sua reputação saindo da casa às escondidas, tinha despido sua alma e havia proposto a escandalosa oferta.

— Estou segura do que quero, Derek.

Então ele a beijou. Beijou-a enquanto a fazia entrar no quarto, enquanto a conduzia à cama até que esta se chocou com suas pernas, e a beijou enquanto começava a lhe desabotoar o vestido. Annabel notou de um modo vago, como suas vestes caíam ao chão. A única coisa no mundo que realmente sentia era os lábios de Derek, vivos e famintos, contra os seus. Passou os dedos em seu cabelo sedoso e sentiu o ardor de sua pele contra a palma da mão, na certeza de que ele a desejava. Estavam tão estreitamente unidos que o forte pulsar do coração dele fazia vibrar seus seios colados ao corpo dele. Cada som reverberava através de sua própria alma.

— Annie, Annie. — Ele murmurou em sua boca, afastando com as mãos, o que sobravam de suas vestes e percorrendo sua pele.

Descobriu que não havia tempo de sentir vergonha ou acanhamento quando ele a despiu de repente e a deitou sobre a cama, que era grande, cômoda e espaçosa, tanto que mesmo quando ele se despiu da camisa, tirou a calça e se reuniu a ela, absolutamente masculino, impressionante e excitado, ainda sobrou espaço.

Ele era magnífico. Forte, escultural e belo.

— Preciso de você. — Ele abraçou-a com o olhar. Ela sentiu a ardente vibração de sua ereção contra o quadril e soube que ele falava a verdade. Poderosos braços a estreitaram e mesmo que devesse se sentir assustada, simplesmente... Não estava.

— Vou te acariciar até que grite. — Ele prometeu mordiscando-lhe o pescoço. — Até que grite meu nome.

Annabel se arqueou incapaz de acreditar no que iria fazer... Finalmente se entregar a Derek.

— Acaricie-me. — Ofegou.

— Porque você deseja se comprometer. Porque não quer voltar atrás. —

Sua respiração fazia cócegas em sua orelha.

— Sim.

— Porque você... Deseja-me? — Derek traçou com a língua um interessante arco ao longo de seu pescoço. — O bastante para entregar sua virgindade como uma oferenda, para selar nosso pacto? Permita-me que diga que é uma estratégia amorosa, meu amor.

Meu amor...

Em outras circunstâncias poderia ter negado a insinuação de que teria planejado tudo. Quando na verdade havia andado por seu quarto pensando, refletindo e pensando novamente até se zangar. Até que o relógio anunciou a meia-noite não reuniu coragem o bastante para sair da casa na escuridão como uma fugitiva. Baixou sigilosamente a escada de trás, atravessou a porta de serviço e percorreu a rua apressadamente para chegar até ele. A luz na janela do escritório dele na parte térrea da casa tinha sido uma bênção, um presente. Ela havia imaginado que precisaria chamar um criado e perguntar por ele, despertando a metade dos outros. Como havia acontecido era melhor.

Era como um sonho que se tornava realidade.

Ele cobriu seu seio nu com a boca. Um calor úmido se fechou sobre seu mamilo e ela ofegou, se arqueou sobre a suavidade dos travesseiros, com o corpo repentinamente em chamas. Derek sugava-a com doçura, enroscando a língua ao redor do mamilo tenso, até que ela se sentiu como se tivesse deixado de respirar e soube que estava acontecendo realmente. Estavam nus e abraçados; ele inclinava sua cabeça loira sobre ela e praticava a magia. Derek provocava sensações mágicas com os lábios.

— Oh... — Annabel se colou a ele, com o corpo tenso sentindo os efeitos de seus beijos sobre o abdômen e logo depois entre as pernas.

Era assim? Era sobre isso que as mulheres sussurravam?

— Deus, Annie. Desejo-a tanto... — A barba incipiente lhe acariciou a pele. Pegou entre as mãos seu monte de Venus, moldou-o e roçou com o polegar o que tinha diante.

— Derek. — Ela tinha a voz crispada, vacilante.

— Preciso provar cada centímetro teu.

A seca aspereza do tom aumentou a trêmula reação dela ante a sedutora carícia. Ele a explorou sem pressa com os lábios e a língua, e depois roçou a boca no vale entre a carne que albergavam nas mãos.

Ela desejava gritar de prazer, mas mal conseguiu se conter. Reteve o lábio inferior entre os dentes e sufocou um gemido. Era assim? Perguntou-se. Os beijos embriagadores, o açoite ardente e perverso de seus lábios sobre a pele ao elevá-los, e a sensação de entrega e abandono.

Sim, decidiu após um momento, enquanto ele acariciava um acalorado atalho ao longo de sua clavícula e emitia um som surdo com a garganta. Essa era exatamente a razão primitiva pela qual ele e o pecaminoso Duque de Rothay haviam feito a aposta. Porque ele sabia com exatidão o que fazer. Devia saber, porque ela não tinha nem idéia e estava ali, sob ele, com o corpo entregue ao seu prazer sexual... Ou seria o dela? Seus sentidos estavam subjugados e os limites da definição eram vagos, imprecisos.

Quando ele voltou a se deslocar com uma série de beijos para seu ventre, não o compreendeu até que...

Oh, Deus... Até que se deu conta de que a boca dele estava em um lugar que nunca sonhou que alguém queria provar. Ele dizia a verdade quando prometeu que seria por toda parte. O êxtase feroz que o escandaloso beijo entre suas coxas afastadas provocou criou um torvelinho em sua mente. Derek a impeliu sobre a cama e lhe afastou mais as pernas para facilitar o acesso; voltou a baixar a cabeça e obteve um grito revelador que ela não pôde evitar que saísse de seu interior.

— Perfeito. — Ele murmurou, sem deixar de acariciar a carne sensível com os lábios. — Se entregue, Annie. Não resista. Vamos fazer isto da forma correta. Quero que esteja unida a mim para sempre.

Não resistir a que...? Oh, Deus! Ela reagiu com a sacudida à invasão de sua língua, choramingou ante a hábil carícia no ponto certo e notou que sua mão tremia quando tocou a cabeça dele para afastá-lo. Ou para aproximá-lo mais. Não sabia; seu corpo estava subjugado...

Então chegou. Como uma onda enorme que avançou, permaneceu suspensa e depois desceu com um estrépito transbordante. Annabel se retorceu, tentou respirar e estremeceu como se as ondas avançassem através dela com enlevadas pulsações.

Era... Incrível.

Tão irresistível que apenas notou que ele ajustava sua posição, se deslizando para tomá-la. E seu membro a penetrou, primeiro somente com a pressão contundente, e depois de forma plena, enquanto começava a verdadeira posse de seu corpo.

— Provavelmente sente a prova de minha lealdade que desejava, Annie. — Ele beijou-a. Seus lábios se uniram de um modo breve e rude e ele fechou os olhos. Estava mais formoso que o David de Michelangelo. Músculos esculturais de mármore, traços apolíneos, e uma expressão que indicava supremo controle. — Eu tomarei o que quer me oferecer e tentarei devolver em dobro. Abra-se um pouco mais para mim. Serei tão gentil como possível.

Estremecida ainda pela intensidade do prazer que ele havia lhe dado e

vagando ainda entre suas seqüelas, Annabel não resistiu; deixou que ele lhe afastasse ainda mais as pernas.

— Eu nunca fiz antes. — Ele sussurrou em sua boca e penetrou-a um pouco mais, distendendo a cavidade feminina com a inexorável irrupção. — Se cometer algum engano, perdoe-me.

Annabel lutou contra o impulso, inapropriado naquele momento, de rir.

— Mas você...

Ela se deteve sem fôlego ao sentir o agudo rompimento de sua membrana virginal e então ele entrou por completo em seu interior.

Todo ele. Toda ela. Juntos. Era uma dor incômoda, mas insignificante comparada à maravilha de estarem tão unidos, tão perto.

— Sinto muito. — Derek sussurrou e lhe beijou a face, a ponta do nariz, o canto dos lábios. Depois murmurou contra eles: — Agora você é minha... Para sempre.

— Sempre quis ser. — Ela completou cravando as unhas em nas costas musculosa, absolutamente triunfante. — Para sempre.

Derek se silenciou penetrando-a, mas sem movimentar. Mostrava uma expressão peculiar e intensa em seu rosto, que contradizia o habitual e indolente encanto.

— Diria que este é o momento perfeito. Sei que sou egoísta, mas embora acabe de agraciar com o mais primoroso presente que uma mulher pode dar a um homem, desejo mais que sua pureza, Annie. Por favor, me diga.

Ela fitou atentamente os olhos celestes, comovida pela súplica que havia no tom de sua voz.

— Amo você. Sempre te amei. Esse era o problema. Mesmo quando dizia a mim mesma que o odiava, no fundo sabia que continuava te amando.

— Neste momento, — ele confessou em voz baixa e com um suspeito brilho de lágrimas nos olhos, — sinto-me o homem mais afortunado da terra. — Então ele se apoiou em um cotovelo e lhe acariciou a bochecha com o dorso dos dedos. — Sou o homem mais afortunado da terra.

Estaria verdadeiramente comovido até as lágrimas, o notório Conde de Manderville?

Pois sim, ela comprovou elevando a mão para acariciar maravilhada os cílios aveludados e a extremidade do olho onde descobriu um minúsculo rastro de umidade.

— Derek.

Uma mão escorregou sobre seu ombro e os dedos firmes deslizaram com carícias sugestivas.

— Confessamos, de acordo?

Annabel levantou os quadris um pouco, sem atinar, feliz que o desconforto

estivesse cedendo, enquanto seu corpo era tomado pela sensação de plenitude e posse.

— Terminou? — Perguntou sem fôlego, por uma razão que quase não compreendia, e uma estranha excitação que substituiu qualquer sensação de temor.

— Não. — Ele respondeu enquanto ressurgia o familiar sorriso, que ela sentiu tanta falta, imprudente e juvenil, com um gesto dos lábios tão embriagador como uma taça de bom vinho. — Agora que declaramos nossos sentimentos, acabemos tal como você pediu. Acredite-me, não terminamos. Absolutamente. Deixe-me ensiná-la.

Derek começou a se movimentar, deslizando e energicamente nela; nela. O membro rígido deslizou para logo investir, e para surpresa de Annabel o movimento proporcionou uma sensação atraente, que logo se converteu em outra completamente diferente.

Estimulante. Decidiu quando seu corpo começou a se adaptar e a responder o ritmo das investidas e retiradas. Ele deslizou a mão entre os dois e acariciou-a enquanto continuava e ela sentiu prazer a cada carícia, a cada movimento.

— Outra vez, Annie. — Ele insistiu com os olhos semicerrados. — Por mim.

O que ele queria? Ela se perguntou, até que sentiu a prazerosa sensação que arqueou suas costas. Apertou as pernas ao redor dos quadris de Derek e emitiu um som muito impróprio de uma dama, entre o gemido que emergia de sua garganta.

A sensação era tão... Boa. Era muito boa.

Incrível.

Inconcebível.

Segurou a colcha da cama entre os dedos, deixou de respirar e o mundo se afastou. Estremeceu e se colou-se a ele, pele a pele úmida, com o corpo tremendo de prazer. Derek grunhiu e ficou imóvel, com os músculos rígidos, e ela sentiu o pulsar de um curioso fluido quente em seu interior.

O quarto ficou em silêncio salvo pela respiração entrecortada dos dois. Annabel começou a rir, pela razão que fosse, pois não estava segura de poder respirar. Rodeou com os braços o pescoço de Derek e murmurou:

— Agora acredito em você. Deseja mesmo se casar comigo.

Os lábios de Derek se movimentaram sobre sua testa.

— Nunca fui tão sincero em toda minha vida.

Capítulo 26

Todo paraíso tem sua serpente rasteira.

O cartão de visita chegou em uma bandeja de prata e a princípio Caroline o fitou com desinteresse, mas quando reconheceu o nome impresso, uma sensação de apreensão lhe provocou uma contração no estômago. Embora normalmente teria rechaçado, pelo visto nesse dia não seria possível, segundo seu mordomo.

— Ele insistiu muito, Milady. E diz que sabe a Senhora está em casa.

Ela não entendia como podia ser, mas a última vez que havia falado com ele, Franklin tinha aparecido de repente no melhor momento.

Ou no pior, segundo o ponto de vista de cada um.

Norman já não era jovem e não era alguém que pudesse expulsar Franklin Wynn, que tinha vinte anos a menos e era imensamente mais decidido. Caroline pronunciou uma maldição muito imprópria e murmurou:

— Muito bem, faça-o entrar.

— Não será necessário. Bom dia, Milady.

Atônita ante o descaramento de Franklin que tinha seguido o mordomo sem esperar a receber resposta de seu pedido, Caroline fitou o homem que entrou na sala e empurrou um Norman visivelmente indignado ao passar por ele.

Enquanto ele atravessava o aposento, ela constatou que o primo, não é que ela estivesse encantada com o parentesco, se vestia com a cor da ameixa. Era impossível não prestar atenção. Arroxeados escuros na casaca, um matiz menos intenso no colete bordado, calça na cor lavanda e inclusive sapatos do mesmo tom, com meias três quartos brancas de seda. Nos pálidos olhos brilhavam o costumeiro gelo. A boca estava torcida de uma forma que fez com que Caroline contivesse o fôlego, de medo. O cabelo negro estava penteado para trás, afastado do rosto atraente e altivo.

Uma expressão que ela não gostou, absolutamente.

— Conforme vejo, você retornou do campo. — Sem que ela indicasse e sem mais que uma breve e insignificante inclinação de cabeça, ele levantou as abas da casaca e sentou em uma poltrona. Com grande naturalidade. Como se a sala fosse dele e não dela. — Esta é a segunda expedição em um mês, não é? É curioso, não sabia que viajava tão freqüentemente

Como demônios ele sabia onde tinha ido?

— Sim. — Respondeu, quase sem entonação.

As seguintes palavras lhe produziram calafrios.

— Como estão Rothay e Manderville?

Oh, Deus santo!

Sua mente ficou em branco durante um segundo.

Pense...

Caroline estava revisando a correspondência na saleta e afastou a missiva que estava lendo com muita atenção, para que ele não detectasse que sua mão tremia.

— Perdão?

— Esses dois lascivos libertinos são a fofoca da cidade neste momento. Como estão? — Franklin se reclinou de novo na poltrona com ar triunfal e um sorriso zombeteiro na face.

Ele realmente sabia de alguma coisa ou estava pesquisando-a?

Um arrepio a fez estremecer, apesar do sol quente sol da manhã entrava pelas janelas e proporcionava à arejada saleta um confortável calor.

— Estou confusa, Milord. Como vou saber?

— Minha teoria é que você, apesar que as aparências fariam todo mundo acreditar que não, é naturalmente o juiz da jactanciosa competição. Por que se não, como encontrou os dois em uma lóbrega estalagem?

Caroline sentiu seu estômago se encolher.

— Isso é mentira, meu senhor.

Ele se inclinou, com as mãos sobre os joelhos.

— Ah sim?

— É claro. De onde tirou uma idéia tão estapafúrdia?

— Em efeito, de onde?

Seria muito difícil manter a brincadeira absurda do gato e o rato, com o coração pulsando alucinado como o galope de um dos fabulosos cavalos de Nicholas.

— Parece-me que é uma pergunta muito clara.

Mas ele não a respondeu.

— Interessa-me muito saber o resultado. Diga-me, Manderville não conseguiu estar à altura? Pelo que sei ele chegou primeiro, mas não ficou muito tempo. Mas você e o Duque passaram várias noites juntos. Deduzo que Rothay seja o ganhador?

Ante a aterrorizante certeza de que ele soubesse realmente, Caroline se sentiu desfalecer. Franklin era a última pessoa no mundo que desejava que tivesse alguma vantagem sobre ela. Tentou por todos os meios manter a compostura. Essa tinha sido sua única defesa contra Edward e certamente precisava dela nesse momento.

— Você tem algum motivo para vir aqui e lançar estas escandalosas acusações contra mim? — Perguntou em um tom muito convincente.

Franklin estalou a língua.

— De repente você ficou pálida. Quer que lhe traga alguma coisa?

Vá embora. Ela gritou mentalmente. Fora. Mas por outro lado, não queria que ele saísse até saber com que intenção tinha vindo.

— Encontro-me bastante bem, obrigado.

— Certamente. Você está encantadora. Gosto do tom de sua cor, mas sua beleza é inegável se vista como se deve. Ou se não está vestida, estou seguro. Suspeito que me vai parecer ainda mais atraente quando estiver nua em minha cama, com as pernas abertas, como a puta que demonstrou ser.

Caroline sentiu a bÍlis subir até sua garganta. Suas mãos tremiam e ela as apertou com tanta força, que lhe doeram os dedos. Durante um momento somente foi capaz de observar atentamente o olhar de sádica alegria que ele mostrava. Ele era parecido com Edward. Era como reviver um pesadelo. Ela já tinha visto antes aquele brilho lascivo em olhos pálidos muito similares, e soube o que isso significava.

— Não importa que me ameace contando baixeiras sobre mim. Não serei sua amante. — Expressou com total e imperturbável convicção.

— Tampouco quero que seja. — O tom de voz tinha um matiz zombeteiro, e Franklin sorriu de um modo que a fez lembrar um réptil. — Estou lhe propondo matrimônio. Sua lassidão moral é algo que posso deixar de lado, se pensar na fortuna que ganharei.

Um segundo casamento com um homem que lhe recordava tanto o brutal e insensível marido que tivera e somente estar em sua presença lhe provocava náuseas? A idéia era tão repugnante que teve que afogar uma gargalhada histérica. Seria melhor o ostracismo social.

Caroline fitou seus olhos.

— Jamais.

Ele entreabriu os olhos e suas mortÍças bochechas enrubesceram.

— Parece-me que não me entendeu muito bem. Não tem você alternativa.

— Tenho muitas alternativas. Por favor, saia de minha casa.

A ênfase teve o efeito desejado e Franklin apertou os lábios. Também se levantou, mas não fez nenhum movimento em direção à porta. Em vez disso deu um passo para ela.

— Eu a destruirei. Mancharei seu nome até que não voltem a recebê-la em nenhum lugar. Até que nenhum homem decente dirija seu olhar a você, a menos que deseje um encontro rápido com uma famosa prostituta.

— Ninguém acreditará em suas maliciosas mentiras, Milord. Minha fama

de discreta e distante é conhecida por todos. — Era uma fanfarronice, mas não se importou. A única coisa que queria era ele que se afastasse dela.

— Tenho o testemunho dos homens que contratei para vigiá-la, minha querida Caroline. Além de uma declaração escrita pelo hospedeiro, que confirma você chegou com um homem e partiu com outro. Acreditava que isso não chamaria a atenção? Se lhe servir de consolo direi que à mulher do hospedeiro pareceu bastante romântica ao saber da presença do Duque, mas também é verdade que muitas mulheres caem sob o enfeitiço de Rothay, conforme sei. A mulher descreveu os três perfeitamente.

— Por que fez com que me seguissem? — A última coisa que queria era tabular uma conversa com ele, pois estava claro que ele era o inimigo. Em sua experiência com Edward havia aprendido que convinha avaliar suas táticas. Isso havia lhe ajudado a sobreviver sem muitos danos. Confiava no fato.

— Você tem algo que eu quero.

— O dinheiro.

Devia comprá-lo? Por um momento Caroline se perguntou se valia a pena entregar a fortuna que tinha herdado, para se livrar dele.

Então, com um olhar bastante insultante, ele examinou seu corpo detalhadamente e retificou em voz baixa:

— Quero duas coisas.

Isso nem pensar.

— Vá embora. — Ordenou orgulhosa que sua voz continuava firme e determinante, — Seus direitos familiares não significam nada para mim. Por favor, não volte a me visitar nunca mais.

Ele avançou um passo mais, o bastante para tocá-la. A ameaça cintilava em seus olhos.

— Esta casa deveria ser minha. E você também. Tudo o que era de Edward deveria ser meu. O título não significa quase nada sem a fortuna que ele deixou a você, em vez de mim. Tenho o propósito de consegui-la de um modo ou outro.

A frieza em seu tom lhe provocou outro arrepio que subiu por suas costas. Caroline se alarmou, mas se negou a se render.

— Vou chamar alguém que acompanhe até a rua, Milord.

— Não, você não chamará.

A repentina investida a pegou despreparada. Não que confiasse nele, mas cavalheiros com calça de cor lavanda e punhos de renda não atacavam suas anfitriãs, nem lhes cobria a boca com uma mão implacável.

Indignada, Caroline começou a lutar. A espantosa ciência da desigualdade de tamanho que havia entre eles começou a invadi-la, junto às atrocidades

lembranças de uma situação idêntica, em que ela se sentia subjugada e impotente. Quando ele a arrastou até uma poltrona no canto e a colocou ali a força, ela agiu como se estivesse morta, paralisada e na mente a dura e horrível certeza de que podia acontecer algo pior.

Franklin se aproximou bruscamente de seu rosto e a insultou: — Rameira fria. Sempre me olhando como se eu fosse uma espécie de parasita, evitando minhas visitas, fingindo que não estava em casa quando eu sabia muito bem que estava. Meu primo deve ter desfrutado bastante de você para te deixar sua fortuna, e eu também desejo prová-la. Exijo prová-la, por mais que você tente me negar. Depois será obrigada a me aceitar ou pode se despedir de uma vida respeitável.

Não.

Não. Caroline tinha suportado aquilo muitas vezes para permitir que voltasse a acontecer. A delicadeza das carícias de Nicholas, o sorriso travesso e encantador e a paixão em seus olhos escuros alagaram sua mente. Ele não havia lhe proposto casamento exatamente, mas de seu íntimo havia surgido a promessa de amá-la, e ela esperava que talvez, provavelmente a amasse, apesar de que seu corpo ser incapaz de conceber um filho.

Caroline mordeu-o. Conseguiu cravar os dentes na palma da mão que a retinha e provou o amargor metálico do sangue. Franklin reduziu a pressão por um momento e soltou uma maldição e ela, um grito leve e entrecortado.

— Você é uma bruxa. — A face distorcida pela raiva estava há alguns centímetros da dela. Caroline se retorceu, lutou contra o peso do corpo que a imobilizava, tentando se liberar a arranhões. Ele ergueu sua saia e de repente apertou suas coxas.

Não, isto não. Isto não. Por favor.

Ele teria a coragem de violá-la em sua própria casa? Na cômoda saleta que ela usava como refúgio para tomar o café da manhã e meditar um pouco, enquanto repassava a correspondência do dia?

Não.

De repente ouviu um barulho. Franklin gemeu e deixou de retê-la. Depois relaxou, esmagou-a com o peso de seu corpo e deixou cair à cabeça de um lado. Para sua surpresa, Caroline se viu molhada, de água e pétalas de rosa.

A face do Annabel Reid, preocupada e sombria, emergiu diante de seus olhos. Em seu olhar havia uma indignação assassina.

— Sinto a desordem, mas espero tê-lo matado. — Ela disse, sem mais.

Annabel não sentiu remorsos ao contemplar o homem no chão, depois da resistência de Caroline Wynn para afastá-lo. A recém chegada se sentou trêmula. E pensar que tinha duvidado em fazer a visita inesperada, porque era muito cedo para se apresentar, embora se sentisse impaciente em agradecer a alguém a quem já considerava uma amiga e compartilhar com ela a notícia de seu próximo casamento!

Enquanto examinava os pedaços de vidros no assoalho, a água e as flores sobre o tapete, o sangue que brotava do corte que o homem tinha na cabeça, ela acreditou que interromper o que parecia uma agressão escandalosa e surrar o vilão era um ato de amizade. Provavelmente já devia ter agradecido Lady Wynn, de forma bastante violenta.

Lady Wynn estava pálida como cera. Seu rosto, habitualmente encantador e sereno era uma máscara fantasmagórica. Tinha mechas de cabelos úmidos e revoltos como serpentes em seu pescoço gracioso e o vestido, molhado grudado ao corpo, graças ao impetuoso impulso de Annabel em usar um jarro que estava à mão, para impedir seu atacante em uma enérgica batida.

— Você está bem? — Annabel pegou seu lenço e entregou a ela. Era uma peça de renda muito pequena, mas melhor que nada.

— Milady! — O velho mordomo que havia aberto a porta estava na entrada, horrorizado. — Senhoria, esse vil canalha... Deus. Nunca lhe devia tê-lo deixado entrar, se soubesse que...

— Não é culpa sua. Definitivamente.

Caroline sentiu um arrepio e sentou em uma parte da poltrona menos úmida e bastante afastada da silhueta prostrada de Franklin. Secou o rosto com o lenço que Annabel havia lhe dado. Era difícil saber se a umidade era por causa das lágrimas ou pela água do vaso de rosas frescas. Fitou ao Annabel com os olhos prateados que brilhavam.

— Obrigado.

— Por nada.

Os cílios de Lady Wynn se juntaram cobertos por pequenas gotas de água, quando ela baixou os olhos e murmurou: — Sinceramente, obrigada.

Sim, definitivamente eram lágrimas. Annabel não a culpou. Ela teria chorado mares em circunstância parecida. Sentou-se ao seu lado, sem fazer caso da umidade do tecido da poltrona e segurou a trêmula mão da outra mulher.

— É obvio que a ajudei. Acabava me anunciar ao seu mordomo, quando a ouvi gritar. Normalmente nunca visito as pessoas tão logo pela manhã, mas agora me alegre de ter vindo.

— Chegou no momento certo. — Caroline sorriu. — Acredito que é

inegável. Quando me dei conta de suas intenções, já era muito tarde para pedir ajuda.

Elas contemplaram o homem estendido de barriga para baixo no assoalho, como se fosse um repugnante monte de lixo.

— Imagino, — disse Annabel com voz resoluta, — que temos que fazer algo com ele.

— Acho que sim. — Caroline a fitou, desanimada. — Posso mencionar outra vez o quanto estou contente com sua chegada?

— Imagino.

Outro arrepio sacudiu os esbeltos ombros de Lady Wynn e ela tomou ciência da saia erguida e a recolocou de um modo mais recatado.

— Milady, o que quer que eu faça? — O mordomo estava mais que aborrecido pelo que estivera a ponto de acontecer a sua senhora. — Um juiz seria o apropriado, a meu entender.

Caroline meneou a cabeça.

— Deixe-me pensar um pouco. Temo que esteja envolvida em um escândalo, faça o que faça.

— Por favor, não me diga que vai permitir que ele saia ileso disto. — Replicou Annabel com firmeza. — Eu sou testemunha, se por acaso ele negar.

Um leve gemido lhes indicou que ele estava despertando.

— Eu o conheço. — Caroline estava mais branca que nunca. — Se não agir com cuidado, ele converterá isto em algo mais desagradável do que já é. Terei que dirigi-lo. — Ela ergueu os ombros e seu tom de voz indicou que havia tomado uma decisão. — A única coisa que posso tentar é sortear o perigo, sem fazer com que as coisas piores. — Ela se voltou para o aflito mordomo. — Poderia me fazer o favor de pedir que alguém venha para colocar Lorde Wynn em sua carruagem e enviá-lo a sua casa?

— É obvio. Naturalmente.

O homem saiu correndo; parecia aliviado por ela voltar a lhe atribuir uma tarefa. Foi eficiente, além disso, pois poucos minutos depois dois jovens entraram apressados, levantaram o homem semi inconsciente e o retiraram do aposento.

Annabel fitou a mulher, intrigada. Menos de uma semana antes, ela havia aparecido com tanta tranquilidade em sua casa a fim de dissuadi-la de algo que visto em perspectiva era um enorme equívoco. Casar-se com Alfred a teria convertido em uma pessoa ferida e triste, que inclusive poderia ter arruinado a vida dos dois. Bater na cabeça do aparente desprezível Lorde Wynn com um vaso cheio de flores era uma boa maneira de começar a pagar uma impressionante dívida, mas ela estava disposta a fazer bem

mais.

Apesar estar molhada e ter sido quase violada em sua própria casa, Lady Wynn era capaz de encher de reserva.

— Não entendo como vai conseguir ficar tranqüila, se este homem não pagar por sua afronta. — Annabel disse com franqueza— Eu também opino que denunciá-lo a um juiz é a melhor medida. Não me parece que você seja o tipo de mulher que vá permitir que ele saia ileso de uma tentativa tão má.

Caroline a fitou com os extraordinários olhos de prata.

— Não posso me proteger de toda eventualidade. Ele tentou me chantagear e quando não lhe funcionou atacou-me. Acredito que talvez seja melhor me limitar a lhe dar o dinheiro que tanto deseja. Provavelmente então me deixe tranqüila.

— Ou talvez tenha ainda menos poder sobre ele. — Annabel assinalou. — Contrate um escolta. Ou vários. Torne pública a forma em que acaba de tratá-la.

Lady Wynn negou com a cabeça.

— Oxalá fosse tão simples.

Por que não era? Annabel enrugou a testa. Depois de um momento, disse devagar:

— Estou confusa. Você falou de chantagem. Como é possível que ele...

— A aposta. — Caroline a interrompeu, ainda pálida, mas com ar decidido. A aposta. Annabel demorou um instante a compreender, mas logo entendeu o que ela queria dizer.

— Você? — Annabel ficou atônita e sentiu uma pontada de ciúme. — Você disse que Derek jamais...

— Ele não me tocou. — Lady Wynn torceu os lábios ainda trêmulos. — Ele é apaixonado por você. Não teria tocado, acredite-me. Acho que a princípio Lorde Manderville acreditou que poderia... Mas as coisas mudaram.

— Por que você fez algo assim? — Considerando as circunstâncias e já que Derek estava comprometido, Annabel acreditou que tinha direito de perguntar. — Perdoe-me perdoe, mas me parece bastante impróprio.

— Eu tinha minhas razões. — Replicou Caroline com um sorriso tenso. — Diga-me, se você quisesse saber se era verdadeiramente desapaixonada e deficiente como mulher, que melhor prova teria que com os dois homens que dizem serem amantes exímios? Eu era consciente dos riscos, de forma que o atual estado das coisas é minha absoluta responsabilidade. Ambos me prometeram o anonimato, mas eu menosprezei o interesse de Franklin por minha herança. Ele quer se casar comigo para consegui-la e quando eu declinei da encantadora oferta tentou me tomar pela força. Depois disto ele se tornará mais vingativo que nunca.

Annabel se deu conta das implicações que ela teria em ser etiquetada como a licenciada juíza da competição, objeto dos comentários de todo o mundo, em uma sociedade predisposta a julgar às mulheres com implacável rigor.

Lorde Wim tinha descoberto de algum modo a secreta participação da viúva de seu primo. Embora ela e Derek nunca participassem dos fatos em si, que ela tivesse tido algum papel lhe reportaria tanta má fama, como a de Derek e o Duque. Pior, por motivos de condição.

— Compreendo seu dilema. — Murmurou.

Caroline pressionou a testa com uma mão trêmula e inspirou de forma inaudível.

— Ao anoitecer minha reputação estará farrapos. Posso tentar enfrentar, acredito, mas francamente não acho que tenha força a suficiente para isso. Assim que Franklin começar os falatórios, todos lembrarão que não faz muito estive fora ao mesmo tempo em que Nicholas. Negar seria inútil.

Annabel não pôde evitar lembrar que no primeiro encontro, a mulher que estava ao seu lado lhe explicou as diferenças que podia haver entre dois amantes. Se o anterior marido tinha sido um homem horrível, algo que pelo visto era coisa de família significava que o Duque de Rothay era o homem que...? Como ela havia se expressado mesmo? O homem que conseguia fazer com que o amor fosse um prazer inimaginável? Já que agora sabia muito bem a que ela se referia, tinha que perguntar sobre a relação da encantadora Lady Wynn com o infame Rothay.

— E o Duque? Certamente ele a ajudaria a negar tal acusação. — Comentou em voz baixa.

Com um aparente cansaço, Caroline deixou cair à mão sobre o colo.

— Não. Sou uma mulher adulta e participei do acordo por vontade própria. Não vou pedir que ele minta por mim e, por outro lado, ele já me deu mais do que você possa imaginar.

Annabel notou então com sobressalto, que a preciosa e habitualmente distante Lady Wynn havia se apaixonado pelo Duque diabólico. Estava estampado na comovida face dela e gravado no gesto de seus lábios e no matiz de tristeza em seus olhos.

— Seriamente? — Murmurou, enquanto descobria um novo sentido para a situação.

Caroline assentiu.

— Embora esperasse que os sentimentos dele fossem tão comprometidos como os meus, este não parece ser o caso. Para ser justa, pensei em sair do país. Talvez tudo o que aconteceu aqui seja um sinal de que devo seguir adiante com este plano.

— Eu não acredito que fugir vá solucionar nada. — Annabel rebateu pensando em como ajudá-la.

Com repousada dignidade, Caroline a contradisse: — Parece-me que não tenho muitas opções. Respondi à aposta de Lorde Manderville e o Duque sobretudo porque queria mudar minha vida. Aconteceu, mas não como eu o havia planejado. Como costuma acontecer. — Ela se levantou, com elegância, mas claramente pálida e afetada. — Detesto ser uma anfitriã descortês, sobretudo depois do que você acaba de fazer por mim, mas acredito que pode entender que preciso começar a preparar tudo. Você me desculpa?

Capítulo 27

Nicholas venceu a incomum sensação de desassossego e estudou a famosa tela que havia na parede em frente ao salão principal. Quem havia pintado? Assim de repente não podia lembrar. A prazerosa cena retratava um bosque e a água borbulhante de um riacho, simbolizando um ideal de tranquilidade e um brincalhão Cupido com o arco na mão completava a cena espreitando-a atrás de uma casa neoclássica.

A vida real não era tão simples. Não havia cupidos ou ninfas angelicais apontando suas certeiras flechas... Bem, talvez houvesse. Era difícil saber. Haviam lhe flechado, disso não tinha dúvida e embora tivesse chegado à conclusão de que não iria se recuperar do ferimento continuava tendo que confrontar as realidades da vida.

Elevou uma sobrancelha ante a figura de ar travesso com uma coroa de louro na pequena cabeça.

— Desejava falar comigo? — Sua mãe entrou mostrando um tom inquisitivo no olhar, tão formosa como sempre, vestida de seda de cor rosa e perfeitamente penteada. Em seu pescoço e sua mão os diamantes cintilavam.

Ele se inclinou.

— Mãe. Agradeço-a que me receba.

Como ele antes, ela elevou as sobrancelhas.

— Isso me soa perigosamente formal, Nicholas. Assim como seu recado. . Para que enviar um laçao, quando pode vir para ver-me em pessoa em qualquer momento? Você se importaria em me esclarecer, querido? Está um pouco estranho desde que voltou de sua viagem.

Assim que contasse a ela... Seria oficial. E a idéia causava-lhe desassossego. Ela tinha razão. Provavelmente estivera vagando como um bobo. Na verdade não estava conseguindo nada, mais que dar voltas à situação. Pigarreou e se dispôs contar a ela. Mas, murmurou: — Preciso de um conhaque. Precisa de alguma coisa?

— Eu precisando de alguma coisa? — Ela se sentou em uma poltrona de cetim marfim e o fitou atentamente. — Tenho que dizer que sua expressão está me inquietando.

— Pois olhe que a mim... — Ele replicou mal-humorado enquanto servia uma dose e conhaque em uma taça, bebeu um bom gole e depois deixou a

bebida de um lado. — Tenho algo importante a dizer. Pensei que fosse melhor que estivéssemos a sós e acredito que esta formalidade, — ele assinalou o elegante salão, — seja adequada para o momento.

Ela apoiou as mãos no colo, com as sobancelhas morenas arqueadas.

— Já pode imaginar minha curiosidade. Do que se trata?

— Estou... Enfim... Pensando em me casar.

Ela o fitou com os olhos e a boca enormemente abertos. Depois de um prolongado instante, disse:

— Compreendo. Devo estar desinformada. Não sabia que estivesse cortejando alguém. De fato. Estou segura de que se estivesse, alguém teria me contado. A sociedade é muito pendente de todos os seus movimentos.

— Minha reputação exige discrição. Ela não está interessada em que nossa relação seja pública.

Sua mãe se zangou. Os olhos escuros cintilaram e seu tom foi gélido:

— Pelo que sei, se tornar a Duquesa de Rothay é um dos destinos mais cobiçados da Inglaterra.

Nicholas sorriu com ironia ante a amostra de defesa maternal.

— A princípio nossa relação não tinha nada a ver com minhas intenções atuais. Deixe-me explicar de outro modo. A dama tem uma reputação impecável e eu virtualmente, ao contrário. Sei que você é consciente disso. Considera-me um libertino e em parte talvez mereça isso.

Houve um breve silêncio e depois sua mãe suspirou.

— Eu não penso em te censurar, embora nem sempre aprove tudo o que se comenta. Não obstante, os homens jovens com título e fortuna acreditam ter mais tentações que outros. Talvez isto seja somente a desculpa de uma mãe, mas sempre considere a maioria das conversas, exageradas.

Nicholas captou o tom zombeteiro.

— Não confirmarei e nem negarei nada em concreto. Vamos deixar assim, certo? Em qualquer caso, tenho a intenção de me comprometer em matrimônio brevemente e queria lhe dizer.

A curiosidade brilhou nos olhos escuros.

— Estou encantada, como é natural. O segredo é algo desconcertante, entretanto. Qualquer das famílias que conheço receberia de braços abertos um pedido formal de sua parte. Há uma diferença entre o que um homem faz em particular quando solteiro e quando decide escolher esposa. Vi como as matronas fazem as filhas desfilarem diante de você, com má fama ou não. Quem é ela?

Esta era a parte complicada. Em primeiro lugar, não estava de todo seguro que Caroline o aceitasse. Ela havia lhe dito que não desejava voltar a se casar, mas também que o amava. Além disso, restava o outro assunto a

resolver.

— Caroline Wynn. —Nicholas respondeu, serenamente.

— A jovem viúva do visconde? — Sua mãe permaneceu bem quieta no assento, com a surpresa gravada na face.

— A mesma.

Ela digeriu a resposta.

— É encantadora... Bem, ela é mais que encantadora, de forma que compreendo que o atraia, mas...

— Mas? — Ele perguntou, quando ela se calou.

— Não sei. Isto me desconcerta bastante, Nicholas.

— Sou consciente que não se trata de um enlace especialmente vantajoso, isso sei. Entretanto, antes que fale sobre linhagens, genealogias e alianças sociais, permita-me dizer que de todo modo nada disso nunca me interessou e acredito que já deixei clara minha postura sobre o assunto, com antecedência. — Como seu tom era severo, ele tentou suavizá-lo. — Refleti sobre isso, acredite.

Sua mãe moveu a cabeça e a luz do meio-dia captou o brilho dos fios prateados de seu cabelo.

— Não ia dizer nada disso.

— Não? — Nicholas arqueou uma sobrancelha e se preparou para ouvir as objeções. Sim, ele era Rothay. Podia fazer o que gostasse e sua família dificilmente poderia impedi-lo, mas mesmo assim os amava e desejava sua aprovação. A preocupação por Caroline também fazia com que desejasse deles um apoio incondicional. Ela já tinha suportado bastante dor com a desatenção da própria família. O rechaço de seus parentes lhe faria mais mal e ele simplesmente não poderia suportar.

— Eu ia perguntar como que a conhece. Não ouvi o mais mínimo comentário sobre uma relação entre vocês.

A maldita aposta. Bem, ele não confessaria a verdade. Explicou: — Frequentamos os mesmos círculos sociais. Você a conhece.

— Não me refiro a isso. Apresentaram-me ela. Conhecê-la é algo totalmente diferente. É bastante distante.

Nicholas fez um gesto negativo com a cabeça ao lembrar a franqueza de Caroline. Para não mencionar a faceta apaixonada que ela ocultava do mundo com tanto cuidado.

— Assim que a conhecer tudo será menos distante. Além de inteligente, culta e eloquente, carece absolutamente de má intenção. Por isso minha fortuna não a nada que ver com isto, e duvido que meu título importe o mínimo a ela. — Ele explicou passando a mão pelo rosto, e acrescentou com um suspiro: — Não estou nada convencido de que ela vá me aceitar

quando fizer o pedido.

— Por que diabo não aceitaria? — Sua mãe parecia indignada.

— Sua primeira experiência matrimonial foi um desastre. Disse-me claramente que não tem intenção de voltar a se casar. — Nicholas se deteve por um momento e logo acrescentou com voz serena: — O que suscita outro assunto que estou seguro que em te expor, se já não sabe. Existe a possibilidade de que ela seja estéril. No curso de vários anos de casamento nunca ficou grávida.

Não houve resposta, só silêncio. Nicholas bebeu outro gole de conhaque e continuou: — Eu confiava em que a aprovasse, de toda forma. Althea gostará dela. Você gostará. Estou seguro disso. E o mais importante, eu gosto dela. Não ignoro qual é meu dever, mãe. Dou-me conta que o título e a parte do patrimônio adjunta ao mesmo podem parar nas mãos de um primo distante, se eu não conseguisse ter um filho. É um dilema endiabrado ter que decidir se sacrificar a felicidade pessoal vale a pena, em troca de correr o risco de se casar com uma juvenzinha que talvez me dê um herdeiro varão ou não. Essa idéia nunca me pareceu atraente e agora menos ainda. Eu tenho somente esta vida.

— E ela a converteria em plena? — A pergunta foi feita em voz baixa. Sua mãe o fitou, atenta a resposta.

Desde que havia retornado de Aylesbury, Nicholas não tinha feito outra coisa que pensar no assunto.

— Acredito nisso. Quando me descobri mesmo considerando a idéia de vê-la todos os dias, comecei a questionar meu grau de indiferença. Nós... Conversamos. A primeira vez que a vi, ela citou Alexander Pope e me impressionou a falta de falsos melindres. Conversamos sobre a recente mecanização do Ministério da Guerra, comentamos textos de Horácio e Virgílio e, — ele não pôde evitar sorrir ao lembrar a discussão, — gostamos da obra de Herr Mozart, mas ela opina que Haydn seja o verdadeiro professor.

— Sei... Entendo. — Foi uma afirmação discreta.

Ela o entenderia? Desejava que entendesse.

— Isso, combinado ao idêntico entusiasmo que sinto por sua inegável atração foi uma espécie de revelação. Ela me interessa.

Sua mãe se reclinou ligeiramente no assento, com o olhar agudo.

— Este singular sorriso me indica que é sério.

— Acredito que sim. — Ele confirmou, com reserva. — Mas estou preocupado. Se pedir que se case comigo e tenho a sorte que ela aceite, quero que a recebam, afetuosa e incondicionalmente. Não posso submetê-la a mais indiferença e dor.

— Você é protetor. Que sinal tão auspicioso. — Para seu grande alívio a honrável Duquesa o brindou com um sorriso luminoso, embora um tanto velado. — Estou encantada por você, querido. É obvio. Que mãe não deseja que seu filho seja feliz?

— Então a aprova? — Ali estava ele, nada menos que um homem crescido e um poderoso Duque, desesperado pela aprovação de sua mãe. Mas para ele era importante que a família aceitasse o enlace sem reservas.

A Duquesa elevou as sobrancelhas com um gesto altivo que somente ela era capaz, concebido para congelar um ambiente.

— Se ela te rechaçar, deixe comigo. E o aceitará, verá. E quanto a sua infertilidade, somente podemos esperar para ter certeza. Embora todo mundo esteja acostumado a culpar à mulher, pode ser que o culpado seja marido. Provavelmente isto não seja um problema. Em qualquer caso, a fertilidade não é nenhuma garantia. O conde de Wexton tem seis filhas e nenhum filho, pobre homem. Os dotes de todas elas o levarão a ruína. Estou segura disso.

A idéia de se ver com seis jovens era um tanto assustadora e ele até pensou em dizer algo a respeito, mas um criado pigarreou sonoramente a suas costas.

Ele se voltou.

— Suplico-lhe que me perdoe, Excelência, mas lá fora há um jovem que insiste em vê-lo imediatamente. Nega-se a expor os motivos, mas pede que eu diga que seu nome é Huw. Não diz nada mais. Eu o teria mandado embora, mas ele jura que o Senhor desejará falar com ele.

O jovem cocheiro de Caroline estava a sua procura? Era algo bem pouco convencional, para que uma chama de alarme invadissem e a palavra imediatamente não o ajudou. Nicholas assentiu.

— Acompanhe-o até meu escritório e diga que irei em seguida, por favor.

— Sim, Excelência.

Nicholas se voltou para a mãe, com o pedido de desculpa estampado na face. Um tipo de ansiedade diferente substituiu a anterior inquietação que sentia conversar com ela sobre o novo rumo em sua vida. Ela havia lhe apoiado de forma notável, e assim aplacado suas dúvidas. Refletiu com rapidez e se inclinou para beijá-la na face.

— Perdoe-me, mas tenho a sensação de que isto é importante. Veremos no jantar.

— Está acontecendo alguma coisa? — Ela interpretou corretamente a expressão de Nicholas e franziu o cenho, preocupada.

— Espero que não. — Ele respondeu, sombrio. — Desculpe-me.

Nicholas percorreu apressadamente o vestíbulo, com uma crescente

apreensão. Pode ser que não seja nada. Afirmou-se. Provavelmente Caroline desejava vê-lo, mas não queria enviar um pedido formal e estava usando Huw como meio de comunicação entre eles. Afinal, depois de Aylesbury, eles haviam se separado sem esclarecer nada. E não havia a pedido em casamento, porque então não estava preparado. Não tinha um anel ou discurso ensaiado, nem sequer a idéia de uma mudança tão radical em sua vida. Caroline não havia pedido semelhante declaração de amor, nem a promessa de um futuro encontro, e dado que seus sentimentos eram tão confusos, tinha aceitado agradecido seu silêncio sobre o futuro.

Mas durante a viagem de volta a Londres sentiu a profundidade de suas emoções. De que seria incapaz de vê-la em público e manter a distância, de como desejava despertar todas as manhãs junto dela. Ao longo de todos os quilômetros considerou a palavra casamento, com crescente certeza. Com o problema solucionado da possível negativa de sua mãe, a única atitude a tomar seria convencer Caroline que seria um marido apropriado.

Como havia dito à Duquesa, ela não estava interessada em sua posição social ou financeira, mas ele sabia muito bem que ela não gostava de sua reputação. Somente isso, além da reticência de Caroline em ceder o controle sobre sua própria vida, poderia fazer com o rechaçasse. A infidelidade era habitual em sua classe social, especialmente entre os homens. Certamente ele nunca expôs fidelidade, exceto em termos muito abstratos, mas também nunca prometeu nada a nenhuma mulher.

A ela ofereceria, se o aceitasse.

Seria amor?

Com o cabelo encaracolado alvoroçado e um olhar triste no rosto, Huw esperava nervoso junto à lareira. Sua boina estava apertada entre as mãos. Nicholas entrou, fechou a porta e perguntou sem preâmbulos:

— Qual é o problema?

— Minha Milady não sabe que estou aqui, Excelência. — Gaguejou o jovem. — É de inteira responsabilidade minha.

Nicholas sentiu uma nova pontada de apreensão. Atravessou o aposento, sentou-se e assinalou uma cadeira com um gesto da mão.

— Então isto é entre você e eu. Diga-me.

Huw parecia incômodo. Olhou a tapeçaria de veludo da poltrona como se tivesse medo de sujá-la, mas logo se apoiou nela e pigarreou.

— É ele, senhor. É Lorde Wynn, o bastardo. Pensei que deveria saber.

Nicholas recordou que Caroline havia mencionado o homem, com desprezo.

— O que fez Lorde Wynn? — Perguntou abruptamente.

— ele sempre entra às escondidas. Ela não quer recebê-lo, então ele

aguarda ou envia a um de seus lacaios para que espere e tente saber se ela está em casa. — O moço espremeu a boina com as mãos, com os dedos visivelmente pálidos. — E esta manhã ele chegou, deu um empurrão em Norman e depois ele... Ele... Bem, Excelência, não há forma agradável de dizer isto. Ele tentou se aproveitar dela. Foi isso.

Nicholas sentiu uma labareda de ira estalar em seu cérebro.

— Ela está ferida?

— Não, senhor. Uma jovem dama que veio visitá-la golpeou o todopoderoso na cabeça. Jones e eu o jogamos dentro de sua carruagem e pedimos ao cocheiro que levasse o lixo para casa. Acredito que agora ele esteja em casa, com uma dor de cabeça terrível. Mas voltará a procurá-la, acredite-me. Eu conheço os homens de sua estirpe, vestindo-se de roupa cara ou de farrapos. O que ele pretende é o dinheiro dela. Isso está claro. Como ela não quer saber dele, procura sua perdição para obrigá-la a se casar.

Nicholas se deu conta que estava de pé, embora não tivesse consciência de ter se levantado.

— Obrigado por me procurar, Huw. — ele agradeceu o jovem e acrescentou em um tom de promessa: — Vou me ocupar de Lorde Wynn.

Atenta e com resignada reprovação, Margaret fitou Derek, por cima de sua xícara de chá.

— A frase, quanto antes melhor, me incita a tirar certas conclusões.

Derek arqueou as sobrancelhas, muito feliz para se sentir propriamente compreendido. Até o dia quente e ensolarado era um reflexo de seu estado de ânimo. Fazia uma tarde muito agradável e na sala da família estava banhada por uma luz dourada. Derek disse com um tom neutro:

— Esperei por Annabel muito tempo. Culpa-me por querer um casamento rápido, agora que ela aceitou?

Sua tia suspirou.

— Acho que não. Em qualquer caso, deve haver licenças especiais para isso. Mesmo assim o precipitado casamento, justo depois da ruptura de seu noivado provocará uma avalanche de fofocas.

Thomas, que até o momento se manteve em silêncio, soltou uma leve risada.

— Não acredito que Derek vá se preocupar com o que as pessoas dizem, querida. Além disso, a felicidade sossegará os comentários das pessoas, que se darão conta em seguida que é um enlace por amor. Logo perderão o

interesse. À sociedade fascina a controvérsia. A felicidade conjugal aborrece mortalmente.

Uma verdade crítica, mas exata. Derek pensou.

— Alegro-me que não haja objeção. O que lhes parece amanhã à tarde?

Margaret pareceu se assustar, pois sua xícara de chá vibrou sobre o pires.

— Derek! Amanhã!

— Falei com Annabel e ela está concorda, assim que eu tenha tudo organizado. O mais breve possível seria amanhã.

— Quanto te custou isso? — Thomas parecia simplesmente divertido. — Claro que uma pequena fortuna.

Era verdade. O preço da conveniência sempre era alto. Annabel valia. E descobrir que estar tão perto vê-la unida a ele em todos os sentidos, inclusive o legal, lhe provocava impaciência.

— Não me importo. — Derek admitiu sem incomodar em dissimular. — Quem pode pensar em algo tão banal como o dinheiro, comparado a tê-la como esposa?

Margaret e Thomas trocaram um olhar. Uma comunicação sem palavras, emotiva e obviamente íntima. Thomas estendeu a mão, tomou a de sua esposa e a levou aos lábios por um segundo.

— Acredito, — ele sentenciou, — que sei muito bem a que se refere.

E depois de todos os anos de casamento, Margaret ainda ruborizou.

— Você sempre foi um sentimental sem remédio.

— Acho que sou. — Respondeu Thomas com um leve e relapso encolher de ombros, antes de se dirigir a Derek.

— Tem minha permissão para se casar com Annabel é claro. Sempre teve. Era sua mente que precisava conciliar a idéia.

A chegada do motivo da conversa entrou na saleta em uma onda de bordados de musselina, cabelos dourados e respiração agitada. Derek se levantou. Sorriu a ela, mas Annabel não lhe devolveu o sorriso.

Ele sentiu um espasmo no estômago. Será que ela havia mudado de idéia? Depois da paixão ardente, mas doce, que tinham compartilhado...

— Boa tarde. — Ela saudou meramente Margaret e Thomas. — Perdão pela demora. Estava com uma... Amiga. Eu... Bem... Poderia falar contigo, Derek? Por favor...

Ele havia se surpreendido com sua ausência, mas Margaret tinha dito que ela havia saído com a criada, e como sua tia não parecia preocupada, ele não tinha pensado muito em arguí-los.

— Certamente. — Sua voz era um pouco grave. Sua noiva puxou-o pela mão.

— Um passeio pelo jardim, então?

Derek assentiu confuso. Inclinou-se para Thomas e Margaret, que pareciam igualmente surpresos e se deixou conduzir para o jardim murado que havia na parte de trás da casa. Sob as árvores em flor e pelos atalhos de pedra banhados pelo sol, a sombria expressão da jovem que retinha sua mão era incongruente.

Mas era promissor que continuasse com os dedos entrelaçados aos seus.

— Vamos nos afastar da casa. — Ela propôs. — Não quero que me ouçam.

— Como você quiser.

— Vou me explicar logo. — Ela enrugava a testa em um bonito gesto.

Derek, que a seguiria além do limite de um precipício, não discutiu. Depois de um momento, quando quase haviam chegado ao final do jardim, no canto mais afastado da casa, ela lhe soltou a mão e se voltou.

Os olhos azuis, que para ele pareciam tão preciosos, fitaram-no com recriminação.

— Você começou isto, conforme admitiu, agora deve ajudá-la.

Sequer estavam casados ainda e ele já estava metido em uma confusão.

— Ajudar a quem e começar o que? — Derek perguntou, perplexo.

— Sei que Lady Wynn que era quem devia decidir o resultado de sua aposta.

Por todos os diabos! Ele abriu a boca para proferir, sabia Deus o quê, mas Annabel se adiantou.

— Ela me disse que não tinha acontecido nada entre vocês. Considerando seus sentimentos para com o Duque e seus motivos para participar da competição, eu acredito. O problema é que o que você propôs a Rothay como um divertido desafio, agora ameaça destruí-la. De certo modo você é responsável e indiretamente, eu também.

Ele era culpado quanto à aposta, mas não fazia nem idéia do que Annabel estava falando.

— Destruí-la? Como?

— Lorde Wynn sabe que ela se ofereceu para ser o juiz. Posso dizer de primeira mão que ele é um canalha sem consciência. Ameaçou causar sua perdição diante da sociedade, mas não sem antes tentar sua perdição literal. — Annabel se deteve e depois encolheu os graciosos ombros. — Acho que o deixei inconsciente.

— O que disse? — Consternado, Derek contemplou sua futura esposa. — Você se importaria em me esclarecer o que está acontecendo?

A história contada com palavras rápidas e concisas provocou-lhe uma onda de ira, quando se inteirou que Caroline havia batido de frente com as vis intenções de Wynn. Quando Annabel terminou, Derek estava furioso e

podia imaginar como Nicholas se sentiria.

— Se Wynn seguir adiante com a ameaça cometerá o último engano de sua miserável vida. — Proferiu entre dentes. — Nick lhe arrancará as unhas uma a uma. Mais que isso, o desafiará a um duelo.

— Sinceramente é o que espero. — Entre jardins, com a feminina silhueta envolvida por brilhantes folhas verdes e delicados casulos, Annabel não só parecia indignada, mas também feroz. — Desgraçadamente, ela se nega a contar ao Duque. Eu a aconselhei, mas ela não quis nem ouvir falar em avisá-lo.

— Por que diabos, não? — Derek compreendia as mulheres quando se tratava de seus corpos, sua vulnerabilidade ante jogos românticos, a sensibilidade ante uma atitude ou um olhar, mas nunca afirmaria que entendia sua lógica.

— Ela não quer arrastá-lo ao seu lado dessa forma. Quando ele aparecer, se é que aparecerá, ela prefere que não seja porque se sente responsável em salvar a o que ela qualifica como sua própria insensatez, mas sim porque a ama e confesse livremente. Eu a compreendo muito bem.

Um sorriso de ironia se desenhcou nos lábios de Derek.

— Entretanto, você deseja que eu intervenha. Estou certo?

— Com efeito.

Capítulo 28

— Você não me entendeu. — Nicholas explicou em seu tom mais aristocrático, gélido e implacável. — Não me importa que Lorde Wynn me receba ou não. Eu quero vê-lo.

O criado captou corretamente a convicção da voz e atestou na face gélida. Ele era jovem tinha quinze centímetros menos que Nicholas. Seu rosto indicava que não seria capaz de solucionar a situação. O criado pigarreou e se desculpou com voz elevada:

— Ele está indisposto, Excelência.

— Imagino que esteja. Já me disseram. Não obstante, deixe-me entrar. E diga a ele, que se não tem coragem o bastante para descer ao meu encontro revistarei a casa até encontrá-lo.

Ante tal determinação, o criado assentiu e quando retrocedeu e sustentou a porta para dar-lhe acesso ao vestíbulo, Nicholas pensou que provavelmente era porque um homem como Wynn não inspirava muita lealdade.

Conduziram-no ao que queria ser um salão de visitas. A mobília era escassa, velha, bem puída. Nicholas sabia que Caroline havia herdado a residência Wynn na cidade, por isso esta devia ser alugada. Não sentou. Ficou em pé junto à lareira e voltou os olhos para o relógio a um canto do aposento. Pensou em esperar Wynn por cinco minutos, reprimindo o impulso de começar procurar por ele pela casa.

Quase nunca perdia a calma. Seu autocontrole era inato e em parte adquirido, porque sua classe e responsabilidades assim exigiam. Nem estava acostumado a levantar a voz. Mas tampouco imaginava jamais sentir uma ira tão assassina.

Aquele tipo havia tocado em Caroline. Pior que isso; sem dúvida havia atemorizado-a.

— Que demônios você quer, Rothay? — A pergunta procedia da porta. — Como se atreve a entrar pela força em minha casa?

Nicholas se voltou, concentrou o olhar no homem que entrou no aposento e notou com satisfação a cor mortíça que ele tinha ao redor da boca, como se estivesse com alguma dor.

— Sinto a tentação de matá-lo. — Respondeu, com prazer.

A expressão depreciativa na pele pálida se tornou gelada. Depois de um

momento, ele replicou:

— Não tenho idéia do por que. Não sei o que a fria rameira lhe contou, mas...

Ao ouvir o insulto, Nicholas deu um passo à frente.

— Ainda posso. — Afirmou como se refletisse, semicerrando os olhos e adotando uma postura claramente ameaçadora. — Tendo em conta meu atual estado de ânimo, aconselho-o que revise seus qualificativos quando se referir a Lady Wynn. Esquartejá-lo com minhas mãos me causaria um prazer enorme.

Wynn ficou tenso.

— Por uma mulher? Você?

— Por esta mulher, sim.

— Oh, não me diga, Rothay; acaso ela não é mais que uma de suas ocasionais companheiras de cama? Você troca de mulher como de camisa. Além disso, custa-me acreditar que este assunto o afete pessoalmente em algum sentido. Ela é uma fulana que se ofereceu para abrir as pernas a dois homens. Por que se importar que ela me conceda os mesmos favores?

Nicholas sentiu suas mãos se converter em punhos. Uma névoa vermelha escureceu seus olhos por um instante. Respirou fundo e tentou se acalmar; sabia que se tocasse Wynn agora poderia lhe partir o pescoço. Replicou entre dentes:

— Se você tivesse a mais mínima idéia do quão tentado estou em esquecer o fato que o assassinato é um delito na Inglaterra, fecharia a boca neste exato momento. Como as coisas estão posso desafiá-lo e matá-lo amanhã ao amanhecer, sem sentir mais remorsos que se tivesse pisado em um inseto. Agora se cale e ouça o que tenho a dizer, entendido?

Por um momento se perguntou, se o outro homem se voltaria e começaria a correr. Lorde Wynn pareceu compreender por fim que corria um perigo real, pois perdeu aquele o fanfarrão e adquiriu uma cor doentia.

— Bem, agora está melhor. — Nicholas continuou em voz baixa. — Agora noto que estamos nos entendemos. Este é o trato. Você se mantém longe dela. Bem longe. Não olhe e nunca entre em contato com ela. Se entrar no mesmo ambiente que ela, saia imediatamente. Recomendo-lhe que passe uma temporada no campo, os próximos seis meses no mínimo, até que eu me acalme. Não posso responder por meu comedimento se você ficar na cidade e nos encontrarmos. Parece-me que me expressei com bastante clareza.

Wynn abriu a boca como se fosse protestar, mas logo a fechou, sabiamente. Os olhos esbranquiçados se converteram em fendas e suas evidentemente mãos tremiam. Homens que aterrorizavam mulheres eram

meros covardes, e ele não era uma exceção.

— Mas deixe-me continuar. Se você espalhar alguma baixeza sobre ela, o destruirei, social e economicamente; em todos os sentidos. A família Manning tem influências em todos os cantos da Inglaterra e no continente também, por certo. O príncipe regente é meu amigo. Você será marginalizado, perderá tudo e ainda o desterrarão. Se tiver a tentação de pôr em cheque minhas palavras, limite-se a espalhar que Caroline teve algo a ver com a aposta.

— Se ele espalhar tais boatos terá que se ver comigo também.

A despreocupada afirmação evidenciava uma vontade férrea. Sobressaltado ante o som de outra voz, Wynn se voltou.

— Manderville. — Pronunciou com a voz entrecortada. Seu aspecto já era de estar claramente doente. Gotas de suor brotavam de sua testa.

Era Derek em pé na entrada, com um ombro apoiado no marco da porta.

— Seu criado achou conveniente me franquear a entrada, já que Nick está aqui. Vejo que tem tudo sob controle, mas reconheço que imaginei um derramamento de sangue quando soube que o Duque de Rothay estava aqui.

— Isso ainda pode acontecer, — Nicholas pronunciou meticulosidade cada palavra, — se ele voltar a insultar à dama em questão. O que o traz por aqui, Derek?

— Minha noiva. — Derek anunciou com naturalidade, enquanto observava Wynn. — Acredito que vocês se conheceram esta manhã, quando ela quebrou um vaso de flores contra seu duro crânio, Wynn. Também me ordenou que tirasse da cabeça de sua senhoria, a idéia de que pode incomodar Lady Wynn sem sofrer danos por isso. Vejo que já se adiantou, Nicholas.

— Poderia apresentar uma denúncia por agressão contra ela. — Franklin, disse, mas foi uma tentativa banal de um desafio banal, que a expressão de seus olhos desmentia. — O que ela viu foi um momento romântico que interpretou mal. Caroline me seduziu e quando nos surpreenderam, negou-o. Eu...

Nicholas avançou rapidamente, pegou ao homem pela camisa e o atirou contra a parede com tanta força que o quadro que havia sobre a lareira cambaleou.

— Você a pressionou muito.

Wynn ofegou quando Nicholas o imobilizou com o antebraço. A face do mesmo adquiriu um tom vermelho assustador e sua respiração se converteu em um assobio. Rothay o pressionou o bastante para se assegurar que estava no comando.

Depois de um momento, Derek disse em tom de voz bem lento: — Entendo que você gostaria muito de matá-lo, mas se tiver a intenção de deixá-lo viver sua miserável vida, solte-o já, Nick.

Seu amigo tinha razão.

Nicholas conseguiu deixá-lo com certo esforço e deu um passo atrás. Massageando-a traquéia com as mãos e com os olhos pálidos e aquosos, Wynn caiu no assoalho.

— Lembre-se de todas e cada uma das palavras que lhe disse. — Nicholas disse rudemente. — Caroline está sob meu amparo em todos os sentidos, e isso inclui meu sobrenome.

— Acredito que ele deixou bem claro. — Derek afirmou com secura.

Ao saírem passaram junto ao apreensivo criado e abandonaram a casa. Nicholas se voltou para o amigo.

— Obrigado por querer defender Caroline.

— Primeiro pensei em lhe colocar a par dos acontecimentos desta manhã, mas pelo visto você já estava informado. — Derek sorriu. — Parece-me que no fim servi pouco, embora pudesse ter lhe ajudado a se desfazer do cadáver. Embora duvide que sentissem sua falta.

— O cocheiro de Caroline veio falar comigo. Parece que Huw a aprecia sinceramente, o que o agradeço.

— Você também gosta dela, a julgar por sua chegada em Aylesbury e o quanto está afrontado neste momento. — Derek se deteve. — Interpretei corretamente quando disse que ela estava sob o amparo de seu sobrenome?

— Caroline ainda não aceitou, mas tenho esperança que se case comigo. — Nicholas elevou uma sobrancelha. — Falando disto, ouvi-o dizer, sua noiva? Quando aconteceu e quem, demônios é ela?

— Aconteceu recentemente e em muitos sentidos é o resultado direto da aposta. Annabel fez com que eu reconsiderasse algumas de minhas prioridades na vida.

Nicholas se mostrou surpreso.

— A jovem pupila de seu tio?

— Ela mesma. — Derek vacilou e encolheu de ombros. — Faz bastante tempo que estou apaixonado por ela, mas era muito teimoso para admitir. Estive a ponto de perdê-la.

— Entendo. — Nicholas conhecia a senhorita Reid, mas em vista do fato dela ser uma jovem casadoira havia evitado qualquer contato posterior. Ele sabia que há pouco ela havia se comprometido e agora compreendia algumas das preocupações de Derek durante os últimos meses.

Enquanto uma carruagem passava rua abaixo, eles se fitaram envolvidos

pelo calor da tarde, com os rostos iluminados por uma mútua expressão de regozijo.

— Alegro-me muito por você. Ela é uma moça encantadora. — Nicholas disse.

— Eu também estou contente por você.

— Ainda não está decidido, mas com sorte logo estará. Você saberá como terminará. — Murmurou Nicholas entrando na carruagem.

Desastre. Não só o dia, mas toda sua vida.

Caroline se observou no espelho e notou o vestígio das lágrimas em seu rosto, o cabelo alvoroçado e a expressão abatida em seus olhos. Já tinha começado a arrumar sua viagem. Havia escrito a um agente para que colocasse a casa a venda. Depois deitou para descansar e finalmente caiu em um sono desassossegado.

Era difícil definir o torvelinho de suas emoções, pensou enquanto tirava as presilhas do cabelo e pegava a escova. Havia acontecido uma catástrofe. Estremecia só em se lembrar das mãos de Franklin sobre seu corpo, mas apesar de Annabel tê-la salvado não se iludia. O primo de seu marido não manteria segredo sobre o que sabia de seu papel na aposta.

A inegável verdade a respeito de sua relação com o Duque diabólico se tornaria pública, e mesmo que Derek Drake negasse ter tido algum contato com ela, toda a sociedade saberia. No momento em que soubessem, e não acreditava que Franklin perdesse muito tempo, passaria rápido da consideração de viúva inacessível a viúva promíscua.

Havia uma parte nela, rebelde e ilógica, que não se importava com os rumores. Se pusesse na balança o fato de nunca ter encontrado Nicholas e nunca saber o que era estar em seus braços, nunca ter provado seus beijos sedutores ou conhecido o fascínio de seu sorriso... Bem, o custo do ostracismo social era alto, mas sabia que valia a pena. Havia começado a existir, a viver. Recitou num murmúrio e zombando de si mesma uma de suas obras favoritas, de Alexander Pope. Adeus a Londres. — Querida, maldita e perturbadora cidade! De seus tolos já não zombarei mais; este ano, que seus críticos vivam em paz e suas prostitutas durmam na calma. A obra que tanto gostava, agora adquiria um tom cínico, desconhecido até o momento.

O golpe súbito que ouviu em sua porta foi superficial, pois esta se abriu antes que ela a atendesse. Quando se voltou Nicholas entrou, muito alto e muito para aquele refúgio de cores e móveis bonitos. Não pôde evitar um gemido de surpresa ante tal audácia, mesmo conhecendo-o o bastante para

esperar tais atos temerários. A situação era mais escandalosa para o momento. O Duque diabólico estava em seu quarto. Os criados todos deviam estar doentes de curiosidade.

E no dia seguinte, sem dúvida toda cidade de Londres comentariam.

Ela se sentiu perversamente feliz ao vê-lo, fora à leve irritação de vê-lo se apresentarem em sua casa, sem ter sido convidado. Ele evidenciava o reluzente cabelo ligeiramente alvoroçado e um tom sombrio nos olhos escuros. Como sempre que o encontrava se sentiu impressionada ante o magnetismo de sua presença. Não sabia nem o que dizer a ele, se quisesse. A inesperada e intempestiva e inoportuna chegada havia deixado-a sem palavras.

Ele se pronunciou, para explicar simplesmente: — Precisava vê-la para me assegurar que não está ferida. — e ao notar que ela não lhe respondeu, acrescentou: — Huw me contou o que aconteceu.

Ainda sobressaltada, Caroline recuperou a voz.

— Não te ocorreu que eu poderia ter descido, se me tivessem informado que você desejava me ver?

Nicholas se limitou a sorrir ante o tom ultrajante.

— Provavelmente poderia ter pensado, mas não quis esperar.

Por que ele tinha que fazer isto agora, quando ela se sentia tão vulnerável e emocionada?

— Você não deveria estar aqui. — Replicou, sem convicção. Sua mão começou a tremer e imediatamente ela deixou a escova. — Sequer estou vestida.

— Eu gosto mais assim. — Ele expressou com um olhar ardente, fascinante e avançou para ela. — O canalha te fez mal? Todos dizem que não, mas pensei que talvez você precisasse de mim.

Precisar dele? Deus, sim. Mais do que pensava e toda objeção à presunção de Nicholas de que podia se apresentar sem ser convidado em sua casa e invadir seu quarto, desapareceu. Se tudo era já estava um desastre, o que importava todo mundo saber ou vê-lo ou que ele acreditasse que tinha todo o direito de entrar em seu quarto quando ela usava somente uma camisa íntima? De qualquer modo, logo toda Londres saberia de sua relação e o conforto dos braços dele era tentador.

— Eu... — Até começou a respondê-lo, mas se interrompeu sem saber muito bem o que dizer. Um fraco soluço escapou de seus lábios.

E ela quase nunca chorava. Desde sua noite de casamento tinha prescindido das lágrimas, como algo inútil.

— Meu amor. — Nicholas estava ali. Pegou-a nos braços e se sentou na banqueta que havia frente ao penteador, embalando seu corpo como se ela

fosse algo precioso e frágil. — Já passou. Ocupei-me que tudo... Ocupei-me dele. Está a salvo comigo.

Nicholas a chamou de meu amor? De entre todas expressões que fluíam com tanta facilidade de seus lábios, ele nunca tinha escolhido uma com tanto carinho. Caroline apoiou a cabeça em seu peito e se permitiu o luxo de acreditar que ele era sincero. O aroma de Nicholas evocou momentos de interlúdios idílicos e suntuoso prazer.

O restante da frase ela entendeu um momento depois.

— O que quer dizer, que se ocupou dele?

Nicholas pressionou a boca contra sua têmpora, em uma delicada carícia.

— Dispor de fortuna e de uma boa posição social tem certas vantagens. Esta tarde fiz uma visita a Lorde Wynn. Digamos que chegamos a um pacto. Ele continua vivo, no momento pelo menos.

Horrorizada, Caroline se revolveu e levantou a cabeça para poder fitar-lhe o rosto.

— Nicholas...

Ele estava falando a verdade. Notou no fulgor de ira que ainda havia em seus olhos, mesmo à ternura de seu abraço.

Em seu sorriso não havia o menor rastro de humor.

— Estou seguro de tê-lo convencido, sobretudo quando o segurei pelo pescoço. Sei que minha ação foi brutal, mas justificada, considerando meus sentimentos para com você. Gostaria de vê-lo processado e condenado, mas estava seguro de que você não gostaria de suportar o calvário de um julgamento público. E mesmo aconteceria se o tivesse desafiado. Seu nome também sairia à luz e eu lhe prometi discrição.

O coração do Caroline havia começado a palpitar, lenta e intensamente. Sob suas nádegas, as coxas de Nicholas pareciam de aço; os braços, fortes e protetores.

Meus sentimentos para com você...

Nicholas sussurrou-lhe ao ouvido, com seu hálito morno: — Você não disse que me amava por ser quem sou e não o que sou? Não o Duque, mas o homem.

Caroline sentiu que seus lábios tremiam quando tentou um sorriso.

— Sabe que sim.

Ele a estreitou mais e embalou-a nos braços.

— Uma vez há muito tempo interpretei mal as palavras, eu te amo, como apego ao meu coração, não a meu título ou meu patrimônio. Eu era jovem, arrogante e estúpido, e ela era algo mais velha e absolutamente desonesta.

Caroline havia se perguntado o que exatamente havia o tornado tão precavido ante qualquer implicação emocional. Descansou em seu abraço e

desejou em segredo que ele contasse.

Na boca de Nicholas se desenhou um sorriso triste; os cílios, longos e densos projetaram uma sombra sobre os olhos negros.

— Descobri a verdadeira natureza da Helena de um modo brutal: tive o privilégio de encontrá-la na cama com outro homem. Mais tarde me inteirei de que ela tinha planejado tudo, inclusive desde a primeira vez que nos vimos. Ela confessou a outro de seus amantes que, muito antes que nos conhecêssemos, já estava de olho em meu título e minha fortuna, e no prestígio que os mesmos implicavam. De forma que convenceu uma amiga para que nos apresentasse e caiu em meus braços com decidido entusiasmo, mas não se incomodou em romper as outras relações. Pode parecer incrível, mas aos dezoito anos eu era ingênuo e romântico.

Ela havia experimentado uma decepção similar na mesma idade, quando se casou.

— Compreendo-o.

— É difícil se livrar da humilhação que senti ao me dar conta que muita gente sabia exatamente o que ela estava fazendo e a facilidade com que eu me deixei levar. Então me sagrei à missão de destruir o personagem de Nicholas Manning, o Duque jovem e suscetível.

Era difícil imaginá-lo sem a naturalidade e a sofisticação em todos os sentidos. O encanto irresponsável de Nicholas era como o brilho de uma pedra preciosa.

Caroline sorriu e a acariciou-lhe o queixo.

— Parece-me que conseguiu.

Ele fez uma careta.

— Deus sabe que tentei. Durante dez anos brinquei com o amor no sentido físico, mas sempre me mantendo a distância do resto. Jurei que nunca voltaria a cometer um engano como aquele, — Nicholas fez um insólito gesto com a mão, — mas embora seja precavido, acredito que você não mente a respeito de seus sentimentos. Eu não faria mal a você, para preservar meu estilo de vida, e você deixou claro que tornarmos amantes era algo impensável. Parece-me que não restam mais opções que a óbvia. Ultimamente não pensei em outra coisa e isso virou minha vida do avesso.

— Eu jurei que nunca mais voltaria a confiar em um homem, o bastante para voltar a casar. — Caroline sentiu desaparecer o horror desse dia; a frustração e a ofuscação na voz de Nicholas eram mais persuasivas que nenhuma adocicada declaração de amor. — Notou que compartilhamos os mesmos receios.

Nos olhos de Nicholas brilhava uma luz solene.

— E se rompêssemos nossas promessas? Não é uma boa forma de iniciar

uma vida juntos?

Ela sentiu brotar uma emoção tão intensa em seu coração, que mal podia falar.

— Acredito que considerando a natureza das promessas e o porquê foram feitas, sim. Penso que seria uma forma excelente de voltar a começar.

Finalmente ele reapareceu. Primeiro levantou um canto dos lábios e logo seus olhos adquiriram um brilho de malícia.

O Duque diabólico ressurgiu.

— Como se eu estivesse disposto a deixá-la escolher. Até minha mãe me disse que eu seria um tolo se não insistisse em um casamento rápido. Ela aconselha com muita facilidade e eu não a ouço, mas neste caso particular concordo com ela.

Ele havia conversado com sua família e eles a aceitavam?

— Ela sabe que sou estéril? — Doeu-lhe perguntar. Deus, como doeu.

— Ela assinalou que você ainda é jovem e que não há nenhuma prova disso. Além disso, acredito que se sente muito aliviada ao ver que penso em casamento matrimônio com algo mais que indiferença e triste resignação. Ela se deu conta que meus sentimentos pesam mais que sua preocupação com transmissão do título e a fortuna.

Caroline se sentia mais aturdida que nunca, mas agora era a felicidade invadia sua mente.

— O que pensará do escândalo?

Que típico dele não se preocupar.

— Se Franklin...

— Já me ocupei que tudo. Ele não dirá uma palavra. Confie em mim.

— Confio em você.

Caroline afirmou com muita facilidade, porque era verdade. Nicholas se movimentou. Levantou-se, voltou a deixá-la no banquinho do penteador e se postou a sua frente, com um joelho no chão. O atraente semblante continuava sério, mas sereno. Pegou as mãos frias entre as suas e as reteve com gentil contundência. Seu olhar suplicou, pediu, e lhe chegou ao fundo da alma.

— Verdade? O bastante para dar uma oportunidade a um homem com uma reputação como a minha?

O Duque de Rothay estava realmente aos seus pés propondo-lhe matrimônio? Todas as mulheres de Londres desmaiariam se estivessem em seu lugar. Provavelmente todas as mulheres da Inglaterra... Ou do continente inteiro...

— Nicholas... — Sua voz era apenas um gemido entrecortado.

— Bastaria dizer um sim, para acalmar-me um pouco.

Nicholas Manning ansioso? Ela notou o ligeiro tremor dos dedos de bronze que se seguravam, os seus e um ricto de tensão ao redor dos lábios que ela nunca tinha visto. Não restava nada do aristocrata arrogante. Em seu lugar estava o homem por quem havia se apaixonado com tanta facilidade. O amante gentil e atento que se esqueceu de si mesmo para tranquilizar uma mulher apavorada; o homem que ideava noites de sonhos à luz da lua, e danças românticas em terraços e ocultos e sensuais percursos em uma carruagem.

— Sim.

A tensão se dissipou. Ele pressionou-lhe fugazmente os dedos e seu sorriso adquiriu um audaz fulgor de vitória. Ainda de joelhos, disse-lhe:

— Estive espremendo meu fraco cérebro para tentar acertar a forma mais romântica possível de pedir-lhe em casamento. Em nenhum momento pensei que o infame Wynn fosse o catalisador. — E acrescentou com um tom de ironia: — Acho que nunca me declarei.

— A mim tampouco ninguém se declarou, — ela admitiu com a voz tomada de emoção, — mas no meu entender você fez muito bem.

Nicholas levou uma mão de Caroline aos lábios e acariciou o dorso de seus dedos com um beijo. Logo elevou de modo peculiar, uma sobrancelha escura.

— Perdoe-me por parecer um marido autocrático, mesmo antes que nossos votos tenham substituído nossas promessas, mas seus dias como juíza terminaram, meu amor.

Epílogo

O xale de seda deslizou sobre seus ombros e Caroline engoliu o nó que repentinamente fechou sua garganta. O criado se afastou rapidamente e ela notou a leve pressão da mão de seu marido nas costas.

Nicholas baixou os olhos e estudou sua face.

— Está convencida de estar pronta para isto? Esta manhã não se encontrava bem. Posso fazer voltar a carruagem.

Ela sorriu e felizmente conseguiu ser convincente.

— Em algum momento terá que acontecer. Este é tão bom como qualquer um.

Embora ele ainda não soubesse era melhor participá-lo agora, que depois de alguns meses. A suspeita de que pudesse estar grávida a enchia de uma alegria exultante a qual ainda não podia se abandonar. Sempre tivera seus períodos regularmente, mas estava com atraso e havia alguns outros fatos que apontavam na mesma direção, incluindo a indisposição pela manhã. Esvaziar o estômago a cada manhã em uma bacia não era exatamente bom, mas a idéia de estar esperando um filho dele era celestial.

Naquela tarde, na clareira do bosque em Essex havia acontecido então. Por algum motivo estava convencida.

— Concordo. Vamos solucionar isto o mais rápido possível. Embora não goste muito. — Junto a ela, Annabel Drake, a nova Condessa de Manderville sorria nervosa. Estava deslumbrante em seu vestido de seda de cor pêssego, que ressaltava ainda mais a tonalidade dourada da cabeleira loira penteada em um elaborado coque. — Margaret me disse que desde que apareceu no jornal o anúncio que devido a circunstâncias imprevistas, vocês haviam cancelado a aposta, toda a boa sociedade morre em saber a razão. Imagino que esta noite será no mínimo interessante. Todo mundo falará de nós.

Ao seu lado, com um elegante traje de noite de cor marrom e creme e o cabelo emoldurando o rosto que havia feito estremecer o coração de tantas mulheres, seu belo marido mostrava uma divertida expressão nos olhos. Derek articulou com ar preguiçoso:

— Asseguro-lhe que você se preocupa sem razão. A princípio falarão um pouco, mas depois todo mundo se esquecerá de nós.

— Exato. — Nicholas ajustou o punho da camisa, com o rosto tranquilo. — Devo afirmar que o plano me parece bastante brilhante.

— Como lhe ocorreu algo assim? — Murmurou Caroline e lançou-lhe um olhar compungido. — Quando o propôs me pareceu bem, mas agora me

aterra.

Aquilo tinha sido idéia de Nicholas. Duas licenças especiais e discretos casamentos duplos, sem anunciar publicamente os enlaces na seção especial do jornal, já que nenhum deles estava interessado em um noivado longo ou em mais escândalos. A idéia havia lhes economizado o alvoroço. Então puderam desfrutar de alguns dias sozinhos, antes que as pessoas soubessem da apaixonante notícia do casamento duplo e no mesmo dia, dos mais famosos libertinos de Londres. Um deles com uma viúva que tinha fama de ser fria inacessível, mas que Rothay havia sido seduzido até seu leito, e o outro com uma jovem que havia anulado seu noivado para se render aos persuasivos encantos de Lorde Manderville. Ou versões idênticas, adornadas de especulações. Sem dúvida.

Era fácil imaginar os boatos que provocariam. Caroline inspirou profundamente e se firmou no braço do marido. A aposta também viria à luz. É obvio que viria. Os quatro juntos, um confronto comum. Era o melhor.

— Preparada? — Nicholas, com seu traje cinza feito a mão, e mais belo do que deveria ser permitido em um homem sorriu com deslumbrante tranquilidade. — Limite-se a atuar como se fôssemos as únicas pessoas da sala.

— Tentarei. — Ela elevou o queixo e recorreu a sua pose mais distante.

Derek e Annabel começaram a descer os degraus da escada. O salão de baile estava abarrotado e animadíssimo, mas quando o mordomo anunciou com sua voz sonora e majestosa o Conde e a Condessa de Manderville determinou-se uma pausa repentina.

Caroline se preparou, pois eles eram os seguintes.

— O Duque e a Duquesa de Rothay.

No salão se imperou o silêncio. Inclusive a orquestra deixou de tocar.

Ah, não. Não estou apreensiva. Absolutamente. Pensou Caroline com cinismo. Esperava estar com o mesmo aspecto sereno e cometido de sempre, mas estava muito acalorada. Notou seu rosto queimava ante os olhares atônitos das centenas de pessoas.

Como se meia cidade Londres não estivesse observando-os boquiabertos, Nicholas murmurou em tom despreocupado:

— Espero que o champanhe esteja bem frio. Detesto se estiver bem gelada.

Era isso o que o preocupava? A temperatura das bebidas que serviriam? Caroline não pôde evitá-lo sorrir. O som flutuou sobre a silenciosa quietude. Algo se quebrou e a calma sobrenatural foi substituída pelo som das vozes.

Talvez não fosse tão mau plano, depois de tudo. Na verdade, se conseguisse suportar essa noite, o pior já teria passado.

A maré de elegantes convidados, ansiosos em felicitá-los e que naturalmente esperavam alguma suculenta informação sobre os idílios secretos foi enorme. Mas Nicholas permaneceu ao seu lado e se esquivou das perguntas óbvias com seu inimitável estilo, se limitando a arquear uma sobrancelha. Depois de suportar uma hora exaustiva, ele conseguiu se liberar e a levou para a pista, para dançarem uma valsa.

— Às vezes se responde melhor com fatos, que com palavras.

A princípio, Caroline não compreendeu o que ele queria dizer, até que sentiu o quão forte e perto ele a abraçava. Quase como na tarde em que estavam sozinhos no terraço de sua propriedade em Essex. Se havia lhe parecido escandaloso, ali, com tantas pessoas atentas a eles era algo ainda pior. Não o chamavam de Duque diabólico sem razão.

Seu primeiro impulso foi tentar uma distância decente entre os dois. Já falariam bastante sobre eles, em qualquer caso.

— Não. — Nicholas não a soltou quando ela quis se afastar. — Deixe que notem.

— Que notem o que? — Caroline protestou com um leve gemido. — Que você não se incomoda em ser o centro dos falatórios? Isso eles já sabem. Entretanto, me preocupa.

— Deixa que notem que a amo.

Caroline tropeçou com o diáfano vestido azul escuro que exibia a pedido de Nicholas; as saias formaram redemoinhos ao redor de suas pernas ao se movimentar. Mas ele envolveu sua cintura com o braço mantendo-a elevada com seu inflexível apoio, e seus olhos negros cheios de emoção sustentaram-lhe o olhar. Com o vaivém da música ela se esqueceu da multidão atenta, dos sussurros e dos olhares ávidos. Uma felicidade que não acreditava possível converteu a noite em uma vitória.

Nicholas inclinou a cabeça para lhe acariciar a têmpora com os lábios, enquanto ambos valsavam. A terna carícia era um gesto muito pessoal para centenas de testemunhas.

Não se importou. Ele a amava.

Ele não havia dito antes e ela tampouco tinha exigido.

Talvez ele tivesse razão. Estava segura de que os fofoqueiros estavam se perguntando, como a distante Lady Wynn havia capturado o bonito e malicioso Duque, sem que trocassem um olhar em público.

Não por um olhar em público, mas por uma aposta muito indecente.

Seguia com os pés no chão? Se estivesse, não sentia.

— Já mencionei antes o quanto estou agradecida pela a existência do clarete? — Perguntou em um murmúrio.

Ele começou a rir, ao compreender que ela se referia a profética noite em

que Derek e ele haviam ideado o desafio; mas seus olhos tinham uma expressão séria.

— Isso é tudo o que tem a dizer?

— Não.

— Então? — Ele a fez voltar-se com elegância. Sem fazer caso da escandalizada audiência, ela sussurrou:

— Abrace-me mais forte.

Fim



Sobre a Autora

A aclamada autora Emma Wildes escreve para o Signet Eclipse mas começou publicando em um editorial online onde ganhou um Eppie, um Best Published e um WisRWA Reader's Choice Award. Alcançou o número um em vendas no Fictionwise, recebendo vários prêmios Estrela de Ouro do JERR. Recentemente, Publisher's Weekly disse de Uma Aposta Indecente (Signet, abril de 2009) que se trata de uma história espetacular e levada com grande habilidade, que se destaca das novelas histórias correntes.

Emma nasceu em Minnesota e vive em Midwest, embora cresceu em Albuquerque, Novo México. Estudou na Universidade de Illinois, onde se especializou em Geologia, e ali conheceu seu marido, Chris. Têm três filhos, um gato com muito temperamento chamado Poot e a sorte de viver à beira de um lindo lago.

GRH

Grupo de Romances Históricos

*Para entrar neste grupo enviar e-mail para
moderacaogrh@yahoo.com.br*

